

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

JOELMA LUCIA VIEIRA PIRES

**A CONFIGURAÇÃO DO ESTADO BRASILEIRO NO NEOLIBERALISMO:
A EDUCAÇÃO PÚBLICA DO
HOMO OECONOMICUS GOVERNÁVEL *VERSUS* O *HOMO POLITICUS***

Uberlândia

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

JOELMA LUCIA VIEIRA PIRES

**A CONFIGURAÇÃO DO ESTADO BRASILEIRO NO NEOLIBERALISMO:
A EDUCAÇÃO PÚBLICA DO
HOMO OECONOMICUS GOVERNÁVEL *VERSUS* O *HOMO POLITICUS***

**Tese apresentada como requisito de promoção para
Profa. Titular da Faculdade de Educação da
Universidade Federal de Uberlândia.**

Uberlândia
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

P667c Pires, Joelma Lucia Vieira, 1970-
2024 A configuração do Estado brasileiro no neoliberalismo [recurso eletrônico] : a educação pública do *Homo aeconomicus* governável versus o *Homo politicus* / Joelma Lucia Vieira Pires. - 2024.

Tese (Promoção para classe E - Professor Titular) - Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Educação.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2024.5055>

Inclui bibliografia.

1. Professores universitários - formação. 2. Estado. 3. Política. 4. Educação pública. 5. Neoliberalismo. I. Universidade Federal de Uberlândia. Faculdade de Educação. II. Título.

CDU: 378.124

André Carlos Francisco
Bibliotecário Documentalista - CRB-6/3408

Texto em inglês: The configuration of the Brazilian State in neoliberalism: the public education of the *homo aeconomicus* governable versus the *homo politicus*

Área de concentração: Estado, Política e Educação

Palavras-chave em inglês: State; politics; public education; neoliberalism

Banca examinadora: Prof. Dr. Álvaro Luiz Moreira Hypolito, Profa. Dra. Eliza Bartolozzi Ferreira, Profa. Dra. Fabiane Santana Previtali, Prof. Dr. João dos Reis Silva Júnior, Prof. Dr. Julián Sauquillo González, Prof. Dr. Arquimedes Diógenes Ciloni, Profa. Dra. Maria Vieira Silva

Titulação: Profa. Titular

Data da defesa: 06 de novembro de 2024

RESUMO

O objeto desta pesquisa é o estudo da configuração do Estado brasileiro no neoliberalismo e a educação escolar pública nessa conjuntura. A hipótese é a de que aumentou o número de empresários e/ou seus aliados no interior do Estado brasileiro e de que eles investem em reformas contundentes na educação escolar pública desde o Estado, seja por influência no Congresso Nacional e/ou participação em órgãos do Governo Federal. Pesquisamos o fluxo de inserção dos empresários e/ou seus aliados no âmbito do Estado brasileiro desde o período do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff até a conjuntura atual. Desenvolvemos pesquisa qualitativa bibliográfica e documental fundamentada no método histórico-dialético, buscando superar a fragmentação das teorias críticas. Consideramos as contribuições dos autores clássicos na fundamentação teórica da pesquisa, bem como dos autores contemporâneos nacionais e estrangeiros que permitem uma leitura crítica da realidade do Estado brasileiro e, por conseguinte, da educação escolar pública. Verificamos a impossibilidade de analisar a configuração do Estado brasileiro no neoliberalismo sem estudar a conjuntura transnacional da hegemonia dos capitalistas financeiro-rentistas e, por conseguinte, do neoliberalismo estadunidense. Observamos um aumento considerável do número de empresários e/ou seus aliados no Estado brasileiro na conjuntura do neoliberalismo e a sua articulação de maneira subjugada aos capitalistas financeiro-rentistas com acentuadas consequências para a educação escolar pública, na direção do seu sucateamento e possibilidade de privatização. A configuração do Estado brasileiro no neoliberalismo revela a sua tendência ao autoritarismo e ao conservadorismo. Nos governos democráticos de esquerda a correlação de forças é moderada, nos governos de direita é mínima e nos governos de extrema direita é inexistente, com tendência à homogeneização, devido ao cerceamento do Governo Federal democrático. Analisamos que a educação escolar pública brasileira reproduz o neoliberalismo estadunidense em escolas e universidades, com a predominância da lógica produtivista de formação de capital humano e desqualificação das resistências, culminando na fragmentação política coletiva. A configuração do Estado brasileiro no neoliberalismo constitui a educação pública do *homo oeconomicus* governável *versus* o *homo politicus*, por meio da revolução conservadora. A alternativa é a revolução democrática por uma educação universal constituída nas lutas e nas experiências, na qual a emancipação humana prevalece sobre a eficácia econômica, com a formação de cidadãos dispostos e aptos a participar diretamente das deliberações e decisões de interesse da coletividade.

Palavras-chave: Estado; política; educação pública; neoliberalismo

RESUMEN

El objeto de esta investigación es el estudio de la configuración del Estado brasileño bajo el neoliberalismo y la educación escolar pública en esa situación. La hipótesis es que el número de empresarios y/o sus aliados dentro del Estado brasileño ha aumentado y que invierten en reformas contundentes en la educación pública desde dentro del Estado, ya sea a través de influencia en el Congreso Nacional y/o participación en órganos de gobierno. Gobierno Federal. Investigamos el flujo de inserción de empresarios y/o sus aliados en el Estado brasileño desde el período del *impeachment* de la presidenta Dilma Rousseff hasta la situación actual. Desarrollamos una investigación bibliográfica y documental cualitativa basada en el método histórico dialéctico, buscando superar la fragmentación de las teorías críticas. Consideramos las contribuciones de autores clásicos en la fundamentación teórica de la investigación, así como de autores contemporáneos nacionales y extranjeros que permiten una lectura crítica de la realidad del Estado brasileño y, en consecuencia, de la educación pública escolar. Verificamos la imposibilidad de analizar la configuración del Estado brasileño en el neoliberalismo sin estudiar la situación transnacional de la hegemonía de los capitalistas financieros rentistas y, en consecuencia, del neoliberalismo estadounidense. Observamos un aumento considerable del número de empresarios y/o de sus aliados en el Estado brasileño en el contexto del neoliberalismo y su articulación de manera sometida con los capitalistas financieros rentistas, con marcadas consecuencias para la educación escolar pública, hacia su desguace y la posibilidad de privatización. La configuración del Estado brasileño bajo el neoliberalismo revela su tendencia hacia el autoritarismo y el conservadurismo. En los gobiernos democráticos de izquierda la correlación de fuerzas es moderada, en los gobiernos de derecha es mínima y en los gobiernos de extrema derecha es inexistente, con tendencia a la homogeneización, debido a la restricción del Gobierno Federal democrático. Analizamos que la educación escolar pública brasileña reproduce el neoliberalismo estadounidense en escuelas y universidades, con predominio de la lógica productivista de formación de capital humano y descalificación de la resistencia, culminando en la fragmentación política colectiva. La configuración del Estado brasileño en el neoliberalismo constituye la educación pública del *homo æconomicus* gobernable versus el *homo politicus*, a través de la revolución conservadora. La alternativa es la revolución democrática a través de una educación universal constituida en luchas y experiencias, en la que prevalezca la emancipación humana sobre la eficiencia económica, con la formación de ciudadanos dispuestos y capaces de participar directamente en las deliberaciones y decisiones de interés de la comunidad.

Palabras clave: Estado; política; educación pública; neoliberalismo

RÉSUMÉ

L'objet de cette recherche est l'étude de la configuration de l'État brésilien sous le néolibéralisme et de l'enseignement scolaire public dans cette situation. L'hypothèse est que le nombre d'hommes d'affaires et/ou de leurs alliés au sein de l'État brésilien a augmenté et qu'ils investissent dans des réformes énergiques de l'enseignement scolaire public depuis l'intérieur de l'État, soit par leur influence au Congrès national et/ou par leur participation aux instances gouvernementales. Gouvernement fédéral. Nous avons étudié le flux d'insertion des hommes d'affaires et/ou de leurs alliés au sein de l'État brésilien depuis la période de destitution de la présidente Dilma Rousseff jusqu'à la situation actuelle. Nous avons développé une recherche bibliographique et documentaire qualitative basée sur la méthode historique dialectique, cherchant à dépasser la fragmentation des théories critiques. Nous considérons les contributions des auteurs classiques dans le fondement théorique de la recherche, ainsi que des auteurs contemporains nationaux et étrangers qui permettent une lecture critique de la réalité de l'État brésilien et, par conséquent, de l'enseignement scolaire public. Nous avons vérifié l'impossibilité d'analyser la configuration de l'État brésilien dans le néolibéralisme sans étudier la situation transnationale de l'hégémonie des capitalistes rentiers financiers et, par conséquent, du néolibéralisme américain. Nous avons observé une augmentation considérable du nombre d'hommes d'affaires et/ou de leurs alliés dans l'État brésilien dans le contexte du néolibéralisme et de son articulation asservie avec les capitalistes rentiers financiers, avec des conséquences marquées sur l'enseignement scolaire public, vers sa suppression et la possibilité de privatisation. La configuration de l'État brésilien sous le néolibéralisme révèle sa tendance à l'autoritarisme et au conservatisme. Dans les gouvernements démocratiques de gauche, le rapport de forces est modéré, dans les gouvernements de droite, il est minime et dans les gouvernements d'extrême droite, il est inexistant, avec une tendance à l'homogénéisation, en raison des restrictions du gouvernement fédéral démocratique. Nous analysons que l'enseignement public brésilien reproduit le néolibéralisme américain dans les écoles et les universités, avec la prédominance de la logique productiviste de formation du capital humain et la disqualification de la résistance, aboutissant à une fragmentation politique collective. La configuration de l'État brésilien dans le néolibéralisme constitue l'éducation publique de *l'homo onomicus* gouvernable contre *l'homo politicus*, à travers la révolution conservatrice. L'alternative est la révolution démocratique à travers une éducation universelle constituée de luttes et d'expériences, dans laquelle l'émancipation humaine prévaut sur l'efficacité économique, avec la formation de citoyens désireux et capables de participer directement aux délibérations et décisions d'intérêt pour la communauté.

Mots-clés: État; politique; éducation publique; néolibéralisme

ABSTRACT

The object of this research is the study of the configuration of the Brazilian State under neoliberalism and public school education in this situation. The hypothesis is that the number of businesspeople and/or their allies within the Brazilian State has increased and that they invest in forceful reforms in public school education from within the State, either through influence in the National Congress and/or participation in government bodies. Federal Government. We researched the insertion flow of businesspeople and/or their allies within the Brazilian State from the period of President Dilma Rousseff's impeachment to the current situation. We developed qualitative bibliographic and documentary research based on the dialectical historical method, seeking to overcome the fragmentation of critical theories. We consider the contributions of classic authors in the theoretical foundation of the research, as well as contemporary national and foreign authors who allow a critical reading of the reality of the Brazilian State and, consequently, of public school education. We verified the impossibility of analyzing the configuration of the Brazilian State in neoliberalism without studying the transnational situation of the hegemony of financial-rentier capitalists and, consequently, of American neoliberalism. We observed a considerable increase in the number of businesspeople and/or their allies in the Brazilian State in the context of neoliberalism and its articulation in a subjugated manner with financial-rentier capitalists, with marked consequences for public school education, towards its scrapping and the possibility of privatization. The configuration of the Brazilian State under neoliberalism reveals its tendency towards authoritarianism and conservatism. In left-wing democratic governments the correlation of forces is moderate, in right-wing governments it is minimal and in extreme right-wing governments it is non-existent, with a tendency towards homogenization, due to the restriction of the democratic Federal Government. We analyze that Brazilian public school education reproduces American neoliberalism in schools and universities, with the predominance of the productivist logic of human capital formation and disqualification of resistance, culminating in collective political fragmentation. The configuration of the Brazilian State in neoliberalism constitutes the public education of the governable *homo aeconomicus versus* the *homo politicus*, through the conservative revolution. The alternative is the democratic revolution through a universal education constituted in struggles and experiences, in which human emancipation prevails over economic efficiency, with the formation of citizens willing and able to participate directly in deliberations and decisions of interest to the community.

Keywords: State; politics; public education; neoliberalism

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	REVISÃO DE LITERATURA E PROBLEMATIZAÇÃO	14
2.1	Pensamento e compreensão	16
3	A CONTRIBUIÇÃO TEÓRICA SOBRE O ESTADO EM DIFERENTES AUTORES	25
4	O ESTADO NO IMPERIALISMO ESTADUNIDENSE DOS CAPITALISTAS FINANCEIRO-RENTISTAS: A ACUMULAÇÃO POR ESPOLIAÇÃO.....	65
4.1	Os Estados múltiplos do imperialismo dos capitalistas financeiro-rentistas: coerção econômica e coerção extraeconômica	71
4.2	Posicionamentos e alternativas de resistências ao imperialismo dos capitalistas financeiro-rentistas	74
5	A CONSTITUIÇÃO DO NEOLIBERALISMO.....	79
5.1	A vigência do neoliberalismo.....	90
6	O ESTADO NA HEGEMONIA DO NEOLIBERALISMO ESTADUNIDENSE: A CONVERGÊNCIA ENTRE O NEOLIBERALISMO E O NEOCONSERVADORISMO	105
6.1	O neoliberalismo estadunidense e o capitalismo enquanto espírito.....	116
6.2	O neoliberalismo estadunidense da Escola de Chicago.....	121
6.3	O catecismo conservador neoliberal	129
6.4	A contribuição de Michel Foucault na análise do mercado como prática governamental	138
7	A CONFIGURAÇÃO DO ESTADO BRASILEIRO NO NEOLIBERALISMO ESTADUNIDENSE	148
7.1	A configuração do Estado brasileiro no governo da presidente Dilma Rousseff ...	162
7.2	A configuração do Estado brasileiro no governo do presidente Jair Messias Bolsonaro.....	181
7.3	A configuração do Estado brasileiro no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.....	193
8	A EDUCAÇÃO PÚBLICA DO <i>HOMO ÆCONOMICUS</i> GOVERNÁVEL <i>VERSUS</i> O <i>HOMO POLITICUS</i>.....	203
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	227
	REFERÊNCIAS	229

1 INTRODUÇÃO

O objeto desta pesquisa é o estudo da configuração do Estado brasileiro no neoliberalismo e a educação escolar pública nessa conjuntura. A questão da pesquisa é: qual a configuração do Estado brasileiro no neoliberalismo e quais as consequências para a educação escolar pública? O objetivo é investigar as possíveis mudanças no Estado brasileiro e as reformas na educação escolar pública brasileira no neoliberalismo, com centralidade na compreensão política sobre o funcionamento do Estado. Compreendemos que a educação escolar pública não pode ser estudada isoladamente¹ sem considerarmos influências políticas, econômicas e sociais e admitirmos que ela reproduz mudanças agudas advindas da intervenção, do consentimento e da coerção do Estado. A nossa hipótese é a de que aumentou o número de empresários e/ou dos seus aliados no interior do Estado brasileiro na conjuntura do neoliberalismo, e de que eles investem em reformas contundentes na educação escolar pública desde o Estado, seja por influência no Congresso Nacional e/ou participação em órgãos do Governo Federal. Supomos, ainda, que a configuração do Estado brasileiro no neoliberalismo pode sugerir convergência para um movimento de sua tendência de privatização por meio da predominância da esfera privada², pois o neoliberalismo parece

¹ Corroboramos a posição de Adorno (1995) de que a educação não deve ser pensada como fenômeno isolado, pois ela é parte do mundo social e deve ser analisada pela categoria da totalidade, dialeticamente, com o entendimento da realidade.

² Neste trabalho é a compreensão de Arendt (1997) sobre a esfera pública e a esfera privada que consideramos a partir da sistematização com referência na vida na *polis* grega. A destruição de todas as unidades organizadas à base do parentesco precedera à fundação da *polis*. O viver em uma *polis* significava que tudo era decidido por meio das palavras e da persuasão, predominando o ser político, e não por meio da força e da violência. Desde o surgimento da antiga cidade-estado existe a distinção entre uma esfera da vida privada e uma esfera da vida pública, sendo a existência da esfera da família e da política entidades diferentes e separadas. A esfera da *polis* era a esfera da liberdade. A liberdade situa-se exclusivamente na esfera política. Para a autora, **a esfera pública** é o mundo comum e humano que permite transcender a duração da nossa vida tanto no passado quanto no futuro, é constituída pela convivência entre os homens por meio do discurso que o faz um ser político contrário à dominação, à força e à violência. Assim *sendo*, a ação política é inerente à esfera pública e constitui a condição humana da pluralidade, a vida dedicada aos assuntos públicos e políticos - a *vita activa* que deriva do seu significado da *vita contemplativa* - o único modo de vida realmente livre. No conceito grego de vida na *polis* ser livre significava não estar sujeito às necessidades da vida nem ao comando do outro e não comandar. Logo, a capacidade humana de organização política difere e se opõe à esfera privada. **A esfera privada** é constituída pelo grupo de iguais para resguardar os seus interesses e reproduzir os seus privilégios, tem como referência a propriedade e baseia-se na dominação, é uma associação natural cujo centro é constituído pela casa e pela família, na qual o chefe da casa impera com poderes incontestes e despóticos. Assim sendo, dentro da esfera da família predomina a mais severa desigualdade e a liberdade não existe. Os gregos consideravam que os modos típicos da vida fora da *polis* inerentes ao lar e a família, eram modos pré-políticos de lidar com as pessoas, com base na ordem e não na persuasão, e na força mediante a violência. Arendt (1989, p. 335) esclarece que: “Toda essa esfera do que é meramente dado, relegada à vida privada na sociedade civilizada, é uma permanente ameaça à esfera pública, porque a esfera pública é tão consistentemente baseada na lei da igualdade como a esfera privada é baseada na lei da distinção e da diferenciação universal”. Arendt (1989) lembra que a igualdade resulta da organização humana, ela não nos é dada, somente nos tornamos iguais pela nossa decisão de nos garantirmos direitos reciprocamente iguais, portanto a igualdade é orientada pelo princípio da justiça. Conforme Arendt (1997), **a esfera social** é um fenômeno que coincidiu como o surgimento da era moderna, sendo relativamente

contribuir para a ascensão do empresariado no âmbito do Estado brasileiro e de outros países. Além disso, as reformas na educação escolar nesse período podem evidenciar um processo de sua privatização.

No caso do Brasil, pesquisaremos se a possível atuação do empresariado no interior do Estado acontece de maneira articulada, com a possibilidade de construção uma rede nacional e internacional de interesses e troca de favores em benefício maior dos capitalistas financeiro-rentistas. Isto pode explicitar, sobretudo, o empreendimento dos empresários na condição de gestores do capitalismo financeiro-rentista transnacional a partir da estrutura estatal, tendo como objetivo a obtenção de vantagens decorrentes da operação dos interesses dos capitalistas financeiro-rentistas e, embora beneficiários, com tendência a manter condição permanente de subjugação. Para tanto, pesquisaremos o fluxo de inserção dos empresários e/ou dos seus aliados no âmbito do Estado brasileiro. Embora tenhamos o propósito de em futuro próximo desenvolver esta investigação desde o período da metade da década de 1990, considerando a conjuntura de intensificação das políticas neoliberais no país, privilegiaremos neste trabalho a análise da concentração de empresários na estrutura do Estado desde o período de *impeachment* da presidente Dilma Roussef até a conjuntura atual.

Dedicaremos mais análise à configuração do Estado brasileiro no período de 2016 a 2022, no qual foi interrompida a continuidade de um Governo democrático com compromisso com a reafirmação da esfera pública³, ainda que sob os limites do neoliberalismo, e instaurado

novo, e encontrou forma política no Estado nacional, tal esfera não é privada, nem pública. A superação sobre as necessidades da vida em família constituía a condição natural para a liberdade na *polis*. Enquanto a violência torna-se monopólio do governo, a liberdade situa-se na esfera do social. No entanto, é necessário observar a profunda diferença entre os conceitos moderno e antigo da política. Considerando que a esfera social e política diferem muito menos entre si no mundo moderno, a política é somente uma função da sociedade, pois com ascensão da sociedade, com a elevação do lar doméstico e das atividades econômicas ao nível público, todas as questões antes pertinentes à esfera privada da família transformam-se em interesse público e não apenas diluiu a antiga divisão entre o privado e o político, mas alterou o significado dos dois termos e a sua importância para a vida do indivíduo e do cidadão. Quando a ação da sociedade é substituída pelo comportamento, quando a conduta social é promovida a modelo de todas as áreas da vida, desde o advento da sociedade com a admissão das atividades caseiras e da economia doméstica à esfera pública, a nova esfera devora as esferas mais antigas do político e do privado e, por conseguinte, o comportamento substituiu a ação como principal forma de relação humana. Dessa perspectiva, vários grupos sociais foram absorvidos por uma sociedade única constituindo a sociedade de massas, logo, a sociedade ocupou a esfera pública, e a distinção e a diferença reduziram-se às questões privadas do indivíduo, a igualdade moderna é baseada no conformismo. Arendt (1997) analisa que a sociedade de massas pode ameaçar a humanidade de extinção.

³ A interpretação de Antunes (2024) contribui no aperfeiçoamento da compreensão das elaborações teóricas de Hannah Arendt. Conforme Antunes (2024), **esfera pública** é a esfera do comum, todos são iguais e todos são livres para expressar as suas opiniões, os cidadãos opõem-se às relações de dominação e de propriedade. A persuasão do poder da palavra, a prática da retórica, substitui a força e a violência da esfera privada. Na esfera pública é manifestada a maturidade de compromisso com o bem comum relacionado à política. Na **esfera privada** predomina o domínio instintivo e natural da vida privada e o homem é privado da ação política. Por isso, a mais importante virtude política, a coragem, é manifestada por meio da ruptura com a esfera privada – deixar o lar e a família. Quanto à **esfera social**, o autor entende que Arendt observa que a sociedade moderna reconhece a política com um espaço de regulação da esfera privada, instaurando uma confusão entre o social e o

um governo ultra-autoritário baseado no Estado de exceção em alinhamento máximo com o neoliberalismo, mantendo as suas especificidades. Desenvolveremos pesquisa qualitativa fundamentada no método histórico-dialético no que se refere à coleta dos dados e a análise teórica, priorizaremos a pesquisa bibliográfica e documental, com referência em fontes primárias e secundárias, sem desconsiderar a análise da realidade. Os autores clássicos serão a base teórica da pesquisa, acompanhados da contribuição dos autores contemporâneos nacionais e estrangeiros que os interpretam e que permitem uma leitura crítica da realidade do Estado brasileiro e, por conseguinte, da educação escolar pública. Ademais, no processo de apreender a realidade, em sua concretização consideraremos a articulação entre a teoria, os objetivos da pesquisa e a metodologia.

Considerando o objeto de estudo sobre a configuração do Estado brasileiro no neoliberalismo, a abordagem será fundamentada no método histórico-dialético e, por isso, em articulação com contribuições teóricas que se relacionam, se problematizam e se complementam a partir da possibilidade de pensamento e compreensão da realidade, entendendo as diferentes dimensões das transformações do capitalismo contemporâneo com referência no neoliberalismo. Para tanto, além da abordagem marxista, pensaremos o objeto de estudo sob a perspectiva da análise foucaultiana do neoliberalismo. A abordagem marxista considera as instituições, as políticas, relações e efeitos econômicos em uma conjuntura do neoliberalismo como uma nova forma de capitalismo.

Na abordagem de Foucault, o neoliberalismo não é considerado imediatamente como uma nova fase do capitalismo, ele participa das “relações estratégicas” que constituem o mundo social e que modelam as subjetividades, como um tipo histórico, entre outros, portanto não é exceção à longa série de formas históricas de “saber-poder”. Foucault considera que o neoliberalismo “emerge, antes, de um certo modo de governo dos homens e da produção dos sujeitos, e mesmo de uma das formas e de uma das fases da invenção do sujeito moderno

político. Portanto, a sociedade atual representa a extensão da esfera privada doméstica ao espaço público da política, isto significa a subordinação da esfera pública aos interesses privados dos indivíduos. “A política perde a personalidade da democracia grega transformando-se numa vontade geral burocrática. A conservação da vida e a desigualdade inerentes à esfera doméstica passam a ter interesse para a ação política” (Antunes, 2024, p. 2). A burocracia uniformiza o comportamento humano perante a administração pública assumindo o controle despótico nas relações sociais. Dessa forma, a igualdade moderna e contemporânea valoriza o conformismo e a uniformização do comportamento consumista e o homem se reduz a um produto quantitativo. “O cientismo da sociedade, que está na base da economia matemática, do behaviorismo, da estatística e mesmo da burocracia, pressupõe uma uniformização da rotina do cotidiano e a transformação das ciências sociais em ‘ciências do comportamento’ [matemático]” (Antunes, 2024, p. 7). Com a sociedade de massas o homem perdeu a capacidade de viver em comum limitando-se ao mero consumo e o social privado adquiriu o estatuto de ação política, a política passou a preocupar-se com a esfera privada. “Quando o interesse comum da política se transforma no interesse único privado do regime tirânico e da sociedade de massas surge a destruição da comunhão na esfera pública criando-se as condições para o aparecimento do totalitarismo” (Antunes, 2024, p. 10).

enquanto homem econômico” (Laval, 2020a, p. 40). A abordagem foucaultiana tem como centralidade a análise das práticas concretas, especificando certo tipo de racionalidade na prática governamental neoliberal, enfoca os princípios que relacionam o Estado, a sociedade e os sujeitos com suas subjetividades diante dos valores do neoliberalismo. Foucault (2008) propõe substituir a lógica dialética pela lógica da estratégia que não faz valer termos contraditórios em um elemento homogêneo. Para o autor (2008), a lógica da estratégia é a lógica da conexão do heterogêneo, não é a lógica da homogeneização do contraditório. A função da lógica da estratégia é estabelecer quais são as conexões possíveis entre termos díspares e que permanecem díspares.

Consideraremos outros autores clássicos como referência estrutural para a análise do objeto, tais como Hannah Arendt e Max Weber. Em vista disso, vale ressaltar a observação de Laval (2020a) de que devemos ter consciência dos limites de trabalhos necessariamente inscritos no horizonte de sua época. Mas, além disso, nos tempos difíceis que atravessamos temos necessidade da renovação da teoria, buscando superar mesmo que provisoriamente, a fragmentação das teorias críticas que foram desenvolvidas separadamente, segundo a lógica de escolas, disciplinas acadêmicas e mentores intelectuais. No seio de uma nova cultura crítica, longe de se contradizerem, as análises foucaultianas, bourdieusianas e marxistas podem se combinar, sem se confundirem em uma síntese imprecisa. O autor afirma que: “A atualidade nos obriga tornar a análise mais complexa em muitas direções” (Laval, 2020a, p. 284). Acrescentamos que além das análises mencionadas por Laval, temos necessidade das análises de outros autores, pois muito mais que difíceis, os tempos são sombrios. A realidade reafirma as análises teóricas consistentes, mas também escapa a elas e as desafia em sua descontinuidade e movimento.

A teoria será essencial para a investigação do referido objeto de estudo em suas diversas dimensões considerando a coleta e a análise dos dados de maneira aprofundada. Sendo assim, os dados serão analisados a partir da teoria, para o que corroboramos a afirmação de Bogdan e Biklen (1994, p. 52):

Seja ou não explícita, toda a investigação se baseia numa orientação teórica. Os bons investigadores estão conscientes dos seus fundamentos teóricos, servindo-se deles para recolher e analisar os dados. A teoria ajuda à coerência dos dados e permite ao investigador ir para além de um amontoado pouco sistemático e arbitrário de acontecimentos.

No entanto, a teoria também poderá ser reelaborada a partir da demanda de análise dos dados. Consideramos, então, que a mesma pode ser desenvolvida de “baixo para cima” em vez “de cima para baixo” com base na inter-relação das informações e dados coletados. Dessa forma, é possível constituir uma teoria fundamentada sobre o objeto de estudo, reelaborada após a coleta dos dados e da vivência do contexto da pesquisa.

Os dados coletados durante o processo de investigação serão analisados de maneira autêntica e original. Teremos o rigor acadêmico de apresentar resultados que expressem a originalidade dos dados e os contemplem. Assim, consideramos a responsabilidade quanto aos dados obtidos, evitando o procedimento tendencioso e ideologicamente comprometido em sua análise e conclusões.

Elaboramos as questões e as hipóteses da pesquisa com o objetivo de uma orientação prévia da investigação. No entanto, o processo de coleta dos dados não será realizado com o objetivo de responder às questões e de confirmar as hipóteses previamente construídas, uma vez que elas poderão ser problematizadas e reelaboradas em relação com os dados coletados e, posteriormente, organizadas e analisadas. Sendo assim, os dados não serão coletados com o objetivo de confirmar as hipóteses ou de responder questões. Consideramos que as questões mais importantes poderão ser elaboradas com parte dos dados coletados. As questões não serão respondidas e nem as hipóteses serão reafirmadas antes da investigação.

Contudo, embora tenhamos um plano para o processo de pesquisa, este é flexível no sentido de admitirmos modificações e reelaborações a partir do contato com a realidade da investigação. Sendo assim, entendemos que o plano pode evoluir na familiarização do pesquisador com a realidade da pesquisa. Portanto, pensamos que o método e a teoria não podem ser rigorosamente determinados para a realização do trabalho e não pretendemos detalhar e delinear o plano antes da coleta dos dados. O planejamento será constituído ao longo de toda a investigação, assim como a análise dos dados, embora tal análise seja mais sistemática no final da pesquisa. Compreendemos que a análise e a elaboração do plano podem ser feitas em processo simultâneo. Privilegiamos a realidade em sua manifestação dialética, e o movimento concreto, vivo, do pensamento.

Organizamos esta tese em nove seções. Na primeira seção introduzimos a discussão sobre o objeto de pesquisa, esclarecemos a sua especificidade e originalidade na produção teórica sobre o tema, e apontamos a opção teórica e metodológica da sua abordagem. Na segunda seção fizemos uma breve revisão de literatura com a intencionalidade de esclarecer e justificar a especificidade do objeto na produção teórica sobre o tema. Explicamos que o nosso processo de construção teórica e metodológica do conhecimento sobre o objeto

priorizou o estudo, o pensamento e a compreensão. Na construção do estudo sobre o objeto consideramos autores nacionais e estrangeiros que possibilitam a sua problematização e a análise dialética. Na terceira seção, aprimoramos a revisão teórica do objeto com o estudo do Estado em diferentes autores clássicos e contemporâneos, buscando superar a fragmentação das teorias críticas. Analisamos a posição do Estado na conjuntura do capitalismo neoliberal, por meio da contribuição dos diferentes autores. Na quarta seção sistematizamos as principais contribuições teóricas dos autores estudados na terceira seção, com centralidade no imperialismo dos capitalistas financeiro-rentistas sobre o Estado, inerente à hegemonia estadunidense. Na quinta seção estudamos a constituição do neoliberalismo, as suas diferentes facetas e desdobramentos políticos, econômicos e sociais. Na sexta seção estudamos sobre a hegemonia do neoliberalismo estadunidense e a sua convergência com o neoconservadorismo, revelando a predominância da Escola de Chicago. Analisamos as suas consequências para a democracia. Na sétima seção analisamos a configuração do Estado brasileiro no neoliberalismo estadunidense, considerando o segundo mandato da presidente Dilma Rousseff, o governo do presidente Jair Messias Bolsonaro e o terceiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, investigamos o fluxo de empresários e/ou dos seus aliados no Congresso Nacional nos diferentes governos. Na oitava seção analisamos a educação escolar pública no Estado brasileiro configurado conforme o neoliberalismo estadunidense. Na nona seção elaboramos as considerações finais com a sistematização das principais análises realizadas.

2 REVISÃO DE LITERATURA E PROBLEMATIZAÇÃO

Desde o início da década de 1990, por meio de pesquisas que realizamos, acompanhamos a tendência de o empresariado participar de reformas contundentes na educação escolar pública. Vários autores pesquisaram sobre o assunto em âmbito nacional e internacional, entre eles, Laval (2004), Segnini (1988), Peroni (2005), Adrião (2005 e 2022), Gros (1993), Neves (2002). Tais autores constituíram significativos estudos e produção teórica sobre a relação entre o setor privado e a educação escolar pública. Ações do empresariado exógenas ao Estado, relativamente à educação escolar pública, foram e continuam sendo observadas e analisadas por pesquisadores, mas sem a preocupação de investigar a influência do empresariado na referida educação desde a estrutura do Estado. Pretendemos, especificamente, pesquisar se o empresariado e seus aliados adentraram a estrutura do Estado e estabeleceram reformas na educação escolar pública a partir dele.

Fizemos revisão de literatura com a intencionalidade de identificar a abordagem do objeto por autores nacionais e estrangeiros. No entanto, ainda não encontramos estudos dedicados ao acompanhamento da presença e ingerência do empresariado na educação escolar pública desde o Estado brasileiro ou outros Estados na conjuntura do neoliberalismo.

Na revisão de literatura sobre o Estado, consideramos dois significativos livros publicados recentemente, quais sejam, “*Dominar – Estudio sobre la soberania del Estado de Occidente*”, dos autores franceses Pierre Dardot e Christian Laval, e o outro “*Para além do Leviatã – Crítica do Estado*”, do autor húngaro István Mészáros. Em seus livros os autores realizam análises estruturais aperfeiçoadas e necessárias para a compreensão do Estado contemporâneo.

Dardot e Laval (2021) estudam a soberania do Estado, esclarecem sobre a soberania nacional e supranacional. Os autores (2021) criticam análises que opõe Estado e capitalismo, considerando-as equivocadas e impeditivas da luta contra o capitalismo, pois o sistema mundial de dominação é ao mesmo tempo político, econômico, jurídico e cultural. Conforme Dardot e Laval (2021), isso impossibilita qualquer soberania do Estado territorial e nacional no sistema neoliberal atual. De acordo com os autores (2021), com a globalização a governamentalidade transnacional que parece substituir a soberania clássica se caracteriza por exercer a lei por vias distintas. Tais vias têm mobilizado procedimentos complexos que permitem fazer com que os órgãos legislativos e nacionais aceitem um conjunto de normas e disposições discutidas e decididas em lugar distinto das instituições estatais. Em consequência, a crise de legitimidade dos Estados-nações e dos sistemas de representação

política pode ser considerada como efeito de um novo sistema normativo mundial que acompanha a mundialização das atividades financeiras, produtivas e mercantis.

Mészáros (2021), baseado na análise marxiana, desenvolve a crítica radical explorando toda a história da teoria do Estado. Segundo o autor (2021), o Estado como entidade moderna é fenômeno exclusivamente liberal-democrático e a forma hierárquica e repressiva da necessária estrutura de comando da política global. Mészáros (2021) analisa que o sistema de reprodução sociometabólico do capital se sustenta em um tripé, qual seja, trabalho, capital e Estado e nesse mecanismo o capital é totalizante e, mesmo, totalitário. O autor (2021) entende que a crítica do Estado é exigência vital do nosso tempo, imbuído da ideia de que o Estado moderno seria o grande entrave à igualdade substantiva. Para o autor (2021), a humanidade deveria suplantá-lo, pensando que extinguir o Estado equivaleria a transformá-lo, a modificar seu caráter de classe até atingir seu fenecimento como centro do comando do capital.

O autor João Bernardo, no seu livro “Estado: a silenciosa multiplicação do poder”, publicado em 1998, observa a extraordinária expansão dos mecanismos de poder do capitalismo que culmina na perda de hegemonia do Estado Nacional. Ele reconhece o capitalismo como um sistema economicamente totalitário com todas as formas organizadas de poder das classes dominantes para dominar a vida do trabalhador vinte e quatro horas por dia, sendo as empresas o principal lugar de exercício do poder das classes capitalistas sobre os trabalhadores. Por isso, Bernardo (1998) compreende que as empresas são elementos constitutivos do que ele denomina de Estado Amplo. Tal Estado inclui todas as formas organizadas de poder das classes dominantes por oposição ao que ele reconhece como Estado Restrito. O Estado Restrito, segundo o autor (1998), é o aparelho político reconhecido juridicamente, ou seja, governo, parlamento e tribunais, tal como definido pelas Constituições de vários países.

Contudo, na revisão de literatura até então realizada não identificamos pesquisas sobre a configuração do Estado Nacional no neoliberalismo considerando a possibilidade de o empresariado e os seus aliados estarem adentrando-o e, por conseguinte, no que se refere à educação escolar pública, estarem viabilizando reformas condizentes aos seus interesses desde o interior do Estado Nacional, por isso, a relevância do nosso objeto de pesquisa. Tal objeto possibilita a problematização e aperfeiçoamento da produção sobre o tema. Nessa direção, é de supor que o Estado Restrito, como denominado por João Bernardo esteja sendo crescentemente ocupado pelos integrantes do Estado Amplo e/ou seus aliados em articulação e com a expansão das formas organizadas de poder das classes dominantes.

Ao reconhecermos a possibilidade da ascensão do empresariado e dos seus aliados ao Estado brasileiro vislumbramos a tendência de constituição de seu projeto político hegemônico transnacional para a educação escolar pública brasileira. Supomos que tal projeto pode revelar obediência aos capitalistas financeiro-rentistas transnacionais baseados na conjuntura neoliberal, na qual ocorre a intensificação da subjugação da educação escolar pública brasileira à divisão internacional do trabalho de acordo com a sua adequação a formas predominantes de organização do trabalho baseadas na mais-valia absoluta inerente aos países periféricos.

“O sistema de ensino destinado à grande massa da população deve ser analisado como uma produção de trabalhadores por trabalhadores [...] O modelo da mais-valia aplica-se inteiramente ao âmbito escolar”, como observa Bernardo (1998, p. 33). Sendo assim, quanto aos setores econômicos em países como o Brasil, a prioridade é a redução dos custos dos processos formativos com centralidade no mínimo de capacitação necessária para que a classe trabalhadora opere tecnologias convencionais. Em vista disso, predomina a intensificação de trabalho dos profissionais da educação sem acréscimo de suas qualificações (Bruno, 1998).

2.1 Pensamento e compreensão

A delimitação do objeto de estudo sobre o Estado brasileiro no neoliberalismo requer densa pesquisa quanto às elaborações teóricas dos autores que estudam o assunto ou outro que possibilite compreendê-lo. Para tanto, neste trabalho, o nosso objetivo não é encontrar respostas ou fazer conclusões apressadas, mas priorizar a contribuição teórica de alguns autores que consideramos relevantes na fundamentação e aperfeiçoamento do estudo sobre o Estado. Os autores podem apresentar elaborações e esclarecimentos que permitem problematizações, compreensão e construção teórica sobre o objeto em uma realidade em que tal estudo torna-se imprescindível no reconhecimento das suas consequências atuais e na previsão de outras vindouras, considerando a necessidade de posicionamento e firme engajamento na ação política. Além da configuração do Estado brasileiro no neoliberalismo como objeto de estudo, neste trabalho temos como preocupação as consequências da configuração do Estado brasileiro no neoliberalismo para a educação escolar pública. A prioridade é pensar sobre o objeto de estudo e elaborar conhecimento sobre ele com a contribuição dos autores clássicos e contemporâneos. Todavia, recusamos o conhecimento que somente obedece aos critérios de eficiência e rentabilidade dos objetivos determinados pelo sistema.

Foucault [...] (2020) assinala que a racionalidade neoliberal não dá espaço para a reflexão. Conforme Gaulejac (2007, p. 78-79), se o pensamento não contribuir para a eficiência do sistema ele é considerado inútil. Nesse contexto, é difícil desenvolver um pensamento crítico. “O conformismo é a contrapartida do utilitarismo. [...] O paradigma utilitarista transforma a sociedade em máquina de produção e o homem em agente a serviço da produção”. Assim, a *psique* é investida de relações de poder e de dominação como força produtiva, ela se torna força útil somente se for concomitantemente energia produtiva e energia submissa. Resistir à instrumentalização permite ao indivíduo salvaguardar sua integridade e proteger suas capacidades reflexivas, principalmente para dar sentido a suas ações. Porquanto, na conjuntura de capitalismo neoliberal quem se dedica ao exercício do pensamento crítico é rejeitado, quase sempre perseguido e acusado de subversivo⁴. Reafirmando Borbolla (2019, p. 12):

Cualquiera puede aprender a pensar, pero no cualquiera piensa. Lo que los seres humanos tenemos en común no es el pensar, sino la posibilidad de conquistar el pensamiento. Poder aprender a pensar no depende de la raza ni del sexo ni de la situación económica, ni siquiera del nivel de escolaridad, aunque esto último pueda facilitararlo. La escuela ayuda a pensar no por los contenidos que ofrece, sino por los análisis que suelen hacerse en las aulas. Hay muchos individuos que en la carrera académica han llegado a la cúspide, se han graduado de doctores y han ido más allá y a quienes, no obstante, les vendría como anillo al dedo la frase irónica de André Breton: “Lo saben todo, pero nada más”. Y también hay muchas personas que sin haber asistido siquiera a la educación primaria, son capaces de deslumbrarnos por su buen juicio y claridad. Saber mucho acerca de un tema, o saber mucho acerca de muchos temas, no guarda relación con el pensar: se puede ser erudito, experto, docto y no haber sacado nunca ninguna conclusión, no haber hilado nunca dos ideas para obtener una tercera.

Borbolla (2019, p. 14), compreende que não são todos os indivíduos que querem aprender a pensar, inclusive muitos que se dedicam a carreira acadêmica não pretendem conquistar o pensamento, pois o objetivo é outro. O autor acrescenta:

No es indeseable que las personas persigan el éxito, lo absurdo es que, por no pensar, vivan convencidas de que el éxito es lo único que posee valor y que, por esta ceguera, empobrezcan la dimensión de su existencia. Cuando toda la gente marcha en una misma dirección, cuando las palabras y los actos de la mayoría parecen apuntar hacia una misma meta, se produce una inercia social, una ideología que muy pocos revisan y de la que muy pocos

⁴ Como bem analisa Engels (19-- , p. 108): “A ironia da história mundial põe tudo de pernas para o ar. Nós, os ‘revolucionários’, os ‘subversivos’, florescemos muito melhor pelos meios legais que pelos ilegais e a subversão. Os partidos da ordem, como se denominam eles, perecem em virtude da legalidade que eles próprios criaram”.

se apartan, pues para ponerse a salvo de la corriente hace falta pensar y, en el caso que nos ocupa, la creencia de que sólo el éxito vale, hace falta pensar – nada menos – en uno de los más graves asuntos: el sentido de la vida.

Arendt (1987) assinala que na medida em que o homem se abstém de pensar, ele deposita a sua confiança em velhas ou mesmo novas verdades, assim a sua própria humanidade perde vitalidade. Arendt (1987, p. 17) possibilita o aperfeiçoamento da análise de Borbolla (2019) ao afirmar: “Certamente ainda somos conscientes de que o pensamento requer não só inteligência e profundidade, mas sobretudo coragem”. Com referência na contribuição teórica de Foucault, Avelino (2016) acrescenta que o apelo à coragem é imprescindível para a manifestação da atitude crítica. Para Foucault é unicamente sob essa condição que a crítica poderá ser compreendida como um tipo de “inservidão voluntária”. É nos gregos que Foucault reconhece a parresía como uma forma de crítica, como a atitude corajosa do indivíduo de falar o que ele pensa fundamentado na sua intensidade ética, e se confrontar com o poder e com as suas verdades. A parresía é a fala franca que ameaça o poder, e que resiste. Foucault (2010, p. 51) esclarece que: “a parresía é primeiro o fato de dizer a verdade. [...] O parresiasta será aquele que diz a verdade e que, por conseguinte, se distanciará de tudo o que pode ser mentira e bajulação”. Foucault [...] (2020) observa que quando o revolucionário na sociedade se levanta contra o poder ele está recriando a experiência parresiástica dos gregos, embora ela tenha dimensão coletiva e social, não tem pretensão hegemônica. Laval (2020a) lembra que para Foucault o pensamento verdadeiro que permite se desprender do domínio do poder, é a invenção de novas normas de saber e, potencialmente, de vida e de práticas. A prática de Foucault se apresenta “como uma luta que visa contrariar ao máximo as maneiras mais sutis pelas quais o poder impõe a sua verdade, mobiliza saberes, emprega técnicas” (Laval, 2020a, p. 38).

Muitas pessoas deslumbradas com o poder se entregam à servidão voluntária e anulam a coragem, são indiferentes⁵ ao exercício do pensamento, desconhecem a sensibilidade e a autonomia inseparáveis da inteligência, limitam-se aos próprios interesses e reafirmam o cerceamento da esfera privada. Campaña (2017, p. 149) destaca: “El autointerés es la piedra

⁵ De acordo com Gramsci (2020, p. 31), a indiferença “é a matéria bruta que se rebela contra a inteligência e a sufoca”. A indiferença opera passivamente na história, é o seu peso morto, não é vida. Os indiferentes se abdicam de sua vontade, deixam acontecer e têm o choramingar de eternos inocentes. Gramsci (2020) afirma que odeia os indiferentes. O autor declara (2020, p. 33): “Vivo, tomo partido. Por isso odeio quem não o faz. Odeio os indiferentes”. Arendt (1989, p. 363) acrescenta: “A indiferença em relação aos negócios públicos e a neutralidade em questões de política não são, por si, causas suficientes para o surgimento de movimentos totalitários. A sociedade competitiva de consumo criada pela burguesia gerou apatia, e até mesmo hostilidade, em relação à vida pública”.

angular de la cultura de las sociedades burguesas [...]. *Autointerés* es la forma liberal de llamar a una ética en que el lucro y el placer propios se erigen como principios rectores de la vida individual y social”. Foucault [...] (2020) acrescenta que o liberalismo se apropria do desejo e o transforma em interesse que governa o indivíduo.

Encerradas no autointeresse as pessoas rejeitam o compromisso com a emancipação para a construção de um mundo comum e humano, fundamentado no caminho da libertação. A busca incessante das pessoas pelo êxito tem como referência o produtivismo impedindo o pensamento, a vida se limita ao engajamento no processo de produção capitalista e ao enquadramento na sociedade de massas, expressando um conformismo com a ideologia dominante. Campaña (2017) lembra que é implícita à busca do êxito a disputa com os outros. O autor (2017, p. 242) assinala: “En las sociedades de la ‘excelencia’ para un hombre es más importante ser exitoso que ser justo”. A cultura atual é uma cultura de resultados, na qual a responsabilidade moral pelas ações conta pouco. O império do triunfo como modelo ético, acarreta seríssimos problemas para todas as sociedades, se o triunfo individual é o maior objetivo, os objetivos da sociedade pouco ou nada importam (Campaña, 2017). Laval (2020b, p. 1037) reconhece que “essa determinação para ‘ter sucesso’ é uma armadilha terrível para os indivíduos”. O fetiche do êxito encerra as pessoas na mediocridade e na indiferença. Arendt (1989) observa que é na massa de pessoas aparentemente indiferentes que os movimentos totalitários recrutam os seus membros, pois tais movimentos objetivam e conseguem organizar as massas e não as classes.

Como lembra Mészáros (2006), o homem que é alienado na atividade produtiva na forma dominada pelo isolamento capitalista, exige apenas meios para a sua subsistência, identifica a essência humana como a mera individualidade e não considera formas especificamente humanas de autorrealização, as quais são manifestações adequadas da atividade vital de um ser genérico. Assim sendo, o homem não tem consciência da espécie a que pertence se ele não tem consciência de ser um ser genérico. Adorno (1951, p. 54) analisa que: “O fraccionamento do homem nas suas capacidades é uma projecção da divisão do trabalho nos seus pretensos sujeitos, inseparável do interesse em fornecer-lhes à máxima utilidade, para os poder manipular”. Mészáros (2006) lembra que: a alienação conforme Engels é a condição inconsciente da humanidade, e Marx esclarece que a alienação é de “natureza antropológica”, não é simplesmente a alienação do homem com relação à natureza, mas é a alienação entre o homem e a sua própria natureza. No processo de alienação o lugar das necessidades e sentidos genuinamente humanos foi ocupado pelo “simples

estranhamento” de todos os sentidos físicos e mentais, foi invadido pelo sentido alienado que é o “sentido do ter”.

Dejours (1992) reconhece que não é simples tornar um corpo dócil, pois o corpo tem relação com a personalidade do sujeito, para a desapropriação do corpo é necessária uma operação específica sobre a estrutura da personalidade. A organização do trabalho procura submeter o corpo do trabalhador a uma “carga psíquica” de trabalho, com o objetivo de substituir a vontade do sujeito pela do objeto, de tal maneira que o sujeito é habitado pelo estranho. Dessa perspectiva, o trabalhador acaba por confundir com seus desejos próprios a injunção organizacional, ele é vencido pela vontade contida na organização do trabalho, ao invés de fazer a sua própria vontade triunfar. A partir daí sua perenidade será assegurada pela fadiga. A fadiga é necessária, embora insuficiente, para a alienação pela organização do trabalho. No sentido em que Marx a compreendia nos manuscritos de 1844, a alienação é “a tolerância graduada segundo os trabalhadores de uma organização do trabalho, que vai contra seus desejos, suas necessidades e sua saúde” (Dejours, 1992, p. 137). Dejours (1992) indaga se podemos pensar em felicidade em uma sociedade que não tem por fundamento a libertação da vida mental. O autor também nos convida a pensar na possibilidade de desmantelamento dos mecanismos de alienação para um projeto de transformação social, embora reconheça que somente isso não é suficiente.

Dejours (2000, p. 17) lucidamente observa que a “maquinaria da guerra econômica não é, porém, um deus *ex machina*. Funciona porque homens e mulheres consentem em dela participar maciçamente”. Quando a maioria dos indivíduos apoia e se torna zelosa colaboradora de um sistema que funciona mediante a organização regulada, acordada e deliberada da mentira e da injustiça, a banalidade do mal prevalece. O mal é a tolerância à mentira, sua não denúncia e a cooperação em sua produção e difusão. O mal é a participação na injustiça e no sofrimento infligido a outrem. O sofrimento pode suscitar um movimento de solidariedade e de protesto somente quando se estabelece uma associação entre a percepção do sofrimento alheio e a convicção de que esse sofrimento resulta de uma injustiça. No entanto, na contemporaneidade, a postura dos indivíduos é de resignação às adversidades, não há mobilização coletiva contra a injustiça e, por conseguinte, nenhum apelo à ação coletiva que reclame à ação política (Dejours, 2000). Nessa direção, indubitavelmente, qualquer movimento de protesto contra a injustiça será adiado, por motivo do engajamento na máquina da guerra econômica, que inviabiliza a resistência como caminho para a emancipação que constitui o compromisso com o ser genérico e a possibilidade de libertação.

Concordamos com Gaulejac (2007) ao afirmar que as nossas pesquisas devem ser colocadas a serviço do bem comum e da demanda social, e que elas não devem ser subjugadas a critérios de utilidade e de lucratividade. Para o autor (2007), a reflexão sobre a mudança social não pode permanecer insensível a todas as formas de violência, de dominação, de exploração, de exclusão e de humilhação. “Marx se opõe fortemente à tradição idealista que atribui um lugar inferior àquilo que é sensível e, conseqüentemente, também à arte” (Mészáros, 2006, p. 182). Adorno e Horkheimer (1985, p. 21) observam que: “No trajeto para a ciência moderna, os homens renunciaram ao sentido e substituíram o conceito pela fórmula, a causa pela regra e pela probabilidade”.

A maioria das pessoas se limita ao resultado como objetivo reproduzindo a ideologia dominante, expressando um comportamento narcisista e dogmático de garantir suas vantagens e seus privilégios desconsiderando o compromisso com o mundo comum, e desconhecendo o *amor mundi*, conforme o entendimento de Hannah Arendt (1997). O amor ao mundo é denominado por Arendt, *amor mundi*, é a responsabilidade com o mundo, o cuidado com aquilo que deve permanecer para além de nós mesmos, é a escolha coletiva por uma política da *victa ativa* que somente pode ser garantida na esfera pública, já que é nessa que se manifesta a consideração entre as pessoas como indispensável à humanização para o bem comum. O *amor mundi* segundo Arendt (2011), é o interesse comum, a grandeza do homem, a honra da humanidade ou a dignidade humana.

Os que têm o êxito como objetivo revelam a incapacidade de amar e o descompromisso com o mundo, apresentam engajamento máximo no neoliberalismo do capitalismo de curto prazo, como denominado por Sennett (2003 e 2006), e que penaliza os pobres, como observado por Wacquant (2010). Como bem analisa Gruschka (2014) fundamentado na contribuição teórica de Adorno (1951), a frieza⁶ é o princípio fundador da sociedade burguesa. A predominância da frieza burguesa produtiva impede que as pessoas tenham forças para formar uma sociedade humana.

Quanto ao nosso objeto de estudo, o propósito é examinar, aprender, aprender a pensar, constituir e aprimorar o pensamento, pensar criticamente, pensar de outro modo, analisar e compreender, o que não se faz sem processo, perícia e predisposição para o estudo.

⁶ “A frieza, enquanto expressão de uma atitude imoral diante dos sofrimentos e das desgraças dos outros, não foi criada pela burguesia em sua ânsia de ter mais e de dominar; mas, certamente foi desenvolvida e potencializada indefinidamente por essa nova classe social em sua constituição histórica” (Pucci, 2014, p. XX). Segundo Pucci (2014), o conceito de “frieza” acompanha as manifestações dos homens desde os seus primórdios, se manifesta nas relações de dominação senhor-escravo, membros da Igreja e da corte com os servos, no extermínio dos índios, entre outras condições. A saber, em tempo de capitalismo desenvolvido, “o tópos moral-filosófico central dos escritos de Horkheimer e Adorno foi o da frieza burguesa” (Gruschka *apud* Pucci, 2014, p. XVII).

Consideramos que pensar e compreender são manifestações de resistência e de transformação imprescindíveis à reafirmação da esfera pública. Em vista disso, cabe mencionar a resposta de Arendt para o jornalista Günter Gaus, em uma conversa⁷, “Você pergunta sobre os efeitos de meu trabalho nos outros [...]. Se me imagino tendo influência? Não. Eu quero é compreender” (Arendt, 2008, p. 33). De acordo com Arendt (2008), o importante é o processo de pensar, o importante é compreender, e escrever é uma questão de procurar essa compreensão, parte do processo de compreender. Arendt (2008) entende que o resultado da compreensão é o significado, o processo de compreensão é um processo de autocompreensão. Conforme a autora (2008, p. 334), o conhecimento e a compreensão são inter-relacionados e a doutrinação destrói toda a atividade da compreensão. “A compreensão preliminar, que está na base de todo conhecimento, e a verdadeira compreensão que o transcende, têm algo em comum: conferem significado ao conhecimento”. Arendt (2008) afirma que a doutrinação totalitária somada à doutrinação ideológica leva as pessoas à condição de falta de significado⁸. Adorno (1951, p. 47) acrescenta que: “Entre o conhecimento e o poder existe não só a relação de servilismo, mas também de verdade. Muitos conhecimentos, embora formalmente verdadeiros, são nulos fora de toda a proporção com a repartição de poderes”.

A propósito, queremos pensar, compreender e contribuir para o pensamento e a compreensão no sentido da constituição da ação política na reafirmação da esfera pública não burguesa. Consideramos a necessidade dessa ação política como princípio para a elaboração de alternativas de resistências aperfeiçoadas relacionadas ao movimento coletivo nacional em articulação ao transnacional com referência na conquista do poder do Estado a fim de regular e/ou suplantam o domínio das classes capitalistas. Laval (2020a) menciona a posição de Bourdieu no sentido de defender a luta contra o enfraquecimento do Estado por esse considerar que é por meio do Estado que podemos assegurar tudo o que pertence à ordem universal, tudo o que corresponde a processos vitais que tocam o interesse geral e os serviços

⁷ Esta conversa entre Hannah Arendt e Günter Gaus foi realizada em 28 de outubro de 1964 e foi transmitida na televisão da Alemanha Ocidental. A entrevista recebeu o prêmio Adolf Grimme e foi publicada no ano seguinte, em 1965, em Munique (Arendt, 2008).

⁸ Hannah Arendt (2008) procurou compreender o funcionamento do nazismo como o totalitarismo do seu tempo para esclarecer como a intensificação do uso do poder pode culminar na anulação do pensamento e no extermínio de vidas humanas como manifestação máxima da banalização do mal, inclusive com a colaboração da maioria das pessoas integradas à sociedade de massas. Dessa maneira, a autora nos convida ao pensamento e à ação política para impedir uma nova catástrofe para a humanidade. Pretendemos compreender o funcionamento do neoliberalismo. Esperamos suscitar o pensamento, para a construção da emancipação imprescindível à ação política. Temos consciência da urgência de colaborar para o entendimento do funcionamento de um sistema que provoca catástrofes sem precedentes para a humanidade. Corroboramos Chesnais (1996, p. 43): este trabalho “dirige-se àqueles cujo primeiro reflexo não é o de submeter-se à ordem ‘tal como é’, e sim procurar compreendê-la e discutir sobre ela, para eventualmente esboçar caminhos diferentes dos que nos foram impostos. Esta função crítica do intelectual parece-nos hoje mais necessária do que nunca”.

públicos, tais como, a proteção social, a educação, a ciência ou a arte. Concordamos com a seguinte análise de Bourdieu: “defender o Estado é defendê-lo não apenas contra os demolidores externos que o desmontam por meio da globalização, mas também contra os ‘desconstrutores’ internos” (Bourdieu *apud* Laval, 2020a, p. 264). Para Bourdieu é imprescindível, na contemporaneidade, taticamente proteger o Estado nacional. Segundo o autor: “O Estado nacional deve resistir a esse trabalho de unificação mundial”. Bourdieu, porém, não desconsidera a necessidade da constituição de um Estado mundial que resguarde as conquistas universais da humanidade contra as ameaças do mercado transnacional (Bourdieu *apud* Laval, 2020a, p. 263).

Somos conscientes da complexidade do nosso objeto de estudo e da contemplação e compreensão que ele exige, considerando a contemplação como compreendida por Hannah Arendt (1997), como o único modo de vida realmente livre relacionado à atividade do pensamento para a ação política. O significado da ação política é desconhecido quando a vida contemplativa é anulada. Corroboramos Adorno e Horkheimer (1985, p. 10), “importa mais conservar a liberdade, ampliá-la e desdobrá-la, em vez de acelerar, ainda que indiretamente, a marcha em direção ao mundo administrado”.

Por isso, o nosso estudo sobre o objeto não tem como centralidade o resultado, mas a compreensão e o significado. Para tanto, priorizaremos a rebeldia do pensamento em um contexto de inércia social, de resignação e de prevalência da barbárie, reafirmando a elaboração de Adorno (1951, p. 7), qual seja: “Frente a unanimidade totalitária, que proclama como fito a eliminação da diferença, é possível que até algo da força social libertadora se tenha concentrado na esfera individual”. Dessa perspectiva, a condição de solidão própria do pensamento reflexivo, constitui “uma possibilidade autêntica de vida humana” (Mannheim *apud* Kohn, 2008, p. 18).

O significado não é o êxito em sua limitação, o objetivo não é acompanhar e concordar com a maioria sem direção e sem a dimensão da existência, o desafio é aperfeiçoar a sensibilidade e a inteligência e assumir compromisso com o bem comum e com o destino público. A inspiração é a coragem para a ruptura com a esfera privada. Arendt (1998) considera que o homem deve ter coragem para a problematização e a ruptura da lógica da esfera privada. De acordo com a autora (1998, p. 53): “a coragem é a mais antiga das virtudes políticas”. A autora salienta que: “le courage est une des vertus politiques principales” (Arendt, 1972, p. 202). A coragem é indispensável à ação política, primordialmente, é o fundamento do espírito revolucionário que se expressa plenamente no *amor mundi*. A coragem é inadiável.

A realização é aprimorar-se humano em um mundo de predominância da barbárie e da coisificação, compreendendo e corroborando a indagação de Adorno e Horkheimer (1985, p. 11): “por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie”. Mas, pretendemos superar essa indagação, considerando que a resistência cotidiana contra qualquer forma de dominação capitalista constitui o movimento real que supera o estado de coisas atual. Para tanto, reafirmamos a posição de Marx e Engels (1996a, p. 32): “O comunismo não é para nós um estado que deve ser estabelecido, um ideal para o qual a realidade terá de se dirigir. Denominamos comunismo o movimento real que supera o estado de coisas atual. As condições desse movimento resultam de pressupostos atualmente existentes”.

3 A CONTRIBUIÇÃO TEÓRICA SOBRE O ESTADO EM DIFERENTES AUTORES

Nesta seção a centralidade será o estudo do Estado inerente ao capitalismo e a sua determinação pelas transformações nas relações de poder que evidenciam a sua configuração em âmbito transnacional. Estudaremos as elaborações teóricas de diferentes autores que se dedicam a análise crítica do Estado, bem como, investigaremos a configuração do Estado na atual fase do capitalismo a partir da contribuição de autores dedicados ao assunto. As contribuições teóricas dos autores sobre o Estado e as transformações atuais do capitalismo serão referência para a construção da compreensão sobre a configuração do Estado brasileiro no neoliberalismo.

Considerando Marx e Engels (1996b, p. 12), o Estado representativo moderno foi conquistado pela burguesia para si própria, com o estabelecimento da indústria moderna e do mercado mundial. “O poder executivo do Estado moderno não passa de um comitê para gerenciar os assuntos comuns de toda a burguesia”. Engels (1977) acrescenta que o Estado é antes um produto da sociedade em um determinado grau de desenvolvimento, nasceu na fase de desenvolvimento econômico ligada à divisão da sociedade em classes, em meio ao conflito das classes e da necessidade de conter o antagonismo delas. A divisão da sociedade em classes tornou o Estado uma necessidade. Em função disso, ele surgiu como o Estado da classe economicamente dominante se evidenciando um organismo para a proteção dos que possuem contra os que não possuem, explicitando que os direitos concedidos aos cidadãos são de acordo com as suas posses. A classe economicamente dominante se converte também em classe politicamente dominante por intermédio do Estado e adquire novos meios para a repressão e exploração da classe oprimida.

Conforme Engels (1977), a autêntica constituição do Estado era baseada na divisão territorial e nas diferenças de riquezas. A gestão dos negócios públicos era da competência do Senado composto por chefes escolhidos no seio das mesmas famílias. Essas pretendiam a exclusividade no Senado e a ocupação dos demais cargos públicos. O Estado tem como uma das suas características essenciais a existência de uma força pública separada da massa do povo, a princípio essa força pública só existia em forma de polícia. Para sustentar essa força pública são exigidos dos cidadãos do Estado os impostos. Como órgãos da sociedade, os funcionários põem-se acima dela na condição de donos da força pública e do direito de recolher os impostos. Engels (1977), explica que o Estado antigo foi o Estado dos senhores de escravos para manter os escravos subjugados, o Estado feudal foi o órgão usado pela nobreza

para manter a sujeição dos servos e camponeses dependentes, e o moderno Estado representativo é o instrumento do capital para explorar o trabalho assalariado.

Para Engels (1977), o Estado é um organismo para a proteção dos que possuem contra os que não possuem. Os direitos concedidos aos cidadãos são regulados de acordo com as suas posses, na maior parte dos Estados históricos. Mas, o reconhecimento político das diferenças de fortuna revela um grau inferior de desenvolvimento do Estado. As diferenças de fortuna não eram mais reconhecidas oficialmente na república democrática, que conforme Engels (1977, p. 194) é “a mais elevada das formas de Estado, e que, em nossas atuais condições sociais, vai aparecendo como uma necessidade cada vez mais iniludível, e é a única forma de Estado sob a qual pode ser travada a última e definitiva batalha entre o proletariado e a burguesia”.

A compreensão de Engels (1977) é de que o Estado desaparecerá inevitavelmente com o desaparecimento das classes, ele escreveu sobre a sua confiança no desaparecimento dessas. “A sociedade, reorganizando de uma forma nova a produção, na base de uma associação livre de produtores iguais, mandará toda a máquina do Estado para o lugar que lhe é de corresponder: o museu de antiguidades”, afirmou Engels (1977, p. 195-196). No entanto, a realidade atual parece nos revelar a intensificação do poder das classes capitalistas por meio da reprodução e da reconfiguração do Estado, com a sua apropriação.

Foucault (2008) analisa que o Estado não é uma espécie de dado histórico natural e tem uma especificidade plural que o faz existir em relação com outros Estados. Para o autor, o Estado é o correlato de uma certa maneira de governar e o problema é saber como a maneira de governar se desenvolve. Por isso, Foucault pensa na arte de governar pautado no princípio da razão do Estado, com cada Estado tendo seus interesses. Conforme Foucault, a razão do Estado se constituiu no decorrer do século XVI. O crescimento do poder real na Idade Média ocorreu a partir do exército e das instituições jurídicas. Mediante o exposto, na Idade Média a prática judiciária era multiplicadora do poder real.

Foucault (2008) explica que com o desenvolvimento da nova racionalidade governamental a partir do século XVI e, principalmente no início do século XVII, as instituições jurídicas e a teoria do direito que haviam sido intrínsecas ao desenvolvimento do poder real, serão ao contrário subtratoras desse mesmo poder. Toda a pessoa que quiser terá o direito como ponto de apoio para limitar a extensão indefinida de uma razão de Estado que toma corpo em um Estado de polícia, e essa limitação é encontrada na razão jurídica.

A instauração de um princípio de limitação da arte de governar consiste na razão governamental moderna. Nessa condição, a regulação é interna, limitação de fato, e não de

direito. O que se vai objetar é o excesso de governo, toda a questão da razão governamental crítica vai girar em torno de como não governar demais, o governo será inadequado se desconhecer essa limitação. A partir de meados do século XVIII não é o direito a forma de racionalidade que permite que a razão governamental se autolimite, é a economia política reconhecida como todo método de governo capaz de assegurar a prosperidade de uma nação. A economia política não se desenvolveu contra a razão do Estado, ela se propõe como objetivo de enriquecimento do Estado e garante a concorrência entre os Estados. O problema do governo mínimo tem relação com o aparecimento da economia política, o mercado tornou-se a prática governamental e fará com que o bom governo não seja somente um governo justo. De fato, o Estado não é nada mais que o efeito móvel de um regime de governamentalidades múltiplas, afirma Foucault, 2008. Segundo Laval (2020a, p. 125-126), Foucault contribuiu para desfazer a filosofia política “estadocêntrica”, uma vez que para ele “o Estado não é o princípio, a causa e a fonte de todo poder [...]. O Estado é um erro de perspectiva [...], é composto por processos heterogêneos, ‘perpétuas estatizações’ ou ‘governamentalidades múltiplas”.

Bourdieu (2014) considera que a teoria do Estado se encontra em estado de deterioração por não estabelecer relação com o mundo real. “O Estado é, em grande parte, produtos de teóricos”, observa o autor (2014, p. 63). Por ter tal compreensão, Bourdieu procurou escapar ao pensamento de Estado sobre o Estado. Para o autor (2014), o Estado reproduz as condições de reprodução do capital econômico ou do lucro, é o “setor do campo do poder, que se pode chamar de ‘campo administrativo’ ou ‘campo da função pública”” (Bourdieu, 2014, p. 30). O autor identifica um conjunto de campos que o compõem, quais sejam, jurídico, administrativo, intelectual, parlamentar. Bourdieu (2014) reconhece cada um desses campos como espaço de lutas específicas, uns competindo com os outros, inventando esse poder “metacampo” consolidado no Estado moderno. Com efeito, o Estado é uma instância de racionalização do mundo social, constitui a ordem social e tem o monopólio da violência física e simbólica ou monopólio da violência simbólica legítima, tratando os fatos sociais e os homens como coisas. “O Estado é o lugar de onde se faz o oficial” (Bourdieu, 2014, p. 93). No Estado circula a palavra oficial, o regulamento, a regra, a ordem, o mandato e a nomeação, portanto ele é “o princípio de organização do consentimento como adesão à ordem social” (Bourdieu, 2014, p. 31). O autor (2014) observa que o Estado faz a nação pela escola e que a produção e canonização das classificações sociais é uma das funções mais gerais do Estado.

Segundo Bernardo (1998), com a progressiva transnacionalização da economia baseada na concentração do capital os capitalistas neoliberais desconsideram as fronteiras e, a partir da década de 1960, dominam os Estados Nacionais. Bernardo (1998) explicita que as companhias transnacionais são os principais agentes do comércio mundial, e “o único capital nacional que hoje se mantém alheio às transnacionais é aquele que elas mesmas rejeitam, por representar ramos de produção retardatários ou estar vinculados a tecnologias obsoletas” (Bernardo, 1998, p. 47).

Bernardo (1998) observa o papel determinante do Estado Restrito na formação de um contexto favorável ao próprio aparecimento e, principalmente, ao desenvolvimento das grandes empresas nos países do continente europeu, em tal conjuntura o Estado Restrito prevaleceu sobre o Estado Amplo e contribuiu para gerar os seus elementos componentes. A intervenção do Estado Restrito, em uma primeira fase, foi essencial para a implantação das Condições Gerais de Produção⁹ nas metrópoles. Enquanto acontecia isto, a partir dos meados do século XIX, o Estado Amplo encarregou-se sozinho de um novo tipo de colonialismo em diferentes regiões, com completa autonomia relativamente aos governos centrais das metrópoles, foram as empresas coloniais que implantaram os mecanismos econômicos capitalistas e começaram a converter a população em trabalhadores assalariados.

No entanto, Bernardo (1998) explana que as empresas ativas nas colônias não suportavam os custos decorrentes da conversão de vastas massas da população em força de trabalho

⁹ De acordo com Bernardo (1991), as Condições Gerais de Produção (CGP) são processos fundamentais necessários à integração das unidades econômicas no nível da própria atividade produtora. O autor compreende que as CGP se relacionam com o mais elevado número de atividades produtivas, cobrem todo o campo da tecnologia e não se limitam ao que se denomina de infraestruturas. **Nas condições gerais da produção e da reprodução da força de trabalho** Bernardo inclui as creches e os estabelecimentos de ensino destinados à formação das novas gerações de trabalhadores e as várias condições da existência das famílias de trabalhadores, com centralidade nas infraestruturas sanitárias e os hospitais, sem desconsiderar o urbanismo. **Nas condições gerais da realização social da exploração** o autor inclui as condições para que o processo de trabalho ocorra enquanto processo de produção de mais-valia, quais sejam, o urbanismo e as instituições repressivas, que funcionam como impedimento para que os trabalhadores reproduzam e formem independentemente a força de trabalho e para que sejam despossuídos do produto criado, sendo afastados da organização do processo de trabalho. **Nas condições gerais da operatividade do processo de trabalho** que permitem que o processo de trabalho como processo de exploração possa ocorrer materialmente, o autor relaciona os centros de investigação e de pesquisa, tanto teórica como aplicada, e as várias formas de captação, veiculação e armazenamento de informações. Com estas condições os capitalistas realizam e reproduzem o seu controle sobre a tecnologia empregada, dela excluindo os trabalhadores e controlam os mecanismos de decisão que lhes permitem impor à força de trabalho os limites em que podem expressar opiniões ou tomar decisões quanto aos processos de fabricação. **Nas condições gerais da operacionalidade das unidades de produção** o autor inclui a generalidade das infraestruturas, nomeadamente as redes de produção e distribuição de energia, as redes de comunicação e transporte, os sistemas de canalização de fornecimento de água e de escoamento de detritos e, em geral, a coleta de lixo, a criação dos suportes físicos ou do ambiente, onde se instalam processo de produção. **Nas condições gerais de operatividade do mercado** Bernardo inclui os sistemas de veiculação, cruzamento e comparação de informações que possibilitam que sejam estabelecidas as relações entre produtores e consumidores, as infraestruturas relacionadas às redes de transporte para produtos que não forem consumidos de maneira imediata. **Nas condições gerais da realização social do mercado** o autor inclui o caráter genérico da publicidade não somente como estímulo ao consumo, mas sobretudo como condicionamento de um certo estilo de vida.

capitalista e, também, os custos da implantação de Condições Gerais de Produção. Diante disso, os Estados Restritos metropolitanos, enquanto representantes da globalidade dos meios financeiros, assumiram os encargos das instituições militares, administrativas e judiciárias, fundadas pelos Estados Amplos coloniais. A partir da década de 1960, a concentração do capital transnacionalizou o Estado Amplo e as instituições do Estado Restrito declinaram. A concentração do capital permite às grandes empresas inter-relacionarem-se diretamente e ocuparem as Condições Gerais de Produção sem precisarem da intervenção do Estado Restrito. Com efeito, diversas instituições econômicas e administrativas do quadro do Estado Restrito passaram paulatinamente sob a égide do Estado Amplo.

Bernardo (1998) declara que o capitalismo tem se organizado em nível mundial em modalidade de articulação do Estado Restrito com o Estado Amplo, inicialmente a articulação se processava a partir do Estado Restrito em direção ao Estado Amplo, por meio de organismos reconhecidos constitucionalmente e hegemônicos pelo Estado Restrito, mas o Estado Amplo assumiu a articulação progressivamente mediante *lobbies*, grupos de pressão, instituições inteiramente controladas por ele. Bernardo (1998) analisa que as companhias transnacionais são responsáveis pela desagregação do Estado Restrito e que elas têm a capacidade de prosseguir uma estratégia própria independentemente dos governos dos países nos quais estão implantadas na condição de matrizes ou filiais. “O Estado Amplo, que mediante a transnacionalização do capital consolidou a sua capacidade de coordenar diretamente toda a vida social, desagregou o Estado Restrito, manipula os políticos e parlamentares e, finalmente, ocupa o panorama ideológico” (Bernardo, 1998, p. 99).

De acordo com Bernardo (1991) existem duas classes capitalistas, quais sejam, a classe burguesa e a classe dos gestores. A burguesia é definida em função de cada unidade econômica enquanto unidade particularizada e a classe dos gestores é definida em função do funcionamento das unidades econômicas enquanto unidades de relação com o processo global. Elas são classes capitalistas porque encontram-se em comum antagonismo com a classe dos trabalhadores, se apropriam da mais-valia e controlam e organizam os processos de trabalho. As suas diferenças são determinadas pelas funções desempenhadas no modo de produção, pelas superestruturas jurídicas e ideológicas que lhes correspondem e por suas origens e desenvolvimentos históricos díspares, elas se definem como classes capitalistas distintas pela oposição-relação que estabelecem entre si.

Bernardo (1991) lembra que o funcionamento do capitalismo sempre foi de integração global. A burguesia organiza os processos econômicos de maneira particularizada e fazem com que essa particularização se reproduza, portanto, os burgueses não são apropriadores

inativos da mais-valia. Os gestores viabilizam processos do funcionamento econômico global e da relação de cada unidade econômica com esse funcionamento. O campo privilegiado da existência dos gestores têm sido as CGP, pela sua posição no inter-relacionamento dos processos econômicos. A existência dos gestores foi predominando sobre a burguesia com a evolução da integração econômica, pois eles se apropriam coletivamente do capital. Os gestores se consolidam na proporção do desenvolvimento e integração da economia. Os burgueses converteram-se rentistas ao serem substituídos pelos gestores enquanto representantes do capitalismo associado, “quanto mais estreitamente a economia se integra, tanto mais a burguesia declina e os gestores se unificam e reforçam, até aparecerem claramente como os representantes do capital associado e coletivo, isto é, como capitalistas globais” (Bernardo, 1991, p. 217).

Bernardo (1991) relata que com o Estado Amplo assumindo um crescente papel coordenador, por se relacionar com a integração das unidades econômicas no processo global e com a coordenação dessas articulações, os gestores desenvolveram formas integradas de propriedade do capital, unificada por grupos mais ou menos numerosos de gestores que detêm conjuntos de empresas ou até a totalidade da economia de um país. A classe dos gestores, ao mesmo tempo que se torna hegemônica no interior de cada uma das unidades constitutivas do Estado Amplo, reforça também a sua ascendência sobre o que de significativo possa restar do Estado Restrito. Nos países industrializados da área norte-americana e também no terceiro mundo, assiste-se a maciça transferência para o Estado Amplo da propriedade de grandes empresas que, até então, haviam sido formalmente detidas pelo Estado Restrito.

Bresser-Pereira¹⁰ (2021) afirma que o Estado moderno surge com o capitalismo a partir das sociedades modernas, com o propósito de definir e fazer cumprir os objetivos

¹⁰ Bresser-Pereira (2024) relata que trabalhou 25 anos em uma grande empresa e a deixou quando alcançou a independência econômica, e se dedicou à vida acadêmica em tempo integral. Voltou à política por mais seis anos com o convite do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, na condição de Ministro da Fazenda. Ele se identifica como novo-desenvolvimentista, ele afirma não ser um liberal. O “Novo-desenvolvimentismo” como uma nova teoria econômica e economia política está sendo desenvolvido por ele com um grupo de amigos. Ele se considera republicano e rejeita o liberalismo individual, e afirma ser: “Um intelectual socialista, mas burocrático-burguês” (p. 1). Bresser-Pereira (2024) admite suas contradições e afirma que elas estão sendo resolvidas dialeticamente.

Vale salientar que conforme Bresser-Pereira (2014), a sua Reforma Gerencial de 1995, na condição de Ministro da Fazenda do Governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, foi inicialmente criticada pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Bresser-Pereira (2014) considera que o PT inicialmente foi hostil à Reforma Gerencial, mas no segundo governo Lula, a reforma caminhou sem maiores objeções, ainda que lentamente. Bresser-Pereira (2014, p. 354) afirma que: “O PT se opôs a essa reforma, com o argumento equivocado de que seria neoliberal e contra os servidores públicos. Nos primeiros anos do governo Lula a reforma foi paralísada no nível federal”. Bresser-Pereira (2014) justifica que essa é a segunda reforma administrativa do Estado moderno, a primeira foi a Reforma Burocrática que ocorreu nos países ricos no século XIX, e no Brasil o seu início foi em 1936, para Bresser-Pereira tal Reforma torna profissional e efetiva a administração pública de um Estado liberal. Segundo

políticos finais (segurança, liberdade individual, melhoria dos padrões de vida, justiça social e proteção do meio ambiente) e os objetivos instrumentais (um Estado-nação autônomo e democrático). O autor (2021) ressalta que o Estado é o principal instrumento da ação coletiva da nação, o sistema constitucional-legal e a organização com poder coercitivo que o garante. “Os estados-nação hoje existentes são, portanto, o resultado da ação coletiva da nação para se criar uma sociedade política melhor. Nesse processo, os indivíduos e as organizações defendem seus próprios interesses como se fossem os interesses de todos”, declara Bresser-Pereira (2021, p. 5). Bresser-Pereira (2021) analisa que o capitalismo é uma construção social, é uma forma de sociedade regulada pelo Estado e o mercado que são instituições construídas pelos humanos. Os humanos têm objetivos políticos que eles incorporam nas instituições, particularmente no Estado como a maior delas, portanto eles não são meros joguetes em um processo histórico em que a vontade e a ação humanas estão ausentes.

Bresser-Pereira (2018) menciona a existência de três classes sociais básicas desde o início do século XX, quais sejam, a classe capitalista ou burguesia, a classe trabalhadora e a classe profissional ou tecnoburocracia. Ele explica que a classe capitalista e a profissional ou tecnoburocrática são as duas classes dominantes, a primeira formada por empresários e rentistas, e a segunda por altos executivos e financistas. O autor (2018) assinala que os altos tecnoburocratas substituíram os empresários na gestão das empresas, na primeira parte do século.

Bresser-Pereira (2021) aponta que o início da fase do capitalismo dos gestores foi após a Segunda Revolução Industrial no final do século XIX. Ele divide o capitalismo em quatro fases segundo a sua classe dirigente e considera a fase do capitalismo dos gestores a terceira. Os gestores emergem das grandes empresas privadas e juntamente com uma crescente burocracia pública forma a classe dos gestores ou a classe tecnoburocrática. Na fase dos gestores o capitalismo deixa de ser liberal e passa a ser desenvolvimentista ou keynesiano, predomina uma intervenção moderada do Estado na economia. O Estado de bem-estar social é constituído principalmente na Europa, com princípio social democrático. Essa fase dos Anos

Bresser-Pereira (2014), a Reforma Gerencial é a segunda, e torna eficiente os grandes serviços sociais do Estado de bem-estar social, foi iniciada no Reino Unido nos anos 1980 e depois se espalhou pelos demais países ricos. Vale esclarecer que Oliveira (1999) critica a posição de Bresser-Pereira na sua condição de Ministro da Fazenda do governo de Fernando Henrique Cardoso, especificamente quanto ao reducionismo da sua proposta de reforma do Estado e da Administração. Segundo Oliveira (1999, p. 72-73), para Bresser-Pereira: “o Estado deve ter a mesma ‘rationale’ da empresa privada; deve retrair seus efetivos quando a crise o ordena; deve aplicar os mesmos critérios aos negócios (licitação de bens públicos, p. ex.), que uma empresa privada”. Oliveira (1999) assinala que Bresser-Pereira provém da empresa privada, da tradição norte-americana de indiferença entre a função pública e a função privada e do núcleo emblemático do novo paradigma que é a organização de “marketing”.

Dourados do Capitalismo tem como característica forte crescimento, estabilidade financeira e diminuição das desigualdades. No entanto, a virada neoliberal surgiu a partir de uma crise econômica moderada, nos anos 1970, que culminou na queda da taxa de lucro e o surgimento da estagflação nos Estados Unidos. Os empresários são substituídos pelos rentistas na propriedade das grandes empresas e o capitalismo retorna ao liberalismo econômico, os financistas assumem o poder para favorecer os rentistas e garantir os seus próprios interesses, ocupando o papel de intelectuais orgânicos do capitalismo neoliberal financeiro-rentista.

Para Bresser-Pereira (2018), os capitalistas rentistas, muitos deles herdeiros, substituíram os empresários na propriedade das grandes empresas a partir dos anos 1980. A administração das empresas foi deixada a cargo da alta tecnoburocracia e outra categoria profissional foi contratada pelos rentistas, a dos financistas. Esses surgiram como uma classe especial de profissionais para administrar a riqueza dos rentistas, como ideólogos ou intelectuais orgânicos dos rentistas adotaram o neoliberalismo como ideologia para justificar o poder e os privilégios dos rentistas e os seus próprios. Conforme Bresser-Pereira (2018), a expressão que denota o caráter misto desse tipo de organização social é o capitalismo financeiro-rentista. O autor (2018) lembra que a classe profissional ou tecnoburocrática não estava presente no capitalismo clássico, ela surgiu com vigor no capitalismo do século XX. Bresser-Pereira (2018) considera que o capitalismo contemporâneo pode ser chamado de capitalismo profissional ou tecnoburocrático.

Segundo Bresser-Pereira (2018), os altos executivos eram os heróis americanos nos tempos do fordismo, no auge da hegemonia americana. A revolução financeiro-rentista procurou neutralizar a substancial autonomia que os altos executivos conquistaram nas grandes empresas, o objetivo era colocar os executivos na condição de agentes dos acionistas. Diante disso, as economias nacionais se puseram a serviço dos acionistas ou investidores, em torno de 1980. “Depois da Segunda Guerra Mundial e especialmente depois da virada neoliberal, em torno de 1980, o capitalismo financeiro-rentista tornou-se realidade” (Bresser-Pereira, 2018, p. 23). O autor (2017) salienta que a lógica do capitalismo mudou, o capital pertence aos rentistas e não aos empresários, sendo os rentistas os capitalistas centrais dos nossos dias. O capitalismo atual é rentista, em que os tecnocratas gerenciam as grandes empresas e as riquezas dos rentistas e suas ideias políticas. Assim, foi constituída uma coalisão de classes de rentistas ociosos e de financistas profissionais capacitados em especulação financeira. “O liberalismo econômico ‘puro’ interessa aos capitalistas rentistas, que recebem dividendos, juros e aluguéis, aos financistas, que administram a riqueza dos

primeiros, e aos altos executivos das empresas de propriedade dos rentistas” (Bresser-Pereira, 2017, p. 141).

Bresser-Pereira (2021) analisa que do ponto de vista econômico, social e político, a troca do republicanismo por um liberalismo político individualista foi uma escolha errada. “Foi uma escolha errada no plano social, porque implicou aumento da desigualdade, e no plano político, porque significou a troca do republicanismo por um liberalismo político individualista” (Bresser-Pereira, 2021, p. 2). Ao contrário do republicanismo que vê a liberdade como o objetivo a ser alcançado pela sociedade considerando o interesse público, o liberalismo político a vê apenas como direito do indivíduo de defender somente seus próprios interesses. Quando o republicanismo é forte ele modera o liberalismo. O republicanismo foi esquecido com a virada neoliberal, predominando o liberalismo econômico ineficiente e o individualismo político reacionário. Na virada neoliberal o Estado é excluído e o mercado passa a ser considerado a única instituição de coordenação econômica do capitalismo o que ocasionará o baixo crescimento, a alta instabilidade financeira e o brutal aumento da desigualdade.

Bresser-Pereira (2018) observa que não existe empatia social por parte das elites rentistas e financistas em relação aos trabalhadores e aos pobres, e que eles desconsideram o desenvolvimento econômico do país e o bem-estar do povo. “Eles são uma classe capitalista ociosa interessada em dividendos de curto prazo, juros e aluguéis de imóveis, não na expansão de longo prazo das grandes empresas”, expõe (Bresser-Pereira, 2021, p. 8). O autor percebe a presença da ideologia financeiro-rentista e neoliberal em países em desenvolvimento dependentes como o Brasil. Nestes países, segundo Bresser-Pereira (2018), as elites econômicas identificam-se com as elites internacionais e não com o povo do seu próprio país. Bresser-Pereira (2017) explica que os capitalistas rentistas abandonaram o nacionalismo porque seus lucros já não são originários exclusivamente dos próprios mercados internos, mas de todos os países em que eles estão presentes. O autor (2017) menciona que um estudo do *Wall Street Journal*, nos Estados Unidos, revela que quarenta por cento dos lucros das sessenta maiores empresas foram obtidos no exterior.

No entanto, Bresser-Pereira (2021) acredita que o neoliberalismo enfrenta uma crise financeira terminal desde 2008, fato que desmoralizou o liberalismo econômico. Ele explica que o populismo de direita surgiu como reação irracional ao fracasso do neoliberalismo, com a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos e o referendo do *Brexit* no Reino Unido, dois fatos ocorridos em 2016. Conforme Bresser-Pereira (2021), o capitalismo neoliberal dos rentistas e financistas foi um período de grave retrocesso, ele analisa que talvez seja melhor

não considerar essa uma verdadeira fase do desenvolvimento capitalista, mas um mero desvio reacionário.

De acordo com Bresser-Pereira (2021), está surgindo uma nova forma de organização social. Ele se convenceu de que a classe capitalista e o capitalismo esgotaram a sua capacidade de promover o desenvolvimento econômico e o progresso humano. Para o autor (2021), a nova forma de organização social emergente em substituição ao capitalismo é o gerencialismo democrático. Bresser-Pereira (2021) entende que essa formação social é um novo modo de produção e não uma fase do capitalismo, pois a burguesia é substituída pela classe profissional no processo de acumulação do capital, para ele a nova classe dominante é a classe gerencial pública e privada. O autor (2021) entende que o gerencialismo democrático supõe uma sociedade de mercado sem a classe dominante capitalista, em que o Estado e o mercado coordenam o sistema econômico. Para ele, esse tipo de formação social não é capitalista porque a classe capitalista perdeu o controle do processo de acumulação do capital e inovação. Embora a burguesia continue rica, ela perdeu a sua função social para os altos executivos e servidores públicos eleitos e não eleitos, nessa conjuntura estão ganhando mais influência política o povo, os setores mais cultos da classe média e os políticos.

Bresser-Pereira (2021) acredita que a transição para a democracia participativa caminha lentamente nos países democráticos mais avançados, tais como a Dinamarca e a Suíça, mas considera que tal democracia continuará a progredir devido ao aprofundamento da pressão da classe trabalhadora e das classes médias por mais participação política. O autor analisa que a democracia não está morrendo, ela está prosperando e definirá a nova organização social, “a democracia torna-se mais forte, pois resistiu ao ataque dos neoliberais autoritários e agora está repelindo o ataque do populismo de direita” (Bresser-Pereira, 2021, p. 9). Nesse quadro, a democracia tende a avançar sendo mais representativa das demandas populares e contribuindo para um parlamento menos dependente dos interesses dos rentistas e financistas cujos membros se comprometam com uma política econômica de desenvolvimento responsável. No gerencialismo democrático a coordenação econômica da economia não será feita de acordo com a lógica do liberalismo econômico, mas com o desenvolvimentismo, embora preserve muitas características do capitalismo, quais sejam, lucros e acumulação de capital, trabalho assalariado e coordenação de mercado de setores competitivos. Bresser-Pereira (2021) não acredita que o gerencialismo democrático seja proporcionalmente progressista como foram os Anos Dourados do Capitalismo, mas pensa que a sua característica desenvolvimentista possibilitará o crescimento dos países mais avançados e o aumento dos padrões de vida.

Sampson (1996) esclarece que o ancestral mais remoto da empresa moderna é a companhia, entidade que surgiu no final da Idade Média. A palavra companhia é derivada de *Cum-panis*, aqueles que comem o pão juntos. A companhia tornou-se sociedade por ações, ou anônima a partir do século XVI, e foi preciso contratar alguém para dirigi-la. Os primeiros administradores surgiram dessa necessidade e ganharam posição de destaque no século XIX, atuando como intermediários entre patrões e trabalhadores, no papel de gerentes, em seguida tornaram-se poderosos como administradores de empresa profissionais.

Burnham *apud* Sampson (1996) descreveu a transição da sociedade capitalista para a sociedade gerencial, em 1940. Ele analisou que os administradores estavam se tornando a nova classe dirigente em países capitalistas e “comunistas”. Conforme Sampson (1996), metade das grandes empresas americanas tinham programas para desenvolver gerentes e perpetuar a classe gerencial, em 1955 o “Desenvolvimento Gerencial” tornou-se a moda. “Os capitalistas pareciam estar desaparecendo ao mesmo tempo em que a própria palavra saía de moda” (Sampson, 1996, p. 116). Com o desaparecimento dos donos, os gerentes eram os responsáveis, lembra Sampson (1996).

Sampson (1996) observa que na metade do XIX desenvolveram-se companhias limitadas em toda a Europa. Elas constituíram-se como instituições novas autônomas em centenas de anos, independentes do governo central do Estado nacional. O autor aclara que foi nesse período que começou a aparecer o conceito do administrador de negócios como um agente que atuava entre os proprietários e os trabalhadores, eles eram diplomados por universidades e o mundo dos negócios era impraticável sem eles, as faculdades de administração proliferaram e eles se tornaram mais profissionalizados e treinados. Os gerentes criaram sistemas científicos de administração. Os executivos das empresas se transformam no centro da sociedade tornando-se potencialmente heróis nacionais. Eles estavam mudando o estilo de vida das cidades e subúrbios, determinando projetos de hotéis e restaurantes com suas conferências e divertimentos, definindo as rotas aéreas com suas viagens e penetrando na política, influenciando os serviços públicos e as universidades com a sua linguagem e as suas prioridades. “A palavra executivo tornou-se a senha para entrar no mundo prometido dos mercados e da prosperidade” (Sampson, 1996, p. 11). Os gerentes tiraram o poder dos donos da indústria e eram profissionais admirados nos anos 1960, ressalta Sampson (1996).

Sampson (1996) reconhece que o capitalismo tem diferentes versões que se misturaram somente porque tiveram de enfrentar o “comunismo”, as versões do capitalismo apresentam raízes históricas e pressupostos sociais distintos. A empresa da Europa continental, com estilo burocrático e paternalismo era muito mais influenciada pelos bancos e

pelo Estado e muito menos influenciada por acionistas, era bem diferente da americana ou britânica. Os seus executivos e diretores tendiam mais a considerar que serviam a comunidade, os próprios empregados, ou a nação. Os homens de empresa japoneses acreditavam em um tipo de capitalismo com responsabilidades em relação aos empregados e às comunidades, em vez de para com os acionistas. A sua concepção era de que a empresa deveria ser criada lentamente. A cultura econômica japonesa enfatizava a lealdade empresarial de longo prazo. “Os japoneses ainda tinham comunicações muito mais fáceis entre o topo e a base, mais senso de objetivo comum, melhor educação e mais instrução industrial” (Sampson, 1996, p. 351). Sampson (1996) aponta que o capitalismo é mais aventureiro nos Estados Unidos do que em qualquer outro lugar. A cultura econômica dos Estados Unidos é moldada pelo individualismo. O surto de ambição individual partiu da América e se espalhou pela Europa.

Segundo Sampson (1996), acontecimentos históricos desencadearam a necessidade de as empresas assumirem mais responsabilidade com a democracia. Na indústria e na política existia um posicionamento contra Hitler, contra a ditadura ou arbitrariedades. Após Hitler, as empresas e governos queriam provar que eram instituições democráticas e que cuidavam de sua gente. No entanto, a guerra aproximou as empresas dos sistemas de planejamentos militares, com seus sistemas de comando e controle. As empresas americanas foram influenciadas pelas imensas encomendas militares e pela disciplina que vinha com elas, inclusive planejamento e logística de longo prazo. Muitas empresas convidaram generais e almirantes para serem diretores e presidentes após a guerra. Algumas ideias consideradas melhores para a administração empresarial vieram de homens com muita experiência militar. “Os homens de empresa ficaram mais próximos dos militares, que podiam ser contatos valiosos para implementar seus negócios” (Sampson, 1996, p. 114). O complexo militar-industrial tornou-se uma aliança duradoura. A concentração de poder continuou à medida que as maiores empresas conquistavam fatia maior da economia americana. “Os homens de empresa ingleses foram considerados secundários nas realizações do período da guerra, enquanto líderes militares eram levados para a indústria, apesar da sua falta de experiência” (Sampson, 1996, p. 129).

Sampson (1996) relata que a tentativa de humanizar as grandes empresas não foi suficiente. Os estudantes americanos estavam preocupados com a possibilidade de recrutamento para a guerra do Vietnã e se revoltavam contra o governo americano, e contra toda a natureza da sociedade e do trabalho industrial. Os estudantes tinham muito menos medo do desemprego que seus pais, eles queriam dar sentido à existência, temiam ficar presos

na vida empresarial. Os mais rebeldes consideravam a ideia de uma contracultura liberada das pressões industriais e que proporcionasse uma expansão criativa da mente humana. “O amplo ataque à sociedade industrial na América espalhou-se pela Europa, deflagrando uma rápida sucessão de revoltas estudantis, de combustão aparentemente espontânea” (Sampson, 1996, p. 153). Na década de 1960, a revolta dos estudantes contra os executivos marcou o fim do consenso entre empresas e sociedade. Os estudantes radicais acusavam os executivos em quase todos os países ocidentais, esses eram considerados fomentadores da guerra, racistas, mentirosos ou poluidores. Os estudantes tentavam convencer os operários a pararem as indústrias, fábricas de todos os lugares pareciam ameaçadas. Contudo, os operários raramente compartilhavam do antimaterialismo dos estudantes e as revoltas nas fábricas tiveram vida curta. Todavia, o “descontentamento dos trabalhadores tinha significado econômico maior que o protesto dos estudantes, pois eles faziam parte de uma ‘explosão mundial dos salários’ que marcou o fim do consenso do pós-guerra” (Sampson, 1996, p. 154). A revolta estudantil se esgotou no Ocidente, na metade da década de 1970. Os estudantes eram mais inimigos das atitudes autoritárias e dos controles mecânicos do que anticapitalistas. Com o aumento do desemprego os diplomados desempregados precisavam de qualquer tipo de vaga, a maioria perdeu o idealismo, uma nova onda de consumismo substituiu o antimaterialismo. Em seus recrutamentos, após 1968, as empresas não contratavam os melhores alunos, elas preferiam os conformistas mais apáticos, revelou um diretor de pessoal para Sampson (1996).

Sampson (1996) recorda que a ferocidade das empresas foi contida nas décadas do pós-guerra pelos sindicatos. Elas desenvolveram seu próprio tipo de Estado de bem-estar social como reação aos desafios do socialismo, do comunismo e dos sindicatos. Elas eram apoiadas pelos governos em troca de cuidarem de seus funcionários, No Japão, como reação ao medo dos sindicatos, as empresas do pós-guerra prometiam emprego vitalício. “Em todo o mundo, o *big business* sentia-se vulnerável aos ataques da esquerda e respondia com sua própria oferta de segurança” (Sampson, 1996, p. 360).

No entanto, Sampson (1996) nota que as empresas deixaram de assumir responsabilidade pela manutenção dos empregos com a competição mundial, inclusive os executivos foram atingidos. “Dentro de uma década, os presidentes de empresa deixaram de falar sobre responsabilidade social e comunidades e começaram a se jactar da redução de gente” (Sampson, 1996, p. 361). Acontecia a reversão das empresas a um tipo anterior de capitalismo que se assemelhava mais à natureza violenta e selvagem com ameaça a todas as relações humanas estáveis (Sampson, 1996).

Whyte *apud* Sampson (1996) já observava o crescente conformismo do executivo americano, em livro publicado em 1956. Whyte estava preocupado com uma mudança da tradicional ética protestante americana para uma nova “ética social” de submissão do indivíduo ao grupo. A ameaça à liberdade individual foi considerada por Wells *apud* Sampson (1996) a questão crucial da América emergente. O processo econômico e social na América é fundamentado em regras individualistas. Os executivos eram criticados pelos homens de negócios pelo seu crescente conformismo e por buscarem uma rotina (Sampson, 1996).

Sampson (1996) explica que uma nova ordem mundial era buscada por muitos chefes de empresa no Ocidente, nos anos 1960, eles tinham hábitos migratórios e começavam a ver o mundo livre como uma unidade, eles previam uma existência supranacional em que o nacionalismo feneceria. Embora a maioria das empresas americanas no exterior continuasse sendo controlada por cidadãos americanos, com influência da política externa e dos contratos de defesa americanos, as multinacionais americanas mais dinâmicas estavam começando a romper as distinções nacionais. Novos homens de empresa apareciam como “gerentes mundiais”, desafiavam áreas de soberania nacional e fugiam dos controles nacionais, inclusive da tributação efetiva, e os mais ambiciosos buscavam suas próprias políticas externas. Na década de 1960, os europeus consideravam as multinacionais como um fenômeno americano. Eles estavam alarmados, no final dessa década, com o crescente poderio das multinacionais americanas, elas estavam ultrapassando e comprando competidoras. No entanto, muitas companhias europeias, particularmente holandesas e inglesas possuíam enormes subsidiárias nos Estados Unidos. Estimulados pelo desafio e pelo colapso do dólar, os europeus começaram a comprar empresas americanas a preço baixo, na década de 1970, e os investimentos já se moviam na direção oposta, mas como entravam em negócios que não entendiam, às vezes tinham consequências desastrosas.

Sampson (1996) explana que na década de 1980 multinacionais europeias e americanas competiam em todo o mundo com empresas japonesas. “Nos anos 80, as multinacionais japonesas transformaram-se em espantalhos para os americanos, tal como os americanos tinham sido para os europeus na década de 60” (Sampson, 1996, p. 193). O modelo japonês de capitalismo combinava responsabilidade com a comunidade e maior flexibilidade e sensibilidade. Os europeus tinham perdido a sua predominância econômica havia muito tempo, por isso o impacto dos japoneses sobre as suas empresas foi menos drástico e traumático. No final da década de 1980, as multinacionais não tinham mais de ser gigantes, muitas estavam se tornando mais parecidas com federações de pequenas companhias. As empresas pequenas foram favorecidas com a expansão das comunicações, e

podiam oferecer serviços para o mundo inteiro, com base em tecnologias e capacidades especiais. Em 1970, havia sete mil multinacionais, com mais da metade com sede nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha. Na década de 1990, eram trinta e cinco mil, e centenas delas com base em países em desenvolvimento. Entre as novas multinacionais havia redes de operadores individuais que compreendiam o mercado, eram banqueiros, advogados, economistas ou vendedores. No final da década de 1980, era o fluxo de capital que estava abalando sociedades e governos, mais do que empresas multinacionais. O fluxo de capital oferecia ampla liberdade de ação para a especulação contra moedas ou títulos, “400 bilhões de dólares cruzavam as fronteiras todos os dias, oferecendo oportunidades para investidores e especuladores, que podiam usar economias em um continente para comprar e vender ativos entre os hemisférios” (Sampson, 1996, p. 180). Os especuladores individuais eram os mais bem-sucedidos fazedores de dinheiro, expõe Sampson (1996).

Sampson (1996) analisa que os gerentes tinham a competição dos computadores por seus empregos. Os meios para a criação de novos tipos de empresas foram proporcionados pelos computadores. Os computadores “ajudaram a desumanizar decisões cruciais – tendência que atingiu o auge no bombardeio computadorizado do Vietnã. E as grandes empresas de informática tendiam elas também a ser conformistas e hierárquicas” (Sampson, 1996, p. 221). Inicialmente essa nova indústria exigia executivos obedientes. Os primeiros computadores e sistemas comercializados foram da *IBM*. Na metade da década de 1960 surgiram os microcomputadores que eram menores e mais flexíveis que os computadores da *IBM*. Os programadores e empreendedores dos microcomputadores eram mais rebeldes e muitos deles protestavam contra a guerra do Vietnã. A pioneira foi a Digital Equipment Corporation (DEC). Os dissidentes da DEC criaram a sua concorrente, a Data General, em 1968, sentiam-se mais desafiados por máquinas do que por pessoas (Sampson, 1996).

Sampson (1996) salienta que o Vale do Silício foi a primeira região do mundo de alta tecnologia, se tornou o centro mundial de um novo tipo de homem de empresa, o clima de inovação no Vale do Silício já existia nos anos 1950. “Foi somente na década de 70 que uma nova explosão de inovação na informática deu a muitos inventores jovens a chance de contornar e superar todas as estruturas empresariais existentes” (Sampson, 1996, p. 223). Sampson (1996) menciona que a revolução da informática tem relação com a liberação das energias e criatividade dos rebeldes dentro das próprias empresas, eles sonhavam com fortunas imensas. Todos os pressupostos relacionados ao escritório foram colocados em questão, o impacto do computador sobre o escritório marcou o desvio dos negócios competitivos para a competição global e o clamor por lucros. Na condição de estudante de

graduação de *Harvard*, Bill Gates percebeu que o computador provocaria uma revolução, considerou que poderia ganhar uma fortuna com a criação de um programa padrão para uma versão a ser produzida em massa. Ele era mestre da programação e da negociação aos vinte e cinco anos de idade. Markoff *apud* Sampson (1996, p. 235) afirmou: “O Vale do Silício foi inovador durante trinta anos. A inovação está ligada a instabilidade, com engenheiros querendo tornar-se milionários, e parece vicejar no caos”. Saffo *apud* Sampson (1996) reconheceu a predominância do darwinismo no Vale do Silício, com a evidência de um contraste brutal entre o sucesso e o fracasso.

De acordo com Sampson (1996), o espírito de competição e busca de lucros era estimulado pela *Microsoft*, Bill Gates escolheu *Seattle* para ser o *campus* da *Microsoft* devido ao clima constantemente chuvoso da região ser estímulo para o trabalho duro. Os jovens funcionários tinham diferentes tipos de sotaque, média de idade de trinta e dois anos e quase metade mulheres com a mesma confiança e tranquilidade dos homens. Todos pareciam ser viciados em trabalho, multimilionários que pareciam não saber como gastar suas fortunas e afirmavam não ter tempo para pensar na vida. A fortuna dos desajustados da *Microsoft* era maior que a dos velhos ricos. A *Apple* era uma das empresas que competia com a *Microsoft*, entre outras, e o seu recrutamento era feito na base da cobiça.

Sampson (1996) lembra que o retorno do capitalismo sem restrições já era anunciado pelos neoconservadores desde a metade da década de 1970. A grande reabilitação aconteceu com a eleição de Margaret Thatcher, em 1979, e Ronald Reagan, em 1980. “O capitalista foi reinterpretado como uma força vital heróica, aquele que trazia crescimento, inovações e riqueza para os outros, além de trazê-los para si mesmo” (Sampson, 1996, p. 200). Nessa conjuntura, o herói central era o investidor agressivo, defensor dos acionistas oprimidos, o *raider* (invasor). Os executivos ficaram subitamente vulneráveis aos *raiders* e aos políticos. No final dos anos 1980, os gerentes que tinham como referência a administração científica enfrentavam expurgos em quase todas as grandes empresas do ocidente. Choques sucessivos destruíram a confiança dos executivos ocidentais, eles tiveram de repensar seu papel na sociedade e suas teorias da administração. Com a rejeição da administração científica, floresceram todos os tipos de administração não científica, a própria palavra gerente desaparecia. Os gerentes que não se adaptavam as mudanças foram sendo demitidos. O novo gerente tinha interesse “em desenvolvimento espiritual, treinamento *new age*, pensamento intuitivo e criativo. A *IBM* tentou até ensinar seus funcionários rituais do *I Ching*” (Sampson, 1996, p. 303).

Sampson (1996) percebe que os defensores dos novos empresários buscavam justificativa na “sobrevivência dos mais aptos”, influenciados por Herbert Spencer e pelo darwinismo social. “O capitalismo adotava uma vez mais as metáforas da selva e do oceano – leões, águias ou tubarões perseguindo e devorando suas presas” (Sampson, 1996, p. 200). Todo o conceito de empresa socialmente responsável foi abalado pela pressão a favor dos lucros de curto prazo. Os empresários do final do século XX se apresentavam como parte de um grande objetivo social. Todos os pressupostos de responsabilidade coletiva dos executivos eram atacados na defesa do egoísmo implacável em um mundo altamente competitivo. Em benefício dos acionistas, os *raiders* buscavam liberar as empresas de gerentes enfatuados e forçá-los a se concentrar nos lucros. “Os rendimentos maiores para acionistas tinham de ser obtidos às custas de outros objetivos sociais das empresas” (Blair *apud* Sampson, 1996, p. 217). Os financistas não eram apoiados por empresas, “mas por firmas agressivas de advogados e bancos de investimento, que viam lucros imensos em ‘fusões e aquisições’ e tinham condições de perceber oportunidades com muito mais clareza que os executivos” (Sampson, 1996, p. 204). Os advogados se tornavam os bucaneiros da guerra empresarial, com uma impiedade comparada a uma guerra, eles cercavam as companhias visadas, usando equipes de economistas, relações públicas e detetives particulares. “Os *raiders* dos anos 80 foram pintados pelos meios de comunicação como heróis nacionais, libertando as empresas de suas burocracias excessivas. Até os mais precipitados jogadores foram transformados em financistas brilhantes” (Sampson, 1996, p. 212). No entanto, a atividade intensa de investimentos, fusões e aquisições de controle era observada com espanto crescente por japoneses e europeus. Eles viam consternados os *raiders* estimularem a cobiça de curto prazo dos acionistas contra os interesses de longo prazo das empresas e comunidades. As práticas dos *raiders* a favor dos lucros de curto prazo estiveram em larga medida confinadas aos Estados Unidos e à Grã-Bretanha, com os *raiders* as companhias foram transformadas em máquinas de fluxo de caixa sujeitas aos elementos mais cruéis de especulação da bolsa de valores (Sampson, 2016).

Sampson (1996) destaca que a insegurança social é inerente ao novo dinamismo industrial, ninguém pode se sentir completamente seguro. “Políticos conservadores estão imprensados entre duas ideologias: enquanto neoliberais, elogiam a competitividade e a desregulamentação, ao passo que enquanto conservadores tradicionais, deploram o declínio dos valores da família estável” (Sampson, 1996, p. 362). Dentro das empresas, o topo tem a concentração de poder e de dinheiro, o chefe tem mais poder com as reformas e cortes drásticos. O poder definitivo dos chefes sobre os executivos é exibido com seus salários. O

objetivo dos chefões era pertencer a uma elite de donos do capital se separando do resto dos executivos e da sociedade em geral. “Nos Estados Unidos, alguns chefões inescrupulosos puderam enriquecer sem qualquer controle eficaz” (Sampson, 1996, p. 370). A falta geral de responsabilidade social, nos anos 1990, foi revelada com os altíssimos aumentos de salários e gratificações dos chefes. As companhias maiores tendem a se parecer mais com monarquias e menos com repúblicas. “Alguns dos chefes começam a se parecer com os magnatas empresariais dos anos 30” (Sampson, 1996, p. 366). O surto de ambição individual está se tornando um problema político que afeta a competitividade das nações, a saúde de suas sociedades e ameaça aumentar a fenda entre empregadores e empregados, e os políticos social-democratas por não quererem ser atacados como anticapitalistas não tomam medidas necessárias. Nos Estados Unidos, homens de negócios republicanos se preocupam com a fragilidade dos sindicatos (Sampson, 1996).

Segundo Sampson (1996), diante dessa conjuntura, a necessidade de responsabilidade social com a sociedade se tornará uma questão explosiva no século XXI. Ao observarem os abusos no topo, os executivos estão começando a perceber a necessidade de suas empresas terem responsabilidade social até para garantir a sua própria continuidade e realização e a saúde do sistema capitalista. Sampson (1996) acredita que os executivos continuam sendo a chave para a produção e prosperidade, e a pressão mais eficaz contra o surto de ambição individual dos chefões deve vir dos executivos, isto é, dos gerentes.

Chesnais (1996) evidencia a contribuição de R. Pretrella para esclarecer sobre o capitalismo contemporâneo. R. Pretrella *apud* Chesnais (1996, p. 297) analisa que a “a mundialização da economia de mercado, privatizada, desregulamentada e liberalizada, está ‘liberando’ o capitalismo das regras, procedimentos e instituições que haviam permitido, à escala nacional, construir o ‘contrato social’”. Em função disso, o capitalismo da economia de mercado é contra o Estado previdenciário ou *Welfare State* e opera desconstruindo-o. A mundialização do capital derruba as formas tradicionais da economia do Estado Nacional, pois o capital-dinheiro se ergue com total impunidade diante do crescimento mundial. Os “Estados viram sua capacidade de intervenção reduzida a bem pouco, pela crise fiscal, e os fundamentos de suas instituições solapados a ponto de torná-los quase incapazes de impor qualquer coisa ao capital privado” (Chesnais, 1996, p. 301).

De acordo com Chesnais (1996), a acumulação fordista assegurou a estabilidade e expansão da acumulação capitalista durante vinte e cinco anos (aproximadamente de 1950 a 1975). Na fase da regulação fordista a acumulação do capital tinha como centralidade a economia do Estado Nacional, o seu bom funcionamento situa-se desde o fim da reconstrução

após a Segunda Guerra Mundial, até a morte do sistema de *Bretton Woods*. Durante essa fase, as multinacionais respeitavam formas da relação salarial fordista e colaboravam visando a certos objetivos da política econômica nacional, por motivo das relações políticas entre as classes sociais e o grau de soberania dos governos. O autor (1996) reconhece três séries de formas institucionais que assegurou a estabilidade e a expansão da acumulação fordista. A primeira, uma das dimensões centrais da acumulação capitalista foi ter feito do trabalho assalariado a forma predominante de inserção social e de acesso à renda, o nível de emprego assalariado era suficientemente alto e bem pago, com predominância das condições de estabilidade social e de fechamento macroeconômico fundamentado na produção de massa. A segunda, o ambiente monetário internacional era estável, marcado por instituições e mecanismos de criação de um grau significativo de subordinação das finanças às necessidades da indústria, com taxas de câmbio fixas entre moedas soberanas em seu mercado interno. “Mas o mais importante era a existência de Estados dotados de instituições suficientemente fortes para impor ao capital privado disposições de todo tipo e disciplinar o seu funcionamento”, essa é a terceira forma relacionada por Chesnais, 1996, p. 300. Para o autor (1996), todas essas relações e formas institucionais foram seriamente danificadas ou completamente destruídas. “Atualmente, em primeiro lugar, o modo de produção dominante mostra à luz do dia, de forma cotidiana, sua incapacidade de gerir a existência do trabalho assalariado como forma predominante de inserção social e de acesso à renda” (Chesnais, 1996, p. 300). No mesmo movimento, milhões de assalariados e jovens são condenados à marginalização e, por conseguinte, à decadência social (Chesnais, 1996).

Chesnais (1996) prefere usar a expressão “mundialização do capital” em substituição ao termo inglês “globalização”, que significa “a capacidade estratégica de todo grande grupo oligopolista, voltado para a produção manufatureira ou para as principais atividades de serviços, de adotar, por conta própria, um enfoque de conduta ‘globais’” (Chesnais, 1996, p. 17). Para o autor (1996), a mundialização do capital é uma nova configuração do capitalismo mundial e dos mecanismos que comandam seu desempenho e regulação. O autor entende que: “A palavra ‘mundial’ permite introduzir, com muito mais força que o termo ‘global’, a idéia de que, se a economia se mundializou, seria importante construir depressa instituições políticas mundiais capazes de dominar seu movimento” (Chesnais, 1996, p. 24), e os que regem os destinos do mundo não querem isso. Chesnais (1996) tem consciência da necessidade da construção de um pensamento e ação comuns daqueles que querem contribuir para outra forma de sociedade ou modificar a ordem atual de prioridades. Ele entende que uma solução duradoura não pode ser concebida no quadro de países isolados diante da

internacionalização do capitalismo da economia de mercado. Chesnais (1996) lembra que: “Tornou-se lugar comum ouvir, especialmente de figuras políticas e de jornalistas, que a mundialização já se tornou ‘irreversível’ e que não há alternativa a não ser adaptar-se a ela, para o bem ou para o mal” (Chesnais, 1996, p. 20). O autor (1996) entende que a persuasão da mídia provoca um condicionamento subjetivo dos habitantes do planeta.

Chesnais (1996) observa um novo sentido e conteúdo da acumulação do capital e dos seus resultados que apontam que o capitalismo parece ter triunfado e dominado todo o planeta, reproduzindo o “darwinismo social” na contemporaneidade. “O cenário do ‘cada um por si’ já está em ação” (Chesnais, 1996, p. 319). Os Estados nacionais continuam existindo com a mundialização do capital e com o capital financeiro pretendendo dominar o movimento do capital em sua totalidade, no entanto, esses processos acentuam a hierarquização entre os países e redesenham sua configuração. A hierarquização é intrínseca à polarização internacional que intensifica a desigualdade entre os países pertencentes ao oligopólio mundial e os países da periferia. A tendência é de marginalização desses países. Não existem interesses econômicos ou estratégicos quanto aos países em desenvolvimento. O capital tem interesse somente por partes do planeta e tem possibilidade de escolher os países e camadas sociais convenientes. “O fato de os Estados Unidos serem a fonte principal do parasitismo financeiro que está gangrenando o capitalismo mundial não os impede de imporem sua hegemonia por todos os meios ao seu alcance” (Chesnais, 1996, p. 19). A ingerência dos Estados Unidos aumentou por motivo de ele ter uma posição superior no plano do capital financeiro em relação ao industrial¹¹. “E atualmente, convém levar em conta que a dominação pelas finanças é particularmente adequada às características específicas, ‘selvagens’ do capitalismo americano, desde o século XIX” (Chesnais, 1996, p. 121). Os Estados Unidos impõem aos demais países, principalmente aos mais fracos, políticas de liberalização e desregulamentação, todas as regras do jogo calcadas nas necessidades do capital financeiro de características rentistas, por meio de seus posicionamentos no Fundo Monetário Internacional (FMI) e na Organização Mundial do Comércio (GATT). Conforme Chesnais (1996, p. 277): “a globalização financeira, pelo viés da supremacia dos mercados, está levando a um progressivo alinhamento de todos os sistemas ao modelo americano”. As instituições financeiras buscam rendimentos elevados e com liquidez a curto prazo (particularmente os

¹¹ Na observação que faremos considerando este livro de Chesnais, lembramos que ele foi publicado no Brasil em 1996. Neste livro Chesnais explica que o declínio da competitividade industrial americana, principalmente em relação ao Japão, ocorreu há dez anos. No entanto, o peso adquirido pelos mercados financeiros e a ‘financeirização’ acelerada dos circuitos econômicos e dos comportamentos das companhias industriais, modificou essa situação, tanto quanto ‘a queda do muro de Berlim’ e o desmoronamento da ex-União Soviética.

fundos de pensão), estão entre as que mais apresentam antagonismo às necessidades do capital produtivo e às condições de vida dos assalariados. O único propósito dos gestores dos fundos é fazer com que eles tenham o rendimento máximo, tais gestores não avaliam as consequências das suas operações para a intensificação da exploração dos assalariados, para o rebaixamento do nível salarial e a instauração da mais completa precariedade no trabalho. Chesnais (1996, p. 318), analisa que a economia mundial atual é muito menos marcada pelo capital orientado para o desenvolvimento das forças produtivas, ela carrega mais a marca da financeirização extremada e da dominação do capital rentista, “para não dizer capital de agiotagem, e de um número cada vez maior de operações gangrenadas pelas redes mafiosas”.

Chesnais (1996), explana que a destruição dos entraves e freios do capitalismo financeiro internacional e dos grandes grupos multinacionais¹² de maneira rápida e radical foi viabilizada com a intervenção política dos governos Thatcher e Reagan, com a conivência dos governos que não resistiram a eles, e com a implementação de políticas de desregulamentação, de privatização e de liberação do comércio. Por isso, a sua expansão e exploração dos recursos econômicos acontece onde lhes é conveniente. “Neste sistema, as instituições dominantes não são mais os bancos, e sim os mercados financeiros e as organizações financeiras que neles atuam” (Chesnais, 1996, p. 258). Por certo, com os novos fundos de pensão e fundos mútuos como novas formas de centralização e concentração capitalistas, os bancos parecem anões. Dessa perspectiva, o controle dos bancos centrais foi quase completamente perdido por motivo da liberalização e da desregulamentação. No movimento de mundialização do capital, a centralidade é a esfera financeira com operações com alto grau de mobilidade, com predomínio da defasagem entre as prioridades dos operadores e as necessidades mundiais. As instituições financeiras e os mercados financeiros são independentes das empresas de menores dimensões e dos Estados, que os deixaram adquirir essa posição e até mesmo os ajudaram. A ausência de controle da ação do capital concentrado foi favorecida pelos governos, que tiveram maior responsabilidade na criação de condições no campo monetário e financeiro, a começar pelos governos do Reino Unido e dos Estados Unidos. “A busca de lucros financeiros ditará então o caminho a seguir, quaisquer que sejam as consequências econômicas ou sociais últimas” (Chesnais, 1996, p. 261).

Chesnais (1996) assinala que o início da imbricação entre as dimensões produtiva e financeira da mundialização do capital foi no começo dos anos 1980. A estreita imbricação entre essas duas dimensões representa um elemento inerente ao funcionamento cotidiano dos

¹² Chesnais (1996) faz a observação de que se adotamos a terminologia do Centro, a empresa multinacional também é chamada de companhia multinacional ou transnacional.

grandes grupos do setor de manufatura ou serviços. Chesnais (1996, p. 275) explica que “os grupos industriais são, propriamente, grupos financeiros de predominância industrial”. Segundo Chesnais (1996), a esfera financeira não cria nada, é no setor produtivo que nasceram e continuam nascendo os capitais que se valorizam na esfera financeira. “A esfera financeira alimenta-se da riqueza criada pelo investimento e pela mobilização de uma força de trabalho de múltiplos níveis de qualificação” (Chesnais, 1996, p. 241). O autor (1996) observa que a distinção essencial do capital produtivo em relação ao capital-dinheiro é o seu engajamento em um movimento de valorização do capital onde a maximização da produtividade do trabalho é central, enquanto o capital-dinheiro é remunerado pelos juros e por todo tipo de lucros financeiros ligados ao movimento autônomo do capital monetário. Os grandes grupos industriais adquirem um duplo caráter com a sua financeirização cada vez mais acentuada. Por um lado, identificam-se sempre mais com as instituições estritamente financeiras, pela natureza financeiro-rentista de parte de seus rendimentos. Por outro, lado, são locais de valorização do capital produtivo, sob forma industrial. Mesmo estando essencialmente situados na esfera financeira, os grandes fundos anglo-saxônicos não se desinteressam da indústria.

Chesnais (1996) relata que a tecnologia é uma dimensão central da atuação internacional e um dos campos mais determinantes onde se entrelaçam as relações de cooperação e de concorrência entre rivais. As novas tecnologias funcionam como fator de intensificação da globalização financeira. A estratégia “tecno-financeira” é uma dimensão de valorização do rendimento do capital, é o resultado da evolução das atividades das companhias no exterior, passando da produção material para o fornecimento de serviços. Desde fins da década de 1970, a tecnologia é um fator de competitividade, muitas vezes decisivo, que afeta praticamente todo o sistema industrial. As transformações tecnológicas, econômicas e políticas foram radicais para o impulsionamento do capitalismo de mercado. As grandes companhias conseguem gerenciar melhor as economias de custos de transação, relativas à integração, e reduzir custos burocráticos associados a sua internacionalização, por meio da fusão das tecnologias de telecomunicações e de informática e o surgimento da telexinformática. “Os efeitos das mudanças tecnológicas recentes, em termos de destruição de postos de trabalho, muito acima dos novos empregos que cria, não podem ser dissociados da quase total mobilidade de ação que o capital recuperou” (Chesnais, 1996, p. 301). Tal mobilidade foi recuperada por motivo da liberalização do comércio internacional e da liberdade de estabelecimento e de remessa de lucros. “As legislações em torno do emprego do trabalho assalariado, que haviam sido estabelecidas graças às grandes lutas sociais e às

ameaças de revolução social, voaram pelos ares, e as ideologias neoliberais se impacientam de que ainda restem alguns cacos delas” (Chesnais, 1996, p. 42). Com a mobilidade do capital, os países são obrigados a alinharem suas legislações trabalhistas e de proteção social àquelas do Estado aonde a proteção for mais fraca (Chesnais, 1996).

Chesnais (1996) avalia que na década de 1980 os grupos que conseguiram criar bancos de empresa conseguiram dar um salto qualitativo, pois esses bancos não se prendem às práticas bancárias regulamentares. Os bancos de grupo foram constituídos com a transformação de firmas financeiras em bancos ou por meio das aquisições e fusões. “As operações próprias à esfera financeira dão origem a camadas da burguesia de caráter essencialmente rentista” (Chesnais, 1996, p. 290)

Ademais, o serviço da dívida pública é o segundo mecanismo de transferência de riqueza para a esfera financeira e origina a nova classe rentista que capta seus rendimentos por via fiscal. Os rentistas são credores do Estado, autorizados a tirar para si mesmos, quantias do montante de impostos. O capital rentista renasceu e o seu poder opressivo cresceu como em nenhum outro momento da história do capitalismo (Chesnais, 1996).

Chesnais (1996) considera que a humanidade tem de se conscientizar sobre as medidas de expropriação do capital e apoiar-se nas experiências do movimento social para uma elaboração coletiva. O autor reconhece que o poder do capital deixa pouca margem de manobra para soluções reformistas, especialmente com a força e a autonomia conquistadas pelo capital monetário como uma das formas assumidas pela mundialização.

Wood (2014) observa que muitos teóricos tentam explicar as especificidades do capitalismo contemporâneo com ênfase no esclarecimento das mudanças no seu interior, alguns enfatizam a financeirização do capital, outros as novas capacidades tecnológicas, especialmente a tecnologia da informação; também têm os que consideram o pós-fordismo ou a passagem do fordismo para a ‘acumulação flexível’. No entanto, ela discorda dessas explicações, embora compreenda que existam mudanças constantes no capitalismo, a centralidade da sua análise é a lógica específica do capitalismo. A autora procura analisar como o capitalismo criou seu próprio modo de dominação econômica por meio da imposição da dependência do mercado, constituindo um mundo imperialista cuja dinâmica ainda tentamos entender. Wood (2014) observa que os imperativos capitalistas e as novas formas de dominação econômica das maiores potências capitalistas tornaram-se universais, culminando na marginalização e empobrecimento das economias dependentes.

Wood (2014) recorda que os Estados Unidos saíram da Segunda Guerra Mundial como a maior potência militar e econômica e assumiram o comando de um novo

imperialismo. Eles “estabeleceram sua hegemonia econômica com o sistema Bretton Woods – e sua supremacia militar com as bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki” (Wood, 2014, p. 9). O colapso da União Soviética alterou profundamente a ordem global e significou no mínimo a remoção do último obstáculo às ambições globais norte-americanas. Embora Wood (2014) reconheça que nenhuma outra potência se aproxima dos Estados Unidos como força militar, ela pondera sobre a duração dessa situação, uma vez os custos do poder militar sofrem enormes pressões fiscais e, além disso, várias potências (a China em particular) desafiam a dominância econômica dos Estados Unidos. Com a sua posição militar os Estados Unidos buscam desencorajar as nações industriais avançadas a desafiar a sua liderança, tentam estabelecer hegemonia sobre um sistema global de Estados mais ou menos soberanos usando da sua esmagadora superioridade militar, controlando economias e Estados rivais sem precisar guerrear com eles.

“O que torna a dominação de classe, ou o imperialismo, especificamente capitalista é a predominância da coerção econômica, que se distingue da coerção ‘extraeconômica’ – política, militar ou judicial – direta” (Wood, 2014, p. 17). Wood (2014) nota que a coerção econômica é mantida pela força extraeconômica, sem o apoio dessa força o poder econômico do capital não pode existir, e a força extraeconômica é oferecida pelo Estado. Wood (2014) argumenta que hoje o Estado é essencial para o capital mesmo na sua forma global. Hoje existe a tentativa de consolidação da dominação norte-americana sobre o sistema de Estados múltiplos, os aliados são atraídos para a órbita hegemônica dos Estados Unidos por sua implicação em pactos e alianças, e submetidos a sua assustadora supremacia militar. O imperialismo econômico do capital exigiu uma nova doutrina de coerção extraeconômica como último recurso, especificamente militar, embora não seja fácil dimensionar a predominância da força militar no estabelecimento e na defesa do controle imperial sobre uma economia global. Os Estados Unidos como poder imperial “vem agindo com regularidade para se assegurar contra todo risco de perder o controle sobre o sistema global de Estados” (Wood, 2014, p. 117). Porém, tal controle é imprevisível, mesmo com a sua força militar é impossível uma imposição diária e em toda parte. Por isso, é criada a possibilidade de uma guerra sem fim. A guerra sem fim é total e infinita, embora não seja necessariamente contínua, ela é “indefinida em termos de duração, objetivos, meios e alcance espacial [...]. A nova ideologia da guerra sem fim responde às necessidades particulares do novo imperialismo” (Wood, 2014, p. 114). Vale salientar que nas aventuras imperiais uma motivação importante hoje, e antes, é também o controle das fontes de petróleo (Wood, 2014).

Wood (2014, p. 115) compreende que na economia globalizada de hoje o capital depende mais que nunca de um sistema de Estados locais, a autora afirma que: “quanto mais o capitalismo se torna universal, mais ele necessita de um sistema igualmente universal de Estados locais confiáveis”. Com efeito, o Estado territorial é mais envolvido na organização dos circuitos econômicos e ganha importância e permanência na dinâmica essencial do capitalismo. As condições indispensáveis de acumulação para o capital global são oferecidas pelo Estado, tanto nas economias imperiais quanto nas subordinadas. Segundo a autora (2014, p. 29), “o Estado-nação é o mais confiável fiador das condições necessárias para a acumulação”. O Estado territorial fornece a regulação minuciosa que o sistema capitalista requer ao dia a dia, a ordem jurídica e administrativa necessária para a sustentação dos poderes econômicos das classes apropriadoras, mesmo o sucesso desfrutado pelas empresas multinacionais na economia global depende do apoio indispensável do Estado. As empresas não são um poder em si mesmas, elas são um meio pelo qual os capitalistas organizam sua riqueza. A criação de Estados locais para conduzirem os imperativos capitalistas é uma importante estratégia do imperialismo capitalista. “Nem a imposição nem a ordem social diária exigidas pela acumulação de capital e pelas operações do mercado podem ser atingidas sem a ajuda dos poderes administrativos e coercivos, muito mais local e territorialmente limitados” (Wood, 2014, p. 116). A forma política da globalização é um sistema de múltiplos Estados locais estruturados em uma complexa relação de dominação e subordinação (Wood, 2014).

Wood (2014) percebe que o Estado se retirou das suas funções de bem-estar social e melhoria social com a globalização. Mas, mesmo com os sucessivos ataques do capitalismo neoliberal ao Estado de bem-estar, é necessária uma rede mínima de “segurança” de provisão social para a condição de sucesso econômico e estabilidade social nos países capitalistas avançados, desde os primeiros dias do capitalismo, isto não significa que o capital incentive deliberadamente as provisões sociais, para manter algo que se aproxime de uma provisão social decente os movimentos de oposição devem lutar constantemente. O capital global não tem condições de operar sem as funções sociais executadas pelos Estados-nações. “A globalização, que continuou a solapar as comunidades e redes sociais tradicionais, tornou a função estatal mais, e não menos, necessária à preservação do sistema capitalista” (Wood, 2014, p. 107). Quando não existe trabalho, a população sem propriedade nos meios de produção e sem outro meio de sobrevivência é mantida viva pelo Estado por meio das provisões sociais, para ficar disponível quando for necessária como força de trabalho para o capital (Wood, 2014).

De acordo com Wood (2014), a globalização não é a liberdade de comércio, com ela se dá o controle cuidadoso das condições de comércio de acordo com o interesse do capital imperial, embora o capitalismo seja movido pela concorrência, ele sempre precisa tentar evitar a concorrência. Sob o comando dos Estados Unidos, por meio do “Consenso de Washington”, do Fundo Monetário Internacional (FMI), do Banco Mundial (BM), entre outras instituições supranacionais, são exigidos ajustes estruturais e outras diversas medidas às economias em desenvolvimento para torná-las vulneráveis às suas pressões, por exemplo, os empréstimos para reestruturar as economias receptoras são criados para torná-las suscetíveis a pressões econômicas. “O imperialismo capitalista exerce seu domínio por meios econômicos, pela manipulação das forças do mercado, inclusive a arma da dívida” (Wood, 2014, p. 23). Os modos econômicos de exploração do capitalismo mercantilizam todas as relações sociais e todos os aspectos da vida. No entanto, Wood (2014) vislumbra a possibilidade da contribuição significativa de lutas populares pela constituição de Estados verdadeiramente democráticos e por uma transformação do equilíbrio das forças de classe no Estado, em um mundo de intensificação das disparidades entre ricos e pobres. A autora (2014) observa que a solidariedade internacional entre essas lutas nacionais democráticas pode apresentar um desafio jamais visto ao poder imperial.

George (2015) em seu livro intitulado “*Los usurpadores: cómo las empresas transnacionales toman el poder*”, analisa como as corporações transnacionais trabalham para favorecer os seus interesses, por meio de *lobbies* ou comitês obscuros de especialistas, também formam suas próprias organizações internacionais para intervir em assuntos mundiais. A autora (2015) verifica que o poder das corporações transnacionais se baseia na ideologia neoliberal, que ela considera uma regressão por ser uma nova ideologia do egoísmo, da crueldade e da desumanidade, que provoca uma terrível concentração de riqueza e de poder a favor dos indivíduos, das classes e das corporações mais ricas e poderosas. George (2015) constata que nos Estados Unidos, os neoliberais estão desenvolvendo um intenso ataque contra o Estado de bem-estar e o modelo social europeu, com a finalidade de eliminar todos os direitos obtidos pelos trabalhadores nas últimas seis ou sete décadas. A autora (2015) considera que embora o Estado de bem-estar não fosse perfeito, era sem dúvida o melhor que o Ocidente viu em sua história. George entende que a democracia se encontra em sério risco de sucumbir à enfermidade da ideologia neoliberal. Para a autora (2015) os neoliberais são também “*teo-liberales*”, pois ainda que todos os dados estatísticos demonstrem que as pessoas estão em condição cada vez pior por motivo das suas políticas, continuam disseminando com êxito as suas ideias. Eles ampliam sua metáfora religiosa como querem, os sacerdotes dessa

doutrina se localizam em Bruxelas, os missionários itinerantes em Davos, os teólogos e escritores de sermões nos *think-tanks* (laboratórios de ideias) da direita mais conservadora, seus facilitadores em inúmeros ministérios governamentais, seus praticantes nos conselhos das grandes empresas etc.

George (2015, p. 25) ressalta que: “Las corporaciones transnacionales representan la práctica neoliberal en su más pura expresión”. Elas são geralmente de um mesmo país, assim como seus diretores gerais, operadores financeiros, entre outros. Seus executivos não se interessam pelo destino de nenhum país em que as corporações têm instalações, se tiverem de aumentar benefícios não têm nenhuma dúvida quanto ao fechamento das fábricas e a demissão dos trabalhadores. Conforme George (2015), as corporações transnacionais querem a desregulação e estarem livres da vigilância governamental o máximo possível, e estão se empenhando para isso. Não querem sindicatos e querem se apoderar dos serviços públicos.

George (2015) argumenta que o comportamento corporativo mais agressivo e perigoso é a absorção dos governos e a eliminação das proteções básicas da cidadania, por meio dos acordos de livre comércio. Ela observa um movimento amplo de pessoas que não foram eleitas incidindo nas decisões governamentais e opondo-se a democracia com a promoção de valores e doutrinas neoliberais. A autora (2015) percebe que as funções de governo legítimo estão sendo paulatinamente e constantemente assumidas por agentes de organizações ilegítimas, eles estão assumindo funções que antes eram exclusivas de funcionários das burocracias estatais. Os executivos das corporações transnacionais estão tentando eliminar qualquer regulação do Estado, muitos deles ou seus aliados se infiltram nas funções estatais, tanto executivas e legislativas como judiciais. A autora (2015) menciona o funcionamento de um golpe de estado empresarial de dimensão internacional, os senhores das corporações estão adentrando os governos com o objetivo de defender seus interesses comerciais, seu poder e seus benefícios contra o bem comum.

Em julho de 2013 foram iniciadas as negociações sobre o “Acuerdo Transatlántico para el Comercio y la Inversión (conocido por el acrónimo en inglés TTIP)” (George, 2015, p. 32). Esse acordo estabelece grande parte das regras que regem cerca de quarenta por cento do Produto Interno Bruto (PIB) mundial – Estados Unidos e Europa – e estava em preparação desde 1995 sob a liderança das mais importantes corporações transnacionais de ambas as margens do Atlântico. Seus capítulos asseguram poderes sem precedentes às corporações para a nomeação de cargos legais contra os governos nos tribunais de arbitragem privados, especialmente se a empresa considera que seus benefícios estão ameaçados por uma decisão governamental. O poder executivo europeu está cooperando com as corporações

transnacionais para eliminar qualquer regulação. “El Foro Económico Mundial, o Foro de Davos” (George, 2015, p. 32), está desenvolvendo um plano contra a má gestão dos governos ou instituições intergovernamentais, desde as finanças à legislação do mar. A visão do Foro de Davos é a de que muitas áreas do governo deveriam ser ocupadas por competentes organismos do setor de negócios. Cerca de oitenta e cinco por cento dos participantes de Davos pertence às corporações e bancos, o resto é de políticos, sindicalistas e pessoas de Organizações Não Governamentais (ONG) não conflitivas (George, 2015).

Os governos são considerados apêndices dos negócios dos especuladores e banqueiros. O governo estadunidense é um simples apêndice dos negócios. Os Estados Unidos podem ser o campo do jogo do *lobbing* planetária. Os bancos desejam denominar a si mesmos de corporações de serviços financeiros. Os bancos e fundos estão gastando em *lobbies*. Os lobistas financeiros fazem um trabalho de lavagem cerebral junto aos legisladores, seu trabalho é proteger as ganâncias dos setores privados. Os *lobbies* podem regular os governos, o golpe recai sobre os governos e os contribuintes. Estimativas informais revelam que existem entre dez e quinze mil lobistas em permanente contato com parlamentares da União Europeia. Em meados de 2013, segundo uma fonte da biblioteca do Parlamento Europeu, havia o registro de cinco mil e setecentas organizações de *lobbys* pertencentes a diversas categorias, tais como, consultorias e profissionais de negócios, *think-tanks* (laboratórios de ideias), institutos de investigação, ONG, organizações públicas que representam interesses locais regionais, municipais ou mistos e organizações religiosas. Existem também lobistas individuais que trabalham para empresas específicas (George, 2015).

George (2015) nota que as corporações transnacionais estão trabalhando na direção de determinar as políticas governamentais e redigir a legislação em função dos seus interesses. Elas podem exigir dos governos medidas que não prejudicam as suas ganâncias presentes ou futuras, mas não existe reciprocidade, os governos não podem responsabilizar as corporações por danos ao meio ambiente a saúde pública, entre outros. Tais corporações compreendem que: “En los negocios es inteligente estar del lado correcto de la ley, pero más inteligente aún es hacer tú mismo las leyes, así puedes estar del lado que más te agrada” (George, 2015, p. 83). As corporações transnacionais estão obtendo não somente o consentimento dos governos, mas também sua entusiasmada cooperação. “Tanto las corporaciones como los gobiernos parecen considerar el ‘consentimiento de los gobernados’” (George, 2015, p. 102). As disputas nos tribunais revelam que juízes e advogados corruptos trabalham em uma trama para favorecer o setor privado em detrimento do Estado, tendem a defender os direitos privados contra os

direitos públicos favorecendo as corporações. As corporações transnacionais são hoje a força coletiva mais poderosa do mundo, sobrepondo-se aos governos (George, 2015).

George (2015) explica que desde o ano 2000 várias agências especializadas da Organização das Nações Unidas (ONU) estabeleceram suas próprias alianças com o setor privado utilizando suas próprias pautas. Desde as primeiras iniciativas, a presença empresarial dentro das Nações Unidas não tem deixado de crescer e ramificar-se, especialmente quanto ao Programa da ONU para o Meio Ambiente, com encontros conjuntos entre empresas e governos. “Las transnacionales se han asegurado un papel prácticamente oficial en las negociaciones de la ONU sobre el clima” (George, 2015, p. 175). As Nações Unidas parecem afrontar os cidadãos para resolver os problemas do mundo, sejam econômicos ou climáticos, mas nas conferências sobre o meio ambiente não admitem que as empresas podem estar contribuindo para a extinção do planeta, nunca uma empresa é sancionada, não importa o que ela faça (George, 2015).

George (2015) critica que os usurpadores que se ocupam dos negócios do mundo trabalham para criar o mundo à sua imagem, eles se infiltram nas Nações Unidas, em Davos, decidem o conteúdo dos tratados comerciais estratégicos. Eles são: “Lobistas al servicio de una empresa o de un sector industrial, ejecutivos de empresas transnacionales, cuya cifra de negocios es superior a la suma del PIB de varios países en los que operan, instancias quasi estatales” (George, 2015).

George (2015) compreende que necessitamos urgentemente de leis impositivas que impeçam que as corporações destruam a democracia, os direitos humanos e a nossa própria vida. Ela reconhece que o conhecimento é sempre o primeiro e indispensável antídoto quando nos sentimos manipulados e impotentes, sem o conhecimento nada podemos fazer, porém a autora afirma que o conhecimento é somente o primeiro passo, mas não é suficiente. Ela se define como uma “trabalhadora do conhecimento” e como uma acadêmica pública e ativista. Ela argumenta que o acadêmico-ativista utiliza o conhecimento para estabelecer movimentos sociais e apoiar campanhas de um número considerável de pessoas que clamam por mudanças, trocam ideias, pensam, atuam e se amam, reafirmando e construindo a democracia.

Fontana (2013) reconhece o período de 1948 a 1973 como a idade de ouro do capitalismo no que se refere à correlação de forças entre capital e trabalho que originou o Estado de bem-estar social. O autor (2013) compreende que foi constituída uma política que prometia um futuro de avanço continuado da liberdade e da igualdade, por motivo do temor às revoluções populares, ao socialismo e ao comunismo. Fontana (2013, p. 8) tem claro que: “Ni las libertades políticas ni las mejoras económicas se consiguieron por una concesión de los

grupos dominantes, sino que se obtuvieron a costa de revueltas y revoluciones”. O autor (2013) entende que os direitos conquistados pelos trabalhadores resultam de muitas lutas coletivas. Devido às lutas dos trabalhadores nos países desenvolvidos economicamente, o período de 1945 a 1975 foi uma época de conciliação, baseada em um contrato social entre capital, trabalho e na constituição do Estado de bem-estar social. Conforme Fontana (2013, p. 9): “sin la fuerza negociadora de los sindicatos, nunca hubiera habido ‘estado del bienestar’”. Com esse Estado seguiram três décadas de relativa estabilidade econômica e social, desde o fim dos anos quarenta ao início dos anos setenta. No referido período, a desigualdade foi consideravelmente reduzida, os salários dos trabalhadores cresceram no mesmo ritmo da produtividade e, por conseguinte, havia demanda de bens de consumo por parte dos trabalhadores, o que convertia para o aumento da produção (Fontana, 2013).

Segundo o autor (2013), essa conjuntura se inverteu a partir dos anos setenta, e a mudança foi justificada pela crise do petróleo. A diminuição da produção industrial foi a primeira consequência, seguida do desemprego de milhões de trabalhadores. Na Europa, a mobilização dos sindicatos em defesa dos direitos dos trabalhadores conseguiu atrasar por uma década as mudanças que aconteciam nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha. Nesses países os empresários eram tutelados por Ronald Reagan e Margareth Thatcher, e iniciaram uma política de lutas contra os sindicatos, de desgaste do Estado de bem-estar social e limitação do papel dos governos no controle da economia. A posição era a de que: “No era necesario seguir pactando: había llegado la hora de restablecer la plena autoridad del pátron, como em los primeros tempos de la industrialización, cuando no había limites para horas de trabajo exigidas, ni se negociaba por los salários”, observa Fontana, 2013, p. 13). Com efeito, foi iniciado o processo em vigência na atualidade que expõe a intensificação do enriquecimento dos mais ricos e empobrecimento de todos os demais. Um dos principais objetivos do assalto aos direitos sociais é o que se refere ao sistema de pensões, com o enfraquecimento do poder dos sindicatos os trabalhadores são deixados nas mãos dos bancos e dos sistemas privados. O objetivo é destruir o Estado de bem-estar social e converter seus sistemas de proteção em oportunidade de negócio para os bancos (Fontana, 2013).

Nessa conjuntura, como nota Fontana (2013), os empresários controlam a política com o objetivo de bloquear leis que aumentam os seus custos, não somente no que se refere aos salários e aos direitos dos trabalhadores, mas quanto ao controle da poluição e à mudança climática. Os políticos se encarregam de reduzir sistematicamente os seus impostos. A crise econômica de 2007-2008, por exemplo, foi provocada por um processo de desregulação da atividade empresarial, por políticos que eliminaram leis que controlavam a especulação

financeira, para favorecer os interesses dos mais ricos e das grandes empresas, durante a presidência de Clinton. Conseqüentemente, os bancos foram recapitalizados com dinheiro público e o Estado assumiu os custos de proteção das empresas financeiras e cortou os impostos dos mais ricos, com o pretexto sem procedência de que eles contribuiriam para reativar a economia.

Fontana (2013) explica que a compra de políticos não se limita às doações para as eleições, mas inclui centenas de milhões que os lobistas gastam por ano para atender aos políticos e altos funcionários. Além disso, são proporcionados a congressistas e senadores viagens em aviões privados para torneios de golfe, comida grátis nos melhores restaurantes e entradas para concertos e acontecimentos desportivos com direito a convidar amigos e partidários. “Hay además otras formas de enriquecimiento de los políticos que les empujan a una complicidad solidaria con las empresas, como el uso de información privilegiada em beneficio de su cartera de acciones” (Fontana, 2013, p. 35). Os políticos se beneficiam de compensações ainda maiores quando deixam seus cargos e são contratados e/ou recebem benefícios milionários das empresas (Fontana, 2013).

Fontana (2013) ressalta que uma grande parte da corrupção da política pelos empresários tem relação com a insensatez de dirigentes políticos que concordam com a doutrina da austeridade fiscal com o argumento de que este é o caminho para restabelecer a confiança e conseguir o investimento dos empreendedores, quando está claro que esses somente investem quando existe a possibilidade de satisfazer a sua ganância. Fontana (2013, p. 18) considera que a crise social do começo do século XXI não pode ser reduzida às conseqüências da crise financeira e não tem somente causas econômicas, “sino a un proyecto social que ha comenzado por la privatización de la política y aspira a conseguir la privatización entera del propio estado”. Tal projeto ameaça não somente a continuidade dos serviços sociais que foi proporcionada pelo Estado de bem-estar social, mas põe em perigo o próprio Estado democrático e a sociedade civil que o sustenta. “Gracias a la privatización de la política las empresas consiguen que se aprueben leys en todas las materias que les favorecen, desde las que tienen como objeto debilitar a los sindicatos, hasta las contrarias a la educación pública” (Fontana, 2013, p. 36). O autor (2013) afirma que o benefício mais importante obtido é a diminuição dos impostos junto ao Estado. “Resulta revelador el entusiasmo con que los políticos patrocinan proyectos de recorte de impuestos para los más ricos que amenazan con dejar al estado sin recursos para gobernar” (Fontana, 2013, p. 38).

Conforme Fontana (2013) as políticas de austeridade não têm como objetivo somente cortar gastos sociais para favorecer a diminuição de cargas fiscais das empresas e dos

empresários, mas também privatizar os serviços que estão se convertendo em negócios vantajosos para a iniciativa privada, tais como, trens, hospitais, escolas, entre outros, “que el próprio estado ha permitido que se desmejoren para justificar su privatización” (Fontana, 2013, p. 43). Quanto à educação pública, existe uma campanha de ataque com investimento de milhões de dólares de empresários como Bill Gates (da *Microsoft*), Walton (do *Wal-Mart*) y Broad (da *Sun Life*), que esteve dirigida em primeiro lugar ao controle dos conteúdos do ensino, porém pretendem muito mais, o objetivo é destruir as escolas públicas, demonstrando que são ineficientes. Os argumentos usados são de que na escola privada os profissionais são contratados, controlados e eventualmente demitidos pelos diretores, além de existir a garantia de que o que ensinam pode ser vigiado. Quanto às universidades, muitos estudantes e seus pais não conseguem pagar as dívidas e as empresas perseguem os devedores. “Se calcula que cerca de la quinta parte (un 19 por ciento) de los hogares norteamericanos tienen deudas de este tipo” (Fontana, 2013, p. 46).

Fontana (2013) considera que a privatização das prisões é uma das mais perversas. “La privatización de las cárceles se há convertido en una actividad muy rentable, a la que se dedican empresas que cotizan en bolsa [...]. Estas empresas piden que las cárceles se mantengan llenas en un 90 por ciento para garantizar sus beneficios” (Fontana, 2013, p. 53). O encarceramento nos Estados Unidos é ascendente e chegou ao extremo. No Mississippi, “muchos niños, en especial negros, hispanos y minusválidos, ‘han sido detenidos sistemáticamente, acusados de cometer faltas menores, incluyendo infracciones en la disciplina de la escuela [...] son arrestados por la policía” (Fontana, 2013, p. 50). Na California, a condenação à prisão perpétua ocorre na terceira detenção por roubo de um pedaço de pizza. O mais preocupante é o encarceramento sistemático de pobres pela dificuldade de pagar um número crescente de multas e outras penalizações econômicas. “El juez federal Mark W. Bennett publicó en octubre de 2012 una estremecedora denuncia de una situación que le había obligado a enviar a más de un millar de seres humanos a las cárceles federales por delitos de poca monta” (Fontana, 2013, p. 51). Os Estados Unidos investem em cada preso mais que o dobro do que gastam por cada estudante na educação pública. A prática de vigilância e repressão que atinge os *campus* universitários é justificada como uma luta contra o radicalismo e o extremismo. O resultado são universidades repressivas, o que corresponde ao retrocesso da liberdade de expressão nas universidades (Fontana, 2013).

Fontana (2013) entende que a formação da consciência dos seres humanos depende em grande medida da sua capacidade de compreensão da realidade em que vivem, e a esquerda não dispõe de meios de comunicação que podem contribuir para um modo crítico de

pensamento. As pessoas nem sempre pensam conscientemente e se encontram hoje condicionados por uma informação que recebem dos meios de comunicação de massa que proporcionam entretenimento cotidiano, e se dedicam a difundir uma visão conformista, tal como convém aos interesses dos seus proprietários. “La derecha ha aprendido a usar estos medios para repetir incansablemente tópicos simplistas y metáforas engañosas que se inculcan como verdades de sentido común” (Fontana, 2013, p. 20). O segredo da aceitação de muitos políticos é o bombardeio sistemático de insensatez por meio do discurso político, a divulgação de mentiras nos meios de comunicação mais influentes. “A facilitar el triunfo de los intereses empresariales contribuyen también las campañas para limitar el acceso al voto de amplias capas de la población que se consideran poco afines a sus principios: jóvenes, minorías étnicas, pobres” (Fontana, 2013, p. 31).

Fontana (2013) constata que estamos em um período de regressão que revela que as conquistas sociais que obtivemos em dois séculos de lutas coletivas não estão asseguradas como acreditávamos. Para o autor (2013) temos de construir novos métodos, pois as classes dominantes aprenderam a neutralizar os que usávamos. A grande lição que ele tira dessa experiência é que não se consegue nenhum avanço social sem luta e que uma confrontação somente pode ter êxito quando se baseia na consciência coletiva de que não é legal resignar-se em uma situação injusta. O autor afirma que nestas circunstâncias o papel que o historiador deveria assumir é ajudar a denunciar a mentira de análises traidoras que pretendem incitar a resignação.

Pilger (2004) denuncia a predominância de um silêncio na contemporaneidade que protege as mais altas esferas do poder e suas manipulações. Ele considera que é provável que nunca antes se tenha feito tamanho silêncio. O autor (2004) observa que os “que dispõem de recursos sem precedentes para compreender esta problemática, entre eles tantos professores e pesquisadores das grandes universidades, omitem publicamente este conhecimento” (Pilger, 2004, p. 13). Em função disso, Pilger (2004) salienta que o silêncio desses faz com que os governos os tornem irrelevantes e cancelem verbas, além de menosprezar conhecimentos sobre a maneira como o mundo funciona. Nesse sentido, os departamentos humanísticos estão quase moribundos. Em sua apreciação sobre essa situação o autor cita Martin Luther King: “Chega um momento em que calar-se significa trair. E este momento chegou” (Pilger, 2004, p. 191). O autor indaga: “Quando os professores universitários calam a voz de seu próprio conhecimento, para quem pode voltar-se o público?” (Pilger, 2004, p. 189). Conforme o autor (2004), os mitos tomam o lugar das grandes verdades quando elas são omitidas, e quanto à natureza e a configuração do poder o público é mantido na ignorância.

Para Pilger (2004), o objetivo das altas esferas de poder é a supremacia global e, para tanto, aumentam o controle social e a repressão do Estado. Após os atentados de onze de setembro de 2001, principalmente, a democracia social foi destruída e reduzida a um ritual eleitoral, partidos indistintos uns dos outros competem pela gestão de um Estado de ideologia única. O autor (2004) considera que os conglomerados de comunicações, proprietários de meios impressos e redes de televisão, editoras, produtoras de filmes e bancos de dados tem poderes nunca vistos antes, eles se mostram mais capazes do que nunca de penetrar qualquer sociedade em todas as partes do mundo, e são fundamentais para a constituição do que ele denomina de “Estado empresarial”. Eles constroem um mundo fora do alcance da visão, no qual não existe a globalização da pobreza e o extermínio de milhões de pessoas. O autor (2004, p. 166) observa que “certas vidas humanas têm importância para a mídia, ao passo que outras são descartáveis. O assassinato dos ‘nossos’ é considerado crime; o resto não é gente”. Além disso, a Organização Mundial do Comércio é dominada pelos Estados Unidos, Europa, Canadá e Japão que junto com Banco Mundial, FMI e o Tesouro americano, controlam os mais ínfimos aspectos das políticas governamentais dos países em desenvolvimento.

Pilger (2004) analisa que os militantes contrários à globalização estão equivocados por compreenderem que são as grandes corporações transnacionais, majoritariamente as americanas, que dominam o comércio mundial e que o poder corporativo transnacional tomou o poder do Estado. Pilger (2004) cita a contribuição de um economista russo dissidente Boris Kagarlitsky, segundo o qual, “globalização não significa impotência do Estado, mas a rejeição pelo Estado de suas funções sociais, em favor de funções repressivas, e o fim das liberdades democráticas” (Pilger, 2004, p. 15). Os Estados social-democratas têm renunciado progressivamente a suas “funções sociais” desde Thatcher e Reagan na década de 1980. Conforme Pilger (2004), o Estado constrói as condições e os privilégios que protegem os mercados ocidentais. O autor (2004, p. 139) observa a incorporação dos estados-nações à “nova ordem”, o seu controle pelos interesses econômicos “ditados pelos bancos e corporações internacionais e pelas elites governantes preocupadas com a preservação (através da guerra e da manipulação) de seu poder”. Pilger (2004) examina que as ações dos políticos das democracias ocidentais são semelhantes às dos tiranos criminosos, em termos de causas e efeitos. Para ele, “a diferença crucial é a distância do cenário da carnificina, e a disseminação de uma propaganda insidiosa sustentando que um crime deixa de ser crime quando ‘nós’ o cometemos” (Pilger, 2004, p. 19).

Harvey (2011) explica que no fim da época medieval na Europa a acumulação original do capital se fundamentou em violência, depredação, furto, fraude e roubo. Esses meios extra-

legais eram usados por piratas, padres, comerciantes e usurários para reunir “poder de dinheiro” inicial para começar a circular o dinheiro sob a forma de capital. Nos estágios iniciais o capital era agrário, comerciante, fundiário e, por vezes, mercantilista de Estado. “Foi só quando os capitalistas aprenderam a circular o capital através da produção empregando trabalho assalariado que o crescimento composto pôde começar, aproximadamente após 1750” (Harvey, 2011, p. 47). O poder do dinheiro foi usado pela burguesia em ascensão para influenciar e reconstituir as formas do Estado, assumindo influência dominante sobre as instituições militares, administrativas e sistemas jurídicos, “o poder do dinheiro exercido por poucos prejudica todas as formas de governança democrática” (Harvey, 2011, p. 179).

Harvey (2011) lembra que o surgimento do Estado moderno corresponde ao surgimento do capitalismo e a formação do Estado tem sido parte integrante do desenvolvimento capitalista, e especialmente no período de 1870 a 1925, as principais potências capitalistas dividiram grande parte da superfície da Terra em áreas coloniais e imperiais e elas continuam formando a base territorial do poder político organizado no mundo. Harvey (2011) assinala que quanto mais a acumulação do capital é capturada dentro das fronteiras do Estado, mais rico ele se torna.

Harvey (2011) relata que o nexo Estado-finanças surgiu por meio do aumento da dívida pública (principalmente para financiar guerras), funciona como o sistema nervoso central da acumulação do capital, tal nexo “tem todas as características de uma instituição feudal, repleta de intrigas e passagens secretas, exercendo um poder estranho e totalmente antidemocrático, não apenas como o capital circula e se acumula, mas sobre quase todos os aspectos da vida social” (Harvey, 2011, p. 52). No entanto, o sistema financeiro e o nexo Estado-finanças podem fracassar como aconteceu em 1929 e 2008, e não são medidos esforços para ressuscitá-lo quando a sobrevivência do capitalismo é ameaçada. Assim como o nexo Estado-finanças desempenha um papel fundamental no desenvolvimento capitalista, surge também um nexo Estado-corporações “em torno das questões de pesquisa e desenvolvimento em setores da economia considerados de importância estratégica (e não apenas militar) para o Estado. A segurança torna-se um grande negócio” (Harvey, 2011, p. 81). O “estado fiscal militar” foi uma forma distintamente capitalista do poder estatal e a ascensão do capitalismo esteve associada à ascensão dessa forma. “Uma variedade de nexos Estado-Finanças e Estado-corporações surgiu dentro do espaço da expansão global do desenvolvimento capitalista. A concorrência entre eles, por vezes feroz e bélica, generalizou-se em todo o sistema dos Estados que então surgia” (Harvey, 2011, p. 166).

Harvey (2011) analisa que a classe capitalista procura comandar o aparato estatal para que este atenda aos seus interesses, por exemplo, “o uso do poder estatal para transcender a barreira da organização do trabalho tem sido muito efetivo desde meados da década de 1970 em muitas partes do mundo” (Harvey, 2011, p. 60). O Estado pode facilitar a mobilidade do capital criando condições de negócio mais vantajosas, flexibilizando legislações trabalhistas, enfraquecendo a organização da classe trabalhadora e reduzindo impostos.

Harvey (2011) menciona a existências de estruturas de governança “nas quais a gestão do Estado para a criação do capital e dos fluxos monetários torna-se parte integrante, e não separável, da circulação do capital”. Para o autor (2011), a relação inversa se sustenta com impostos ou empréstimos fluindo para os cofres do Estado e com funções do Estado se monetarizando, mercantilizando e privatizando. O autor (2011) relata que nos últimos tempos os grupos privados de capital adquirem empresas públicas tiram-lhe ativos e demitem funcionários e depois as vendem de volta para o domínio público com lucro substancial. Além disso, com a regulação estatal pesada para as pequenas empresas, elas são abatidas pelas grandes empresas, que são favorecidas frequentemente com a ajuda de mecanismos de crédito. “Dá-se a uma classe privilegiada de financistas um poder social imenso em potencial em relação aos produtores, comerciantes, proprietários, desenvolvedores, trabalhadores assalariados e consumidores” (Harvey, 2011, p. 50). Harvey (2021), lembra que toda a circulação do capital é especulativa. “O capitalismo está fundado, tanto em termos de ideologias dominantes quanto nas práticas necessárias, sobre as liberdades individuais e as liberdades de participar de atividades especulativas para fazer dinheiro” (Harvey, 2011, p. 132).

Conforme Harvey (2011), um dos princípios básicos pragmáticos do neoliberalismo surgiu a partir da crise fiscal da cidade de Nova York de meados da década de 1970, por exemplo, o de que o Estado deve proteger as instituições financeiras a todo custo, a política é salvar os bancos e colocar os sacrifícios nas pessoas, privatizar os lucros e socializar os riscos. “O efeito tem sido passar o peso da crise dos bancos para a dívida estatal” (Harvey, 2011, p. 212), os bancos são resgatados e os custos são repassados ao povo. Dessa maneira, as práticas efetivas do neoliberalismo sempre implicaram claro apoio ao capital financeiro e às elites capitalistas. A partir de meados da década de 1970 ocorreu uma onda de financeirização de estilo predatório. A aliança entre os poderes do Estado e as instituições financeiras foi uma solução local pioneira na virada ideológica e política neoliberal, e foi implementada em todo o mundo na luta para perpetuar e consolidar o poder da classe capitalista. “A receita era simples: esmagar o poder da classe trabalhadora, dar início ao arrocho salarial, deixando o

mercado fazer seu trabalho e, ao mesmo tempo, colocando o poder do Estado a serviço do capital, em geral, e do investimento financeiro, em particular” (Harvey, 2011, p. 141). No capitalismo neoliberal, a classe capitalista promove um assalto ao Estado de bem-estar social das massas para preservar e valorizar a riqueza dos que já são ricos, por meio de uma política de austeridade. Com essa política os custos da reprodução social são personalizados, a população é responsabilizada a buscar maneiras de adquirir e pagar por serviços, tais como, assistência a crianças, doentes, idosos, educação e saúde (Harvey, 2011).

Com efeito, o movimento neoliberal constitui uma agressão ideológica sobre o que o Estado dever ser, considera Harvey (2011), tal movimento provocou mudanças patrocinadas pelo Estado na vida diária e na dinâmica da acumulação do capital. O caráter progressista de redistribuição das funções do Estado foi destruído. O Estado promoveu, na vida diária, o individualismo e uma ética de responsabilidade pessoal em um contexto de diminuição das assistências sociais estatais que culminou no rápido aumento da desigualdade social. “Apenas agora em que o Estado entra em cena para socorrer os financistas ficou claro para todos que Estado e capital estão mais ligados um ao outro do que nunca, tanto institucional quanto pessoalmente” (Harvey, 2011, p. 178). Para Harvey (2011), o Estado e o capital são os dois principais agentes sistêmicos no nosso tempo, e o agente fundamental da dinâmica do capitalismo global é o Estado.

Harvey (2011) analisa que a integração dos mercados financeiros em âmbito global e nacional foi vital para os bancos operarem além das fronteiras. A busca do regime regulatório mais relaxado é imprescindível para o negócio lucrativo, “negócios não regulamentados e informais permitem todos os tipos de inovação financeira e práticas nebulosas que, no entanto, geram um monte de dinheiro” (Harvey, 2011, p. 29), e o Banco Mundial apoia tais práticas por melhorarem seu valor de mercado. A ausência de limites ou barreiras possibilita o reinvestimento com a finalidade de continuar a ser um capitalista o que impulsiona a expansão do capitalismo a uma taxa composta. A proteção da acumulação do capital e a orientação dos fluxos de capital são desempenhadas cada vez mais por organizações como o Fundo Monetário Internacional, a Organização Mundial do Comércio, o Banco Mundial, O Banco de Compensações internacionais e a coordenação nas relações entre as potências (o G8, que agora se expandiu para o G20). Além disso, a formação de blocos de poder supraestatais, como por exemplo a União Europeia, o Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (Nafta), o Mercado Comum do Sul (Mercosul), consolidam uma tendência de definir unidades territoriais acima e além do Estado-nação.

De acordo com Harvey (2011), os Estados Unidos controlam o capitalismo global na condição de acionista-chefe, e orientam as políticas globais por meio do Banco Mundial e do FMI, para a construção de uma ordem internacional aberta ao comércio e ao desenvolvimento econômico, considerando a contínua e rápida expansão da acumulação do capital. “Os Estados Unidos vêm há muitos anos exercendo inegavelmente a liderança da parte do mundo dedicada à acumulação interminável do capital, tendo por conseguinte disseminado amplamente suas maneiras de fazer negócios” (Harvey, 2014, p. 43). Com a globalização os Estados Unidos universalizam seus próprios valores, nos assuntos externos se apresentam como defensor da liberdade em termos de livres mercados e dos direitos à propriedade privada, eles protegem e estimulam as classes proprietárias ou as elites políticas/militares economicamente e militarmente em qualquer país, e essas classes e elites assumem uma política pró-americana nos seus países. Os Estados Unidos afirmaram a sua hegemonia por meio das finanças ao serem ameaçados no campo da produção. Nessa nova fase da hegemonia norte-americana o capital financeiro é a centralidade com exercício de poder disciplinar sobre os movimentos de classe operária e sobre as ações do Estado, especialmente sobre os Estados com endividamento crônico que são vulneráveis a todo tipo de oportunidades de atividade especulativa. No capital financeiro o dinheiro é usado para ganhar mais dinheiro por meio da especulação com mercados de futuros, com valores monetários, dívidas etc. As elites dirigentes descartam a ideia de que existe a responsabilidade de quem concede empréstimos irresponsavelmente (Harvey, 2014).

Harvey (2014) observa que uma característica bem mais central no âmbito do capitalismo global é a “acumulação via espoliação”, tendo como um dos seus elementos-chave a privatização. Em função disso, o capital financeiro mostrou-se cada vez mais volátil e predatório em nível internacional, com economias inteiras sendo varridas e seus ativos recuperados pelo capital financeiro dos Estados Unidos. A continuidade da política neoliberal no nível econômico tem como fundamento a acumulação por espoliação. A partir de 1973 a acumulação por espoliação se tornou cada vez mais acentuada. Nessa conjuntura, o Estado se coloca como o principal agente da política de acumulação por espoliação, estando claramente do lado dos financistas. A intervenção do capital financeiro com o apoio do poder do Estado equivale a uma aliança diabólica entre os poderes do Estado e os aspectos predatórios do capital financeiro. Harvey (2014, p. 142) afirma: “Embora eu não julgue que a acumulação por espoliação esteja exclusivamente na periferia, é indubitável que algumas de suas manifestações mais viciosas e desumanas ocorrem nas regiões mais vulneráveis e degradadas”. Harvey (2014) menciona a análise de Arendt de que os burgueses perceberam

que o pecado original do simples roubo, que séculos antes tornara possível a acumulação do capital, tinha eventualmente de se repetir. Dessa maneira, como lembra Harvey (2014), embora em um tempo e em um lugar distinto o “novo imperialismo” da burguesia norte-americana não passa da revisitação do antigo imperialismo da burguesia britânica. A acumulação por espoliação predomina com a ascensão de uma política internacionalista de neoliberalismo e privatização vinculada com a visitação de surtos periódicos de desvalorização predatória de ativos em uma e em outra parte do mundo. Os beneficiados pertencem a uma classe restrita de chefes-executivos de multinacionais, financistas e rentistas, essa classe capitalista transnacional se concentra em locais seguros para colocações de capital e recorreu aos Estados Unidos para proteger seus valores de ativos e seus direitos de propriedade e de posse em todo o globo.

Harvey (2014) observa que em todo o mundo, depois da crise de 1973, os movimentos da classe trabalhadora foram postos na defensiva, a capacidade dos referidos movimentos foi reduzida de maneira geral no que se refere a afetar a trajetória do desenvolvimento capitalista global, movimentos revolucionários ou reformistas foram violentamente reprimidos. As formas de organização política desenvolvidas para combater a reprodução expandida foram enfraquecidas quando a acumulação por espoliação passou a ocupar o âmbito da organização imperialista da acumulação do capital, surgiu um novo tipo de política de resistência com um tipo de visão alternativa distinta do socialismo ou do comunismo. As novas lutas têm natureza complexa, são anticapitalistas no sentido de ser contrárias ao desenvolvimento capitalista na sua forma atual, mas não quer dizer que sejam socialistas. Harvey (2014) menciona que a reconfiguração de todo o campo da luta anticapitalista, anti-imperialista e antiglobalização acionou uma dinâmica política totalmente diferente, e o domínio do aparelho do Estado como objetivo primordial dos movimentos socialistas e comunistas tradicionais parece cada vez menos relevante. Os novos movimentos em torno da espoliação ganharam a designação de “pós-modernos”, e explicitam uma variedade de escalas, muitos são locais, outros regionais, e existem os globais. Nessa conjuntura, a luta pelo domínio do aparelho do Estado é considerada não só irrelevante, mas um ilusório desvio de rota. Não obstante, o Estado tem sido o principal agente da política de acumulação por espoliação favorecendo os financistas, e suprimindo os movimentos de protesto em todo o mundo. Assim sendo, os extraordinários ganhos financistas tem relação intrínseca com as deliberadas perdas econômicas da maioria.

Harvey (2011, p. 184) reconhece que “não há nenhuma maneira óbvia de atacar os baluartes dos privilégios das elites capitalistas ou de limitar seu desmesurado poderio financeiro e militar”. Harvey (2011) nota que: “O desenvolvimento desigual das práticas

capitalistas ao redor do mundo tem produzido movimentos anticapitalistas em toda parte” (Harvey, 2011, p. 183). O autor (2011) observa a existência de movimentos revolucionários e anticapitalistas, mas que não são suficientemente unificados e decididos no sentido de desafiar de modo adequado a reprodução da classe capitalista e a perpetuação do seu poder no cenário mundial, a formação de um movimento de oposição é impedida pela falta de uma visão alternativa. Para o autor (2011), a demanda por construir algo diferente indica o questionamento em torno da legitimidade do atual modo de fazer negócios que prolongam a incerteza e a miséria. No entanto, o autor (2011, p. 188) percebe que a “consciência de classe é menos discutida, em comparação com as subjetividades políticas dadas por raça, gênero, etnia, religião, preferência sexual, idade, escolhas dos consumidores e preferências sociais, e mais ativamente negada”. Harvey (2011) considera a luta de classes central para a política de igualitarismo radical, para ele tal igualitarismo no processo de trabalho é de suma importância para a construção de uma alternativa anticapitalista. “Esquemas de autogestão e auto-organização dos trabalhadores são pertinentes, particularmente quando entrelaçados com as outras esferas de maneira democrática”, ressalta Harvey, 2011, p. 189. A base para qualquer alternativa anticapitalista tem de ser os poderes de auto-organização das pessoas nas situações cotidianas em que elas vivem.

Harvey (2011) confia na indignação moral como condição para a origem de compromissos políticos firmes que produzam um futuro diferente do que anuncia o capitalismo. “O capitalismo nunca vai cair por si próprio. Terá de ser empurrado. A acumulação do capital nunca vai cessar. Terá de ser interrompida. A classe capitalista nunca vai entregar voluntariamente seu poder. Terá de ser despossuída” (Harvey, 2011, p. 209). Harvey (2014) menciona a alternativa de desenvolvimento de um imperialismo coletivo contra a continuidade do neoliberalismo no nível econômico e contra a versão neoconservadora do imperialismo. O autor (2014) pensa em um novo “*New Deal*” de alcance global como única resposta possível, embora temporária.

Para Harvey (2014, p. 168), a lógica da circulação e acumulação do capital deve ser libertada de seus grilhões neoliberais, “reformulando o poder do Estado segundo linhas bem mais intervencionistas e redistributivas, conter os poderes especulativos do capital financeiro e descentralizar ou controlar democraticamente o poder avassalador dos oligopólios e monopólios”. Harvey (2014) considera que os que lutam nos Estados Unidos para construir uma alternativa internamente e no que se refere aos envolvimento externos precisam de apoio para a constituição de uma política anti-imperialista e para a reversão da dialética interior/exterior de construção do imperialismo neoconservador.

4 O ESTADO NO IMPERIALISMO ESTADUNIDENSE DOS CAPITALISTAS FINANCEIRO-RENTISTAS: A ACUMULAÇÃO POR ESPOLIAÇÃO

Nesta seção analisaremos a configuração do Estado na conjuntura do capitalismo contemporâneo com centralidade na sua dimensão imperialista. A questão que orienta a elaboração da seção é: qual é a configuração do Estado na conjuntura do capitalismo contemporâneo? O objetivo é analisar se o Estado se aproxima ou se distancia da democracia na conjuntura do capitalismo contemporâneo com centralidade na sua dimensão imperialista.

Nesta seção sistematizaremos a contribuição da elaboração teórica dos relevantes autores mencionados na seção anterior, que analisam a configuração do Estado na conjuntura do capitalismo contemporâneo com centralidade na sua dimensão imperialista. Metodologicamente optamos por estudar tal configuração do Estado em diferentes autores para o aprimoramento da nossa compreensão considerando as similitudes e diferenças nas suas análises, priorizando a construção do conhecimento de maneira responsável e evitando dogmatismos. Para tanto, reunimos autores de posição teórica crítica atentos aos acontecimentos da realidade em sua totalidade dialética e comprometidos com o esclarecimento dos fatos e com a revelação do funcionamento da sociedade capitalista contemporânea. Porém, somos conscientes da possibilidade de colaboração de outros autores para a nossa sistematização teórica, mas que não foram incluídos, devido ao prazo para a realização deste trabalho. No entanto, consideramos que este trabalho constitui uma primeira etapa de pesquisas vindouras sobre o aperfeiçoamento do conhecimento sobre o assunto. O objetivo com o estudo dos diferentes autores que se posicionam criticamente é construir o objeto dialeticamente em suas várias dimensões e entender a importância de buscar na contribuição teórica de cada um dos autores estudados especificidades analíticas que elucidam, se completam ou se distanciam. Fizemos a leitura dos livros e dos artigos dos autores de maneira integral, com foco na elaboração teórica sobre o nosso objeto de estudo.

Vale salientar como possibilidade de observação, reflexão e possível análise, que coincide de a idade média da maioria dos autores considerados no nosso estudo ser de oitenta anos, inclusive alguns faleceram. Essa tradição crítica e dialética de produção do conhecimento científico pode estar sendo abandonada, esquecida e/ou rejeitada por professores e pesquisadores, principalmente nos países com menos autonomia quanto ao neoliberalismo. Na conjuntura atual predomina o esforço de adequação a uma realidade cuja referência de meritocracia são valores condizentes à reafirmação da esfera privada, tais como, o individualismo, o conformismo, o funcionalismo, o produtivismo, o conservadorismo, o

autoritarismo e a competição. O pensamento crítico e o estudo esmerado são desestimulados e desqualificados, principalmente quando comprometidos com a reafirmação da esfera pública e, por conseguinte, com a construção de uma sociedade minimamente justa que remeta a possibilidade de vislumbrar o Estado democrático. As ameaças de manifestação de um Estado de exceção em âmbito nacional e internacional são consecutivas, com intensificação da “banalização da injustiça social”, título de um dos livros do autor Dejours (2000), com fundamento na colaboração teórica de Hannah Arendt. Lutar pela reafirmação da esfera pública passa a ser uma condição fundamental para pensar no Estado de bem-estar social com referência no bem comum, considerando os obstáculos concernentes à conjuntura contemporânea.

Arendt (1987, p. 31) observa que “o mundo não é humano simplesmente por ser feito por seres humanos, e nem se torna humano simplesmente porque a voz humana nele ressoa, mas apenas quando se tornou objeto de discurso”. A realidade exige que pensemos junto com homens que manifestam a sensibilidade, a inteligência, a profundidade e a coragem em tempos sombrios. Como lembra Arendt (1987), onde quer que pousem os olhos, os “homens sábios” fazem tremer os pilares das verdades mais bem conhecidas, eles desejam não ser coagidos por ninguém e não coagir ninguém, eles não querem coagir nem a si próprios. Tais homens escolhem o pensamento independente porque descobrem no pensar um outro modo de se mover em liberdade no mundo. Sua atitude em relação ao mundo é radicalmente crítica e totalmente revolucionária.

Quanto ao estudo dos autores sobre a configuração do Estado na conjuntura do capitalismo contemporâneo com centralidade na sua dimensão imperialista, discutiremos os principais assuntos estruturais que se relacionam intrinsecamente com o objeto e que foram contemplados na contribuição teórica entre os autores. O poder hegemônico norte-americano foi analisado pelos diferentes autores. Sampson (1996) identifica a posição dos Estados Unidos como referência hegemônica no capitalismo contemporâneo. O autor (1996) considera que o capitalismo moldado no individualismo é inerente aos Estados Unidos. Tal capitalismo tem como fundamento a sobrevivência dos mais aptos, com a defesa do egoísmo implacável em uma realidade altamente competitiva e de lucro de curto prazo. Para o autor (1996), o retorno desse capitalismo sem restrições foi anunciado desde a metade da década de 1970 pelos neoconservadores e sua reabilitação aconteceu com a eleição de Margaret Thatcher, em 1979, e Ronald Reagan, em 1980. Chesnais (1996) salienta que a imposição da hegemonia dos Estados Unidos é a principal fonte do parasitismo financeiro. Segundo o autor (1996), a dominação das finanças, atualmente, é adequada às características selvagens do capitalismo

americano. A ingerência dos Estados Unidos aumentou por eles terem posição superior no plano do capital financeiro em relação ao industrial.

Wood (2014) afirma que os Estados Unidos assumiram o controle de um novo imperialismo e com a sua posição militar desencorajam as nações industriais avançadas a desafiar a sua liderança com a ideologia da guerra sem fim. Hoje existe a tentativa de consolidação da dominação norte-americana sobre o sistema de Estados múltiplos. Sob o comando dos Estados Unidos, do Banco Mundial (BM), do Fundo Monetário Internacional (FMI), entre outras instituições supranacionais são exigidos ajustes estruturais e outras medidas, inclusive a arma da dívida, às economias em desenvolvimento para torná-las vulneráveis às suas pressões. Harvey (2014) analisa que com a globalização os Estados Unidos universalizaram seus próprios valores, afirmaram a sua hegemonia por meio das finanças ao serem ameaçados no campo da produção. Conforme o autor (2011 e 2014), os Estados Unidos controlam o capitalismo global na condição de acionista-chefe e orientam as políticas globais por meio do Banco Mundial (BM) e do Fundo Monetário Internacional (FMI) para a construção de uma ordem internacional de acumulação interminável do capital e disseminação da sua maneira de fazer negócios.

É fundamental compreender as transformações nas relações de poder do capitalismo contemporâneo e o seu funcionamento para analisar a configuração do Estado. Fontana (2013) explica que a correlação de forças entre capital e trabalho originou o Estado de bem-estar social, o período de 1945 a 1975 foi uma época de conciliação baseada no contrato social entre capital e trabalho, o capital resolveu negociar devido às lutas coletivas dos trabalhadores por direitos, o temor das revoluções populares, do socialismo e do comunismo. Bresser-Pereira (2021) expõe que o Estado de bem-estar social é constituído principalmente na Europa, com princípio social democrático. Essa fase dos Anos Dourados do capitalismo tem como característica o forte crescimento econômico, a estabilidade financeira e a diminuição das desigualdades. No entanto, segundo Fontana (2013), essa conjuntura se inverteu a partir dos anos setenta, os capitalistas concluíram que não era necessário seguir pactuando e que havia chegado a hora de restabelecer a plena autoridade do patrão, como nos primeiros tempos da industrialização. O objetivo é destruir o Estado de bem-estar social e converter seus sistemas de proteção em oportunidade de negócio, estabelecendo o assalto aos direitos sociais. Wood (2014) aponta o colapso da União Soviética como motivo da alteração da ordem global, o que significou no mínimo a remoção do último obstáculo às ambições globais norte-americanas.

Conforme Chesnais (1996), a mundialização da economia de mercado, privatizada, desregulamentada e liberalizada está liberando o capitalismo das regras, procedimentos e instituições que haviam permitido construir o contrato social, o capitalismo sem restrições é contra o Estado previdenciário ou *Welfare State* e opera desconstruindo e derrubando formas tradicionais do Estado Nacional, o capital dinheiro se ergue com total impunidade. Wood (2014) relata que o capitalismo criou o seu próprio modo de dominação econômica por meio da imposição da dependência do mercado. Chesnais (1996) observa que os Estados Unidos impõem aos demais países, principalmente aos mais fracos, políticas de liberalização e desregulamentação calcadas nas necessidades do capital financeiro de características rentistas, por meio dos seus posicionamentos no Banco Mundial (BM), na Organização Mundial do Comércio (GATT) e alinhamento de todos os sistemas ao modelo americano. A economia mundial atual é menos marcada pelo capital orientado para as forças produtivas e mais pela financeirização extremada e dominação do capital rentista. A intervenção política dos governos Thatcher e Reagan destruiu entraves e freios do capitalismo financeiro internacional e dos grandes grupos multinacionais, com a conivência de governos que não resistiram a eles. A esfera financeira não cria nada, é do setor produtivo que nasceram e continuam nascendo os capitais que se valorizam na esfera financeira, no começo de 1980 inicia a imbricação entre as dimensões produtiva e financeira da mundialização do capital. A busca de lucros ditará o caminho a seguir quaisquer que sejam as consequências econômicas ou sociais.

Sampson (1996) relata que os presidentes das empresas deixaram de falar de responsabilidade social e aconteceu a reversão das empresas a um tipo anterior de capitalismo que se assemelhava mais a natureza violenta com ameaça a todas as relações humanas estáveis. Todos os pressupostos de responsabilidade coletiva eram atacados. O objetivo dos chefões era pertencer a uma elite de donos do capital se separando do resto dos executivos e da sociedade em geral. No final da década de 1980, era o fluxo de capital que estava abalando sociedades e governos, o fluxo de capital oferecia ampla liberdade de ação para a especulação. Os especuladores individuais eram os mais bem-sucedidos fazedores de dinheiro. Os financistas eram apoiados por firmas agressivas de advogados e bancos de investimento. George (2015) reafirma que juízes e advogados corruptos trabalham para favorecer o setor privado em detrimento do Estado, tendem a defender os direitos privados contra os direitos públicos favorecendo as corporações.

Bresser-Pereira (2021) observa que no neoliberalismo os empresários são substituídos pelos rentistas na propriedade das grandes empresas e o capitalismo retorna ao liberalismo econômico, os financistas assumem o poder para favorecer os rentistas e garantir os seus

próprios interesses, ocupando o papel de intelectuais orgânicos do capitalismo neoliberal financeiro-rentista. Bernardo (1998) entende que com a progressiva transnacionalização do capital as companhias transnacionais são os principais agentes do comércio mundial. Nesse contexto, de acordo com o autor (1991), os burgueses convertem-se em rentistas e são substituídos pelos gestores como representantes do capitalismo associado. Bresser-Pereira (2018) identifica três classes sociais, a classe capitalista ou burguesa formada por empresários e rentistas, a classe profissional ou tecnoburocrática formada por altos executivos e financistas e a classe trabalhadora. Os rentistas são grandes herdeiros e os financistas administram a riqueza dos rentistas. Bresser-Pereira (2017) esclarece que os rentistas são ociosos e os financistas capacitados em especulação financeira, eles formam uma coalisão de classes.

Harvey (2011 e 2014) observa que a acumulação original do capital se fundamentou em violência, depredação, furto, fraude e roubo para reunir poder de dinheiro e começar a circular o dinheiro sob a forma do capital. O autor (2011 e 2014) menciona que os burgueses concluíram que o roubo que tornou possível a acumulação do capital, séculos antes, tinha de se repetir, adotando a acumulação por espoliação. Sendo assim, o autor observa (2021) que toda a circulação do capital é especulativa. Harvey (2014) afirma que no novo imperialismo da burguesia norte-americana a classe capitalista transnacional se concentra em locais seguros para colocações de capital e recorreu aos Estados Unidos para protegerem seus valores de ativos e seus direitos de propriedade e de posse em todo o globo. O autor (2011) aponta que o poder do dinheiro exercido por poucos prejudica todas as formas de governança democrática.

Pilger (2004) lembra que o objetivo das altas esferas de poder é a supremacia global e, para tanto, aumentam o controle social e a repressão do Estado. Pilger (2004) menciona a constituição do Estado empresarial. George (2015) ressalta um golpe de Estado empresarial de dimensão internacional. Para Wood (2014), as empresas são um meio pelo qual os capitalistas organizam sua riqueza. George (2015) afirma que as corporações transnacionais representam a prática neoliberal em sua mais pura expressão e são geralmente de um mesmo país, assim como seus diretores gerais e operadores financeiros. Eles não se interessam pelo destino de nenhum país em que as corporações têm instalações, querem a desregulação e estarem livres da vigilância governamental, não querem sindicatos e querem se apoderar dos serviços públicos. As corporações estão trabalhando na direção de determinar as políticas governamentais e redigir a legislação em função dos seus interesses, a sua conclusão é de que é mais conveniente fazer suas próprias leis. Cerca de oitenta e cinco por cento dos participantes de Davos pertence às corporações e bancos, e o resto é de políticos, sindicalistas e pessoas de organizações não governamentais não conflitivas.

Quanto ao funcionamento do capitalismo financeiro-rentista, conforme Chesnais (1996), a tecnologia é uma dimensão central da atuação internacional e onde se entrelaçam as relações de cooperação e de concorrência entre rivais. Novas tecnologias intensificam a globalização financeira, a estratégia tecno-financeira é uma dimensão de valorização do rendimento do capital. A destruição de postos de trabalho é causada pela mobilidade de ação do capital devido às mudanças tecnológicas. Sampson (1996) explica que os meios para a criação de novos tipos de empresas foram proporcionados pelos computadores. Os computadores ajudaram a desumanizar decisões cruciais, e as grandes empresas de informática tendiam a ser conformistas e hierárquicas. Os gerentes tinham a competição de computadores por seus empregos. O Vale do Silício foi a primeira região do mundo de alta tecnologia e se tornou o centro mundial de um novo tipo de homem e de empresa. Foi na década de 1970 que uma nova explosão de inovação na informática deu a muitos inventores jovens a chance de contornar e superar todas as estruturas empresariais existentes. Todos os pressupostos relacionados ao escritório foram colocados em questão, o impacto do computador sobre o escritório marcou o desvio dos negócios competitivos para a competição global e o clamor por lucros. Na condição de estudante de graduação de Harvard, Bill Gates percebeu que o computador provocaria uma revolução, considerou que poderia ganhar uma fortuna com a criação de um programa padrão para uma versão a ser produzida em massa. O espírito da competição e busca de lucros era estimulada pela Microsoft, de Bill Gates. A Apple era uma das empresas que competia com a Microsoft, entre outras.

4.1 Os Estados múltiplos do imperialismo dos capitalistas financeiro-rentistas: coerção econômica e coerção extraeconômica

O estudo da configuração do Estado no capitalismo financeiro-rentista é estrutural para a constituição da ação política e posicionamento pela reafirmação da esfera pública. No referido capitalismo, de acordo com Bresser-Pereira (2021), o Republicanismo foi trocado por um Liberalismo político individualista, essa foi uma escolha errada no plano político, e no plano social porque implicou aumento da desigualdade social. No Republicanismo o objetivo a ser alcançado é a liberdade considerando o interesse público, o Liberalismo político vê a liberdade como direito do indivíduo de defender somente seus próprios interesses. Segundo o autor (2021), o republicanismo foi esquecido na virada neoliberal. Em países dependentes como o Brasil, na ideologia financeiro-rentista as elites econômicas identificam-se com as elites internacionais e não com o seu povo. Sampson (1996) observa que as companhias empresariais maiores tendem a se parecer mais com monarquias e menos com repúblicas. Alguns dos chefes começam a se parecer com os magnatas empresariais dos anos 1930. O surto de ambição individual está se tornando um problema político que afeta a competitividade das nações, a saúde de suas sociedades e ameaça aumentar a fenda entre empregadores e empregados, os políticos social-democratas por não quererem ser colocados como anticapitalistas não tomam medidas necessárias. Nos Estados Unidos, homens de negócios republicanos se preocupam com a fragilidade dos sindicatos.

No capitalismo financeiro-rentista, Chesnais (1996) analisa que os Estados se tornam incapazes de impor qualquer coisa ao capital privado. Bernardo (1998) identifica na configuração do capitalismo contemporâneo o Estado Amplo e o Estado Restrito. O autor (1998) compreende que o Estado Amplo inclui todas as formas organizadas de poder das classes dominantes e é constituído pelas corporações transnacionais, enquanto o Estado Restrito é o aparelho político reconhecido juridicamente, ou seja, governo, parlamento e tribunais, tal como definido pelas Constituições de vários países. Segundo Bernardo (1998), com a progressiva transnacionalização da economia baseada na concentração do capital os capitalistas neoliberais desconsideram as fronteiras, e a partir de 1960 dominam os Estados Nacionais. A partir desse período, a concentração do capital transnacionalizou e as instituições do Estado Restrito declinaram. O capitalismo tem se organizado em nível mundial em modalidade de articulação do Estado Amplo com o Estado Restrito. As companhias transnacionais são responsáveis pela desagregação do Estado Restrito e são capazes de prosseguir estratégia própria independente dos governos dos países. Bernardo (1998) analisa

que o Estado Amplo manipula políticos, parlamentares e ocupa o panorama ideológico. Bresser-Pereira (2018) observa as economias nacionais a serviço dos acionistas ou investidores, em torno de 1980.

Wood (2014) explica que a coerção econômica se distingue da coerção extraeconômica. A força extraeconômica é oferecida pelo Estado e sem o apoio dessa o capital não pode existir. A autora analisa que o Estado é essencial para o capital. Quanto mais o capitalismo se torna universal, mais necessita de um sistema universal de Estados locais confiáveis para ele. Por isso, no capitalismo financeiro-rentista existe a tentativa de consolidação da dominação norte-americana sobre o sistema de Estados múltiplos. Pilger (2004) menciona a tentativa de gestão de um Estado de ideologia única. Wood (2014) esclarece que o Estado territorial ganha importância na dinâmica essencial do capitalismo. Ele fornece a ordem jurídica e administrativa necessária para a sustentação dos poderes econômicos das classes apropriadoras, as condições indispensáveis de acumulação do capital global são oferecidas pelo Estado, tanto nas economias imperiais quanto nas subordinadas. Pilger (2014) lembra que a globalização não significa impotência do Estado, mas a rejeição pelo Estado de suas funções sociais, em favor de funções repressivas e o fim das liberdades democráticas. O Estado constrói as condições e privilégios que protege os mercados ocidentais. O autor (2014) afirma que na incorporação dos Estados-nações à nova ordem as ações de políticos das democracias ocidentais são semelhantes às dos tiranos criminosos, em termos de causas e efeitos. Wood (2014) ressalta que o capital global não tem condições de operar sem as funções sociais executadas pelo Estado-nação. O Estado se retirou das suas funções de bem-estar social, mas é necessária uma rede mínima de segurança.

De acordo com George (2015), os executivos das corporações transnacionais estão tentando eliminar qualquer regulação do Estado, se infiltram nas funções estatais tanto executivas e legislativas como judiciais. Eles adentram os governos com o objetivo de defender seus interesses comerciais, seu poder e benefícios contra o bem comum, pessoas que não foram eleitas incidem nas decisões governamentais opondo-se à democracia, absorvem os governos e eliminam as proteções básicas de cidadania, as funções do governo legítimo são assumidas por agentes de organizações ilegítimas. O poder executivo europeu está cooperando com as corporações transnacionais para eliminar qualquer regulação. Os governos são considerados apêndices dos negócios dos especuladores e banqueiros. O governo estadunidense é um simples apêndice dos negócios. Os lobistas fazem o trabalho de lavagem cerebral junto aos legisladores, eles estabelecem contatos com os parlamentares e estão regulando os governos. As corporações transnacionais estão trabalhando na direção de

determinar as políticas governamentais e redigir as legislações em função dos seus interesses. Elas conseguem não somente o consentimento dos governos, mas também a entusiasmada cooperação.

Dardot e Laval (2021) criticam análises que opõe Estado e capitalismo, pois para eles o sistema mundial de dominação é ao mesmo tempo político, econômico, jurídico e cultural. Os autores (2021) relatam que órgãos legislativos e nacionais aceitam um conjunto de normas e disposições discutidas em lugar distinto das instituições estatais. Dardot e Laval (2021) falam de um sistema normativo mundial que acompanha a mundialização das atividades financeiras, produtivas e mercantis e que estão provocando a crise de legitimidade do Estado-nação e dos sistemas de representação política. George (2015) salienta que necessitamos urgentemente de leis impositivas que impeçam que as corporações destruam a democracia, os direitos humanos e a nossa própria vida.

Fontana (2013) reafirma e complementa as contribuições teóricas de George (2015). Para o autor (2013), os empresários controlam a política com o objetivo de bloquear leis que aumentam seus custos, e os políticos eliminam leis que controlavam a especulação financeira. Políticos são comprados com doações para eleições e outras práticas e estabelecem uma cumplicidade solidária com as empresas, são beneficiados sobretudo quando deixam seus cargos e são contratados e/ou recebem benefícios milionários das empresas. Fontana (2013) ressalta que uma grande parte da corrupção da política pelos empresários tem relação com a insensatez de dirigentes políticos que concordam com a doutrina da austeridade fiscal. Entusiasmados os políticos patrocinam projetos de corte dos impostos dos mais ricos que ameaçam deixar o Estado sem recurso para governar. Os bancos são recapitalizados com dinheiro público. Graças à privatização da política as empresas conseguem aprovar leis em todas as matérias que lhes favorecem desde debilitar os sindicatos, às contrárias à educação pública. As políticas de austeridade não têm como objetivo somente cortar gastos sociais, mas também privatizar os serviços, tais como, hospitais, escolas, entre outros, que o próprio Estado permite que deteriore para justificar sua privatização. O projeto dos empresários que começou com a privatização da política põe em perigo o próprio Estado democrático e a sociedade civil que o sustenta, e aspira conseguir a privatização do Estado.

Harvey (2011) assinala que a formação do Estado é parte integrante do desenvolvimento capitalista. A classe capitalista procura comandar o aparato estatal para que este atenda aos seus interesses. A gestão do Estado para a criação do capital e dos fluxos monetários torna-se parte integrante e não separável da circulação do capital. No neoliberalismo, o Estado e o capital estão mais ligados um ao outro do que nunca. O agente

fundamental da dinâmica do capitalismo global é o Estado. O Estado entra em cena para socorrer os financistas. Um dos princípios básicos pragmáticos do neoliberalismo é o de que o Estado deve proteger as instituições financeiras a todo custo, a política é salvar os bancos e colocar os sacrifícios nas pessoas, os bancos são resgatados e os custos são repassados ao povo. A aliança entre os poderes do Estado e instituições financeiras esmaga o poder da classe trabalhadora. Colocando o poder do Estado a serviço do capital, a classe capitalista no neoliberalismo promove um assalto ao Estado de bem-estar social, por meio de uma política de austeridade os custos da reprodução social são repassados à população. Harvey (2011) salienta que o movimento neoliberal constitui uma agressão ideológica sobre o que o Estado deve ser. Tal movimento provocou mudanças patrocinadas pelo Estado na vida diária e na dinâmica de acumulação do capital. De acordo com Harvey (2014), o Estado se coloca como principal agente da política de acumulação por espoliação, estando claramente do lado dos financistas. Os extraordinários ganhos financistas têm relação intrínseca com as deliberadas perdas econômicas da maioria.

4.2 Posicionamentos e alternativas de resistências ao imperialismo dos capitalistas financeiro-rentistas

Para Mészáros (2021), o Estado como entidade moderna é fenômeno exclusivamente liberal-democrático e a forma hierárquica e repressiva da necessária estrutura de comando da política global. Segundo o autor (2021), o capital é totalizante e totalitário, e o Estado é o centro de comando do capital. Portanto, o Estado deve ser suplantado em sua totalidade. A posição de Mészáros (2021) suscita sistematizarmos em todos os autores estudados para a elaboração deste trabalho as suas contribuições sobre a possibilidade de alternativas para a superação do imperialismo dos capitalistas financeiro-rentistas.

Da perspectiva das contribuições dos diferentes autores verificamos posicionamentos e análises específicas que se articulam e se distanciam, Bresser-Pereira (2021) acredita que o neoliberalismo enfrenta uma crise financeira terminal e que o populismo de direita surgiu como reação irracional ao fracasso do neoliberalismo, com a eleição de Donald Trump. O autor (2021) sustenta que está surgindo uma nova forma de organização social que substituiu o capitalismo, denominada por ele de gerencialismo democrático. Bresser-Pereira (2021) considera que essa forma de organização social é um novo modo de produção e não uma fase do capitalismo. Nessa direção, a burguesia é substituída pela classe gerencial pública e privada, o Estado e o mercado coordenam o sistema econômico. Para o autor (2021), há uma

transição para a democracia participativa em países democráticos mais avançados. Ele compreende que a democracia não está morrendo, ela está prosperando e definirá a nova organização social. Bresser-Pereira (2021) conclui que a democracia resistiu aos neoliberais autoritários e agora está repelindo o ataque do populismo de direita. Sampson (1996) pensa que a necessidade de responsabilidade social com a sociedade se tornará uma questão explosiva no século XXI, pois o surto de ambição individual dos capitalistas financeiro-rentistas está se tornando um problema político. Ao observarem os abusos no topo, os executivos estão começando a perceber a necessidade de suas empresas terem responsabilidade social até para garantir a sua própria continuidade e realização, e a saúde do sistema capitalista.

Enquanto Bresser-Pereira (2021) e Sampson (1996) acreditam em alternativas a partir da referência de organização dos capitalistas, especificamente dos gestores ou executivos, outros autores apontam alternativas por meio do conhecimento como revelação da verdade e do seu engajamento como ativista nos movimentos sociais, e alguns vislumbram a ação política dos movimentos sociais. George (2015) defende o conhecimento como antídoto contra a manipulação, mas não o acha suficiente. Ela se considera uma acadêmica pública ativista que utiliza o conhecimento para estabelecer os movimentos sociais e apoiar mudanças na construção da democracia. Fontana (2013) pensa que temos de construir novos métodos, pois as classes dominantes aprenderam a neutralizar os que usávamos. O autor (2013) salienta que não se consegue nenhum avanço social sem luta e que uma confrontação somente pode ter êxito quando se baseia na consciência coletiva. Fontana (2013) ressalta que o papel que o historiador deveria assumir é ajudar a denunciar a mentira.

Chesnais (2016) alerta que a humanidade tem de se conscientizar sobre as medidas de expropriação do capital e apoiar-se nas experiências dos movimentos sociais para uma elaboração coletiva, embora reconheça que o poder do capital deixa pouca margem de manobra para soluções reformistas. Wood (2014) vislumbra a possibilidade de contribuição significativa das lutas populares por uma transformação no equilíbrio das forças de classe no Estado e pela constituição de Estados verdadeiramente democráticos. A autora (2014) confia que essas lutas nacionais democráticas podem apresentar um desafio jamais visto ao poder imperial. Harvey (2011) percebe que a consciência de classe é menos discutida em comparação com as subjetividades políticas dadas por raça, gênero, religião, preferência sexual, etc. O autor (2011) defende a luta de classes como centralidade para a política de igualitarismo radical e para a construção de uma alternativa anticapitalista. Harvey (2014) menciona a alternativa de desenvolvimento de um imperialismo coletivo contra a

continuidade do neoliberalismo no nível econômico e contra a versão neoconservadora de imperialismo. O autor (2014) propõe um novo *New Deal* de alcance global, com a lógica de circulação e acumulação do capital sendo libertada de seus grilhões neoliberais, reformulando o poder do Estado segundo linhas bem mais intervencionistas e redistributivas, para conter os poderes especulativos do capital financeiro. Segundo o autor (2014), os que lutam nos Estados Unidos para construir uma alternativa internamente e externamente precisam de apoio para a constituição de uma política anti-imperialista. Harvey (2011) considera a necessidade de unificação dos movimentos revolucionários e anticapitalistas.

Nesta seção estudamos a configuração do Estado na conjuntura do capitalismo contemporâneo com centralidade na sua dimensão imperialista. Analisamos se o Estado se aproxima ou se distancia da democracia na conjuntura do capitalismo contemporâneo com centralidade na sua dimensão imperialista.

O estudo e a sistematização das contribuições teóricas de relevantes autores de tradição crítica e dialética na elaboração do conhecimento foi referência estrutural de elaboração desta seção. Na atual conjuntura, observamos a tendência de abandono, esquecimento e/ou rejeição de tais autores por professores e pesquisadores acadêmicos em uma realidade em que a meritocracia é reafirmada com referência nos valores concernentes à esfera privada em detrimento da esfera pública. Nessa conjuntura, a construção do conhecimento é desvinculada do compromisso político, cultural, ético, social e humano na constituição do bem comum como fundamento do Estado democrático. A reprodução do conhecimento dominante tem prevalecido no âmbito acadêmico e a esfera privada tem sido alimentada, disseminada e reafirmada. Dessa maneira, muitos professores e pesquisadores se encerram na mediocridade da lógica mercadológica capitalista, reafirmando o seu poder e a sua hegemonia. Em função disso, as práticas de muitos professores e pesquisadores são destinadas ao produtivismo e à competitividade no âmbito acadêmico, predominando o conformismo, o funcionalismo e o autoritarismo, com a finalidade do êxito, do poder e da projeção nos *rankings* a qualquer custo. Por isso, os professores e pesquisadores que zelam pelo estudo, pelo pensamento crítico e dialético na construção do conhecimento são excluídos e acusados de subversivos, na tentativa de sua desqualificação e anulação. Mas, a maior consequência é a anulação do discurso, da política e, por conseguinte, da esfera pública e da democracia. A concorrência entre os indivíduos se manifesta contra a ação coletiva. As práticas autoritárias de reafirmação da esfera privada no âmbito acadêmico revelam o engajamento de um número significativo de professores e pesquisadores de maneira alienada e alienante no mecanismo de funcionamento da acumulação por espoliação. Devemos lembrar

que o compromisso das universidades deve ser com a ciência destinada à democracia para o bem comum e, por conseguinte, com o esclarecimento do funcionamento do capitalismo para a sua problematização e superação. O compromisso das universidades não deve ser com os capitalistas financeiro-rentistas na sua prática de acumulação por espoliação, e o silêncio nas universidades pode reproduzir isso.

Verificamos que a nova condição imperialista norte-americana tem relação com a sua posição superior no plano do capital financeiro em relação ao industrial. Sendo assim, os Estados Unidos propiciam e impulsionam a acumulação por espoliação, na condição de acionista-chefe. O capitalismo da acumulação por espoliação tem sido disseminado e reproduzido em âmbito global. Dessa maneira, predomina a hegemonia e a ideologia dos capitalistas financeiro-rentistas na repressão e subjugação dos Estados-nações aos seus interesses, com a finalidade de privatizá-los e, para tanto, se articulam e/ou cerceiam representantes do poder executivo, legislativo e judiciário, usando a prática da corrupção por meio da cooptação por interesses. Essa expressão do imperialismo dos capitalistas financeiro-rentistas se manifesta na tentativa de constituição de um Estado global de ideologia única a partir da dominação de Estados múltiplos, uma vez que as condições indispensáveis de acumulação por espoliação em âmbito global são oferecidas pelo Estado com os governos na condição de apêndices dos negócios dos especuladores e banqueiros. Esses não conseguem somente o consentimento dos governos, mas também a sua entusiasmada cooperação. O Estado é o centro do comando do capital. A tentativa é de instauração de um Estado de exceção permanente, a primeira estratégia é anular o contrato social que sustentou o Estado de bem-estar social em alguns países e o Estado de direito em outros, a finalidade é estabelecer o sistema normativo mundial que garanta a reprodução da acumulação por espoliação. A nova condição imperialista norte-americana revela o imperialismo dos capitalistas financeiro-rentistas por meio da acumulação por espoliação.

Os autores considerados para a elaboração desta seção apresentam diferentes posicionamentos e alternativas ao imperialismo dos capitalistas financeiro-rentistas. A organização dos gestores ou executivos contra a ambição desmedida dos capitalistas financeiro-rentistas é uma das alternativas. A construção de resistências por meio do conhecimento crítico e dialético como revelação da verdade e que possibilita a condição de ativismo junto aos movimentos sociais é uma alternativa. Porém, as alternativas mais elaboradas qualificam os movimentos sociais e priorizam a ação política no sentido da correlação de forças trabalhadores *versus* capitalistas, considerando a necessidade de unificação dos movimentos revolucionários e anticapitalistas. A consciência coletiva

fundamentada na luta de classes ganha centralidade para a transformação no equilíbrio das forças de classe no Estado. O objetivo é a constituição do Estado verdadeiramente democrático com referência no igualitarismo radical para a construção de uma condição anticapitalista com projeção, articulação e unificação transnacional.

5 A CONSTITUIÇÃO DO NEOLIBERALISMO

O movimento liberal, derivado da ilustração, começa nas últimas décadas do século XVIII e inclui a revolução estadunidense, a revolução francesa, as independências americanas. O seu auge é em meados do século XIX, com a ampliação dos direitos civis e políticos. A sua crise é consequência da pressão do movimento operário e das várias formas de socialismo. O keynesianismo surgiu no fim do século XIX e se impôs de forma geral após a crise de 1929 e, especialmente, com a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria. Posteriormente, ocorre o desenvolvimento do momento neoliberal que estamos vivendo. A sua origem está na discussão do keynesianismo dos anos 1940, porém o neoliberalismo se impõe progressivamente, e massivamente a partir de 1980 (Gonzalbo, 2016).

A revisão dos dogmas liberais do século XIX foi acelerada com a Primeira Guerra Mundial e com as crises posteriores a ela. A necessidade de organização do capitalismo e de melhoria da condição dos pobres tornou-se uma questão central no fim do século XIX. A desconfiança em relação a uma doutrina econômica que pregava a liberdade total dos atores do mercado era muita em um período de crises múltiplas. O *laissez-faire* foi considerado ultrapassado mesmo no campo dos que reivindicavam o liberalismo. Cada vez mais autores esperavam uma transformação do sistema liberal capitalista para salvá-lo, não para destruí-lo, embora existisse um núcleo de economistas universitários irredutíveis, hostis à intervenção do Estado e aferrados à doutrina clássica. No entanto, parecia ser o Estado o único em condições de recuperar a situação econômica e social dramática (Dardot; Laval, 2016).

Conforme Dardot e Laval (2016, p. 57), “desde o fim do século XIX, nos Estados Unidos, o significado das palavras *liberalism* e liberal começava a mudar para designar uma doutrina que rejeitava o *laissez-faire* e visava a reformar o capitalismo”. Um “novo liberalismo” foi ganhando força, como uma nova maneira de compreender os princípios do neoliberalismo, que já existia. O “novo liberalismo” tinha mais consciência das realidades sociais e econômicas, e adotava certas críticas do socialismo para melhor realizar os fins da civilização liberal. Uma das expressões tardias e mais elaboradas no plano da teoria econômica quanto ao “novo liberalismo” foi a de Keynes. Keynes se tornará mais tarde o alvo preferido dos neoliberais, mesmo que quisesse salvar do próprio liberalismo o que era possível do sistema capitalista. O “novo liberalismo” reexaminou o conjunto de meios jurídicos, morais, políticos, econômicos e sociais que possibilitavam a realização de uma “sociedade de liberdade individual”, em proveito de todos (Dardot; Laval, 2016). Dostaler *apud* Dardot e Laval (2016, p. 60) esclarece que os novos liberais rejeitam a luta de classes

como motor da transformação social, eles preferem uma forma de socialismo liberal que pode ser qualificada de social-democracia. Assim sendo, o “novo liberalismo apresenta-se como uma alternativa ao socialismo coletivista e marxista”.

Dardot e Laval (2016) mencionam uma tensão, que nunca cessou, entre o liberalismo dos reformistas sociais e o neoliberalismo dos partidários da liberdade individual como fim absoluto. Laval (2020a, p. 43) pontua que a novidade do neoliberalismo “consiste em sua concepção das relações entre Estado e mercado não mais como domínios exteriores um ao outro, mas como uma interiorização da lógica da concorrência do mercado pelo Estado”.

Dardot e Laval (2016) criticam as análises que estabelecem continuidade entre o liberalismo e o neoliberalismo, para eles esse introduziu uma distância ou até um rompimento em relação à versão dogmática daquele. Os autores (2016) consideram que liberalismo do século XVIII orienta, estimula e combina os interesses individuais para fazê-los servir ao bem geral. O neoliberalismo refundou as bases intelectuais do liberalismo para combater o socialismo e todas as versões do que considerava “totalitarismo”, em uma conjuntura de crise econômica, política e doutrinal. Gonzalbo (2016) reafirma que o neoliberalismo é produto de uma crítica do liberalismo clássico. Foucault [...] (2020) esclarece que para os neoliberais o totalitarismo é o resultado da intervenção do Estado na economia e, por conseguinte, é consequência da intervenção política na economia. Os ideólogos do neoliberalismo, Hayek, Mises, Popper, entre outros, consideram a economia de mercado como espaço de democracia e a política do Estado como ditadura. Segundo Gonzalbo (2016), o neoliberalismo é uma nova maneira de entender a relação entre mercado e Estado, entre política e economia, o programa neoliberal não pretende eliminar o Estado, mas transformá-lo, de modo que sirva para sustentar e expandir a lógica do mercado.

A posição de Hayek (2010), um dos principais fundadores do neoliberalismo, é de que todas as versões do socialismo são totalitárias, pois remetem ao coletivismo ou à “planificação”. Hayek (2010, p. 61) afirma que “o atual movimento favorável à planificação é um movimento contrário à concorrência, uma nova bandeira sob a qual se uniram os velhos inimigos do mercado livre”. Conforme Hayek (2010), a “planificação econômica” é o principal instrumento da reforma socialista para a realização de uma distribuição de renda conforme a ideia de justiça social. O autor (2010, p. 61) expõe que: “Na realidade, o que une os socialistas da esquerda e da direita é essa hostilidade comum à concorrência e o desejo de substituí-la por uma economia dirigida”. O autor (2010) considera que as autoridades centrais e locais acabam controlando indiretamente toda a vida da nação, quando controlam diretamente o uso de mais da metade da renda nacional, desconsiderando os objetivos

individuais cuja realização não dependa da ação estatal. Nessa direção, na planificação econômica um órgão central de planejamento substitui o empresário que trabalha visando ao lucro e, portanto, o socialismo equivale à abolição da iniciativa privada e da propriedade privada dos meios de produção.

Ademais, Hayek (2010) sustenta que a propriedade privada é a mais importante garantia da liberdade. Em sua crítica à planificação econômica, Hayek (2010) comenta que no planejamento central o problema econômico é resolvido pela comunidade e não pelo indivíduo. Sendo assim, “o indivíduo se tornaria mais do que nunca um simples meio, usado pela autoridade a serviço de abstrações como o ‘bem estar social’ ou o ‘bem da comunidade’” (Hayek, 2010, p. 107). Hayek (2010) observa que os fins últimos do socialismo são a justiça social, a maior igualdade e a segurança. Para o Hayek (2010), o socialismo procura a igualdade na repressão e na servidão, enquanto a democracia a procura na liberdade. Hayek (2010, p. 86) entende que: “A democracia é, em essência, um meio, um instrumento utilitário para salvaguardar a paz interna e a liberdade individual”. Nessa direção, Brown (2007) esclarece que o neoliberalismo não considera a autonomia política como dimensão da liberdade, na conjuntura neoliberal a liberdade tem um valor de uso adaptável à autonomia privada. A cidadania é redefinida em uma dupla postulação: a de indivíduo-cliente passivo na vida pública e a de um empreendedor em todos os aspectos da vida, inclusive na vida privada. Segundo Gonzalbo (2016), a constituição da liberdade segundo a expressão de Hayek, exige que sejam colocados limites ao que pode ser decidido democraticamente, porque é necessário deixar o mercado fora da política. Liberdade é liberdade econômica.

Hayek (2010) afirma que o “estado de Direito” existe desde o tempo dos romanos e pensa que ele teve uma evolução consciente somente nessa era. O autor (2010) reconhece o “estado de Direito” como uma concretização jurídica da liberdade e como uma das maiores realizações da era liberal. Hayek (2010) considera que hoje o “estado de Direito” é interpretado de forma totalmente equivocada e nunca foi tão seriamente ameaçado, uma vez que o entendimento é de que o “estado de Direito” será preservado enquanto todas as ações do Estado forem autorizadas pela legislação. Para o autor (2010, p. 96): “A ideia de que não há limites aos poderes do legislador é, em parte, fruto da soberania popular e do governo democrático”. Hayek (2010) compreende que o “estado de Direito” é destruído por uma política consagrada a um ideal substantivo de justiça distributiva que proporciona direitos iguais para pessoas diferentes. O autor (2010, p. 94) argumenta que “essa igualdade formal perante a lei conflita e é de fato incompatível com qualquer atividade do governo que vise a uma igualdade material ou substantiva intencional entre os diferentes indivíduos”.

Foucault (2008) apresenta uma elaboração teórica sobre o Estado de direito que possibilita problematizar a concepção de Hayek. Segundo Foucault (2008), a noção do Estado de direito aparece na teoria política e na teoria do direito alemão no fim do século XVIII e início do século XIX. Nessa época, o Estado de direito se opõe ao despotismo entendido como um sistema que faz da vontade particular ou geral do soberano o princípio da obrigação de cada um e de todos em relação ao poder público. O Estado de direito se opõe, ainda, ao Estado de polícia que faz do poder público e das injunções impostas por este um só e mesmo tipo de princípio e lhe concede um só e mesmo tipo de valor coercitivo. O Estado de direito apresentará a alternativa positiva em relação ao despotismo e ao Estado de polícia. No Estado de direito os atos do poder público não poderão adquirir valor se não forem enquadrados em leis que os limitam antecipadamente. O poder público deve agir somente no âmbito da lei. Portanto, não é a vontade do soberano que será o princípio e a origem do caráter coercitivo do poder público, será a forma da lei. A primeira definição do Estado de direito é a de que o poder público pode legitimamente tornar-se coercitivo onde há forma da lei, e no espaço definido pela forma da lei. E na segunda condição do Estado de direito há uma diferença de natureza, de efeito e de origem entre as leis, que são medidas gerais universalmente válidas e são, em si mesmas, atos de soberania, e de outro lado, as decisões particulares do poder público. Em síntese, no Estado de direito são distinguidas as disposições legais, de um lado, e as medidas administrativas de outro. Foucault (2008) afirma que foi essa teoria do poder público e do direito do poder público que organizou a teoria do Estado no fim do século XVIII e no início do século XIX.

Outra definição do Estado de direito aparece na segunda metade do século XIX. “O Estado de direito aparece, nesse momento, como um Estado em que cada cidadão tem possibilidades concretas, institucionalizadas e eficazes de recurso contra o poder público” (Foucault, 2008, p. 234). Nessa condição, o Estado de direito é um Estado em que há um sistema de direito, e além de leis, há também instâncias judiciárias que vão arbitrar as relações entre os indivíduos, de um lado, e o poder público, de outro. Foucault (2008) menciona o interesse dos liberais de renovar o capitalismo. E, para eles, a maneira de renovar o capitalismo é introduzir os princípios gerais do Estado de direito na legislação econômica. Essa busca de um Estado de direito na ordem econômica visava limitar todas as formas de intervenção legal na ordem da economia que eram praticadas pelos Estados democráticos nessa época, como o exemplo do *New Deal* americano. De acordo com a análise de Foucault (2008), o entendimento de Hayek sobre o Estado de direito é o de que ele é o contrário de um plano, de uma planificação, uma vez que em um plano o poder público é o principal tomador

de decisões econômicas e que o poder público poderá constituir um sujeito capaz de dominar o conjunto dos processos econômicos. Para Hayek, uma lei na ordem econômica deve permanecer propriamente formal. Hayek pensa que quando o Estado de direito funciona na ordem econômica, ele permite que cada um dos agentes econômicos decida com total liberdade. Conforme Hayek, a concepção do Estado de direito na ordem econômica exclui que haja um sujeito universal de saber econômico e, por conseguinte, “o Estado deve ser cego aos processos econômicos. Não se deve supor que ele saiba tudo o que diz respeito – ou o conjunto dos fenômenos que digam respeito – à economia” (Foucault, 2008, p. 238). Mediante o exposto, a interpretação de Hayek explicita outra concepção de sociedade sustentada nos privilégios da minoria contra os direitos da maioria.

Para Hayek (2010), a tendência moderna do socialismo implica um rompimento definitivo com toda a evolução da civilização ocidental com origem a partir dos fundamentos constituídos pelo cristianismo e pelos gregos e romanos. O autor (2010) entende que a tendência moderna do socialismo representou uma etapa final da destruição da civilização individualista que foi construída pelo homem moderno a partir da Renascença. Segundo Hayek (2010), a conotação negativa que o individualismo tem hoje quando é associado ao egoísmo é equivocada. Ele entende que foi na Renascença que o individualismo fundamentado nos elementos fornecidos pelo cristianismo e pela filosofia da antiguidade clássica se desenvolveu pela primeira vez em sua forma plena, depois evoluiu e penetrou na civilização ocidental. Hayek (2010, p. 40) relata as características essenciais desse individualismo: “o respeito pelo indivíduo como ser humano, isto é, o reconhecimento da supremacia de suas preferências e opiniões na esfera individual [...] e a convicção de que é desejável que os indivíduos desenvolvam dotes e inclinações pessoais”. Hayek (2010) afirma que o que constitui a essência da visão individualista é a convicção do indivíduo de que suas ideias deveriam governar-lhe tanto quanto possível a conduta, é esse o seu reconhecimento como juiz supremo dos próprios objetivos.

É possível contestar a posição de Hayek com a contribuição teórica de Bértolo (2017). Bértolo (2017) critica a reprodução da sociedade de senhores em pleno século XXI. Segundo o autor (2017), na Grécia arcaica e clássica predominava a cultura senhorial ou aristocrática da elite governante que logo foi transmitida à Roma. Bértolo (2017, 11) afirma: “Grecia y Roma rechazaron la idea de igualdad: fueron sociedades estrictamente jerárquicas, [...]. Esclavos, extranjeros y mujeres no tenían una existencia civil”. A todos les faltaba lo que Aristóteles llamaba *timai*, o estatus político”. Bértolo (2017) lembra que a Igreja antiga incorporou à sua doutrina os princípios da aristocracia greco-romana. Analogamente,

Campana (2017) afirma que a confluência do pensamento aristocrático greco-romano com o cristianismo culminou em uma cultura rigorosamente hierárquica. Assim sendo, todos os princípios culturais do mundo greco-romano como os do Antigo Regime se basearam na noção de diferença, que ocupava um lugar central em sua configuração ideológica. A diferença era jurídica (nem todos eram iguais perante a lei), política (nem todos podiam eleger e ser eleitos), econômica (os grandes proprietários de terras se distinguiam do resto da sociedade), social (separavam senhores e servos) e moral (diferenciação entre superiores e inferiores).

Considerando a influência hayekiana no fundamento do capitalismo contemporâneo, cabe esclarecer que o neoliberalismo é uma elaboração teórica do pensamento da Sociedade *Mont Pèlerin* que constitui um projeto de ruptura com o liberalismo clássico de Locke, Smith e outros, na sua concepção de homem, de valor econômico, de Estado, de história e outros aspectos. Tal sociedade foi fundada em 1947 por Friedrich Hayek, Ludwig von Mises, Karl Popper, Frank Knight e outros liberais, a maioria economistas, embora o início da elaboração das suas ideias tenha sido em 1927, com a obra *Liberalismus*, desenvolvida por Popper, Hayek, Friedman e Mises. A posição de Mises para a sustentação do neoliberalismo é a de que o liberalismo é um programa político que não se realizou plenamente, uma vez que o liberalismo social de John Stuart Mill, Keynes, Hobhouse e Dewey implica intervencionismo estatal, sendo esses considerados por ele socialistas disfarçados (Vergara Estévez; Menéndez Martin, 2017).

A sociedade *Mont Pèlerin* foi constituída por uma elite de pensadores cuidadosamente escolhidos e mantidos fora dos holofotes, e com ideias semelhantes. Essa elite da sociedade *Mont Pèlerin* deveria ser o coração de uma estrutura muito mais ampla, que incluiria faculdades e departamentos acadêmicos em várias universidades como a Escola de Economia da Universidade de Chicago. O objetivo posterior seria a expansão para um círculo exterior muito mais visível, um extenso sistema de centros de estudo, centros de documentação e análise, empresas de consultoria, fundações; dedicadas à difusão das ideias neoliberais. O propósito de longo prazo seria influenciar o eleitorado em particular dos países centrais, dos Estados Unidos e Europa Ocidental. Algumas centenas de pensadores se reuniam na sociedade *Mont Pèlerin* desde meados dos anos 1940. Os seus membros mais conhecidos são: Hayek, Röpke, Iewkes, Popper, Milton Friedman, Bruno Leoni, Maurice Allais, George Stigler, James Buchanan, Antonio Martino, Gary Becker, Bertrand de Jouvenel, Deepak Lal, Kenneth Minogue, Vaclav Klaus. Os integrantes da sociedade *Mont Pèlerin* continuaram se reunindo com regularidade em Seelisberg, na Suíça (1949), Bloemendaal, na Holanda (1950),

Beauvallon, França (1951), novamente Seelisberg (1953), Veneza (1954), Berlim (1956), e daí em diante sem interrupção até as reuniões de Sidney (2010), Praga (2012) y Hong Kong (2014). O seu centro de gravidade foi transferido muito cedo para os Estados Unidos, em particular, para a Universidade de Chicago (Gonzalbo, 2016).

Apesar de a Sociedade *Mont Pèlerin* ser frequentemente citada como o registro do nascimento do neoliberalismo, ele foi fundado no Colóquio Walter Lippmann, “realizado durante cinco dias em Paris, a partir de 26 de agosto de 1938, no âmbito do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual (antecessor da Unesco), na rue Montpensier, no centro de Paris” (Dardot; Laval, 2016, p. 72). No referido Colóquio se reuniram acadêmicos que lançaram as bases político-intelectuais daquilo que se tornaria a Sociedade *Mont Pèlerin*, uma década depois (Brown, 2019). Então, a Sociedade *Mont Pèlerin* é um prolongamento dessa iniciativa de 1938. Um dos pontos em comum entre o Colóquio Walter Lippmann e a Sociedade *Mont Pèlerin* é o seu cosmopolitismo que tem significativa importância para a difusão do neoliberalismo (Dardot; Laval, 2016). Harvey (2014, p. 130) reafirma que o “neoliberalismo como doutrina político-econômica remonta ao final dos anos 1930”. Chauí (2020) situa o nascimento da economia política neoliberal nos anos 1930. Gonzalbo (2016, p. 25) complementa: “El origen del movimiento neoliberal se puede fechar con perfecta claridade en los años treinta del siglo pasado. El impulso venía de antes”. O movimento neoliberal foi uma reação às consequências da crise de 1929, à Grande Depressão e ao *New Deal* (Gonzalbo, 2016).

Foucault (2008) considera o Colóquio Walter Lippmann como um acontecimento relativamente importante na história do neoliberalismo moderno contemporâneo, o seu organizador foi Louis Rougier, um dos raros epistemólogos franceses do pós-guerra. No Colóquio Walter Lippmann, realizado na véspera da guerra de 1939, figuram o próprio Walter Lippmann, os velhos liberais de tradição clássica, franceses como Baudin, por exemplo. Além desses, participaram alguns neoliberais alemães e austríacos que faziam parte da Escola de Friburgo, uns haviam sido expulsos da Alemanha e outros reduzidos ao silêncio. Esses representantes do ordoliberalismo alemão presentes no Colóquio são Ropke, Riistom, entre outros, nesse Colóquio eles tiveram a oportunidade de se exprimir. Integraram o Colóquio, também, Hayek e Mises, os intermediários entre o ordoliberalismo alemão e o neoliberalismo americano¹³. O neoliberalismo americano produziria o anarcoliberalismo da Escola de Chicago, com a expressão de Milton Friedman. Com exceção de Friedman, todos os

¹³ Vale esclarecer que o neoliberalismo americano é o neoliberalismo estadunidense.

supracitados se reuniram no Colóquio Walter Lippmann. No decorrer desse Colóquio foram definidas as propostas específicas e próprias do neoliberalismo.

Gonzalbo (2016) afirma que a expressão neoliberal, neoliberalismo, começou a ser usada de modo mais ou menos habitual na década de 1980 e se generalizou nas últimas décadas. Para o autor (2016), o neoliberalismo é primeiramente um programa intelectual, um conjunto de ideias cuja trama básica é compartilhada por economistas, filósofos, sociólogos, juristas etc. O seu principal propósito é restaurar o liberalismo, ameaçado por tendências coletivistas do século XX. Porém, o neoliberalismo é também um programa político: uma série de leis, arranjos institucionais, critérios de política econômica e fiscal, e que tem o propósito de inviabilizar o coletivismo. Desse programa político surgem estratégias em quase todos os âmbitos: uma ideia neoliberal da economia, da educação, da saúde, da administração pública, do desenvolvimento tecnológico, do direito e da política. Conforme Gonzalbo (2016), a partir das ideias do neoliberalismo foi promovido um conjunto de reformas legais e institucionais que foram impostas praticamente em todo o mundo. Alguns dos objetivos do neoliberalismo são: privatização dos bens públicos: empresas, terras, serviços; liberalização do comércio internacional, liberalização do mercado financeiro e do movimento global de capitais, introdução de mecanismo de mercado e critérios empresariais nos serviços públicos, redução dos gastos públicos, entre outros. O autor (2016) considera que o neoliberalismo é a ideologia mais exitosa da segunda metade do século XX, transformou a ordem econômica do mundo, as instituições políticas, o horizonte cultural, a discussão de quase todas as disciplinas sociais e, por conseguinte, modificou definitivamente o panorama intelectual e constituiu um novo sentido comum.

Dardot e Laval (2016) esclarecem que a refundação do liberalismo pelo neoliberalismo não originou uma doutrina completamente unificada. A partir do Colóquio Walter Lippmann, em 1938, se esboçam duas grandes correntes, quais sejam, “a corrente do ordoliberalismo alemão, representada sobretudo por Walter Eucken e Wilhem Röpke, e a corrente austro-americana, representada por Ludwig von Mises e Friedrich A. Hayek” (Dardot; Laval, 2016, p. 33). O neoliberalismo aparece como uma decantação do “novo liberalismo”, como uma alternativa aos tipos de intervenção econômica e reformismo social pregados pelo “novo liberalismo”. Os neoliberais se opõem a qualquer ação do Estado que entrave o jogo da concorrência entre os interesses privados. O neoliberalismo é uma resposta ao reformismo social do fim do século XIX, ou ainda, “uma tentativa de enterrar essa orientação às políticas redistributivas, assistenciais, planificadoras, reguladoras e protecionistas que se desenvolveram desde o fim do século XIX” (Dardot; Laval, 2016, p.

71). O reformismo social era visto como uma degradação que conduzia diretamente ao coletivismo (Dardot; Laval, 2016). Laval (2020a, p. 62) pontua que: “o neoliberalismo é primeiramente uma maneira de repensar o papel do Estado e o modo de intervenção do governo”.

Com referência na contribuição teórica de Foucault, Brown (2015) explica sobre a história intelectual do neoliberalismo. A Escola Ordoliberal ou de Friburgo ganhou força no fim da Segunda Guerra Mundial. Ela surgiu na Alemanha e na Áustria em meados dos anos 1930 e foi constituída por sociólogos, economistas e filósofos. A Escola de Chicago surgiu nos anos 1950, no outro lado do Atlântico. Hayek é considerado por Foucault como um vínculo intelectual crucial entre as duas escolas e a principal inspiração do “anarcocapitalismo” estadunidense. Hayek foi educado no ordoliberalismo e passou certo tempo nos Estados Unidos nos anos 1950, em 1962 recebeu um cargo na Universidade de Friburgo. Citado por Brown (2015), Foucault observa que a Escola Ordoliberal reagiu contra o nazismo e o fascismo, e a Escola de Chicago reagiu contra o keynesianismo do *New Deal* e elabora suas distintas posturas intelectuais em torno da natureza da economia, do Estado e da liberdade. Os ordoliberais defendem o papel do Estado na intensificação da concorrência e a Escola de Chicago desenvolve a teoria do capital humano. Ao mencionar a elaboração teórica de Foucault, Brown (2015) aponta que para Foucault o neoliberalismo dos Estados Unidos é mais complexo e exaustivo e Foucault observa a sua promoção da concorrência em cada esfera, a sua extensão ilimitada do mercado a cada empresa e a cada atividade. De fato, Foucault (2008) reconhece a radicalidade do neoliberalismo americano e assinala que esse neoliberalismo generaliza a forma econômica do mercado em todo o corpo social e em todo o sistema social constituindo o *homo aeconomicus* como eminentemente governável. Para Foucault (2008), o sujeito de direito pode limitar o exercício do poder soberano, mas o *homo aeconomicus* não se contenta em limitar o poder do soberano, ele até o destitui na medida em que faz surgir no soberano uma incapacidade para dominar a totalidade da esfera econômica.

Brown (2015) afirma que para Foucault o neoliberalismo atual não é o surgimento e a recorrência de velhas formas de economia liberal formadas nos séculos XVIII e XIX. O neoliberalismo atual é a forma estadunidense de anarcoliberalismo, o que ganha centralidade é que a economia de mercado sirva de princípio tanto em forma como modelo para o Estado tanto de direita como de esquerda. Brown (2015) lembra que para Foucault a particularidade do neoliberalismo é generalizar a forma econômica do mercado como princípio para a vida e para o governo. Assim, o neoliberalismo instaura relações estritamente mercantis em toda a sociedade, que se transforma em sociedade do mercado. O neoliberalismo ativa o Estado em

defesa da economia para facilitar a concorrência e o crescimento econômico. No neoliberalismo o Estado deve governar para o mercado e não governar por causa do mercado. Essa é uma inversão completa do liberalismo clássico, em que o governo não busca compensar os efeitos do mercado como o desemprego e a pobreza. O neoliberalismo reverte a formulação liberal de acordo com a qual o Estado define e supervisiona o mercado, a posição é de que o mercado deve definir e supervisionar o Estado. A concorrência se converte no princípio central do mercado, todos os atores do mercado se convertem em capital. A simbolização dos seres humanos como capital humano elimina a base da cidadania democrática.

Brown (2019), por meio da contribuição teórica de Foucault, esclarece que a racionalidade neoliberal não se diferencia somente da democracia keynesiana ou da social-democracia. A autora (2019) salienta que Foucault diferencia a racionalidade neoliberal da racionalidade do liberalismo econômico clássico. Para Foucault, a elaboração de princípios de mercado como princípios de governo e o próprio governo reformatado para servir aos mercados constituem características da racionalidade neoliberal que a separam daquela do liberalismo econômico clássico. Tais características constituem, segundo Foucault, a “reprogramação da governamentalidade neoliberal”. Portanto, o neoliberalismo altera radicalmente os valores, coordenadas e princípios de realidade que governam ou conduzem a conduta nas ordens liberais. A “reprogramação da governamentalidade neoliberal” pode se instalar em todos os lugares, empreendedorizando o sujeito, convertendo trabalho em capital humano e reposicionando e reorganizando o Estado.

Foucault (*apud* Laval 2020a) esclarece que o neoliberalismo é uma inversão muito significativa do esquema liberal clássico. O liberalismo clássico preserva a ilimitação da soberania. Embora busque impor o princípio da utilidade como um limite governamental, o lugar para os mecanismos autossuficientes do mercado é adequado ao interior de um espaço político estruturado pelo princípio da soberania. No entanto, tal esquema é invertido com o ordoliberalismo alemão. Neste, conforme Foucault (*apud* Laval, 2020a, p. 63): “É o mercado, fonte de bem-estar, que funda a soberania do Estado – soberania esta que, no rescaldo do nazismo e da guerra, deve ser refundada sobre novas bases. A consequência maior é fazer do mercado o princípio regulador do Estado”. O mercado é considerado o princípio, objetivo e forma do Estado, a forma na qual a instituição estatal deverá se inscrever. Conforme Foucault (2008), os ordoliberais defendem o exercício global do poder político com base nos princípios da economia de mercado. O autor (2008) afirma que eles rompem com a tradição do liberalismo dos séculos XVIII e XIX quando difundem que é necessário governar para o

mercado e colocam a concorrência como objetivo histórico da arte governamental. De acordo com Foucault (2008), o pensamento neoliberal se constituiu contra o conjunto de programas sociais e contra a política keynesiana. Os ordoliberalistas pensam que a igualdade não deve ser o objetivo da política social e que ela deve se integrar à política econômica. O objetivo deles é estabelecer a relação da política social com a desigualdade no sentido de adotar como instrumento o seguro individual e mútuo e, por conseguinte, a propriedade privada. O desenvolvimento do anarcocapitalismo americano tem como origem a recusa da política social e criará a política social privatizada (Foucault, 2008). Segundo Foucault (*apud* Laval, 2020a), o ordoliberalismo não esteve à altura de conseguir isso. A correção dos efeitos destruidores ou de instilação de desigualdades do mercado não é o objetivo da política social neoliberal, mas o é “o ótimo funcionamento do mercado a fim de engendrar o máximo crescimento, que será a única política social verdadeira possível no regime neoliberal” (Foucault *apud* Laval, 2020a, p. 67). É a sociedade concorrencial que deve ser constituída e os indivíduos devem se adaptar a ela na condição de empreendedor, de “empresário de si mesmo”, é essa a subjetivação reivindicada pelo jogo da concorrência. Foucault (2008) afirma que embora existam diferenças maciças entre o neoliberalismo europeu e o neoliberalismo americano, na França, por exemplo, o neoliberalismo também se definiu por oposição à Frente Popular e às políticas Keynesianas do pós-guerra.

Foucault (2008) explica que o neoliberalismo americano se formou historicamente no século XVIII com reivindicações de tipo liberal e essencialmente econômicas, que foram o ponto de partida histórico da formação da independência dos Estados Unidos. Sendo assim, o liberalismo foi convocado como princípio fundador e legitimador do Estado, logo, o liberalismo foi elemento recorrente de toda a discussão e de todas as opções políticas dos Estados Unidos. Conforme Laval (2020a, p. 125): “O neoliberalismo aparece, na França, em um contexto marcado pela desconfiança ou hostilidade com relação ao Estado”. Foucault (2008) afirma que na França o neoliberalismo se apresentou a título de princípio moderador em reação a uma razão de Estado preexistente. Fundamentado em Foucault, Laval (2020a) salienta que o neoliberalismo francês, calcado sobre o “modelo alemão”, sustentava como a única solução para os males da economia francesa e de seus problemas de investimento a sua integração econômica aos mercados europeu e mundial. Foucault escolhe o exemplo da política social para demonstrar o funcionamento do neoliberalismo francês, Foucault considera que é uma política social para e não contra o mercado. Foucault observa que a política social no neoliberalismo francês passa por uma redefinição profunda e de natureza totalmente diferente daquela do Estado providência, “deixa de ser feita para ‘corrigir’

injustiças do mercado e se volta para prover oportunidades aos que não se beneficiam da política de pleno emprego, permitindo assim que voltem ao jogo econômico se as condições se prestarem a isso” (Laval, 2020a, p. 121).

Foucault (2008) observa que na Europa, a unidade da nação, a sua independência e o Estado de direito foram os elementos recorrentes do debate político do século XIX, enquanto nos Estados Unidos foi o liberalismo. Para Foucault (2008), o liberalismo americano não se apresenta tanto como uma alternativa política, mas é uma espécie de reivindicação global, multiforme, ambígua, aplicado tanto para o Estado de direita como de esquerda. Ele pretende ser uma espécie de foco utópico sempre reativado. Foucault (2008) lembra que Hayek considerava que o liberalismo sempre deixou que os socialistas fabricassem utopias o que possibilitou muito do seu vigor e do seu dinamismo histórico, para Hayek o liberalismo também necessita de utopia e tem de ser um pensamento vivo. Foucault (2008) esclarece que o neoliberalismo americano foi um movimento totalmente oposto ao da economia social de mercado da Alemanha. Na Alemanha se considera que a economia racional precisa ser sustentada e ordenada por uma política interna e vigilante de intervenções sociais que implicam auxílio aos desempregados, cobertura das necessidades de saúde, política habitacional etc. Em vez disso, o neoliberalismo americano procura ampliar a racionalidade do mercado, os critérios de decisão não são exclusivamente ou primordialmente econômicos, os problemas específicos da vida e da população foram postos no interior de uma tecnologia de governo (Foucault, 2008). O próprio Hayek (2010) afirma que o aperfeiçoamento do socialismo ocorreu na Alemanha, e que foi neste país que ele alcançou o seu mais completo desenvolvimento, durante o último quarto do século XIX e o primeiro do século XX, embora reconheça que o socialismo não tem sua origem na Alemanha.

5.1 A vigência do neoliberalismo

Brown (2019) considera a contribuição teórica da autora Melinda Cooper, por meio do seu livro *Family Values* (2016). “Melinda Cooper estuda a convergência entre o neoliberalismo e o conservadorismo social no ambiente da família tradicional” (Brown, 2019, p. 113). Segundo Brown (2019), no referido livro Cooper analisa que na reforma neoliberal do bem-estar social e da educação, está enraizado o papel da família constituída pelas normas familiares patriarcais. Tal família é aduzida a substituir os múltiplos aspectos do Estado social. A responsabilidade primária de investir na educação, saúde e bem-estar das crianças seria da família e não do Estado. Os indivíduos masculinos, em vez do Estado, são

responsáveis pelos custos da educação superior, pelos casos de gravidez na adolescência, pela provisão de qualquer tipo de cuidado para seus dependentes. Dessa maneira, na narrativa da reforma neoliberal é evidenciada a privatização mercadológica da seguridade social, da saúde e do ensino superior. Conforme Brown (2019), diante disso, são constituídos os cidadãos-clientes como objetos de lucro, desprotegidos, exploráveis e manipuláveis. Para a autora (2019), os princípios de igualdade, secularismo, pluralismo e inclusão, junto com a determinação democrática de um bem comum são contestados com a mercantilização e familiarização da vida cotidiana condizente à racionalidade neoliberal. Brown (2019) percebe, nas ideias neoliberais, em particular de Hayek, uma arquitetura da razão que liga a moralidade tradicional ao neoliberalismo. O mercado e a moral juntos são, para Hayek, o fundamento da liberdade, da ordem e do desenvolvimento da civilização. A liberdade hayekiana é reduzida aos códigos de conduta gerados pela tradição e consagrados nas leis, nos mercados e na moralidade, tal liberdade não corresponde à emancipação em relação às normas ou aos poderes sociais aceitos. A sociedade e a justiça social são atacadas em nome da liberdade de mercado e do tradicionalismo moral e não se limita aos denominados “conservadores”. Brown (2019, p. 39) salienta que: “O assalto à sociedade e à justiça social nas décadas neoliberais é mais comumente identificado no projeto de dismantelar e depreciar o Estado social em nome de indivíduos livres e responsabilizáveis”. Uma cidadania antidemocrática constitui um Estado crescentemente antidemocrático. “O ataque neoliberal ao social [...] é fundamental para gerar uma cultura antidemocrática desde baixo, ao mesmo tempo em que constrói e legitima formas antidemocráticas de poder estatal desde cima” (Brown, 2019, p. 39). Brown (2019) considera que o projeto neoliberal de Hayek não se limita à ampliação da esfera de competição e valoração do mercado. Hayek foi um dos intelectuais neoliberais que mais criticou sistematicamente a noção de social e da sociedade, assim como fez a crítica mais sólida à social-democracia (Brown, 2019). O “neoliberalismo hayekiano é um projeto político-moral que visa proteger as hierarquias tradicionais negando a própria ideia do social e restringindo radicalmente o alcance do poder político democrático nos Estados-nação” (Brown, 2019, p. 23).

Os integrantes das duas formas de neoliberalismo, quais sejam, o ordoliberalismo alemão e o neoliberalismo americano consideravam Keynes como o seu inimigo comum e maior adversário doutrinal. Portanto, Keynes era o centro dos seus debates. Keynes dava muita importância teórica e, sobretudo, prática ao intervencionismo de Estado, e a política social do Keynesianismo é um contrapeso aos processos econômicos selvagens e que provocam efeitos de desigualdade. Ao contrário, os neoliberais tinham repulsão à economia

dirigida, à planificação, e ao intervencionismo de Estado (Foucault, 2008). Foucault (2008) considera que a crise do liberalismo aconteceu em torno de Keynes, e em torno da política econômica intervencionista que foi elaborada entre os anos 1930 e 1960, imediatamente antes da guerra, imediatamente depois. Essa crise do liberalismo se manifesta em reavaliações e novos projetos na arte de governar, formulados na Alemanha e nos Estados Unidos. A conjuntura do ordoliberalismo alemão é a República de Weimar, a crise de 1929, o desenvolvimento do nazismo e a reconstrução do pós-guerra. O neoliberalismo americano é contra a política do *New Deal*, a política de Roosevelt, e se desenvolve e se organiza principalmente depois da guerra, contra o intervencionismo federal, contra os programas de assistência e outros programas implementados, principalmente, pelas administrações democratas de Truman, Kennedy e Johnson. O primeiro texto fundador do neoliberalismo americano foi escrito por Simons em 1934. Simons foi o pai da Escola de Chicago. Ele redigiu um certo número de artigos contra os programas sociais (Foucault, 2008). Conforme Lüders S. e Rosende R. (2007, p. 141): “Las contribuciones más importantes de Henry Simons se encuentran en su libro ‘*Economic Policy for a free Society*’, publicado en 1948”.

O neoliberalismo é uma reação econômica e política específica contra o keynesianismo e o socialismo democrático, é algo mais que um conjunto de políticas econômicas, uma ideologia ou uma reconfiguração da relação Estado e economia, é uma ordem normativa que se converte em racionalidade ampla e disseminada com o princípio de afirmação da liberdade do mercado (Brown, 2015). Outrossim, Brown (2019) considera que a crítica de Hayek a Jean-Jacques Rousseau é mais contundente do que a que ele fez à Keynes e Marx. A sua crítica a Rousseau refere-se ao contrato social. Sotelo (1998, p. 65) acrescenta que: “Rousseau [...] comprime el derecho en la ética, proponiendo um concepto fuerte de democracia, que subyace en todo el pensamiento utópico de la izquierda”. Para Hayek, o contrato social arranca a democracia do liberalismo e a incorpora na soberania popular, e glorifica o Estado. Assim sendo, para Hayek o “contrato social contém todos os princípios responsáveis por iludir os modernos sobre a natureza da liberdade do governo” (Hayek *apud* Brown, 2019, p. 83). Segundo Hayek mencionado por Brown (2019), a soberania popular confere supremacia ao domínio político, o qual ele entende que deve ser controlado, assim como o poder legislativo. De acordo com Brown (2019), Hayek aspira à substituição da democracia social e da justiça social por uma ordem organizada pelo mercado e pela moralidade tradicional. Brown (2019, p. 132) afirma que o sonho hayekiano é: “Instalar o mercado e a moralidade nos locais em que a sociedade e a democracia outrora se encontravam, por meio do princípio da liberdade em relação à regulação estatal”. Chauí

(2020) observa que Hayek e os demais integrantes da Sociedade *Mont Pèlerin* elaboraram um projeto econômico e político de ataque ao Estado Providência, por considerarem que esse tipo de Estado “destruía a liberdade dos indivíduos e a competição, sem as quais não há prosperidade” (Chauí, 2020, p. 309). Eles eram contra o Estado de bem-estar de estilo Keynesiano e social-democrata e a política estadunidense do *New Deal* (Chauí, 2020).

Brown (2019) entende que as forças ferozmente antidemocráticas que surgiram na segunda metade do século XXI foram mobilizadas e legitimadas pela racionalidade neoliberal. Portanto, a autora (2019), considera que a insurgência da extrema direita no Ocidente de hoje foi causada pelo neoliberalismo. Dardot e Laval (2016) observam que na realidade o neoliberalismo explicita um profundo questionamento da democracia liberal. Dardot e Laval (2016) consideram que o neoliberalismo evidencia um antidemocratismo em que o direito privado é isentado de qualquer deliberação e qualquer controle. Em função disso, conforme Dardot e Laval (2016, p. 182): “O Estado deve aplicar a si mesmo as regras do direito privado, [...] deve se impor, em sua própria atividade legislativa, a promulgação das leis fiéis à lógica desse mesmo direito privado”.

Harvey (2014) afirma que, no início, a doutrina político-econômica neoliberal surgiu como um pensamento isolado e ignorado, embora tenha reunido recursos oferecidos por corporações e fundado grupo exclusivo de pensadores, com a produção constante e em permanente expansão de análises, textos, polêmicas e declarações de posição política nos anos 1960 e 1970. O próprio Friedman (1988), um dos principais mentores do neoliberalismo estadunidense, admite que pertencia a uma minoria aguerrida considerada excêntrica pela grande maioria dos intelectuais. Friedman (1988, p. 5) afirma que os que constituíam essa minoria estavam profundamente preocupados com a ameaça à liberdade e à prosperidade, “representada pelo crescimento da ingerência governamental e pelo triunfo das idéias keynesianas e do Estado próspero”. Segundo Friedman (1988), o seu livro *Capitalismo e liberdade* foi condenado pelo silêncio devido a sua postura profissional que não favorecia o Estado próspero, o socialismo e o comunismo. Friedman (1988, p. 5) reclama: “Mesmo sete anos mais tarde, quando este livro foi publicado pela primeira vez, suas teorias estavam tão afastadas da corrente predominante que não mereceram nenhuma resenha por parte de qualquer das principais publicações nacionais”. Porém, Friedman (1988) considera que a aceitação do livro “*Free to Choose*”, descendente direto do livro *Capitalismo e Liberdade* e que apresentava a mesma filosofia básica, foi bem diferente por motivo da profunda mudança ocorrida no clima intelectual do último quarto de século e da mudança no clima da opinião pública. Conforme Friedman (1988), o livro “*Free to Choose*” escrito por ele e por sua

esposa, recebeu resenhas de todos os principais periódicos e, ainda, comentários extensos e minuciosos. Friedman (1988, p. 6) assinala: “Em seu primeiro ano, *Free to Choose* vendeu, nos Estados Unidos, cerca de 400 mil exemplares encadernados, foi traduzido para doze idiomas estrangeiros e, no início de 1981, foi lançado numa edição popular em brochura”. Friedman (1988) comenta que, após a década de 1960, as ideias expostas nos referidos livros, foram pelo menos respeitadas pela comunidade intelectual e pareciam ter se tornado quase comuns entre o grande público, embora naquela ocasião ainda distantes da corrente intelectual predominante.

Kuttner (1998), jornalista, professor universitário e escritor, descrito como personalidade influente da ala liberal do Partido Democrata dos EUA, observa que uma nova economia radicalmente clássica ganhou gradualmente influência na política e nos círculos acadêmicos, após 1973, quando o crescimento econômico foi abaixo. “Na economia acadêmica, teóricos como Milton Friedman, até então coadjuvantes, tornaram-se proeminentes. O estudo concreto da história e das instituições econômicas se arcaizou” (Kuttner, 1998, p. 27). Milton Friedman foi desconsiderado na década de 1950, mas na década de 1980 ele e seus seguidores ganharam o prêmio Nobel. Disciplinas acadêmicas foram colonizadas por teóricos conservadores, com nova autoconfiança, que disseminaram conceitos de mercado nas disciplinas jurídicas, da ciência política e da história econômica. Os economistas conservadores assumiram o papel de especialistas em políticas públicas e tornaram-se campeões intelectuais da privatização, da desregulação e da liberação do mercado global. Por volta de 1980, os governos à esquerda do centro nos Estados Unidos, Grã-Bretanha e Alemanha Ocidental foram humilhados e substituídos (Kuttner, 1998).

Chauí (2020) reafirma e complementa, o grupo de Hayek e Friedman passou a ser ouvido com respeito a partir da crise capitalista do início dos anos 1970, marcada pela estagflação, isto é, baixas taxas de crescimento econômico e altas taxas de inflação, até então suas ideias permaneceram como letra morta. Para tal grupo a crise capitalista foi provocada pelos sindicatos e movimentos operários, esses teriam destruído os níveis de lucro das empresas e desencadeado processos inflacionários incontroláveis, pois haviam pressionado por aumentos salariais e exigido o aumento dos encargos sociais do Estado. A solução para a crise capitalista proposta pelo referido grupo tinha como centralidade mudanças quanto ao Estado, tal grupo defendia um Estado forte contra o poder dos sindicatos e dos movimentos operários, empenhado em cortar os gastos sociais e realizar uma reforma fiscal para incentivar os investimentos privados, e que se afastasse da regulação da economia (Chauí, 2020). Segundo Laval (2020a, p. 113): “A análise feita pelos meios governamentais considerava que

esta ‘estagflação’ só podia ser combatida se o nível do custo do trabalho fosse considerado uma variável decisiva na concorrência comercial europeia e mundial”.

Segundo Harvey (2014), somente depois da crise geral de sobreacumulação ter se tornado aguda, a doutrina político-econômica neoliberal foi considerada como alternativa ao arcabouço Keynesiano e outras estruturas de formulação de políticas mais centradas no Estado. Porém, Dardot e Laval (2016, p. 26) acrescentam que a crise dos anos 1960-1970 não é redutível a uma crise econômica no sentido clássico, “o neoliberalismo não é apenas uma resposta a uma crise de acumulação, ele é uma resposta a uma crise de governamentalidade”, a uma crise generalizada de um modo de governar os homens. Diante disso, o neoliberalismo é “um modo de governo das economias e das sociedades baseado na generalização do mercado e da concorrência” (Dardot; Laval, 2016, p. 27). Como resposta à crise da governamentalidade dos anos 1970, o neoliberalismo redefiniu a política social de acordo com a regra do mercado, colocando a concorrência e o modelo empresarial como regime inédito de governo das condutas. Dessa forma, é o jogo da concorrência que dirige e regula a sociedade, e não os princípios de solidariedade, de redistribuição e de igualdade. As palavras de ordem do neoliberalismo serão exclusão e igualdade de oportunidades.

Conforme mencionamos anteriormente, Harvey (2011) observa que o movimento neoliberal constitui uma agressão ideológica radical sobre o que o Estado deve ser. Embora a teoria neoliberal defenda o não intervencionismo estatal, “um dos princípios básicos pragmáticos que surgiram na década de 1980, por exemplo, foi o de que o poder do Estado deve proteger as instituições financeiras a todo custo” (Harvey, 2011, p. 16). Esse princípio surgiu a partir da crise fiscal da cidade de Nova York de meados da década de 1970 (Harvey, 2011). Chauí (2020, p. 315) complementa: “Os ideólogos neoliberais falam em ‘enxugamento’ do Estado ou na diminuição de sua presença. O que é falso. O Estado não diminuiu, apenas deslocou sua ação, não apenas dirigindo o fundo público exclusivamente para o capital”. De acordo com Chauí (2020), além disso, o Estado amplia o controle e a vigilância sobre a sociedade de maneira imensurável. A autora (2020, p. 316) sintetiza: “A redução do Estado é uma aparência para torná-lo apto às novas exigências do capital”.

De acordo com Harvey (2011), o neoliberalismo expressa um projeto de classe que surgiu na crise dos anos 1970 para restaurar e consolidar o poder da classe capitalista. Dessa ordem, cabe ao Estado salvar os lucros dos capitalistas financeiros e colocar os sacrifícios nas pessoas. Harvey (2016) afirma que o neoliberalismo é um projeto político da classe capitalista corporativa para esmagar a classe trabalhadora. Dessa perspectiva, Harvey (2011) salienta que o trabalho foi um dos principais obstáculos para o contínuo acúmulo de capital e a

consolidação do poder da classe capitalista da década de 1960, pois nessa época o trabalho tinha influência política, era organizado e razoavelmente bem pago, havia escassez de mão de obra, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos. O neoliberalismo representa a hegemonia dos capitalistas financeiro-rentistas contra a classe trabalhadora e os seus direitos. Tais capitalistas se negam a dividir os ganhos de produtividade com os trabalhadores, os excluindo ao máximo destes ganhos, e transferindo para eles os custos da reprodução social. Segundo Harvey (2011), nos Estados Unidos, por exemplo, embora a classe capitalista esteja em meio a uma imensa acumulação de riqueza, a renda familiar da classe trabalhadora está em geral estagnada desde a década de 1970, por interesses da classe capitalista. “Pela primeira vez na história dos EUA, os trabalhadores não têm participação em qualquer dos ganhos de produtividade crescentes” (Harvey, 2011, p. 18).

Kuttner (1998) verifica uma mudança dramática na relação entre produtividade e recompensa, embora a produtividade industrial (produção por hora trabalhada) tenha crescido cerca de 50% desde 1973, os salários industriais permaneceram no mesmo patamar. “Desde 1989, a produtividade global da economia cresceu cerca de 1,2% ao ano, mas apesar disso o salário médio tem caído constantemente” (Kuttner, 1998, p. 142). O salário médio do operário quase não cresceu mesmo no período de 1993-5, quando o crescimento de produtividade passou dos 2% ao ano. Em muitos setores predomina a combinação de tecnologia avançada e salários estagnados, mesmo os de profissionais com capacitação mais elevada, exceto nos altos escalões. A desigualdade de renda que já era maior nos Estados do que na maioria dos demais países industrializados aumentou ainda mais nas décadas de 1970 e 1980 (Kuttner, 1998).

Brown (2019) observa que a governamentalidade neoliberal demoniza o social e a política e valoriza a moralidade tradicional e os mercados como seus substitutos. Os neoliberais identificam os movimentos sociais, a participação política direta ou demandas democráticas ao Estado com o totalitarismo, o fascismo ou o governo da plebe. A crítica da democracia e do político é disfarçada de uma defesa da liberdade individual no pensamento e na prática neoliberal. Eles contestam a soberania popular e consideram a própria noção de soberania política como imprópria para as sociedades livres, para os neoliberais a soberania popular ameaça a liberdade individual. Ao condenarem a democracia da soberania popular, os neoliberais reduzem a democracia ao liberalismo, logo, limitando-a ao propósito do governo em detrimento dos direitos do povo. A democracia neoliberalizada é despojada da soberania e do legislar pelo bem comum, desligada da busca pelo interesse público ou pela justiça social. Os neoliberais visam desdemocratizar o político, para isso eles promovem Estados e

instituições supranacionais despolitizados. Contudo, os intelectuais neoliberais apresentam diferença em seu antagonismo em relação ao político. Enquanto Milton Friedman e Friedrich Hayek consideram que o político deve ser atacado com firmeza e conformado aos propósitos neoliberais, os ordoliberais procuram desdemocratizar o Estado e substituí-lo por um Estado forte tecnocrático destinado à ordem e a estabilidade econômicas e afastado das demandas democráticas. “Em sua insistência na expertise técnica como orientação para a ação estatal desinteressada em nome dos mercados, os ordos não compartilham as suspeitas de Hayek em relação à ciência nesse domínio” (Brown, 2019, p. 97). O sonho ordoliberal é uma ordem liberal autoritária dirigida por tecnocratas e vinculada a uma constituição econômica. Eles imaginavam que essa ordem subordinaria a democracia à tecnocracia na formulação de políticas (Brown, 2019). Não obstante, Brown (2019, p. 69-70) ressalta que: “Acima de tudo, somente o político resguarda a possibilidade da democracia, entendida como o governo pelo povo. A democracia sem o político é um oxímoro; a partilha de poder que a democracia implica é um projeto exclusivamente político”.

Como bem observa Brown (2015), o capitalismo devora a humanidade por meio da racionalidade do neoliberalismo. O objetivo é que a racionalidade liberal dissemine o modelo do mercado a todas as esferas e atividades e que configure os seres humanos como atores do mercado. O neoliberalismo atinge tudo, em todo o lugar, ataca os princípios, as práticas, as culturas, os sujeitos e as instituições da democracia baseada no governo do povo. Os bens públicos e o poder compartilhado no governo do povo são submetidos à organização econômica. O neoliberalismo está anulando silenciosamente os elementos básicos da democracia, vocabulários, princípios de justiça, culturas políticas, hábitos de cidadania, práticas de governo e todo do imaginário democrático. Os parâmetros econômicos se convertem em parâmetros da conduta. Toda conduta é uma conduta econômica, todas as esferas da existência se medem a partir de medidas econômicas. A conduta do governo e das empresas são praticamente idênticas, tanto as empresas como os Estados se constroem de acordo com o modelo da empresa contemporânea. No neoliberalismo, existe “uma crescente intimidad del capital corporativo y financiero con el Estado, así como por el dominio corporativo de las decisiones políticas y de las políticas económicas” (Brown, 2015, p. 32). A racionalidade neoliberal reconstrói o ser humano como capital humano, constituindo a subjetividade neoliberal. Se a educação superior esteve alguma vez dedicada a desenvolver elites inteligentes e reflexivas, à elaboração da cultura e à promulgação do princípio de oportunidade igualitária, cultivando a cidadania, agora produz capital humano. Uma

sociedade composta de capital humano tem ganhadores e perdedores, não um tratamento e uma proteção igualitária, a consequência é a derrota do *homo politicus* (Brown, 2015).

Brown (2019, p. 200) analisa que: “Conforme nos tornamos capital humano de cima a baixo, e também em nosso íntimo, o neoliberalismo torna a venda da alma algo cotidiano, e não um escândalo. E reduz o que restou da virtude ao *branding*, para o capital grande e pequeno”. Kuttner (1998) ressalta que sabemos que alguns valores estão acima de qualquer preço, exceto os ideólogos do mercado. “Existem valores e normas necessários para uma sociedade viável, a respeito dos quais os mercados não são apenas agnósticos, mas corrosivos”, nos dias de hoje predomina a imprudente correria para remercantilizar tudo (Kuttner, 1998, p. 80).

Para Dardot e Laval (2016), a compreensão do neoliberalismo é uma questão estratégica universal. Compreender politicamente o neoliberalismo pressupõe que se compreenda a natureza do projeto social e político que ele representa e promove desde os anos 1930, uma vez que ele transformou profundamente o capitalismo e, por conseguinte, as sociedades. Segundo os autores (2016), o neoliberalismo não é somente uma ideologia e um tipo de política econômica, é uma racionalidade que estrutura e organiza a ação dos governantes e a conduta dos governados segundo o princípio universal da concorrência. Portanto, é “um sistema normativo que ampliou sua influência ao mundo inteiro, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e a todas as esferas da vida” (Dardot; Laval, 2016, p. 7). O sistema neoliberal é instaurado por forças e poderes que se apoiam em nível nacional e internacional e que exerce certa função política em escala mundial. As oligarquias burocráticas e políticas, multinacionais, atores financeiros e grandes organismos econômicos internacionais formam a coalizão dessas forças e poderes e promovem o antidemocratismo. Segundo os autores (2016), os grupos oligárquicos estão travando uma guerra com o objetivo de transformar profundamente a sociedade impondo-lhe a lei da concorrência e o modelo da empresa, para a mercantilização generalizada das relações sociais, para a constituição da sociedade neoliberal. Para tanto, investem no enfraquecimento das instituições e dos direitos do movimento operário. Nessa guerra dos grupos oligárquicos se misturam, com especificidades, os interesses da alta administração, dos oligopólios privados, dos economistas, das mídias, do Exército e da Igreja (Dardot; Laval, 2016).

Os programas neoliberais foram implementados por Margareth Thatcher e Ronald Reagan, por volta do final dos anos 1970, com a exploração de uma crise de lucratividade e estagflação (Brown, 2019). Dessa perspectiva, em união com Reagan, Thatcher depois de eleita em 1979, transformou toda a orientação da atividade do Estado com o propósito de

atacar problemas econômicos de sua época por meio da doutrina político-econômica neoliberal e, por conseguinte, considerando a orientação dos seus pensadores. Em função disso, Thatcher passou a apoiar ativamente as condições “do lado da oferta” da acumulação do capital e abandonou a busca do bem-estar social (Harvey, 2014). Os programas neoliberais implementados por Thatcher e Reagan eram focados “na desregulamentação do capital, no combate ao trabalho organizado, na privatização de bens e serviços públicos, na redução da tributação progressiva e no encolhimento do Estado social” (Brown, 2019, p. 29). Segundo Kuttner (1998), um capítulo do Relatório Econômico da Presidência de 1985, do período Reagan, intitulado “O mercado do controle de empresas”, reflete as teorias da Escola de Chicago em estado puro, inclusive o seu título foi emprestado de um famoso artigo do professor Henry Manne, ligado à Escola de Chicago.

Em poucos anos, a doutrina neoliberal fez uma marcha curta e vitoriosa sobre as instituições e passou a dominar a política. O Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial (BM) mudaram quase que da noite para o dia seus parâmetros de política adotando como referência a doutrina político-econômica neoliberal. Embora, inicialmente, a influência tenha sido no mundo anglo-saxão, mais tarde atingiu boa parte do Europa e do mundo (Harvey, 2014). As políticas neoliberais foram rapidamente espalhadas por toda a Europa Ocidental, “e o colapso do Bloco Soviético no final dos anos 1980 significou que boa parte da Europa Oriental realizou uma transição do comunismo de Estado para o capitalismo neoliberal em menos de meia década” (Brown, 2019, p. 29). Na prática, o neoliberalismo foi desvelado como um projeto global “no qual a soberania econômica do Estado-nação seria suplantada pelas regras e acordos estabelecidos por instituições supranacionais como a Organização Mundial de Comércio, o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional” (Brown, 2019, p. 30).

Com efeito, a “expropriação das terras comuns” foi objetivo das políticas do Estado, como resultado da prática de privatização e liberalização do mercado inerente à doutrina político-econômica neoliberal. “Ativos de propriedade do Estado ou destinados ao uso compartilhado da população em geral foram entregues ao mercado para que o capital sobreacumulado pudesse investir neles, valorizá-los e especular com eles” (Harvey, 2014, p. 130-131), foram abertos novos campos de atividade lucrativa que sanaram, por algum tempo, o problema da sobreacumulação. O desencadeamento desse movimento criou pressões de descoberta de um número crescente de arenas, domésticas e externas, em que fosse possível executar privatizações (Harvey, 2014).

Todavia, o primeiro laboratório do neoliberalismo foi o Chile, após a derrota de Salvador Allende, em 1973, e a tomada do poder por Augusto Pinochet, que em seu governo contou com a colaboração dos economistas chilenos conhecidos como “*Chicago Boys*” (Brown, 2015). Conforme Gonzalbo (2016, p. 108-109), o Chile se converteu em laboratório para muitos economistas. “Friedman visito personalmente a Pinochet em 1975, James Buchanan y Gordon Tullock eran invitados frecuentes, el próprio Hayek estuvo en 1981. Ése fue el momento de gloria del neoliberalismo chileno”. A reunião da sociedade *Mont Pèlerin* de 1981 foi em Viña del Mar. Os elogios ao Chile foram entusiasmados. Segundo Gonzalbo (2016), Hayek admite que a ditadura pode ser a única esperança, pode ser a melhor solução apesar de tudo. Gonzalbo (2016) afirma que o caso do Chile tem importância especial para a história do neoliberalismo por várias razões: porque foi o primeiro caso em que o programa foi experimentado de forma ordenada, como política geral (embora houvesse reservas, especialmente nos primeiros anos); porque foi decidido em uma reunião de quarenta minutos entre Friedman e Pinochet; e porque foi uma ditadura levada ao poder através de um golpe particularmente sangrento, isto é, estava nos limites do que era aceitável para a opinião internacional.

Solimano afirma (2012, p. 18): “El régimen militar que gobernó Chile entre septiembre de 1973 y febrero de 1990 surgió, como es bien sabido, tras derrocar por la fuerza al presidente de la época Salvador Allende, elegido en las urnas en septiembre de 1970”. Esse regime militar autoritário tinha como inspiração as ideias econômicas liberais e neoliberais de Milton Friedman e Friedrich Hayek. Os “*Chicago Boys*” e os militares tinham uma idealização do mercado, com a promoção da ética individualista e da legitimação do objetivo do lucro (Solimano, 2012). Laval (2020a, p. 111) observa que: “O golpe de Estado dado por Pinochet, em setembro de 1973, no Chile, instala os ‘*Chicago boys*’ no poder, relançando a grande onda de ditaduras criminosas na América Latina”. Rosende R. (2007, p. 61), um dos “*Chicago Boys*”, assinala que o processo de transformações que ocorreram na economia chilena a partir de meados dos anos 1970 “que originaron un profundo cambio en la dinámica de esta economía – se encuentra estrechamente asociado a la gestión de numerosos profesionales que realizaron estudios de postgrado en economía o administración en la Universidad de Chicago”.

Solimano (2012) expõe que dessa perspectiva foi implementado um projeto econômico, social, político e cultural de organização da economia e da sociedade chilena em torno do mercado e da lógica do lucro monetário. Foram utilizadas políticas de choque para reduzir a inflação e as empresas do Estado foram massivamente privatizadas. No início da

década de 1980, as políticas de privatização e do mercado afetaram fortemente a educação, a saúde, as pensões e outras atividades, foi criado um marco legal muito propício, quase permissivo, para a atividade privada nos setores sociais. Uma pequena elite foi constituída com uma desproporcional concentração de poder econômico e influência política. Um novo modelo de sociedade estava se impondo e um novo conjunto de valores foi introduzido com a mudança cultural da sociedade chilena. Uma nova hegemonia cultural era requerida para que a sociedade aceitasse as visões das novas elites econômicas que impulsionavam a versão radical de capitalismo.

No livro *“La Escuela de Chicago: una mirada histórica a 50 años del convenio Chicago/Univerdidad Católica. Ensayos en honor a Arnold C. Harberger”*, Fontaine F-N (2007), um dos estudantes chilenos que estudou na Escola de Chicago por meio do convênio, um dos *“Chicago Boys”*, revela que o convênio entre a Universidade de Chicago e a Pontifícia Universidade Católica do Chile foi financiado pelo governo dos Estados Unidos, quatro professores da Universidade de Chicago foram ao Chile em primeiro de julho de 1955 conhecer a Universidade Católica e negociar com o então reitor, Alfredo Silva Santiago, um possível contrato de colaboração acadêmica com a Faculdade de Ciências Econômicas. Castro S. (2007), também um dos *“Chicago Boys”*, menciona que o convênio da Escola de Chicago com a Universidad Católica iniciou em 1956. Na ocasião em que o referido livro foi escrito o convênio completava 50 anos. Castro S. (2007) lembra que o livro foi escrito em homenagem a Arnold C. Harberger, um dos seus professores da Escola de Chicago. Conforme Castro S. (2007, p. 14), um número significativo de estudantes chilenos estudou na Escola de Chicago, *“el número total de egresados de Chicago debe haber superado los 100 hacia fines de la década de los '90”*. No mesmo livro supracitado, Rosende R. (2007, p. 65) afirma que: *“El principal motivo que los atraía a Chicago era empaparse de los conceptos y lógica de este ‘nuevo mundo’ de la economía de mercado”*. Rosende R. (2007) acentua que as diferentes reformas econômicas implementadas no Chile a partir de meados dos anos 1970 são relacionadas à aplicação do *“modelo Chicago”*. Rosende R. (2007) salienta o protagonismo dos ex-alunos da Universidade de Chicago nas mencionadas reformas, tanto no Chile como também na Argentina e no Uruguai. Conforme Rosende R. (2007), entre o fim de 1970 e começo de 1980 a influência dos egressos da Universidade de Chicago foram significativas tanto na Argentina como no Uruguai, mas o impacto foi maior no Chile, possivelmente pelo grau de coesão deste grupo, que refletia um diagnóstico amplamente compartilhado entre os membros da equipe econômica a respeito do que deveria ser feito para superar os desequilíbrios que impediam a economia chilena de conseguir um progresso financeiro.

Segundo Rosende R. (2007), um aspecto central deste processo de reformas econômicas era o fortalecimento da propriedade privada e o uso do mercado como mecanismo para assegurar recursos.

As políticas econômicas implementadas no Chile colocaram o General Augusto Pinochet como promotor do livre mercado no mundo, ao lado do presidente dos Estados Unidos Ronald Reagan e da primeira-ministra britânica Margaret Thatcher. Não obstante, quanto ao Chile, a diferença dos Estados Unidos e do Reino Unido, refere-se ao fato de o modelo de livre mercado ter sido empreendido por um regime militar que governava um país de terceiro mundo que operava, naquele momento, sem Parlamento. Esse modelo de livre mercado foi continuado, com distintas modificações, pelos governos que dirigiram o país quando a democracia foi restaurada em 1990. Nas décadas de 1980 e 1990, foram promovidas revoluções econômicas neoliberais com o apoio das instituições financeiras internacionais de Washington (Fundo Monetário Internacional e Banco Mundial) em diversos países. O resultado foi a concentração de riqueza em poucas elites econômicas e o aumento da desigualdade social (Solimano, 2012).

Dardot e Laval (2016, p. 13) afirmam que: “Ainda não terminamos com o neoliberalismo”. Segundo os autores (2016), mais do que nunca o neoliberalismo predomina enquanto sistema normativo que orienta a prática efetiva dos governos e das empresas, internamente, e de milhões de pessoas que não têm consciência disso. As políticas neoliberais não encontram resistências conflitivas e têm cada vez mais predominância. Dardot e Laval (2016) consideram que existem ilusões perigosas na análise de que o neoliberalismo chegou ao fim a partir da falência do banco *Lehman Brothers*, em setembro de 2008, pois tais ilusões podem suscitar uma desmobilização política e provocar a anulação da nossa crítica continuamente necessária. Os autores (2016) esclarecem que a falência do banco *Lehman Brothers* significou o fortalecimento do neoliberalismo na forma de planos de austeridade adotados por Estados cada vez mais ativos na promoção da lógica da concorrência dos mercados financeiros. Os autores (2016, p. 19) lembram que “o mercado moderno não atua sozinho: ele foi sempre amparado pelo Estado”. O rápido crescimento das finanças de mercado é decorrente de regras favoráveis criadas pelos Estados e pelas organizações econômicas mundiais em conivência com os atores privados.

Vale salientar que a compreensão de Dardot e Laval (2016) sobre o fortalecimento do neoliberalismo difere da análise do autor Bresser-Pereira (2021), anteriormente mencionada neste trabalho, na terceira e na quarta seção. Dardot e Laval (2016, p. 15) observam que: “O grande erro cometido por aqueles que anunciam ‘a morte do neoliberalismo’ é confundir a

representação ideológica que acompanha a implantação das políticas neoliberais com a normatividade prática que caracteriza propriamente o neoliberalismo”. Conforme Laval (2020a), o neoliberalismo não cessa de se metamorfosear, ele está se prolongando e se radicalizando. Dardot e Laval (2016) lembram que as políticas neoliberais são cada vez mais ativas e estão sendo desenvolvidas e aprofundadas, independentemente das consequências catastróficas a que elas nos conduziram.

Laval (2020a, p. 285) assinala que o fenômeno neoliberal constituído pela racionalidade concorrencial é heterogêneo, tem variações históricas e políticas. As suas distintas formas ideológicas, culturais, religiosas possibilitam a constituição de diferentes neoliberalismos que se afrontam no campo político, como nos Estados Unidos ou na Europa. “Uns modernistas, nacionalistas e ‘liberais’ no plano dos costumes, e outros conservadores, nacionalistas e autoritários”. Essa pluralização que culmina na sua hegemonia fragiliza consideravelmente a esquerda antineoliberal em alguns países e faz com que ela desapareça em outros, por sua incapacidade de constituir alternativas.

Gonzalbo (2016) analisa que a crise de 2008 produziu uma vigorosa reação do neoliberalismo, uma nova grande ofensiva que recorda muito a dos anos 1980, e que inaugura uma nova ordem. No primeiro ano, foi injetado massivamente muito dinheiro público nos bancos. Além disso, muitos autores inicialmente radicalmente opostos ao programa neoliberal, estavam menos reticentes. “El motivo básico de la ofensiva neoliberal a partir de 2010 ha sido la austeridad” (Gonzalbo, 2016, p. 285). Gonzalbo (2016) afirma: a trajetória do neoliberalismo não acabou, longe disso, parece exagero dizer que vivemos, se não uma civilização neoliberal, pelo menos um momento neoliberal, compatível à primeira metade do século XIX.

Mattei (2023) explica que a austeridade é protetora do capitalismo e um elaborado exercício de dominação de classe. Os economistas no poder impõem a ordem do capital por meio da austeridade. A austeridade se materializou em um projeto tecnocrata liderado pelo Estado e surgiu após a Primeira Guerra Mundial como método para impedir a introdução de alternativas ao capitalismo e prevenir o seu colapso, por conseguinte, ela não é produto da era neoliberal, que começou no fim dos anos 1970. “A tecnocracia que facilitou a ascensão da austeridade no século XX pode ser atribuída ao economista britânico Ralph G. Hawtrey” (Mattei, 2023, p. 27). A austeridade é uma reação antidemocrática às ameaças de mudança social, é usada como instrumento político para aniquilar as reivindicações de democracia econômica, e serve para invalidar o clamor público, as greves de trabalhadores e outras formas de conflito social. Então, a austeridade é uma contraofensiva contra a ascensão da

classe trabalhadora e teve início em duas conferências financeiras internacionais, uma realizada em Bruxelas, em 1919, e a outra em Gênova, em 1922. Tais conferências “constituíram os marcos da ascensão do primeiro programa tecnocrático global de austeridade” (Mattei, 2023, p. 31). Embora a austeridade se apresente como apolítica, os economistas tecnocratas assumem uma posição política ao implementá-la, com o objetivo de “submeter as classes trabalhadoras às vontades e necessidades das classes proprietárias de capital para o enriquecimento de uma pequena minoria” (Mattei, 2023, p. 29). Dessa maneira, os recursos da maioria trabalhadora são transferidos para a minoria poupadora-investidora, em uma condição em que a austeridade produz o aumento nos lucros dos proprietários e na taxa de exploração dos trabalhadores. A reabilitação da acumulação do capital é o objetivo similar da austeridade em países distintos, com isso a austeridade transcende todas as diferenças ideológicas e institucionais (Mattei, 2023). A autora afirma a importância dos bancos centrais na política de austeridade, como meio de usurpar a democracia da esfera econômica. No Brasil, por exemplo, sob a tônica da neutralidade econômica, foi conferido um mandato de quatro anos ao presidente do Banco Central por meio da Lei complementar n. 179/2019. Atualmente, com o presidente do Banco Central indicado por Bolsonaro, predomina uma “elevadíssima política de juros comprometedoras do crescimento do país e um orçamento carente de consecução de prestações sociais” (Mattei; Pittari, 2023, p. 14).

Dardot e Laval têm Foucault como referência teórica no seu livro “A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal”. Tais autores também consideram a contribuição teórica de Brown, referem-se às análises do seu livro: “*Les habits neufs de la politique mondiale, néolibéralisme et néoconservatime*”, de 2007. Foucault elabora estruturalmente a sua contribuição teórica sobre o liberalismo, o ordoliberalismo e o neoliberalismo americano para o esclarecimento do funcionamento da sociedade capitalista contemporânea, em seu livro “Nascimento da biopolítica”, o qual foi considerado nos estudos de Brown (2016) e, também, de Dardot e Laval (2016).

6 O ESTADO NA HEGEMONIA DO NEOLIBERALISMO ESTADUNIDENSE: A CONVERGÊNCIA ENTRE O NEOLIBERALISMO E O NEOCONSERVADORISMO

A condição estrutural desta seção é o desenvolvimento das considerações de dois autores mencionados, Foucault (2008) e Brown (2019). Foucault (2008) afirma que o neoliberalismo atual é a forma estadunidense de anarcoliberalismo, e Brown (2019) ressalta que o neoliberalismo e o neoconservadorismo devem ser pensados conjuntamente, nas suas convergências, colisões e simbioses. Com efeito, o neoliberalismo parece estar correspondendo à pretensão de Hayek de estar sendo sempre reativado como um pensamento vivo e como uma utopia. O capitalismo neoliberal é constituído por uma prática de dominação política e econômica desmedida, com incidência contundente no funcionamento da sociedade e na conduta dos indivíduos. Por isso, a sua sobrevivência necessita ser reproduzida e reafirmada com fundamento na conduta moral religiosa universal, que se pretende incontestável, cuja principal representação é a família patriarcal como unidade econômica da sociedade com referência na propriedade privada. O apelo cotidiano e incessante a essa conduta moral como a expressão máxima do controle e da reprodução do conformismo parece ser um dos mecanismos principais de exercício de poder político e econômico dos capitalistas financeiro-rentistas. Porquanto, o neoconservadorismo é o fundamento do neoliberalismo. A análise dessa complexidade economicamente e politicamente estrutural demanda considerar para a elaboração deste trabalho a fundamentação teórica marxista em conexão com a foucaultiana, entre outras contribuições de autores clássicos, não desconsiderando os contemporâneos de relevância para o objeto de estudo.

Vale salientar que a hegemonia do neoliberalismo estadunidense revela a hegemonia dos capitalistas financeiro-rentistas em sua expressão de anarcoliberalismo. Nessa direção, Salbuchi (2001) observa que existe através de décadas uma inegável correlação entre as políticas do governo estadunidense e as recomendações formuladas por um grupo compacto de formuladores de políticas, quais sejam: “consejeros, empresarios y financistas que se ubican fuera del gobierno y que provienen del *CFR*, la Trilateral Commission y el Carnegie Endowment for Peace, entre otras organizaciones” (Salbuchi, 2001, p. 92). O *The Council of Foreign Relations (CFR)* constitui o verdadeiro governo dos Estados Unidos. Foi criado em 1921 pelo coronel Edward mandell House, o onipresente e onipotente conselheiro do presidente Woodrow Wilson. Dentro do *CFR* existe um grupo muito menor, porém muito mais poderoso, composto por banqueiros internacionais de *Wall Street* e seus principais agentes. Este núcleo do *CFR* é dirigido pelos irmãos Rockefeller. Os membros norte-

americanos do *Bilderberg*, que Estulin (2005) esclarece que é um fórum privado constituído de membros influentes da comunidade empresarial, também integram o *CFR*, conforme Jiménez (2017). Jiménez (2017) informa que desde a criação do *CFR*, todos os diretores da Agência Central de Inteligência (CIA) pertencem ao mesmo. O objetivo comum dos membros do *CFR* é provocar a sujeição da soberania e independência dos Estados Unidos (JIMÉNEZ, 2017). A *CFR*, conforme Salbuchi (2001), foi encabeçada pelo professor de ciências políticas Zbigniew Brzezinski da Universidade da Columbia, quando Carter foi nomeado. Brzezinski logo se tornou Assessor de Segurança Nacional de Carter. Kuttner (1998, p. 25) lembra que: “A moda atual da desregulação começou no governo Jimmy Carter”. A sua campanha para presidente já advertia sobre os excessos do governo federal. Estulin (2005) esclarece que o *CFR* tem planejado a Nova Ordem Mundial desde antes de 1942. No seu livro *Technotronic era* [Era tecnocrônica], Zbigniew Brzezinski descreve um plano de controle de toda a humanidade através de meios de manipulação Mental. Segundo Salbuchi (2001), os membros da *CFR* repartem sua participação e militância política oficial de maneira bastante equivalente entre os partidos políticos majoritários dos Estados Unidos, o Democrata e o Republicano, de maneira que formam espontânea e rapidamente equipes com membros do *CFR* para ocupar postos e cargos chave do poder executivo nacional e outras áreas do governo, seja nas administrações dos democratas ou dos republicanos. “Como dijera un miembro del *CFR*, ‘poco interesa si ganan los democratas o los republicanos; somos siempre nosotros quienes estamos en el poder’” (Salbuchi, 2001, p. 93). Estulin (2005) afirma que o *Club Bilderberg*, o *CFR* e a Comissão Trilateral (CT) controlam todos os candidatos à presidência dos partidos democrata e republicano, a maior parte dos senadores e congressistas dos Estados Unidos, a maioria dos postos relevantes da política do país (especialmente em Assuntos Exteriores), a maior parte da imprensa, a todos os integrantes da CIA, do Departamento Federal de Investigação (FBI) e do Internal Revenue Service - IRS (Autoridades fiscais públicas), e a maioria do resto das organizações governamentais de Washington. Quase todos os postos de trabalho do gabinete da Casa Branca estão ocupados por membros do *CFR*.

Conforme Salbuchi (2001), o *CFR* foi descrito como o mais influente grupo de formulação de planejamento e política exterior. Seu número limitado de membros pertence às mais prestigiosas e melhor relacionadas instituições financeiras e empresariais, universidades, fundações, meios de comunicação social e órgãos governamentais. A influência do *CFR* é descrita pela *American Foreign Policy: Process & Pattern* nos seguintes termos: “Los roles de reclutamiento y de asesoramiento del Council on Foreign Relations iluminan los canales a través de los cuales los valores de las elites empresarias y financieras han sido, a menudo,

canalizados dentro del proceso de formulación de política exterior” (Salbuchi, 2001, p. 93). O *CFR* mantém vínculos estreitos com outras organizações similares que também operam como “usinas de cérebros” na diagramação de políticas, tais como o *Carnegie Endowment for International Peace*, o *Brookings Institution* e a *Trilateral Commission*. Este relacionamento se manifesta principalmente através de importantes grupos de membros do *CFR* que são membros dessa e de outras organizações análogas, de tal maneira que entre todas geram sinergias e interdependências muito fortes. Na prática, operam como uma rede de informação, planificação e poder altamente coordenada e efetiva (Salbuchi, 2001). Salbuchi (2001) reconhece a implantação de uma nova ordem mundial, que sob o eufemismo da globalização, conforma uma ideologia neoimperial cujo objetivo é concentrar a maior quantidade do poder decisório do planeta em mãos privadas. O autor (2001, p. 413) afirma: “No nos cansaremos de repetirlo: **la gran privatización que ha tenido lugar en el mundo actual – bajo este modelo de ‘globalización’ -, es la privatización del poder**” (Grifos do autor).

Jiménez (2017) observa que os donos do poder sempre querem expandi-lo, pois sempre querem ser os primeiros em todos os lugares a obter os maiores privilégios e benefícios. Jiménez (2017) afirma que a maioria das pessoas ignora quem são os responsáveis pelos acontecimentos que estão ocorrendo. Porém, Estulin (2005) acredita que existe um pacto de silêncio e passividade no seio da sociedade civil. Jiménez (2017) considera que na conjuntura atual predomina cada vez menos informação e mais intoxicação, cada vez menos liberdade e menos verdade. Paradoxalmente, na chamada sociedade da informação é mais difícil que nunca diferenciar a verdade da mentira, a realidade da aparência. Os proprietários dos impérios globais de informação criam, inventam e interpretam as notícias. Segundo Jiménez (2017), a elite continua recorrendo ao medo e à mentira como armas do seu poder. Estulin (2005) também menciona o estabelecimento do controle da população com base no medo. Jiménez (2017) ressalta que durante anos políticos fantoches de todos os cantos do mundo têm apelado para a universalização da educação de acordo com recomendação da Organização das Nações Unidas (ONU) que anseia pela implantação definitiva do pensamento único. A respeito do assunto, Estulin (2005, p. 7) cita uma afirmação do fundador do *Club Bilderberg*, Príncipe Bernardo: “Es difícil reeducar a la gente que ha sido educada en el nacionalismo. Es muy difícil convencerlos de que renuncien a parte de su soberanía en favor de una institución supranacional”.

Jiménez (2017) salienta que os pretensos donos do mundo estão sempre à espreita, reafirmando a cada dia a conclusão do filósofo Thomas Hobbes de que o homem é o lobo do homem. Eles têm como objetivo o domínio do mundo. A autora cita o *Club Bilderberg* como

outro integrante dos centros de poder que anseia controlar de maneira absoluta todas as mentes do planeta. Estulin (2005) aponta a existência de uma rede de sociedades secretas que planejam subjugar a soberania das nações livres a uma legislação internacional administrada pela ONU. Esta rede é dirigida pelo mais secreto dos grupos, o *Club Bilderberg*. Desde 1954, os sócios do *Club Bilderberg* representam a elite de todas as nações ocidentais, financistas, industriais, banqueiros, políticos, líderes de corporações multinacionais, presidentes, primeiros-ministros, ministros de finanças, secretários de Estado, representantes do Banco Mundial, a OMC, o FMI, executivos dos meios de comunicação e líderes militares, um governo oculto que reúne em segredo para debater e alcançar o consenso sobre a estratégia global. Segundo Estulin (2005), o *Club Bilderberg* controla o governo dos Estados Unidos, a União Europeia, a Organização Mundial de Saúde (OMS), a ONU, o Banco Mundial (BM), o Fundo Monetário Internacional (FMI) e qualquer outra instituição similar. Estulin (2005) afirma que *Bilderberg* é o Governo Mundial oculto.

O *Club Bilderberg* está lutando para romper a força psicológica do indivíduo e deixá-lo sem defesas. Um dos meios para conseguir este propósito é a insistência atual em potencializar o trabalho em equipe na educação e no local de trabalho, de maneira que as pessoas se acostumem a renunciar as suas próprias ideias em benefício do grupo. Cada vez mais, menos pessoas defendem o pensamento crítico. “Estamos llegando a una situación en la que los ‘lobos solitarios’ empiezan a sentirse avergonzados de su existencia” (Estulin, 2005, p. 18). Gaulejac (2007) critica o predomínio do grupo sobre o indivíduo, o que ele entende como o predomínio do gueto organizacional sobre o indivíduo. Para o autor (2007, p. 21), a empresa considera ideal a combinação satisfatória entre cooperação e competição. A força do grupo sobre o indivíduo é evidenciada com o pertencimento do indivíduo à empresa. “Pertencer não significa apenas um vínculo formal de trabalho, mas uma identidade de empréstimo”. Embora a glorificação do indivíduo autônomo seja celebrada, a hipótese é a de que ele continua sob regimes tutelares, como por exemplo, a empresa. Segundo Estulin (2005), os estudos realizados pelo *Club Bilderberg* demonstram que estão conseguindo baixar o coeficiente intelectual da população, essa está mais obediente e submissa. Eles sabem que quanto menor o nível intelectual dos indivíduos, menor a sua capacidade de resistência ao sistema imposto. “El objetivo final de esta pesadilla es un futuro que transformará la Tierra en un planeta-prisión mediante un Mercado Único Globalizado, controlado por un Gobierno Mundial Único”. Para Estulin (2005), o Governo Mundial Único é um Estado policial mundial, uma ditadura mundial que pretende progressivamente constituir a escravidão total. Estulin (2005) afirma que nunca viu um ataque como este aos direitos das pessoas e à

democracia. Klein (2008) analisa que os regimes antidemocráticos cometem violações aos nossos direitos com o objetivo de nos amedrontar e preparar o terreno para a implementação de reformas radicais de livre mercado.

Phillips e Osborne (2013) também esclarecem que a classe capitalista dominante é composta por um restrito núcleo financeiro do sistema capitalista transnacional. Tal classe protege a sua estrutura de riqueza por meio de organizações globais, tais como o BM, O FMI, o G20, O Fórum Social Mundial, A comissão Trilateral, entre outras associações transnacionais. A classe capitalista dominante é representada por administradores que são parte ativa em grupos de política global governamentais, esses manipulam as leis, políticas e governos. Seu principal objetivo é conseguir o máximo retorno sobre investimentos para os seus clientes e para o seu próprio benefício, que pode ser alcançado por meios legais ou não. E, assim, a classe capitalista privatiza o mundo, transformando-o em um mercado único.

Jiménez (2017) relata que o *Club Bilderberg* faz parte da maçonaria. Essa é uma sociedade secreta que surgiu no início do século XVIII, em 1717, na Inglaterra, e que atualmente busca assumir uma posição ainda mais ambiciosa e globalista. O *Club Bilderberg* e outros centros de poder fazem parte da maçonaria globalista, tais como o *Caveira de Ossos (Skull and Bones)* e o *CFR*, eles defendem a imposição de um governo único. Os Bush pertencem ao *Skull and Bones* desde três gerações, ao qual George W. Bush se filiou em 1968. “La entidad está integrada por las familias patricias norteamericanas asociadas a la cúpula del poder, cuyo liderazgo se perpetúa de forma hereditaria como si de una monarquía se tratase” (Jiménez, 2017, p. 74). Entre seus membros estão vinte sobrenomes de projeção nas finanças e na indústria. Jiménez (2017) explica que o controle da religião é considerado para a padronização de uma sociedade global que acabaria viabilizando o governo único. Para tanto, os precedentes da maçonaria de mesclar distintas teorias, filosofias, saberes antigos e religiões inspiram os poderosos e a maçonaria contemporânea em sua ambição de controlar todos os aspectos humanos. O ecumenismo maçônico é usado como uma forma de anular todas as religiões oferecendo um mistério vazio de valores para erradicar qualquer possibilidade de compreensão do mundo e da vida. O globalismo maçônico da elite do poder tem suas raízes em várias doutrinas da era moderna. A influência maçônica também é perceptível nos órgãos governamentais e no Parlamento ingleses. Os presidentes dos Estados Unidos geralmente são escolhidos entre os membros do *Bilderberg*, e também os europeus. Para que o mecanismo de poder globalista e seu governo de fato funcione é necessária uma retroalimentação contínua, um contato ininterrupto entre os *Bilderbergs* e os membros de outras entidades como poderes e influência mundial.

Jiménez (2017) cita outros grupos de poder, quais sejam, “*La Mesa Redonda de Cecil Rhodes*”, “*Bohemian Grove*”, “*La Comisión Trilateral*”, “*La Mesa Redonda de Industriales*”, “*Pentaveret*” e “*Los Peregrinos de la Libertad*”. O principal dirigente do “*Los Peregrinos de la Libertad*” foi Friedrich von Hayek, seguido por Karl Popper e Milton Friedman, entre outros. Desde 1947, cerca de uma centena de peregrinos liberais da América, Europa, Japão, África do Sul e Israel se reúnem, defendem que a planificação governamental é a principal ameaça para uma sociedade do mercado.

A privatização do poder sem restrições parece evidenciar a expressão da família patriarcal como unidade econômica da sociedade inerente ao neoliberalismo estadunidense. Por isso, é imprescindível considerarmos a contribuição teórica de Engels por meio do seu livro: “*A origem da família, da propriedade privada e do Estado*”. Engels (1977) considera a família patriarcal o primeiro efeito do poder exclusivo dos homens. Para Engels (1977, p. 198): “A forma de família que corresponde à civilização e vence definitivamente com ela é a monogamia, a supremacia do homem sobre a mulher, e a família individual como unidade econômica da sociedade”. O autor (1977) afirma que a família romana é o tipo perfeito dessa forma de família, cujos traços essenciais são a incorporação dos escravos e o domínio paterno. Segundo Engels (1977, p. 61): “*Famulus* quer dizer escravo doméstico e família é o conjunto de escravos pertencentes a um mesmo homem”. A monogamia é baseada na supremacia do homem, nasceu da concentração de grandes riquezas nas mãos de um mesmo homem e do seu desejo de transmitir essas riquezas, por herança, aos seus filhos, excluídos os filhos de qualquer outro. Em todas as classes dominantes, o matrimônio é coisa de conveniência arranjada pelos pais. Engels (1977) observa que a direção do antigo lar comunista era confiada às mulheres e elas tomavam parte na produção social. No entanto, de acordo com o autor (1977, p. 80): “As coisas mudaram com a família patriarcal e, ainda mais, com a família individual monogâmica. O governo do lar perdeu seu caráter social. A sociedade já nada mais tinha a ver com ele. O governo do lar se transformou em serviço privado”. Para Engels (1977), a família individual moderna é baseada na escravidão doméstica e a mulher converteu-se em primeira criada. “Na família, o homem é o burguês e a mulher representa o proletário” (Engels, 1977, p. 80).

Baseado na classificação de Morgan, Engels (1977) cita três estágios da sociedade na pré-história da humanidade, quais sejam: o Selvagem, a Barbárie e a Civilização. Segundo Engels (1977), a Civilização é o estágio de desenvolvimento da sociedade em que a divisão do trabalho e a produção mercantil atingem seu pleno desenvolvimento e revolucionam a sociedade anterior. O autor (1977) assinala que nos estágios da sociedade anteriores à

Civilização, os produtores eram senhores de seu processo de produção e de seus produtos, “a produção era essencialmente coletiva e o consumo se realizava, também, sob um regime de distribuição direta dos produtos, no seio de pequenas ou grandes coletividades comunistas [...]” (Engels, 1977, p. 196). No estágio da Civilização, com a constituição da família patriarcal, a propriedade privada se sobrepôs à propriedade coletiva.

Arendt (1998) assinala que a família é a organização dos corpos políticos por meio do parentesco. “Nessa forma de organização, a diversidade original tanto é extinta de maneira efetiva como também destruída a igualdade essencial de todos os homens” (Arendt, 1998, p. 22). Antunes (2024), fundamentado na contribuição teórica de Arendt (1997), afirma que a família representa a esfera privada na qual as relações de parentesco e de amizade são privilegiadas. Na família não existe discussão livre e racional, pois o chefe exerce o poder despótico sobre os seus subordinados expressando a força e a violência. Assim sendo, o homem é privado da ação política. Conforme Arendt (1997), a esfera privada tem como referência a propriedade e baseia-se na dominação, nela o grupo de iguais resguarda os seus interesses e reproduz os seus privilégios. A esfera pública, por outro lado, segundo Antunes (2024), é o domínio da vida política que se exerce com a mediação da ação e do discurso e, assim, o poder da palavra substitui a força e a violência da esfera privada afirmando a liberdade política.

Arendt (2018) reconhece que quando os diferentes garantem a si direitos iguais o homem se realiza na política. A posição de Arendt contesta a de Hayek (2010) de que o Estado é destruído por uma política consagrada a um ideal substantivo de justiça distributiva que proporciona direitos iguais para pessoas diferentes. Segundo Arendt (1998), a garantia dos direitos iguais aos diferentes evidencia que o homem se orienta de acordo com a esfera pública, na qual o mundo comum é constituído. O indivíduo que não se conduz em conformidade com o mundo comum não tem responsabilidade e interesse por esse mundo e, por conseguinte, a ele pouco importa a existência do outro. Quando o indivíduo desconsidera o mundo comum, ele favorece a expansão da esfera privada doméstica para a esfera pública da política. Como lembra Arendt (1998, p. 53): “só podemos chegar ao mundo público comum a todos nós – que, no fundo, é o espaço político – se nos distanciarmos de nossa existência privada e da conexão familiar com a qual a vida está ligada”. Arendt (1997) ressalta que a esfera privada ameaça a esfera pública permanentemente.

A análise de Engels (1977) é esclarecedora para pensarmos a configuração do Estado na realidade do neoliberalismo estadunidense. Segundo o autor (1977), ao chegar em um determinado grau de desenvolvimento a sociedade está emaranhada em uma irremediável

contradição com ela própria e dividida por antagonismos irreconciliáveis que não consegue conjugar. Então, surge a necessidade de um poder para amortecer o choque e manter a ordem. “Este poder, nascido da sociedade, mas posto acima dela, se distanciando cada vez mais, é o Estado” (Engels, 1977, p. 191). O Estado não é um poder que se impôs à sociedade de fora para dentro, é um produto da sociedade. Por ter nascido da necessidade de conter o antagonismo de classes e em meio ao conflito delas, é o Estado da classe mais poderosa, da classe economicamente dominante que se converte em classe politicamente dominante e adquire novos meios para a repressão e exploração da classe oprimida. “Entretanto, por exceção, há períodos em que as lutas de classes se equilibram de tal modo que o Poder do Estado, como mediador aparente, adquire certa independência momentânea em face das classes” (Engels, 1977, p. 194).

Para Engels (1977), a classe possuidora domina pelo sufrágio universal. O sufrágio universal indica o índice de amadurecimento da classe operária. Somente quando a classe oprimida amadurece para a autoemancipação elege seus próprios representantes e não os dos capitalistas. Enquanto a classe oprimida não tiver maturidade para promover a sua emancipação, a ordem social existente é considerada pela maioria dos seus membros como a única possível.

Conforme Engels (1977), o reconhecimento político das diferenças de fortuna revela um grau inferior de desenvolvimento do Estado. Engels (1977) assegura que a mais elevada das formas de Estado é a república democrática, pois nessa não se reconhece mais oficialmente as diferenças de fortuna. Engels (1977) explica que o Estado se tornou uma necessidade em uma determinada fase do desenvolvimento econômico da divisão da sociedade de classes, pelo fato de ser um organismo para a proteção dos que possuem contra os que não possuem. Por isso, na maior parte dos Estados históricos, os direitos concedidos aos cidadãos são regulados de acordo com as posses dos referidos cidadãos. Engels (1977) explica que a gestão dos negócios públicos era da competência do Senado na primeira constituição do povo romano. Os chefes do Senado eram escolhidos no seio das mesmas famílias. “Essas famílias chamavam-se patrícias e pretendiam para elas a exclusividade no Senado e ocupação dos demais cargos públicos” (Engels, 1977, p. 141, p. 27). Campanã (2017) acrescenta que na Roma do século III os patrícios se consideravam os melhores do gênero humano.

Campanã (2017) considera que nas últimas décadas a cultura senhorial assentada nas sociedades monárquicas e coloniais, confinada à esfera privada e ao perímetro das instituições herdadas do Antigo Regime, passou a formar parte do discurso público e o ideal social

legitimado em plena democracia, embora considerássemos este fenômeno como parte do passado. Com efeito, os elementos culturais senhoriais, aristocráticos ou coloniais presentes na vida atual afetam a qualidade das democracias e são eficazes suportes de dominação. O autor (2017, p. 29) esclarece o que ele entende por cultura senhorial ou aristocrática: “un complejo de ideas y valores, unos patrones de conducta, un imaginario, que surgieron de la élite gobernante, de los llamados al principio *aristoi* o «mejores» y después «nobles» en la Grecia arcaica y clásica, y se transmitieron luego a Roma”. Para o autor (2017), esses valores distinguem as sociedades e os seres humanos segundo uma estreita noção de humanidade e de uma hierarquia moral, e os classificam em superiores e inferiores. O domínio moral se expressa cotidianamente e de muitas maneiras, tanto no plano racial e sexual como no educativo e religioso, e com frequência chega a consagrar-se nas leis. Porquanto, das diferenças morais emergem privilégios e discriminações legais assim como políticas públicas e privadas que os materializam. A ideia de diferença moral tende a traduzir-se em diferença de direitos em benefício dos superiores e em dominação moral sobre os supostos inferiores. Existe uma dominação moral permanente dos considerados superiores sobre os denominados inferiores como obra da natureza humana. Campaña (2017, p. 42) ressalta que: “La ideología aristocrática fue una verdadera fuente de inspiración para la burguesía tanto en el sentido ético como estético”. A burguesia deixou inalterado o complexo sistema de hierarquias que sustentou as sociedades das nobrezas europeias e as acompanhou em sua expansão colonial dentro e fora do continente. Sobretudo, a burguesia reforçou a noção de não humanidade, o ideal de superioridade e a existência de diferenças na dignidade e moralidade dos homens. Para Campaña (2017), nenhuma sociedade e nenhum governo jamais rejeitaram completamente os princípios morais da nobreza, considerando a possibilidade de uma revolução democrática radical.

Mediante o exposto, cabe lembrar a elaboração teórica de Bresser-Pereira (2017) sobre o capitalismo financeiro-rentista. Conforme Bresser-Pereira (2017), muitos rentistas são herdeiros de empresários e agentes sociais ociosos, como proprietários do capital recorrem aos tecnoburocratas (altos executivos) como seus intelectuais orgânicos, para gerenciar as suas riquezas. O capitalismo financeiro-rentista se tornou realidade depois da Segunda Guerra Mundial e, especialmente, depois da virada neoliberal. A classe dominante contemporânea é principalmente uma classe rentista em associação com outra tecnoburocrática-financista (Bresser-Pereira, 2017). Os rentistas e os financistas estão interessados nas suas rendas capitalistas de curto prazo (Bresser-Pereira, 2017 e 2018). Tal realidade apresenta conexão com a predominância da configuração da família patriarcal em sua origem, e com o

aparelhamento do Estado pelos rentistas e pelos tecnoburocratas financeiros conforme demonstrados por Salbuchi (2001), Jiménez (2017) e Estulin (2005), no início desta seção, e por outros autores considerados na terceira e na quarta seção deste trabalho, independentemente de o governo ser de esquerda ou de direita.

Como bem analisa Arendt (1987), em tempos sombrios as pessoas mostram consideração somente pelos seus interesses vitais e sua liberdade pessoal, entram em entendimentos mútuos com seus companheiros sem nenhum compromisso com o mundo. Dessa maneira, desprezam o mundo e o âmbito público. Campaña (2017) salienta que a cultura senhorial, aristocrática e colonial influencia as relações sociais nas democracias representativas e bloqueia os avanços na direção da igualdade moral, sua ordem é baseada na subordinação, na obediência, e em uma ética de dominação. Para o autor (2017), as democracias representativas do Ocidente incorporaram a constelação de princípios, conceitos e noções de mundo aristocrático-senhorial ao seu ideário. O Ocidente expandiu a doutrina da dominação. A cultura da aristocracia se converteu em um dos insumos para a construção da identidade de comerciantes, financistas e industriais exitosos. As democracias representativas são fruto da convergência entre a burguesia e a aristocracia.

Entre meados do século XVII e final do século XVIII, pensadores britânicos e franceses (da pré-Ilustração e da Ilustração) coincidiram em sinalizar uma série de componentes relevantes no âmbito econômico, político e moral, que formariam a cultura da época. Adam Smith e outros pais do capitalismo não pensaram somente em um sistema econômico e político, mas também em um axiológico, em um conjunto de valores, crenças e normas de conduta congruentes e funcionais com o capitalismo e a democracia. Nessa época, no Reino Unido se acreditava que o comércio somente poderia desenvolver em um sistema de governo que permitisse a liberdade econômica e política. O comércio, como o câmbio e empréstimos com juros e usura, requeriam um governo livre, como se chamava então democracia para se diferenciar da monarquia ou governo absolutista. A democracia favorecia o comércio e o comércio favorecia a democracia. Assim, comerciantes, financistas e industriais passaram da marginalidade ao centro social, bem como seus valores e princípios, os preceitos morais da sua atividade foram consagrados e situados à mesma altura do que os antigos devido à dinâmica dominante no sistema econômico e na nova organização política, para o capitalismo e a democracia (Campaña, 2017).

Os valores do comércio alcançaram inclusive uma consagração religiosa, a tal ponto que se converteu em parte determinante da vida. No século XVII, o calvinismo declarou que o comerciante de êxito era um eleito de Deus: o êxito do comércio era um êxito de Deus. A

lógica mercantil que se expandia progressivamente na sociedade inteira, será depois, pouco a pouco, artigo de fé da cultura das sociedades democrático-capitalistas. A economia capitalista introduziu princípios que começaram a constituir a vida prática das sociedades. Os princípios morais gerados pelo capitalismo colocam o cálculo e o lucro individual à condição de princípios de vida. Possivelmente tenha sido Adam Smith o primeiro a observar que o fundamento da cultura das sociedades burguesas é o autointeresse. *Autointerés* é a forma liberal de clamar por uma ética em que o lucro e o prazer próprios sejam estabelecidos como princípios orientadores da vida individual e social. O autointeresse e os seus derivados como condição moral do capitalismo tornaram-se assim o primeiro ingrediente das democracias representativas (Campaña, 2017).

O interesse próprio ou o cálculo egoísta e a reprodução das ambições individuais, o fundamento moral das sociedades, acarretaram sérios perigos para a subsistência do espírito da sociedade, para a necessária harmonia entre os interesses privados e públicos. Se cada um persegue somente seu próprio interesse é mais fácil que os homens ambiciosos cheguem ao poder e que os outros homens se convertam em escravos do seu bem-estar. O interesse próprio burguês e a autonomia individual são consagrados ao lado da honra, da reputação, do orgulho social e da superioridade senhorial. No contexto do pensamento burguês, a liberdade é dos livres e a igualdade é apenas a dos economicamente iguais. As instituições da democracia representativa promovem uma mentalidade que difere pouco da estruturada pela aristocracia (Campaña, 2017). Campaña (2017) reafirma a análise de Habermas de que os sistemas liberais de igualdade geralmente encobriram as flagrantes injustiças da desigualdade social.

No capitalismo, o lucro substituiu qualquer elemento moral. O espírito de liberdade vigorará onde quer que os particulares tenham interesse no desenvolvimento de operações em que estejam em jogo a propriedade de bens e os meios de subsistência, uma sociedade industrial permite ao máximo a liberdade individual. O princípio da igualdade se converteu em parte do ideário das novas sociedades capitalistas. Em sua origem, esse princípio era entendido como igualdade de oportunidades e condições para a produção e o comércio, existe uma igualdade legal ao mesmo tempo que uma diferença moral. O lugar que cada um deve ocupar na sociedade democrático-representativa deriva dessa singularidade ou diferença moral, isto é, por suas virtudes ou méritos alguns ocupam posições superiores e estão destinados a mandar e a governar, e a outros, por suas características inferiores corresponde obedecer. Dessa forma, a igualdade não era senão uma forma de homogeneizar a burguesia com a nobreza, os dois grupos que compartilham o poder. A nobreza e a burguesia romperam

as barreiras entre elas e uniram força e ambição para alcançar o mesmo objetivo de monopolizar o poder (Campaña, 2017).

Os primeiros teóricos da democracia não foram democratas no sentido que daríamos hoje ao conceito de democracia, qual seja, a democracia de uma livre comunidade de iguais. Para eles, a democracia era uma pequena sociedade de proprietários. Para os pensadores da Ilustração as ideias de igualdade e liberdade natural não eram incompatíveis com a exclusão social de amplas camadas da população, eles não se opunham a diferenciação entre proprietários e não proprietários para decidir sobre os que faziam parte do corpo político-social. A concepção de igualdade dos filósofos da burguesia carecia de universalidade e na verdade era idêntica à concepção cristã. Rousseau tem em mente uma pequena sociedade de proprietários, como os da Grécia. Montesquieu era consciente das limitações políticas substanciais da nova república burguesa que chegou a definir a democracia representativa como um híbrido de democracia e aristocracia. Adam Smith, o mais significativo representante intelectual do período fundacional da civilização burguesa, formulou de modo mais objetivo, completo e claro a configuração ideal da nova sociedade. Adam Smith recomendou a necessidade de estabelecer e manter a distinção de classificações e ordem da sociedade, portanto, era distante do igualitarismo e da abolição de hierarquias (Campaña, 2017).

6.1 O neoliberalismo estadunidense e o capitalismo enquanto espírito

Max Weber (2004) contribui quanto à compreensão do capitalismo para além da sua condição de sistema econômico ou modo de produção. Weber (2004) analisa o capitalismo enquanto espírito, isto é, o espírito do capitalismo como conduta de vida. A primeira parte do estudo sociológico sobre a gênese da cultura capitalista moderna foi publicada por Weber, em 1904. A segunda parte apareceu um ano depois. Ao viajar para os Estados Unidos, Weber pôde observar por todo o canto os rastros vivos das origens do espírito do capitalismo moderno. Weber publicou “A ética protestante e o espírito do capitalismo” em 1904-5. A saber, neste livro Weber informa que aborda apenas o capitalismo moderno da Europa ocidental e da América do Norte.

Weber (2004) observa um fenômeno na passagem do século XIX para o século XX, qual seja, o maior desenvolvimento capitalista dos países de confissão protestante e a maior proporção de protestantes entre os proprietários do capital, empresários e integrantes das camadas superiores de mão-de-obra qualificada. Weber (2004) observa que a maioria das

idades ricas haviam se convertido ao protestantismo já no século XVI, e ainda hoje os efeitos disso trazem vantagem aos protestantes na luta econômica pela existência. Weber (2004) assinala que os protestantes, seja como camada dominante ou dominada, mostraram uma inclinação específica para o racionalismo econômico que não é igualmente observada entre os católicos. Mas, Weber (2004) observa que não são todas as denominações protestantes que parecem operar com a mesma força nessa direção, especialmente o Calvinismo, em comparação com outras confissões, parece ter favorecido francamente o desenvolvimento do espírito capitalista, por exemplo, mais do que o luteranismo. Weber (2004) utiliza o conceito “espírito do capitalismo” em referência à ética protestante, por reconhecer a predominância de uma “ética” peculiar cuja violação não é tratada somente como desatino, mas como uma espécie de falta com o dever, é um *ethos* que se expressa e assume “o caráter de uma máxima conduta de vida eticamente coroada” (Weber, 2004, p. 45). Weber (2004) assinala, na ética protestante, a descoberta da “utilidade” da virtude como uma revelação de Deus. Conforme Weber (2004), o *summum bonum* dessa “ética”, acima de tudo, é ganhar dinheiro e sempre mais dinheiro. Weber (2004, p. 48) afirma: “o ‘espírito do capitalismo’ (no sentido por nós adotado) existiu incontestavelmente *antes* do ‘desenvolvimento do capitalismo’ [...]”. O espírito capitalista como fenômeno de massa, especificamente moderno, sempre existiu em todos os períodos da história.

Weber (2004, p. 56) faz a seguinte indagação: “de que modo foi possível se formar já em sua tenra idade essa conexão entre capacidade de adaptação ao capitalismo e fatores religiosos”. Conforme Weber (2004), os agentes que deram a guinada aparentemente discreta, mas, decisiva para que se impusesse na vida econômica o espírito capitalista foram homens criados na dura escola da vida, sóbrios, constantes, sagazes, e com princípios rigorosamente burgueses. O fundamento dessa conduta de vida com a de negócios seria essencialmente algo negativo no sentido de uma capacidade de desconsiderar a tradição herdada com fundamento em um “iluminismo” liberal, e sem relação com máximas éticas ou ações religiosas. De fato, **pessoas imbuídas do “espírito capitalista” costumam ser indiferentes à Igreja, se não diretamente hostis a ela** (Grifos nossos). Pessoas imbuídas desse espírito se apegam a sensação de “cumprimento de um dever profissional”. Weber (2004, p. 64) salienta que “A ordem econômica capitalista precisa dessa entrega de si à ‘vocação’ de ganhar dinheiro: ela é um modo de se comportar com os bens exteriores que é tão adequada àquela estrutura”. Weber (2004) observa que em geral não são os empresários verdadeiramente influentes, nem muito menos os de sucesso duradouro que se deixam cativar por essa conduta de vida em que o ser humano existe para o seu negócio. A concepção de ganhar dinheiro com um fim em si

mesmo e um dever do ser humano, como ‘vocação’, repugnava à sensibilidade moral de épocas inteiras. O conceito de vocação expõe a origem de um elemento irracional, **vocação profissional não significa dedicação ao trabalho profissional** (Grifos nossos).

Weber (2004) considera que o que conferiu base e consistência éticas à conduta de vida do empresário de “novo estilo” foi a inclusão de uma atividade voltada para o ganho na categoria de “vocação”, à qual o indivíduo se sentia vinculado pelo dever. O autor (2004) procura identificar o círculo de ideias que originou isto. Weber (2004), parte das criações de Calvino, do calvinismo e das demais seitas “puritanas” para a análise das relações entre a ética do antigo protestantismo e o desenvolvimento do espírito capitalista, embora não espere que algum dos fundadores ou representantes dessas comunidades religiosas tivesse como objetivo de seu trabalho na vida o despertar do “espírito capitalista”. “Os portadores históricos do protestantismo ascético [...] são essencialmente de quatro espécies: 1. O calvinismo [...]; 2. O pietismo; 3. O metodismo; 4. As seitas nascidas do movimento anabatista” (Weber, 2004, p. 87). Além de nenhum desses movimentos serem absolutamente isolado dos outros, a sua separação das igrejas protestantes não ascéticas não era rigorosa. “O *calvinismo* foi a fé em torno da qual se moveram as grandes lutas políticas e culturais dos séculos XVI e XVII nos países capitalistas mais desenvolvidos – os Países Baixos, a Inglaterra, a França” (Weber, 2004, p. 90). A doutrina da predestinação é o mais característico dos dogmas do calvinismo. Conforme Calvino, os seres humanos existem para Deus, não é Deus que existe para os seres humanos. A condução da vida do cristão deve ser para o aumento da *glória de Deus*. Só quem é eleito pode aumentar a glória de Deus, no fim das contas, Deus ajuda a quem se ajuda. Segundo Weber (2004, p. 105): “talvez jamais haja existido forma mais intensa de valorização religiosa da ação moral do que aquela produzida pelo calvinismo em seus adeptos”. A ética calvinista tem como fundamento um caráter utilitário, o que constituiu importantes peculiaridades da concepção calvinista de vocação profissional, a santificação da vida quase chega a assumir um caráter de administração de empresas. Weber (2004) acompanha o efeito da ideia puritana de vocação profissional sobre a vida de negócios. A fundamentação mais coerente da ideia de vocação profissional é oferecida pelo puritanismo inglês, nascido do calvinismo. Os maiores representantes do movimento puritano mergulhavam fundo na cultura da Renascença. A conduta de vida burguesa essencialmente racional fez a cama para o “*homo aeconomicus*” moderno. Weber (2004, p. 137) observa que o que vigorava para o calvinista era a máxima de Goethe, qual seja: **“O homem de ação não tem consciência, consciência só tem aquele que contempla”**. **O trabalho deve ser duro e continuado, tanto faz se corporal ou intelectual** (Grifos nossos). “Ócio e prazer, não; só serve a *ação*, o agir

conforme a vontade de Deus inequivocadamente revelada a fim de aumentar sua glória. A *perda de tempo* é, assim, o primeiro e em princípio o mais grave de todos os pecados” (Weber, 2004, p. 143).

Mediante o exposto, para Weber (2004), o fundamento para o desenvolvimento do capitalismo é a ética do protestantismo ascético. “A ascese lutou do lado da produção da riqueza privada contra a improbidade” (Weber, 2004, p. 156). O poder da ascese religiosa se manifestou em um *ethos* profissional especificamente burguês. O empresário burguês podia perseguir os seus interesses de lucro e devia fazê-lo, consciente de ser abençoado por Deus, pois a atividade lucrativa do empresário também era “vocação profissional”. Além disso, o poder da ascese religiosa punha à disposição do empresário burguês, trabalhadores sóbrios, conscienciosos, extraordinariamente eficientes e aferrados ao trabalho e dava aos trabalhadores a reconfortante certeza de que a repartição desigual dos bens deste mundo era obra da divina Providência. Ao tratar o trabalho como uma “vocação profissional” tornou-se inerente ao trabalhador moderno e ao empresário a correspondente vocação para o lucro.

O pietismo é a radicalização da ascese calvinista, além da personalidade racional do calvinista contra os afetos, o elemento ascético-racional no pietismo mantinha predominância sobre a parte do sentimento. Os puritanos estavam convencidos de que eram abençoados por Deus com o sucesso no trabalho e estabeleciam uma aristocracia dos regenerados pela graça particular de Deus. Um elemento essencial é a racionalização prática da vida do ponto de vista da utilidade. “A comunidade dos irmãos, como centro de irradiação missionária, era ao mesmo tempo uma empresa comercial e, assim, guiava os seus membros pelos trilhos da ascese intramundana” (Weber, 2004, p. 124). A ascese intramundana demanda antes de tudo “tarefas” no sentido de conformar a existência de forma sóbria e planejada.

O *metodismo* é indiferente ou até mesmo rejeita os fundamentos dogmáticos da ascese calvinista, é a contrapartida anglo-americana do pietismo continental, é uma religiosidade sentimental, porém ascética. Essa religiosidade emocional acabou por estabelecer um vínculo peculiar com a ética ascética, marcada pelo selo racional do puritanismo. Para Weber (2004), o metodismo é uma edificação apoiada em alicerces éticos tão vacilantes quanto o pietismo. Weber (2004) considera que o pietismo da Europa continental e o metodismo dos povos anglo-saxões são fenômenos secundários tanto em seu conteúdo conceitual como em seu desenvolvimento histórico.

Weber (2004), afirma que é o *anabatismo* o segundo a ocupar, ao lado do calvinismo, a posição de portador autônomo da ascese protestante, junto com as seitas que se originaram dele diretamente ou que adotaram suas formas de pensamento religioso ao longo dos séculos

XVI e XVII, como os batistas, os menonitas e sobretudo os *quakers*. Em todas as suas denominações o movimento anabatista produziu fundamentalmente “seitas” e não igrejas. A ética dessas comunidades religiosas repousa sobre um fundamento que é por princípio heterogêneo em relação à doutrina reformada calvinista. Tais comunidades carregam o princípio da evitação do mundo, e assumem o radical desencantamento religioso do mundo cujo caminho a seguir é a ascese intramundana, todas as comunidades anabatistas queriam ser comunidades “puras” no sentido da conduta imaculada dos seus membros. No movimento anabatista dos primórdios seus líderes apresentavam um radicalismo brutal em seu divórcio do mundo, mas já a primeira geração não mais parecia considerar a conduta de vida estritamente apostólica como indispensável para dar prova de regeneração. Nessa geração já tinham burgueses endinheirados voltados para a virtude profissional intramundana e na ordem da propriedade privada, mais próximos à ética reformada calvinista. Toda a metódica sóbria e conscienciosa da conduta de vida anabatista era canalizada para os trilhos da vida profissional apolítica, o interesse profissional de cunho econômico aumentava substancialmente.

Sanson (2021, p. 206) a partir da teoria weberiana observa uma nova configuração religiosa na conjuntura atual e indaga: “Seria o neopentecostalismo uma versão religiosa que dá sustentação à versão econômica preconizada pela ideologia (neo)liberal?”. Chauí (2020, p. 326) é clara ao analisar que no neoliberalismo: “a figura do empresário de si mesmo é sustentada e reforçada pela chamada teologia da prosperidade, desenvolvida pelo neopentecostalismo”. A autora (2020) denomina o princípio universal da concorrência disfarçada sob o nome de meritocracia inerente ao empresário de si mesmo, de *neocalvinismo*.

A contribuição teórica de Weber também é necessária para a análise do neoliberalismo, mas não encerra a pertinência de outras contribuições teóricas. Conforme (Brown, 2007), por mais valiosas que possam ser a teoria marxista do capital e a teoria weberiana da racionalização, nenhuma delas possibilita teorizar todos os aspectos do neoliberalismo. Tais teorias isoladamente não possibilitam analisar a ruptura histórico-institucional que causou a substituição da governamentalidade do liberalismo clássico pela governamentalidade neoliberal, e as modalidades de resistência tornadas obsoletas pelo neoliberalismo e que devem ser inventadas para combatê-lo eficazmente.

6.2 O neoliberalismo estadunidense da Escola de Chicago

Ainda que a doutrina neoliberal seja difundida por algumas centenas de universidades ao redor do mundo, a Universidade de Chicago é uma das mais famosas (Dardot; Laval, 2016). Conforme Dardot e Laval (2016, p. 72): “A reconstrução da doutrina liberal vai beneficiar meios acadêmicos bem financiados e de prestígio, começando nos anos 1930 pelo *Institut Universitaire des Hautes Études Internationales* (Instituto Universitário de Altos Estudos Internacionais)”. Tal Instituto foi fundado pela *London School of Economics* e pela Universidade de Chicago, em Genebra, em 1927.

A Universidade de Chicago é referência do neoliberalismo estadunidense por meio da proeminência da Escola de Chicago, com a maior expressão de Milton Friedman, embora Hayek também seja citado ao lado de Friedman com a mesma influência. No entanto, Hachette (2007, p. 38), que também estudou na Escola de Chicago por meio do convênio com a Universidade Católica do Chile, expõe que: “Hayek estaba relegado a um piso inferior del Departamento de Economía en un ‘Comité Interdisciplinario sobre Pensamiento Social [...] En cuanto Friedman, en esos momentos estaba publicando su famoso ensayo sobre economía positiva”. Hachette (2007, p. 43) menciona o reconhecimento atribuído a Friedman no âmbito da economia: “Alguien decía ‘Adam Smith es reconocido como el padre de la economía moderna, y Milton Friedman, como su hijo espiritual de mayor distinción’”. Conforme Klein (2008), o movimento da Escola de Chicago liderado por Friedman tem conquistado espaço em todo o mundo, desde a década de 1970.

De acordo com Laval (2020a, p. 224), “Bourdieu foi muito vigilante com relação à estratégia expansionista da Escola de Chicago, e a crítica que ele faz a essa corrente não se restringe a sua fragilidade epistemológica, mas diz respeito à dimensão política”. Para Bourdieu, a noção de mercado é extremamente perigosa, principalmente por possibilitar a disseminação da ideologia que respiramos por meio da Escola de Chicago e, especialmente, de Milton Friedman. “Mas a questão essencial é saber o que torna socialmente tão forte uma ideologia fundada sobre uma epistemologia tão frágil”.

Os economistas do livre mercado contestam a legitimidade tanto da política como do governo considerando a sua limitação para a eficiência do mercado, “a política seria uma atividade irremediavelmente contraproducente. Essa perspectiva transforma a argumentação em favor dos mercados em uma contestação frontal às aspirações mais fundamentais da democracia política” (Kuttner, 1998, p. 418). Dessa ordem, a teoria da Escolha Pública

alimenta uma imagem cínica da democracia política, sustenta que o modelo econômico deve ser aplicado à vida política, e argumenta a favor da invasão da política democrática pela economia de livre mercado (Kuttner, 1998). O nome de maior expressão quanto à referida teoria é James Buchanan. Buchanan começou a desenvolver a teoria da Escolha Pública na Universidade de Chicago, embora tenha permanecido na *George Mason University*, no estado da Virgínia, a maior parte da sua vida acadêmica (Dias, 2009).

Valladares (2005) esclarece sobre a Universidade de Chicago: “Criada em 1892 por John D. Rockefeller e um grupo de intelectuais de origem protestante, a Universidade de Chicago tornou-se, nas primeiras décadas do século XX, símbolo de uma universidade voltada para a pesquisa e para o desenvolvimento tecnológico”. A informação de que a Universidade de Chicago foi criada por um grupo de intelectuais protestantes é significativa, considerando a contribuição teórica de Max Weber. A Universidade de Chicago, especialmente a Escola de Chicago, contribuiu para a constituição do anarcoliberalismo e para a sustentação ideológica da hegemonia dos capitalistas financeiro-rentistas como uma nova forma de imperialismo.

A propósito da contribuição teórica de Jiménez (2017) sobre a constituição dos grupos de poder hegemônicos por integrantes da maçonaria, é necessário mencionar a articulação da maçonaria com o protestantismo contra a Igreja Católica, para a realização da Reforma Protestante. Conforme Vieira (1980, p. 279): “Os maçons muitas vezes ajudaram as causas protestantes, mas esse auxílio nem sempre foi aceito ingenuamente pelos missionários”.

Campana (2017) analisa que a falta de uma classe nobre estadunidense não deve ser interpretada como indício da inexistência de uma verdadeira cultura senhorial nas colônias do norte e do sul. A colônia estadunidense é precisamente a sociedade criada pelos princípios aristocráticos europeus, que não desapareceram com as revoluções de independência. O processo de constituição de uma elite imitou a nobreza europeia. Em 1776, os líderes da independência dos Estados Unidos estavam distantes de buscar a república. Thomas Jefferson, o redator da Declaração de Independência, expôs claramente a sua falta de determinação em se separar do Império Britânico. Por nascimento ou por formação e inclinação os Pais Fundadores (*Founding Fathers*) dos Estados Unidos eram de ideologia aristocrática, de uma forma ou de outra, todos deixaram explícita a sua inclinação por princípios dessa natureza. A maioria deles professava uma devoção sincera à república como forma de Estado, mas nenhum defendia a democracia, e todos rejeitavam a ideia de igualdade. A palavra democracia não aparece na primeira Constituição dos Estados Unidos e nem em nenhum outro documento importante da época. Campana (2017) por meio da contribuição de Michael Arnheim, afirma:

na verdade, nenhum dos Pais Fundadores tinha uma cultura democrática, baseada em princípios igualitários e na liberdade para todos. No Congresso Constituinte, por exemplo, ninguém discordou da opinião de que os escravos negros eram coisas, não pessoas. A república e não a democracia era o modelo e o objetivo, como também o era para os revolucionários europeus. A consequência foi que, tal como na *polis* grega e na *civitas* romana, também nos Estados Unidos somente uma minoria era considerada membro da sociedade civil e da vida política. A ideia de governo dos melhores ou da aristocracia foi estabelecida desde o início nos Estados Unidos. Não casualmente, mas deliberadamente, a aristocracia esteve nas mentes dos Pais Fundadores desde o início como o governo ideal para a república.

Vale ressaltar que o próprio Friedman (1980), um dos principais teóricos do neoliberalismo e de maior expressão do neoliberalismo estadunidense, afirma que Thomas Jefferson não tinha nenhuma dúvida de que alguns homens eram superiores a outros. Jefferson acreditava que havia uma elite, porém considerava que todas as pessoas deviam ser suas próprias governantes desde que não interferissem no direito análogo de outras. Friedman (1980, p. 137) afirma: “O próprio Thomas Jefferson possuiu escravos até sua morte [...]. Sofreu muito com a escravidão, sugeriu em suas notas e correspondência planos para eliminá-la, mas jamais propôs publicamente esquema ou fez campanha alguma contra essa instituição”. Segundo Friedman, M.; Friedman, R. (1980), após uma demorada viagem aos Estados Unidos na década de 1830, Alexis de Tocqueville, o filósofo e sociólogo francês, verificou que a característica mais notável neste país era a igualdade e não o governo da maioria. Quanto à América, Tocqueville escreve: “Os homens são nela considerados como tendo maior igualdade nos aspectos de fortuna e intelecto ou, em outras palavras, são mais iguais em sua força do que em qualquer outro país do mundo ou em qualquer idade da qual a história preservou os registros” (Friedman, M.; Friedman, R., 1980, p. 136). É importante destacar a afirmação de Friedman, M.; Friedman, R. (1980) quanto ao Partido Democrata dos Estados Unidos. Segundo os autores (1980, p. 136-137) é um exemplo notável que no que se refere à mudança das palavras que: “em décadas recentes, o Partido Democrata dos Estados Unidos tenha sido o principal instrumento de fortalecimento daquele poder de governo que Jefferson e muitos dos seus contemporâneos consideravam a maior ameaça à democracia”. Para Friedman, M.; e Friedman, R. (1980, p. 137), o Partido Democrata dos Estados Unidos “esforçou-se para expandir o poder do governo em nome de um conceito de ‘igualdade’ que é quase o oposto do conceito que Jefferson equiparou à liberdade e Tocqueville à democracia”.

Na realidade, um novo modelo de aristocracia foi fundado nos Estados Unidos. De fato, longe de renunciar aos antigos valores nobres para adotar exclusivamente um modelo de comercialização geral da vida moral, a burguesia preserva-os e faz com que atuem a seu favor nas democracias, embora às vezes apenas como estratégias retóricas para legitimar formalmente os ditames incontestáveis do capital para o estabelecimento de novas hierarquias. A ética do melhor, entendida na nobreza e que ainda hoje vale, exclui a preocupação com a comunidade e a justiça. O mérito é o grande argumento, o principal estratagema do pensamento nobre contemporâneo para tentar justificar as atuais diferenças morais e sociais, para enquadrar a cultura da discriminação nas democracias representativas. A ideologia que destaca o valor do mérito não é tão nova quanto parece, tem uma longa tradição na história do pensamento e dos valores das sociedades europeias e está enraizada na cultura nobre (Campaña, 2017).

Jiménez (2017) ressalta que cada época gerou seus próprios teóricos da elite. Cada grupo de indivíduos que se considera notável pensa que não há ninguém melhor que os seus membros ou a sua própria inteligência para organizar a sociedade. Mencionamos anteriormente que Jiménez (2017) cita entre os grupos de poder hegemônicos que buscam dominar o mundo o grupo “*Los Peregrinos de la Libertad*”, cujo principal dirigente foi Friedrich von Hayek, seguido Milton Friedman, Karl Popper, entre outros. A autora (2017) comentou sobre a posição deles contra a planificação governamental e a defesa da sociedade de mercado, conforme havíamos verificado nas elaborações teóricas da quinta seção. Com a contribuição de Estulin (2005), verificamos que tais grupos de poder estão articulados para controlar e subjugar as nações livres por meio de uma legislação internacional sob o seu controle com o objetivo de criar um Mercado Único globalizado e controlado por um Governo Mundial Único.

Campaña (2017) salienta, como anteriormente mencionado nesta seção, que a predominância da cultura senhorial, aristocrática e colonial sempre ameaçou a democracia representativa, bloqueando avanços na direção da igualdade moral. Segundo o autor (2017), embora considerássemos este fenômeno como parte do passado, ele passou a formar o discurso público e o ideal social legitimado em plena democracia. A frágil democracia sempre tentou conviver com as constantes ameaças da cultura aristocrática reproduzida pela burguesia.

Mas, na contemporaneidade, tais ameaças foram intensificadas desde a década de 1970. Os grupos de poder se articularam por meio do neoliberalismo fundamentado no neoconservadorismo. O neoconservadorismo e o neoliberalismo se complementam e se

retroalimentam como forma de dominação. Tal dominação tende a ser apresentada como natural e legítima e, para tanto, nada mais convincente que o apelo à conduta moral religiosa constituidora da subjetividade universal, por meio da família patriarcal. Com efeito, os grupos de poder expressam a sua hegemonia, conquistam mentes e corações alinhados com a sua cultura aristocrática, arraigados aos valores da família patriarcal e, por conseguinte, à reafirmação da esfera privada para assegurar seus interesses e privilégios. Nessa direção, a posição de Milton Friedman e Rose Friedman (1980, p. 45) de reafirmação da família patriarcal é clara: “A família, e não o indivíduo, sempre foi e continua a ser hoje o tijolo da sociedade, embora a sua importância venha claramente se enfraquecendo – o que constitui uma das consequências mais infelizes do aumento do paternalismo do governo”. Embora os referidos autores defendam a liberdade individual como um dos fundamentos do neoliberalismo, a sua concepção de liberdade é seletiva, conforme a afirmação: “A liberdade é objetivo viável apenas para indivíduos responsáveis. Não acreditamos em liberdade para loucos e crianças” (Friedman, M; Friedman, R., 1980, p. 45). Brown (2007) considera que os sujeitos neoliberais são controlados pela sua liberdade. Quanto ao assunto, a autora (2007, p. 57) afirma: “la liberté dans un système de domination peut être un instrument de cette domination, mais en raison de la *moralisation* néolibérale des conséquences de cette liberté”.

A articulação dos integrantes dos grupos de poder é global, porém a sua identidade parece ser estadunidense pelo profícuo terreno desta cultura à reprodução da dominação desmedida. Como mencionado anteriormente na quinta seção, Foucault (2008) considera que o neoliberalismo atual é a forma estadunidense de anarcoliberalismo, e se caracteriza pela disseminação da economia de mercado como princípio e modelo para o Estado tanto de direita como de esquerda, generalizando a forma empresa dentro do corpo e do tecido social. Foucault (2008), observa a radicalidade do neoliberalismo estadunidense, para o autor (2008) esse promove a concorrência em cada esfera, é mais complexo e exaustivo. Os seres humanos são simbolizados como capital humano. O *homo æconomicus* é constituído como eminentemente governável. Nessa direção, temos a posição de outros autores anteriormente citados, Weber encontrou nos Estados Unidos os rastros vivos do capitalismo moderno, Sampson (1996) analisa o capitalismo estadunidense como selvagem. Chesnais (1996) também considera que a dominação pelas finanças é particularmente adequada às características selvagens do capitalismo estadunidense. Kuttner (1998, p. 269) afirma que são os Estados Unidos: “o país que apresenta o mais arraigado ceticismo em relação ao poder estatal desde a sua fundação, e que nos dias de hoje é o mais ardentemente comprometido com a economia do *laissez-faire*”. De fato, Mises (1987), um dos ideólogos do

neoliberalismo, por meio da sua apreciação contribui para a afirmação de Kuttner (1998). Conforme Mises (1987), os Estados Unidos são mais prósperos porque seu governo resistiu mais tempo que os outros a adotar uma política de obstrução dos negócios, foi o que menos colocou obstáculos ao espírito da livre empresa e da iniciativa privada.

A dominação desmedida é a característica da aristocracia hegemônica globalizada, cuja prática é a de reafirmação do capitalismo enquanto espírito e conduta de vida, comprovando a afirmação de Thomas Hobbes de que o homem é o lobo do homem. A prática hegemônica dos grupos de poder é disseminada no tecido social, aliena mentes, conquista e endurece os corações, e conforme Brown (2019) nos constitui como capital humano no nosso íntimo, fazendo com que a venda da alma seja algo cotidiano e não um escândalo. O capital humano é o *homo œconomicus*, é o empreendedor coisificado que desconhece a contemplação, é destituído de consciência, a sua vocação profissional é ganhar dinheiro e cada vez mais dinheiro, independentemente de o trabalho ser corporal ou intelectual, correspondendo ao protestantismo ascético calvinista. E, lembrando Weber (2004), as pessoas imbuídas do “espírito capitalista” costumam ser indiferentes e até hostis à Igreja. Ademais, o seu conceito de vocação profissional não significava dedicação ao trabalho profissional, pois a sua vocação é no sentido de ganhar dinheiro e cada vez mais dinheiro. É possível complementar Weber (2004), às pessoas imbuídas do “espírito capitalista” interessa ganhar dinheiro e mais dinheiro e ter poder e mais poder, sem nenhum compromisso com a ética coletiva, com a esfera pública e com o Estado democrático.

Relembramos a análise de Chesnais (1996), desenvolvida na terceira seção, de que a economia mundial atual carrega a marca da financeirização extremada e da dominação rentista, do capital de agiotagem e de um número cada vez maior de operações gangrenadas pelas redes mafiosas. Segundo o autor (1996) a ausência de controle da ação do capital concentrado é favorecida pelos governos que criam condições no campo monetário e financeiro, como o dos Estados Unidos e do Reino Unido. Os Estados Unidos impõem aos demais países, principalmente aos mais fracos, as regras do jogo calcadas nas necessidades do capital financeiro de características rentistas por meio dos organismos internacionais. Diante da apreciação de Chesnais (1996), cabe considerar, conforme demonstramos no início desta seção o aparelhamento do Estado americano pelos representantes dos grupos de poder mencionados, entre outros. Conforme assinalado por Harvey (2014) com a contribuição teórica de Arendt, os burgueses perceberam que o pecado original do simples roubo, que séculos antes tornara possível a acumulação do capital, tinha eventualmente de repetir.

A especificidade do imperialismo britânico e estadunidense é esclarecida com a contribuição teórica de Wood (2014). Conforme a autora (2014), no começo do império moderno os britânicos, e particularmente os ingleses, foram os primeiros que tiveram sucesso no aumento do poder imperial por meio da colonização, particularmente valendo-se de colônias constituídas por colonos brancos, diferentemente de todos os grandes impérios europeus. Ademais, foi com a Inglaterra que surgiu a forma de imperialismo movido pela lógica do capitalismo, com a busca do lucro derivado do comércio e da criação de valor na produção competitiva. Os imperativos capitalistas foram levados até os cantos mais distantes da terra. A Inglaterra também tinha uma força militar que talvez tenha sido a melhor da Europa. A resposta contra a rebelião irlandesa, por exemplo, foi tirar as posses dos proprietários de terras irlandeses, principalmente de proprietários católicos, e substituí-los por colonizadores, desde o início os ingleses consideravam os irlandeses ou ameríndios como seres inferiores. “As colônias do meio, em Nova York, Pensilvânia e Nova Jersey, fundadas como colônias proprietárias, foram dominadas por grandes proprietários com laços mais fortes com o poder imperial” (Wood, 2014, p. 86).

A era clássica do imperialismo terminou em 1918, com os Estados Unidos mostrando sinais de que se tornariam o primeiro império verdadeiramente econômico (contanto com muita força extraeconômica e com a violência imperial direta). “Os Estados Unidos saíram da Segunda Guerra Mundial como a maior potência militar e econômica e assumiram o comando de um novo imperialismo governado por imperativos econômicos e administrado por um sistema de múltiplos Estados” (Wood, 2014, p. 100). A supremacia militar dos Estados Unidos foi afirmada com as bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki. A sua hegemonia econômica foi afirmada com o estabelecimento do sistema de *Bretton Woods*, O FMI, O BM e, pouco mais tarde, o GATT. Tais acordos e instituições buscavam estabilizar a economia mundial, racionalizar suas moedas para a conversão para o dólar norte-americano e estabelecer uma estrutura de reconstrução e desenvolvimento econômicos. A finalidade era abrir outras economias, mercados e mão de obra aos capitais ocidentais, especialmente o norte-americano, tornando as economias europeias e o “terceiro mundo” dependentes das condições impostas principalmente pelos Estados Unidos. “As instituições econômicas globais foram acompanhadas da organização política, as Nações Unidas. Criada para ter efeito sobre a economia global, a ONU teria o papel de manter um simulacro de ordem política num sistema de Estados múltiplos” (Wood, 2014, p. 102). A existência dos Estados múltiplos deveria desestimular outras formas de organização internacional menos adequadas às potências dominantes. No início da década de 1970, os sistemas de *Bretton Woods* foram

substituídos por outros princípios de ordem econômica, conforme as necessidades imperiais, após o fim do longo período de expansão do pós-guerra, quando as regras específicas da economia mundial mudaram de acordo com as necessidades do capital norte-americano (Wood, 2014).

A partir do início da década de 1970, uma longa retração afetou todas as economias ocidentais, particularmente a norte-americana, até o início da década de 1990, e mesmo até hoje. A economia norte-americana entrou em um grande período de estagnação e lucratividade decrescente, depois de décadas impetuosas de crescimento sustentado e produtividade crescente. Uma crise capitalista de excesso de capacidade de superprodução, inclusive com adversários militares tornando-se competidores econômicos extremamente eficazes, o Japão e a Alemanha. A crise teria de ser deslocada no espaço e no tempo. O que se seguiu foi o período de globalização e internacionalização do capital, uma resposta aos fracassos do capitalismo e não ao seu sucesso, “a mais predatória especulação financeira por todo o globo” (Wood, 2014, p. 102). Os movimentos do excesso de capital, em uma orgia de especulação financeira, buscavam lucros onde quer que pudessem ser encontrados. Os ajustes estruturais e uma variedade de outras medidas com o objetivo de tornar as economias mais vulneráveis às pressões do capital global sob o comando dos Estados Unidos foram impostos por meio do “Consenso de Washington”, do FMI e do BM. A globalização, então, significa a abertura das economias subordinadas ao capital imperial, portanto está associada ao controle das condições de comércio de acordo com o interesse do capital imperial, e não tem nada a ver com a liberdade de comércio (Wood, 2014).

Mediante o exposto, corroboramos a posição de Wood (2014, p. 106) de que: “Precisamos escrutinar a relação entre o capital global e os Estados nacionais [...] o Estado está no coração do novo sistema global”. O Estado ainda oferece as condições indispensáveis de acumulação para o capital global e para as empresas locais, tanto nas economias imperiais quanto nas subordinadas. A globalização tornou a função estatal mais necessária à preservação do sistema capitalista. “O novo imperialismo, diferentemente de outras formas de império colonial, depende mais que nunca de um sistema de múltiplos Estados nacionais mais ou menos soberanos” (Wood, 2014, p. 107). O capital global precisa de muitos Estados-nações para executar as funções administrativas e coercivas que sustentam o sistema de propriedade, bem como a ordem legal necessária ao capitalismo (Wood, 2014). Considerando tal elaboração, não somente corroboramos a posição de Wood (2014), o desenvolvimento deste trabalho indica um movimento no sentido de aprimorar a compreensão sobre relação entre o Estado brasileiro e o capital global. Mas, assinalamos que é a configuração do Estado,

o seu funcionamento endógeno, que consideramos importante estudar no sentido de compreender a sua relação com o capital global. O estudo da configuração do Estado suscita pensar na governamentalização do Estado, de acordo com a proposição de Foucault (1979). O Estado, “em sua sobrevivência e em seus limites, deve ser compreendido a partir das táticas gerais da governamentalidade” (Foucault, 1979, p. 292). No sentido dessa tentativa de compreensão, pensamos ser necessário antes de iniciar o estudo da configuração do Estado brasileiro, verificarmos em algumas produções dos teóricos do neoliberalismo, a perspectiva de Estado.

6.3 O catecismo conservador neoliberal

A dominação mundial estadunidense é realizada com a disseminação pelo mundo das doutrinas lá predominantes. Nas últimas décadas a ideia de que a organização da economia deve obedecer aos mecanismos e disciplina do mercado é hegemônica e tende a ser seguida nos países e regiões de maior interesse dos Estados Unidos (Bauer, 1998). O catecismo conservador que sustenta tal ideia tem como fundamento os modelos simplificados dos economistas do *laissez-faire* e desqualifica todas as atividades do setor público, inclusive o apoio financeiro aos pobres, a proteção aos direitos dos trabalhadores e mesmo a política macroeconômica, a sua crença é a de que o mercado proporcionará resultados melhores do que qualquer alternativa a ele. Ademais, “em sua versão mais radical, esse catecismo até mesmo rejeita a convicção de Adam Smith, de que cabe ao Estado proporcionar a infraestrutura física e educacional de uma sociedade industrializada” (Leone, 1998, p. 15). Leone (1998), considera que na arena política dos Estados Unidos muitos seguidores do Partido Democrata e do Republicano tentam demonstrar sua conversão à verdadeira fé da economia do *laissez-faire*.

Stiglitz (2003), prêmio nobel de Economia de 2001, assinala o domínio dos Estados Unidos como modelo padrão para o resto do mundo a partir dos anos 1970, com a globalização. Stiglitz (2003) verifica que os Estados Unidos impõem uma visão particular do papel do Estado na economia, especialmente por meio das instituições econômicas internacionais, como a Organização Mundial do Comércio (OMC), o FMI e o BM. Segundo o autor (2003), os Estados Unidos intimidam outras nações, principalmente os países em desenvolvimento, por meio da sua própria diplomacia econômica ou do FMI, do qual os países em desenvolvimento dependem de assistência. Stiglitz (2003) observa que talvez a América Latina tenha sido a mais obediente quanto às recomendações dos Estados Unidos, e

hoje enfrenta consequências de ter adotado reformas que os Estados Unidos empurram para o mundo, mas que jamais praticaram em casa. O autor (2003) afirma que as economias que seguiram as recomendações do Tesouro dos Estados Unidos e do FMI, com ênfase no mercado, tiveram como resultado a pobreza sem precedentes.

Outrossim, como verificamos no início desta seção por meio da contribuição teórica de Salbuchi (2001), na realidade as políticas do governo estadunidense são influenciadas pelas recomendações formuladas por um grupo compacto de empresários, financistas, conselheiros, entre outros, e esses repartem sua participação e militância política de forma equivalente entre o Partido Democrata e o Partido Republicano, com o objetivo de provocar a sujeição da soberania e independência dos Estados Unidos. Kuttner (1998, p. 20) faz a seguinte observação: “Desde que os Estados Unidos passaram a seguir um curso de maior desregulação e privatização, tornaram-se uma sociedade dramaticamente mais desigual”.

A propósito, assim como a contribuição teórica de Salbuchi (2001), é imprescindível relembrar o esclarecimento de Estulin (2005) quanto ao controle do Governo dos Estados Unidos, da União Europeia, da OMS, das Nações Unidas, do BM, do FMI e qualquer instituição similar, pelos membros do *Club Bilderberg*, *CFR*, entre outros, que representam o Governo Mundial Único. Estulin (2005) não deixa de observar que alguns empresários, políticos externos e internos ao próprio *Bilderberg* tentam por limites a sua depravação, porém de forma encoberta.

Kuttner (1998) assinala que o catecismo do livre mercado foi popularizado por Friedman e seus protegidos, para isso colaboraram os *best-sellers* de Friedman e sua série de televisão, “*Free to choose*” (Livre para escolher). Friedman foi um expansionista da Escola de Chicago e generalizou a teoria da superioridade dos mercados livres (Kuttner 1998). Os integrantes da Escola de Chicago são Lloyd A. Metzler, Bert Hoselitz, H. Gregg. Lewis, Theodore Schultz, D. Gale Johnson, Arnold C. Harberger, Lester G. Telser, Zvi Griliches, Gary S. Becker, Sherwin Rosen, Robert Fogel, Martín Bailey, Earl Hamilton, Henry C. Simons, George J. Stigler, Frank H. Knight, Milton Friedman, entre outros (Hachette, 2007). No entanto, compõem o neoliberalismo em sua origem os integrantes da Sociedade *Mont Pèlerin*, Friedrich Hayek, Ludwig von Mises, Karl Popper, Frank H. Knight, Milton Friedman, entre outros (Vergara Estévez; Menéndez Martín, 2017). É indispensável considerar que os ideólogos do neoliberalismo integram o grupo de poder “*Los Peregrinos de la libertad*”, entre eles, o dirigente é Hayek, seguido por Friedman e Popper. O referido grupo de poder mencionado por Jiménez (2017) é articulado a outros. Relembrando Sabuchi (2001), nos Estados Unidos os integrantes dos grupos de poder ocupam postos e cargos chave

do poder executivo nacional e outras áreas do governo seja nas administrações dos democratas ou republicanos.

Verificamos que Estulin (2005) analisa que a articulação dos grupos de poder hegemônicos tem como objetivo o controle e a subjugação das nações livres por meio de uma legislação internacional sob seu controle, para criar um Mundo Único globalizado e controlado por um Governo Mundial Único. Forrester (1997) reafirma que os poderes estatais são cada vez mais dominados pelas redes econômicas privadas e transnacionais. Essas formam uma espécie de nação que comanda as instituições de diversos países e suas políticas, geralmente por meio de organizações como o BM, o FMI e a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Kuttner (1998, p. 21) ressalta que: “O colonialismo econômico dos anos 90 é muito mais sutil, porque vem apresentado na forma de um conjunto de princípios aplicáveis universalmente, o que desgasta a soberania nacional de forma mais insidiosa”. Para o autor (1998), um governo global não deve existir. Kuttner (1998) entende que a invasão do mercado sobre o domínio da política é uma ameaça real a uma sociedade, e pensar que a política é apenas um outro mercado é profundamente antidemocrático. Kuttner (1998, p. 21) enfatiza que: “Uma política democrática opera necessariamente no plano do Estado nacional [...]. A qualidade da vida política é, por si mesma, um bem público”. Kuttner (1998) convida os seus leitores sul-americanos a resistirem a modelos simplistas exportados do estrangeiro e a escolherem seu próprio caminho econômico e social. Kuttner (1998, p. 22) afirma: “Os países são os *locus* da cidadania democrática e, necessariamente, são uma mescla entre o universal e o particular. Da mesma forma que não existe uma cultura universal, não existe um único tipo universal de capitalismo”.

Kuttner (1998) analisa que a contrarrevolução dos anos 1970 não foi resultado somente da influência de economistas conservadores como Milton Friedman, mas muitos liberais aderiram à dominância do ideal do mercado. “Os liberais norte-americanos e os sociais-democratas europeus frequentemente parecem incapazes de oferecer mais do que uma versão amenizada do programa conservador” (Kuttner, 1998, p. 30), eles promovem com engajamento a desregulação, privatização, globalização e disciplina fiscal. Kuttner (1998, p. 446) observa que: “a moda dos mercados é tão forte que, além dos conservadores, muitos dos que são relativamente liberais esforçam-se por denegrir o governo”. No caso dos Estados Unidos, por exemplo, dirigentes públicos considerados liberais foram assessores dos presidentes do Partido Democrata, e todos contribuíram para impedir a possibilidade de uma economia mista. Kuttner (1998, p. 17) observa que “enquanto a direita promove resolutamente a superioridade do livre mercado, muitos dos que se situam na esquerda

moderada são dúbios na defesa da economia mista”. O autor analisa que os partidos democráticos da esquerda estão promovendo uma variedade ligeiramente mais moderada do neoliberalismo e não uma expansão do Estado de bem-estar social ou uma estratégia mais ousada de investimento social, isto acontece nos Estados Unidos, na Grã-Bretanha e em boa parte da América Latina.

Kuttner (1998) salienta que a macroeconomia keynesiana foi desacreditada pelos acontecimentos e a economia mista recuou em todos os principais *fronts*. A saber, para Kuttner (1998), uma economia mista é a planejada centralmente para domar o capitalismo e expandir o Estado de bem-estar social ou uma estratégia mais ousada de investimento social. O Estado intervém para proteger os cidadãos de diversas agressões inerentes aos mecanismos coercitivos do *laissez-faire*. A economia mista considera o equilíbrio entre o mercado, o Estado e a sociedade civil e acredita que o *laissez-faire* puro é socialmente e economicamente insustentável. Na economia mista é constituída a sociedade com níveis mais elevados de tributação, investimento social e regulação democrática do bem comum. O autor (1998, p. 56) analisa que: “Após a Segunda Guerra Mundial, uma economia mista era viável no plano do Estado nacional, pois este controlava suas fronteiras. Isso possibilitou que os países mantivessem políticas nacionais nas áreas fiscal, monetária, regulatória, social, setorial e de planejamento”. Segundo Kuttner (1998), a hegemonia do mercado *laissez-faire* tem de ser abalada para que seja reconstruída uma filosofia alternativa para a economia política. Kuttner (1998) defende a autonomia do Estado nacional em relação ao mercado global. O autor (1998, p. 30) afirma que: “A busca por uma economia mista viável remete necessariamente ao governo e à política, pois o Estado democrático permanece como o principal contrapeso ao mercado”. A posição de Bourdieu (*apud* Laval, 2020a, p. 263) é a de que o Estado nacional deve resistir ao trabalho de unificação mundial e ser defendido pelo realismo político, por ser “uma das únicas armas que temos para controlar todos os tipos de funcionamentos e processos absolutamente vitais e, em particular, todos aqueles que tocam o interesse geral e os serviços públicos”.

Ao citar Friedman, Kuttner (1998) relata que para Friedman as atividades econômicas devem ser coordenadas em dois aspectos, quais sejam: “Um é o direcionamento centralizado, envolvendo o uso da coerção – a técnica do exército e do moderno Estado totalitário. O outro é a cooperação voluntária de indivíduos – a técnica do mercado” (Kuttner, 1998, p. 61). Friedman (1988) reconhece uma relação íntima entre a economia e a política. Friedman, M.; Friedman, R. (1980, p. 16) consideram que o sistema político e o sistema econômico são mercados, nos quais o resultado é determinado pela interação entre pessoas que perseguem

seus próprios interesses. Eles alegam que a “liberdade econômica constitui requisito essencial da liberdade política”.

Friedman (1988) se posiciona contra o fortalecimento do Governo Federal. Para ele (1988) é melhor que o poder do governo seja no condado do que no Estado. Friedman (1988) considera que um governo é essencial para a determinação das regras do jogo e tem de ser um árbitro para interpretar e implementar as regras estabelecidas, diante da existência de um mercado livre. Segundo Friedman (1988), o governo é uma ameaça à liberdade por concentrar poder em mãos políticas, por isso seu objetivo deve ser limitado e distribuído, o poder do governo deve ser descentralizado. Para Friedman (1988), o governo tem de manter a lei e a ordem, definir os direitos de propriedades, servir de meio para a modificação dos direitos de propriedade e de outras regras do jogo econômico, julgar disputas sobre a interpretação das regras, reforçar contratos, promover a competição, fornecer uma estrutura monetária, suplementar a caridade privada e a família na proteção do irresponsável, quer se trate de um insano ou de uma criança, envolver-se em atividades para evitar o monopólio técnico e evitar os efeitos laterais considerados como suficientemente importantes para justificar a intervenção do governo. Em suma, quanto ao governo Friedman declara (1988, p. 12): “Sua principal função deve ser a de proteger nossa liberdade contra os inimigos externos e contra os nossos próprios compatriotas; preservar a lei e a ordem; reforçar os contratos privados; promover mercados competitivos”. Friedman (1988) salienta que o governo não deve ser o protetor do cidadão fazendo deste um tutelado, não deve distribuir favores e doações, não deve ser um senhor ou um deus para ser cegamente servido e idolatrado. Friedman (1988) critica o fato de o bem-estar ter se tornado a nota dominante nos países democráticos, em vez da liberdade. Friedman (1988, p. 38) afirma ser inevitável traçar uma linha entre indivíduos responsáveis e outros, e assinala “O paternalismo é inevitável para aqueles que definimos como irresponsáveis [...] A justificação paternalista para a atividade governamental é a mais incômoda para um liberal”.

Mises (1977), outro ideólogo do neoliberalismo, reconhece que o intervencionismo não pretende eliminar a propriedade privada da produção, mas somente limitá-la, por considerar a propriedade privada ilimitada prejudicial à sociedade. Conforme Mises (1977, p. 18): “Intervenção é uma norma restritiva imposta por um órgão governamental, que força os donos dos meios de produção e empresários a empregarem estes meios de uma forma diferente da que empregariam”. Mises desqualifica o Estado intervencionista, menciona a possibilidade de corrupção em todos os cantos do Estado, ele afirma que: “A corruptibilidade dos políticos, deputados e funcionários é a própria base do sistema” (Mises, 1977, p. 31).

Mises (1987) considera que é no capitalismo que o homem comum pode ser desproletarizado e elevado à posição de burguês, pois tal homem é o consumidor soberano no mercado de uma sociedade capitalista e desfruta de vantagens que, em épocas passadas, eram desconhecidas e inacessíveis até mesmo aos mais ricos. Mises (1987, p. 36) comenta: “Do dia em que nascem até o dia em que morrem, os habitantes de um país capitalista são beneficiados a cada minuto pelos empreendimentos maravilhosos do modo capitalista de pensar e agir”. Segundo Mises (1987), é a avidez insaciável por mais e mais bens que conduz o homem na direção do aperfeiçoamento econômico. Mises (1987, p. 9) afirma: “Na estrutura de uma economia de mercado não sabotadas pelas panaceias dos governos e dos políticos, não existem grandes nem nobres mantendo a ralé submissa, coletando tributos e impostos”.

Friedman (1988) considera o indivíduo como centralidade, acima do governo. Segundo Friedman (1988, p. 11): “Para o homem livre, a pátria é o conjunto de indivíduos que a compõem, e não algo acima e além deles”, pois o homem livre deve ser responsável com relação ao seu próprio destino. Friedman (1988) enfatiza que os problemas éticos devem ser deixados a cargo do indivíduo, sendo esse o objetivo mais importante dos liberais. Friedman (1988) sustenta que são os grupos minoritários da sociedade que têm mais razões para preservar e fortalecer o capitalismo competitivo e tais grupos sofrem com a desconfiança e hostilidade da maioria, tais como os negros, os judeus, os estrangeiros. Friedman (1988) considera que entre esses estão muitos dos socialistas e comunistas, os inimigos do mercado livre.

Mises (1987, p. 16) afirma: “Quem não tiver suas ambições plenamente satisfeitas sabe muito bem que deixou escapar as oportunidades, que foi testado e considerado inapto por seus semelhantes”. Para Mises (1987), o motivo de as pessoas detestarem o capitalismo é porque nesse regime a situação de vida de cada um depende dos seus próprios feitos. O capitalismo dá a cada um a oportunidade de chegar aos cargos mais cobiçados que só serão alcançados por alguns, por isso muitos se sentem infelizes no capitalismo. Mises (1987, p. 17) pontua: “Tudo o que o homem consegue ganhar é sempre mera fração do que a sua ambição o impeliu a ganhar. Existem sempre diante de seus olhos pessoas que venceram onde ele falhou”. Conforme Mises (1987), as pessoas que não venceram partiram do mesmo ponto que as que venceram e sentem inveja dessas por saberem que elas venceram pelo próprio esforço. Mises (1987) menciona que quem não venceu vê que quem venceu é admirado e que ele é desprezado. Além disso, Mises (1987, p. 17) expõe o seguinte sobre quem não venceu: “Ele vê nos olhos da mulher e dos filhos a reprovação silenciosa: ‘Por que você não foi mais esperto?’”.

Mises (1987) demonstra a sua oposição aos intelectuais considerando-os anticapitalistas frustrados por motivo de o capitalismo ter conferido a outro homem a posição que eles gostariam de ter. Segundo Mises (1987), embora a tendência anticapitalista dos intelectuais seja um fenômeno que não se limita a um ou a alguns países, ela é mais generalizada e áspera nos Estados Unidos do que nos países europeus. Mises (1987, p. 23) afirma: “Os autores ou cientistas americanos costumam considerar o abastado homem de negócios como um bárbaro, como homem exclusivamente concentrado em ganhar dinheiro”. Mises (1987) assinala que a maioria das pessoas da alta sociedade não está interessada em livros ou ideias, quando se encontra e não joga cartas, bisbilhota sobre as pessoas e discute mais sobre esportes do que sobre assuntos culturais. Conforme Mises (1987, p. 23), um abismo quase insuperável separa os indivíduos da alta sociedade dos intelectuais, “mesmo os que não são avessos à leitura consideram os escritores, cientistas e artistas como gente com a qual não desejam conviver”. Mises (1987) considera que a alta sociedade norte-americana é suscetível à crítica dos intelectuais e às suas políticas anticapitalistas pelo fato de eles serem excluídos do seu ciclo. Mises (1987) faz a crítica quanto a educar a geração presente em um ambiente preso às ideias socialistas. Para Mises (1987), as pessoas acreditam que o capitalismo as prejudica, por isso o odeia, são socialistas por estarem cegas pela inveja e pela ignorância, porque acreditam que o socialismo melhorará suas condições de vida. Mises (1987, p. 45) declara que hoje: “governos, partidos políticos, professores e escritores, ateus militantes e teólogos cristãos são praticamente unânimes em rejeitar apaixonadamente a economia de mercado e em louvar os supostos benefícios da onipotência do estado”.

Conforme Cainzos (1993, p. 15), o propósito mais amplo de Buchanan é “comprender cómo podemos aprender a vivir unos com otros sin implicarnos en una guerra hobbesiana y sin someternos a nosotros mismos a los dictados del Estado”. Foucault (1996, p. 219) esclarece que não é exatamente uma guerra real e histórica o que Hobbes chama de guerra de todos contra todos, mas sim “un juego de representaciones mediante el cual cada individuo mide el peligro que todo outro individuo representa para él, evalúa la disposición de los otros a batirse con él y estima el riesgo que él a su vez asumiría si recurriera a la fuerza”. Cainzos (1993) relata que Buchanan critica os pontos de vista keynesianos sobre o papel do setor público na economia, com referência no movimento intelectual da Escolha pública. Para Buchanan (1993), a Escolha pública tem uma importante influência na maneira como os humanos veem o governo e o processo político. Buchanan (1993) explica que a orientação da investigação da Escolha pública e do Instituto de Economia, reflete uma reação contra a macroeconomia keynesiana, predominante na década de 1950. Segundo Buchanan (1993, p.

79): “Toda la literatura política estaba dominada por los keynesianos o por economistas cuyas posturas políticas indicaban que los métodos e instrumentos keynesianos eran más convenientes para sus fines”. Quando o Instituto começou a funcionar em 1957, o seu argumento de que a alternativa de mercado funcionava, não estava no centro do debate sobre a política econômica da Grã-Bretanha. O Instituto de Economia fomentava a investigação e o desenvolvimento de um ponto de vista lógico que permitia aos estudiosos com uma visão favorável ao mercado entrar em contato uns com os outros e garantir que as suas ideias fossem amplamente divulgadas. A função do Instituto era de transmitir as ideias sobre as tarefas do mercado. As ideias sobre o funcionamento dos mercados difundidas pelo Instituto, depois de 1957, foram radicais no contexto intelectual da Grã-Bretanha durante esses anos.

Cainzos (1993) relata que o contratualismo foi a principal bandeira filosófica da Escolha pública e, particularmente, de James Buchanan. Cainzos (1993, p. 18) afirma que: “el constitucionalismo contractualista de la Elección pública ha encontrado su principal enemigo en la obra de John Maynard Keynes y de sus seguidores”. O objeto das primeiras críticas e propostas reformadoras do constitucionalismo econômico da Escolha pública é a política fiscal keynesiana. A forte politização da economia é considerada como consequência de uma crescente intervenção do Estado nos assuntos econômicos. Os estudos sobre a Escolha pública atuam através do ideal contratual que caracteriza a perspectiva constitucional da economia, e buscam acomodar as suas ideias constitucionais (fiscais, monetárias e regulatórias) à reforma das constituições democráticas existentes, articulando temas próprios da Economia política constitucional. Cainzos (1993) explica que para Buchanan, um apropriado contexto constitucional é necessário, para manter a cooperação dos agentes do mercado em funcionamento. Um programa dedicado à Economia Constitucional tem lugar decisivo em 1962, com a publicação da obra de James Buchanan e Gordon Tullock, “*El cálculo del consenso*”.

Segundo Cainzos (1993), a Economia Constitucional se apresenta como um programa de investigação emergente surgido no seio do movimento intelectual da Escolha pública. A teoria da escolha econômica é aplicada aos princípios políticos de uma democracia constitucional. Conforme Cainzos (1993), o movimento intelectual da Escolha pública foi rotulado como imperialismo econômico. Seu enfoque contratualista está fortemente imbuído do sentido de governo limitado e de aplicação judicial dos critérios de limitação governamental incorporados à Constituição. Buchanan (1993, p. 110) afirma: “partimos de la creencia de que los gobiernos pueden ser limitados”.

Seldon (1993, p. 34) relata que é na obra James Buchanan e Gordon Tullock, “*El cálculo del consenso*”, que estão sistematizados os princípios e o enfoque da moderna Escolha pública. Esse livro propiciou um novo desenvolvimento da investigação e raciocínio econômicos sobre as atividades do governo, da democracia, da burocracia, da política, principalmente nos Estados Unidos, porém também na Grã-Bretanha, na Suíça e em outros países europeus. O estudo da Escolha pública é na realidade a economia da política. Conforme Seldon (1993), os homens e as mulheres que são eleitos como políticos ou nomeados para cargos públicos não se transformam em benfeitores públicos. Dispõem de livre acesso a recursos enormes, porém, comparado com as pessoas que atuam no mercado, o mais provável é que utilizem tais recursos incorretamente. Buchanan (1993, p. 73) afirma: “La investigación de la elección pública se ha concentrado en la forma de actuar el sector público. Por consiguiente, se ha descubierto que habitualmente la alternativa del sector público es intrínsecamente inferior a la del mercado”. Seldon (1993) pontua que o estudo da Escolha pública questiona a ciência política convencional por ela ser sentimentalmente coletivista e pela sua falta de senso crítico sobre a competência e potencialidade dos políticos para servir ao interesse público, com isso a ciência política convencional multiplicou o estatismo.

Buchanan (1993) explica que a Escolha pública, isto é, a teoria econômica da política não é totalmente nova. A Escolha pública significa a redescoberta e a elaboração de parte da sabedoria convencional dos séculos XVIII e XIX, e particularmente daquela que inspirou a economia política clássica. Adam Smith, David Hume e os Pais Fundadores norte-americanos teriam considerado os princípios fundamentais da teoria da Escolha pública. A desconfiança nos processos políticos e a necessidade implícita de impor limitações severas ao exercício dos poderes públicos constituíram uma parte essencial do legado filosófico que todos partilharam. Este conjunto de atitudes foi projetado pelo menos até meados do século XIX, desde então parece ter sido eclipsado durante pelo menos cem anos. Talvez eles estejam retornando.

Buchanan (1993, p. 182) refere-se ao fato de Adam Smith ter feito a seguinte advertência: “Lo que se considera prudente en el comportamiento de una familia privada, difícilmente puede ser una locura en el caso de un gran reino”. Dessa perspectiva, Buchanan (1993), considera que uma conduta financeira sensata por parte do Estado deveria ser puro reflexo da conduta de uma família. Os princípios de solidez familiar e comercial são considerados convenientes aos assuntos fiscais do Estado. Para Buchanan (1993), a ideia de que a coordenação espontânea das atividades econômicas em um sistema de mercado

produziria geralmente estabilidade econômica foi substituída, da perspectiva keynesiana, por uma economia intrinsecamente instável.

6.4 A contribuição de Michel Foucault na análise do mercado como prática governamental

Mediante as sistematizações das elaborações dos ideólogos neoliberais supracitados, e a conjuntura de predominância do neoliberalismo, cabe considerar a análise de Foucault (2008) quanto ao mercado ter se tornado uma prática governamental. Nessa direção, é a economia política e não o direito, que possibilitará assegurar a autolimitação da razão governamental. Foucault (2008) afirma que o governo mínimo é inerente ao aparecimento da economia política. A economia política limita o poder público. Liberalismo significa a arte de governar o menos possível, é uma palavra com origem na Alemanha, é a razão do Estado mínimo, do governo mínimo. Laval (2020a, p. 58) comenta: “Trata-se de pensar, a partir de agora, uma limitação do Estado por intermédio da maximização de seus efeitos indiretos, e isso graças à dinâmica própria do interesse e da troca”. O objetivo da racionalidade política liberal não é somente governar o menos possível, mas fazê-lo de maneira a incitar os indivíduos a agir por interesse pessoal de acordo com o interesse geral da sociedade (Laval, 2020a). Laval (2020a, p. 58) esclarece que: “A economia política se refere, em última instância, à figura do homem econômico que se governa pelo cálculo da utilidade”.

Foucault (2008) analisa o “liberalismo” como uma prática, como uma maneira de fazer de acordo com a regra interna da economia máxima. Dessa maneira, o liberalismo rompe com a “razão de Estado” que, desde o fim do século XVI, havia procurado na existência e no fortalecimento do Estado o fim capaz de justificar uma governamentalidade crescente para regular seu desenvolvimento. Conforme Laval (2020a), ao contrário, as medidas tomadas sobre e pelo mercado funda o direito de governar e legislar. A prática liberal, a arte liberal de governar fundada sobre os interesses, deve jogar com a liberdade dos sujeitos e simultaneamente controlá-los e encorajá-los a agir de acordo com o que Foucault denomina de “jogo de liberdade e segurança”. “A prática liberal é uma arte da produção de liberdade e da limitação da ação governamental que se exerce essencialmente pela utilidade mais que pelo direito natural” (Laval, 2020a, p. 59). Laval assinala que a liberdade na arte liberal é sempre um recurso calculável, consiste em garantir que os indivíduos sejam incitados a perseguir seus interesses e a produzir riquezas úteis. “Logo, a economia política guia todo remanejamento do direito público e a utilidade se torna o critério da ação pública, assim como

os interesses são a matéria, o alvo e o meio do governo” (Laval, 2020a, p. 52), isso supõe que o conteúdo e a finalidade do direito público e constitucional seja determinado pelo econômico. Laval (2020a) afirma que Foucault considera a economia política o ponto de apoio do poder liberal.

Avelino (2016) observa que Foucault analisa o liberalismo como um novo tipo de racionalidade, um novo tipo de cálculo na arte de governar. Quando o governo excessivo passa a ser considerado irracional, nasce a racionalidade liberal. No liberalismo o mercado impõe a verdade que limita internamente a prática governamental, e o que determina o que o governo deve ou não fazer é a economia política. É a forma da economia política que se transforma na nova racionalidade governamental. Assim sendo, o mercado armado com os saberes da economia política se instituirá como legislador diante das práticas governamentais, o que se reproduzirá mais tarde no neoliberalismo. Avelino (2016, p. 270) afirma que: “no liberalismo econômico o sujeito de interesse é o dado natural frente ao qual o governo deve cessar de ser governo”, o fundamento de todo e qualquer comportamento individual é o interesse. Nessa condição, é como consciência individual e, simultaneamente, como interesse da população que o interesse aparece em relação ao governo. No liberalismo predomina a proteção de uma economia de mercado dotada de processos naturais e espontâneos, a valorização das liberdades individuais não é proclamada, o indivíduo deve estar integrado à economia de mercado. O sujeito de interesse é o *homo œconomicus* (Avelino, 2016).

Conforme Foucault (1979) a arte de governar só podia ser pensada a partir do modelo da família, a partir da economia entendida como gestão da família, até o advento da problemática da população. Com essa problemática, a família passa para o plano secundário, aparece como elemento interno à população, como segmento da população. Nessa direção, a família é um segmento privilegiado, pois é por meio da família que a população será controlada. A arte de governar adequadamente uma família diz respeito à economia. “A população aparece, portanto, mais como fim e instrumento do governo que como força do soberano” (Foucault, 1979, p. 289). A população aparece como objeto nas mãos do governo, com o nascimento de uma arte de governar, de táticas e técnicas absolutamente novas, quaisquer que sejam os interesses e as aspirações individuais constituem o alvo e o instrumento fundamental do governo da população, seja o interesse individual como consciência de cada indivíduo constituinte da população e o interesse geral como interesse da população (Foucault, 1979).

Foucault (1979) observa que vivemos na era da Governamentalização do Estado desde o século XVIII. Nesse sentido, para Foucault (1979, p. 292): “São as táticas de governo que

permitem definir a cada instante o que deve ou não competir ao Estado, o que é público ou privado, o que é ou não estatal, etc.". O Estado de governo não é mais definido por sua territorialidade, mas pela massa da população, ele tem essencialmente como alvo a população. O Estado de governo utiliza a instrumentalização do saber econômico para controlar a sociedade pelos dispositivos de segurança, essa governamentalidade é a polícia. Segundo Foucault (1979), os três pontos de apoio para a produção da governamentalização do Estado são: a pastoral cristã, novas técnicas diplomático-militares e a polícia.

A governamentalização do Estado é uma reconstituição ampla do conceito de governo que se dissemina em todos os âmbitos da prática política. Com isso, o Estado é descentralizado e indexado à conduta dos governados (Avelino, 2016). Avelino (2016, p. 262) afirma que: "Desde o velho liberalismo até nossos dias, uma série de saberes e técnicas jamais cessou de indexar o exercício da dominação política na própria conduta dos governados". A partir da contribuição teórica de Foucault, Avelino (2016) expõe os três tipos de racionalização no processo de governamentalização do Estado, quais sejam, a razão de Estado, o poder pastoral como poder individualizante e o biopoder como poder totalizante. Essas racionalidades estão superpostas na prática política liberal e constituem sua economia de poder. No processo de governamentalização do Estado, o liberalismo retomou o antigo poder circunscrito aos monastérios, aos conventos e práticas religiosas, esse é o poder pastoral cristão, um tipo de poder oposto ao poder da razão de Estado. Esse poder individualizante foi retomado pelo liberalismo tendo por referência o corpo da população. A biopolítica, ao contrário do poder pastoral, estabelece um conhecimento sobre os indivíduos que serão definidos a partir do campo econômico. A biopolítica é um poder totalizante que não tem por referência o Estado, mas a população. O êxito político do liberalismo repousa na justaposição do poder pastoral individualizante e do poder biopolítico totalizante. Ao investir sobre a subjetividade dos indivíduos o poder pastoral produz a subjetivação de um sujeito governável (Avelino, 2016).

Com referência em Foucault, Sauquillo (2017) menciona que durante o predomínio da soberania somente existem sujeitos de direitos. Quando surge a arte de governar, temos a emergência da população e, por conseguinte, o homem como mais um elemento da população. O liberalismo é a condição de inteligibilidade da biopolítica das populações. A economia política como novo conhecimento surgiu a partir da gestão da biopolítica das populações como natureza biológica, por conseguinte o direito, a soberania, os tratados internacionais, os direitos fundamentais, possuem em seu argumento, menos capacidade política que as próprias manipulações governamentais, segundo a arte de governar do

liberalismo. A prioridade é conhecer a natureza da população manipulada e governar suas variáveis tanto quanto necessário e nada mais. A legitimidade ou a ilegitimidade não é motivo da limitação interna da arte de governar, mas a sua prioridade é a procura do sucesso e a evitação do fracasso. O limite interno que define o muito ou pouco governo é a natureza da população, dos governados. Sauquillo (2017, p. 352) adverte que: “una biopolítica liberal de las poblaciones más perfecta, com sus propios imperativos de eficiencia, sustituirá, definitivamente, a cualquier contenido de justicia como equidad entre los ciudadanos”.

Sauquillo (2017) menciona que, para Foucault, a própria natureza do mercado procurou a limitação interna do intervencionismo estatal, desde o século XVIII. Porquanto, a oportunidade para a redefinição do Estado sob pressupostos de limitação interna da intervenção pública, reapareceu por volta de 1948. “El arte de gobierno liberal que Foucault tan bien desentrañó se ha reforzado” (Sauquillo, 2017, p. 351). Com efeito, na arte do governo liberal contemporânea o trabalhador é submetido à competição desumanizante do mercado e abandonado as suas próprias forças na condição de sujeito econômico.

Conforme Foucault (2008), a política econômica intervencionista de Keynes foi elaborada entre os anos 1930 e 1960. As intervenções keynesianas estão no centro dos diferentes debates dos ideólogos neoliberais, todas essas intervenções provocaram o que se denomina de crise do liberalismo. Para Foucault (2008), essa crise do liberalismo é uma crise da economia do capitalismo, uma crise do dispositivo geral de governamentalidade. Essa crise do liberalismo se manifesta em reavaliações, reestimações, novos projetos da arte de governar, que foram formulados na Alemanha antes e depois da guerra e são formulados atualmente nos Estados Unidos. Nesses novos projetos da arte de governar o Estado é reduzido a um efeito móvel de um regime de governamentalidades múltiplas. Conforme Foucault (1979, p. 281), “a arte de governar é precisamente a arte de exercer o poder segundo o modelo da economia”. A arte de governo não se fundamenta em um ideal filosófico-moral, os princípios de sua racionalidade encontram-se na realidade específica do Estado (Foucault, 1979). Foucault (2008) menciona a existência de uma fobia do Estado a partir da crise do liberalismo, e salienta a necessidade de investigar o problema do Estado a partir das práticas de governamentalidade.

Segundo Foucault (2008, p. 123) é em Hobbes que se encontra a última das teorias do Estado, e Hobbes era contemporâneo e “torcedor” de um tipo de monarquia da qual os ingleses se livraram. Posterior a Hobbes, o que se tem é a teoria do governo de Locke, esse não faz uma teoria do Estado. “Logo, podemos dizer que o sistema político inglês nunca funcionou e a doutrina liberal nunca funcionou a partir de, ou nem mesmo tendo, uma teoria

do Estado. Eles tinham princípios de governo”. Foucault (2008) considera imprescindível saber, efetivamente, se uma economia de mercado pode servir de princípio, de forma e de modelo para um Estado, quer se tome a forma alemã do ordoliberalismo, quer se tome a forma americana do anarcoliberalismo, uma vez que no neoliberalismo é necessário governar para o mercado. Foucault (2008, p. 181) assinala que no liberalismo de Adam Smith, no liberalismo do século XVIII, era possível arranjar um espaço livre que seria do mercado. “O problema do neoliberalismo é, ao contrário, saber como se pode regular o exercício global do poder político com base nos princípios de uma economia de mercado”.

Foucault menciona o “radicalismo inglês”, o chama de utilitarismo, e o reconhece como o fato central da arte governamental do século XVIII. Foucault reconhece que o utilitarismo, como manipulação dos interesses, é uma tendência que caracteriza a história do liberalismo europeu e a história do poder público no Ocidente. Para Foucault, a partir do século XIX o problema da utilidade abrange crescentemente todos os problemas tradicionais do direito e será o grande critério de elaboração dos limites do poder público e de formação de um direito público e de um direito administrativo. Conforme Foucault, a razão governamental é redefinida por meio do princípio da utilidade, e o governo é algo que manipula interesses. O princípio da utilidade era imposto como um limite governamental diante da ilimitação da soberania. No neoliberalismo ocorre uma inversão, é o mercado que funda a soberania do Estado e, por conseguinte, o econômico determina o conteúdo e a finalidade do direito público e constitucional (Laval, 2020a).

De acordo com Foucault (2008), embora o ordoliberalismo alemão, e o neoliberalismo americano geralmente associado à Escola de Chicago, tenham se desenvolvido em reação ao “governo demais”, o neoliberalismo americano procura ampliar a racionalidade do mercado a campos não exclusivamente ou primordialmente econômicos. Foucault (2008) considera que o que deveria ser estudado agora é a maneira como os problemas específicos da população foram postos no interior de uma tecnologia governamental.

Dessa perspectiva, Foucault (2008) explica que no neoliberalismo uma política social deve deixar a desigualdade agir, a política social deve se integrar em uma política econômica e não ser destrutiva em relação a essa política econômica. A política social terá por instrumento a propriedade privada, não a transferência de uma parte da renda ao outro, mas a capitalização mais generalizada possível para todas as classes sociais baseada no seguro individual e mútuo, a ideia de que cabe ao indivíduo, de acordo com as reservas de que ele dispor, proteger-se dos riscos, de maneira individual ou por meio de sociedades de ajuda mútua. O anarcocapitalismo americano se desenvolve a partir dessa política social, de uma

política social privatizada. Foucault (*apud* Laval 2020a) analisa que para os neoliberais, os corretivos keynesianos, introduzidos a partir de 1945, tiveram consequências negativas. “É convém remediá-las como uma nova política social fundada não mais no pleno emprego e no crescimento voluntarista, mas nos dispositivos de gestão individual do desemprego de massa e de controle de uma população flutuante” (Foucault, *apud* Laval, 2020a, p. 134). Ao ser penetrado pela lógica do capital humano, o mundo escolar e econômico pretendeu que o conjunto de direitos protetores do trabalho se tornasse supérfluo. Além disso, um fator fundamental das diferenciações sociais é o modelo social do empreendedor de si mesmo posto em situação de concorrência (Laval, 2020a).

Foucault (2008) ressalta que o neoliberalismo é um retorno ao *homo aeconomicus*, mas também um deslocamento considerável da concepção clássica do *homo aeconomicus*, é uma mudança completa da concepção do *homo aeconomicus*. Na concepção clássica esse é o homem da troca e um dos parceiros no processo de troca a partir da problemática das necessidades. No neoliberalismo o *homo aeconomicus* não é um parceiro da troca, ele é um empresário de si mesmo. Então no neoliberalismo temos a substituição do *homo aeconomicus* parceiro da troca por um *homo aeconomicus* empresário de si mesmo, sendo ele próprio seu capital, sendo para si mesmo seu produtor, sendo para si mesmo a fonte de sua renda. Esse *homo aeconomicus* é eminentemente governável, é transformado em homem neoliberal, ele não se contenta em limitar o poder do soberano, ele o destitui, na medida em que faz surgir no soberano uma incapacidade maior e central, uma incapacidade para dominar a totalidade da esfera econômica. Segundo Laval (2007), o próprio homem é considerado um buscador incansável de sua máxima vantagem pessoal em todas as circunstâncias de sua existência.

Avelino (2016) ressalta que Foucault entende que o neoliberalismo inaugura uma nova prática política, e o indivíduo será conduzido a reconhecer a si mesmo como sujeito no interior dessa prática política. Assim sendo, o foco da ação governamental será uma neoliberalização ampla e radical do indivíduo e não mais uma liberalização da vida da população. Na constituição do sujeito do neoliberalismo político ocorre a renúncia contratual, a renúncia do contrato que funda não apenas a soberania, mas sobretudo os sujeitos a ela submetidos por laços de direitos, deveres e obediência. Ao citar Wendy Brown, Laval (2020a, p. 145) lembra que a autora observa que é toda a tradição ocidental do *Homo Politicus* que será ameaçada pelos dispositivos da “governança neoliberal”, “fórmula pela qual ela designa um governo sem cidadãos, sem conflito nem política”. A sociedade civil deixa de ser um outro Estado sendo reconhecida como tecnologia do governo (Avelino, 2016). Segundo Foucault (2008), a sociedade civil faz parte da tecnologia governamental moderna, uma

tecnologia de governo que tem por objetivo sua própria autolimitação, na medida em que é indexada à especificidade dos processos econômicos. A sociedade civil deixa de ser um conjunto de indivíduos ligados entre si por um vínculo jurídico-político. Laval (2020a) observa que nessa realidade social é o domínio de intervenção que deve possibilitar a compatibilidade entre uma economia capitalista e uma reprodução da população. A sociedade funciona como um vínculo econômico e esse ameaça o laço cívico.

Sistematizamos a exposição dos posicionamentos de alguns dos ideólogos do neoliberalismo com centralidade nas principais temáticas abordadas por eles. Friedman (1988) deixa claro seu posicionamento contra o Governo Federal e a favor da sua descentralização, com a intencionalidade de adequação do governo às exigências do mercado. Mises (1977) se posiciona contra o Estado intervencionista e o desqualifica alegando a sua tendência à corrupção. Analogamente, Buchaman é contra a intervenção do Estado nos assuntos econômicos, assim como Hayek. Dessa perspectiva, tais ideólogos reafirmam a prática de governamentalidade neoliberal como a arte de exercer o poder segundo o modelo da economia. Foucault (2008) observa que tal prática não é esvaziada de política, ao contrário ela constitui a economia política que determina o que o governo deve ou não fazer. O problema do neoliberalismo é saber como se pode regular o exercício global do poder político com base nos princípios da economia de mercado. O mercado funda a soberania do Estado. É necessário governar para o mercado. Na governamentalização do Estado ele é descentralizado e indexado à conduta dos governados. Avelino (2016) acrescenta que o exercício da dominação política é indexado à própria conduta dos governados.

Acrescentando-se que Mises (1977) considera que qualquer um pode ter êxito na sociedade capitalista, desde que seja ambicioso, esforçado, apto e esperto para aproveitar as oportunidades. Para Mises (1977), a condição de consumidor soberano no mercado de uma sociedade capitalista desproletariza o indivíduo e o eleva a condição de burguês. Friedman considera o indivíduo acima do governo, reconhece que a proteção do cidadão pelo governo é incômoda para um liberal e critica o bem-estar social dos países democráticos. Nesse sentido, Foucault (2008) pontua que a política social do anarcocapitalismo americano é privatizada, um fator fundamental das diferenciações sociais é o modelo social do empreendedor de si mesmo posto em situação de concorrência. Conforme Foucault (1979), a arte de exercer o poder segundo o modelo da economia não se fundamenta em um ideal filosófico-moral. Com referência em Foucault, Avelino (2016) observa que na constituição do sujeito do neoliberalismo político ocorre a renúncia contratual que fundamenta a soberania e os sujeitos a ela submetidos por laços de direitos, deveres e obediência, com o sujeito de interesse o

governo deve cessar de ser governo. Foucault (2008) analisa que o neoliberalismo americano procura ampliar a racionalidade do mercado a campos não exclusivamente ou primordialmente econômicos. O *homo œconomicus* do neoliberalismo é eminentemente governável, é o homem neoliberal que não se contenta em limitar o poder do soberano, ele o destitui. Conforme Laval (2007), o homem neoliberal é o buscador incansável de sua máxima vantagem pessoal em todas as circunstâncias da sua existência. Ao citar Foucault, Sauquillo (2017) adverte que a arte do governo liberal foi reforçada no neoliberalismo, nessa conjuntura o trabalhador é submetido à competição desumanizante do mercado e abandonado as suas próprias forças na condição de sujeito econômico. Foucault (2008) analisa que os problemas específicos da população foram postos no interior da tecnologia governamental, e que a sociedade civil deixa de ser um conjunto de indivíduos ligados entre si por um vínculo jurídico-político.

Mediante o exposto, cabe lembrar que o propósito da Escolha pública de Buchanan é adequar a perspectiva constitucional da economia nas reformas das constituições democráticas, articulando temas próprios da Economia política constitucional. A teoria da Escolha pública é aplicada aos princípios políticos da democracia constitucional, e considera a conduta da família privada como referência para o funcionamento do Estado. O constitucionalismo contratualista da Escolha pública critica a intervenção do Estado nos assuntos econômicos e, por conseguinte, a politização da economia. O enfoque contratualista é imbuído do sentido de governo limitado e de ampliação judicial dos critérios de limitação governamental incorporados à Constituição (Cainzos, 1993). Nessa direção, é a economia política e não o direito que possibilitará assegurar a autolimitação da razão governamental (Foucault, 2008). Laval (2020a) afirma que no neoliberalismo é o mercado que funda a soberania do Estado e, por conseguinte, o econômico determina o conteúdo e a finalidade do direito público e constitucional.

É considerando a análise foucaultiana que Laval (2020a) reconhece o neoliberalismo como uma forma racional de governo. Portanto, ele não é somente um reflexo da economia e do poder do capital financeiro, a extensão da mercadorização ou da globalização capitalista. O neoliberalismo é o caráter geral de um modo de governo dos homens e da produção dos sujeitos que afeta todas as instituições. O neoliberalismo é uma norma geral que visa remodelar o Estado e transformar as subjetividades constituindo por meio das situações de concorrência consumidores e empreendedores impulsionados por medidas de desempenho. Foucault repensou o poder a partir da governamentalidade neoliberal, considerando práticas e

relações em movimento contínuo de estatização que conduzem a conduta dos indivíduos por meio do interesse.

Laval (2020a) reconhece a coerência e relevância intelectual de Foucault por meio da sua elaboração teórica, sustenta que a sua pesquisa sobre o neoliberalismo e os modos de governamentalidade é inacabada, e menciona o fato de ele não ter vivido mais tempo como o motivo da incompletude da sua teoria. Laval (2020a) não deixa de apontar que nas elaborações teóricas de Foucault não foram analisadas uma série de interrogações, tais como, a forma assumida pelas políticas securitárias, as transformações do capitalismo induzidas pelas políticas neoliberais, o problema da igualdade e o problema da democracia. Ademais, Laval (2020a) assinala que algumas análises de Foucault são discrepantes da evolução dos acontecimentos. Nesse sentido, Laval (2020a) observa que a regulação não substituiu a coerção. Os dispositivos preventivos de controle e vigilância não substituíram o encarceramento, vivemos a era do encarceramento e os dispositivos foram adicionados à prisão, que se tornou parte do modelo de governo neoliberal de insegurança social. Laval (2020a) considera que a desigualdade crescente entre as classes sociais é uma das ausências mais notáveis nas análises foucaultianas, uma das principais consequências do neoliberalismo, e uma das mais criticadas, embora seja fato que as políticas fiscais e sociais próprias ao neoliberalismo que levariam à explosão das desigualdades em favor de uma pequena minoria oligárquica ainda fossem desconhecidas nos anos 1970. Segundo Laval (2020a), a democracia não foi um objeto específico de reflexão para Foucault. A relação dos neoliberais com a democracia não foi analisada por ele e, por conseguinte, ele não interrogou as consequências do neoliberalismo sobre a vida política.

Destarte, Brown (2007) considera que o sistema político liberal é compatível com a política econômica keynesiana. A autora (2007) manifesta preocupação com o desmantelamento do Estado Providência e reconhece o fim da democracia liberal como forma social e histórica e como projeto político. Entretanto, Brown (2007) observa que nem toda retirada do Estado de certas áreas, e a privatização de algumas das suas funções significa um desmantelamento, pode consistir em uma técnica de governo que revela a assinatura técnica da governança neoliberal. É uma ação de abordagem econômica racional alargada a todas as áreas da sociedade que substitui as regras e obrigações explícitas do Estado. As racionalidades e jurisdições morais, econômicas e políticas da democracia liberal, e que gozavam de relativa independência, foram integradas ao neoliberalismo de maneira discursiva e prática. O neoliberalismo provoca a erosão das oposições políticas, morais e subjetivas que se expressavam em uma democracia liberal. Quando os princípios democráticos de governança,

os códigos civis e mesmo a moralidade religiosa estão sujeitos ao cálculo econômico, quando não há valor que lhe escape, desaparecem os centros de oposição à racionalidade capitalista.

Para Brown (2007), o fenômeno de extinção das democracias liberais é provocado pelos Estados Unidos por meio da racionalidade neoliberal que submete cada aspecto da vida política e social ao cálculo econômico. Nesse processo de desativação das democracias liberais predomina uma governamentalidade inédita das instituições políticas e de outras esferas sociais, nas relações sociais entre os indivíduos e desses com eles mesmos. A autora (2007) considera que no neoliberalismo todas as forças políticas provocam o fim da democracia liberal, não sendo esse fenômeno um produto político somente da direita ou da esquerda, pois o neoliberalismo não é somente um fenômeno econômico, ele funciona como uma racionalidade política, como um modo de regulação geral dos comportamentos.

A autora salienta que a consequência do neoliberalismo é a profunda desdemocratização da vida política, que apresenta os seguintes aspectos: 1) a desvalorização da autonomia política, 2) a transformação dos problemas políticos em problemas individuais para os quais são fornecidas soluções de mercado, 3) a formação do cidadão consumidor pronto para aceitar um grau significativo de governança e autoridade, 4) a atribuição de funções empresariais e de gestão ao Estado, repensando-o como modelo de negócio, o neoliberalismo facilita e legitima a monopolização estatal do poder, inaceitável em uma cultura de valores democráticos.

A autora (2007) pensa que a esquerda, desde os anos 1980, tem razões para defender o Estado Providência, e que é um erro de diagnóstico se colocar contra ele. Conforme a autora (2007), a esquerda deve ter um contraprojeto pertinente à política-econômica neoliberal.

7 A CONFIGURAÇÃO DO ESTADO BRASILEIRO NO NEOLIBERALISMO ESTADUNIDENSE

Nesta seção investigaremos a configuração do Estado brasileiro no neoliberalismo, considerando o Congresso Nacional composto pela Câmara de Deputados e pelo Senado Federal. Quanto ao recorte do objeto de estudo, analisaremos o segundo mandato do governo da presidente Dilma Rousseff (2015-2016), o governo do presidente Jair Messias Bolsonaro (2019-2022) e o terceiro mandato do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2023-2026), desde o início até o período atual (2023-2024). Temos como prioridade verificar o número de empresários (Empres.) integrantes do Congresso brasileiro nos respectivos governos, com referência na hipótese deste trabalho, qual seja, a de que aumentou o número de empresários e/ou seus aliados no Estado brasileiro e que tal aumento converge para a dominação da esfera pública pela esfera privada e indica um movimento que sugere uma privatização do Estado. Em vista disso, pesquisamos o número de bispos e pastores evangélicos (Bis./Pas.), e também, de militares e policiais (Mil./Pol.). Vale salientar que, segundo Mello (2024), cresceu nas atuais eleições municipais de 2024 o número de candidatos pastores e policiais no Partido Liberal (PL), ao qual é filiado o ex-presidente Jair Bolsonaro. Com a contribuição de (Fraga, 2022), verificamos que quanto ao atual Congresso Nacional no Governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o PL tem a maior bancada da Câmara dos Deputados e a segunda maior bancada do Senado Federal.

O Congresso Nacional é formado por 594 cadeiras. Realizamos a pesquisa sobre os 513 deputados federais e os 81 senadores, de cada um dos governos, por meio de uma busca das suas biografias na *internet* com centralidade na profissão, esse é um procedimento preliminar que pretendemos aprimorar em desenvolvimento futuro da pesquisa. Vale ressaltar, que não incluímos na sistematização do número de empresários que integra a Câmara de Deputados e o Senado outras categorias que se identificam como comerciantes, produtores rurais, agropecuaristas, entre outros. Muitos dos mencionados e outros se identificam como sendo de religião evangélica e, verificamos que no período do governo Bolsonaro, o Congresso Nacional manteve uma relação de proximidade também com os representantes da maçonaria, o que pode ser constatado nas notícias do Senado, por meio da Agência Senado, definida como uma agência do Senado Federal brasileiro responsável pela produção das notícias relacionadas aos trabalhos do Poder Legislativo. No dia 20/06/2022, constava a seguinte notícia: “Congresso celebra bicentenário da associação maçônica Grande Oriente do

Brasil” (BORGES, 2022), no dia 11/08/2023 a notícia: “Dia do Maçom será comemorado em sessão solene do Congresso”.

Considerando a contribuição teórica de Weber (2004), vale relembrar que Weber observou os rastros vivos das origens do espírito do capitalismo moderno, e esse espírito como conduta de vida. A ética da conduta de vida do espírito do capitalismo moderno tem como fundamento ganhar dinheiro e sempre mais dinheiro. Um fenômeno é observado por Weber na passagem do século XIX para o século XX, qual seja, a maior proporção de protestantes entre os proprietários do capital, empresários e integrantes das camadas superiores de mão-de-obra qualificada. No entanto, são os empresários de espírito rigorosamente burguês e que desconsideram a tradição herdada com fundamento no iluminismo liberal que são imbuídos deste espírito do capitalismo. Eles não têm relação com as máximas éticas ou ações religiosas, são indiferentes à igreja ou diretamente hostis a ela, geralmente não são empresários influentes ou de sucesso duradouro. Weber (2004) analisa que os protestantes mostram uma inclinação específica para o racionalismo econômico, embora nem todas as denominações protestantes operem com a mesma força nessa direção, especialmente é o Calvinismo que parece favorece o espírito do capitalismo. Tal fenômeno analisado por Weber (2004) parece intensificado na contemporaneidade, e não podemos esquecer que em momento anterior deste trabalho mencionamos a relação do protestantismo com a maçonaria.

A fundamentação para a constituição do objeto de pesquisa deste trabalho, bem como da hipótese, são as pesquisas que realizamos na condição de mestranda e de doutoranda. Na realização do mestrado, analisamos a implementação do programa de Qualidade Total em escolas públicas de Belo Horizonte, pelo Governo do estado de Minas Gerais, que na ocasião tinha como secretário de educação o empresário Walfrido Silvino dos Mares Guia Neto (Pires, 2000). Na realização do doutorado, pesquisamos a implementação da formação por competências em escolas públicas da cidade de São Paulo, com referência nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) do Governo Federal. Os pressupostos da formação por competências têm origem nas empresas e relação intrínseca com a constituição do homem econômico na condição de capital humano (Pires, 2008). A Qualidade Total e a formação por competências são reformas neoliberais para a educação pública, implementados a partir da década de 1990, e consideramos que foram naturalizadas e impulsionadas em escolas e universidades, e fundamentam reformas subsequentes que reproduzem a mesma intencionalidade. Tais reformas foram implementadas com raríssimas resistências individuais ou coletivas. Elas intensificam o cerceamento, o controle e a dominação das escolas e

universidades públicas com ingerência na organização do trabalho, desqualificam o trabalho pedagógico dos professores com compromisso com a educação de qualidade e com a reafirmação da esfera pública, desconstroem a formação acadêmica e, por conseguinte, promovem o sucateamento para justificar a privatização, instituindo a competição, a centralidade em resultados e a meritocracia baseada na reafirmação da esfera privada. Consideramos tais reformas estruturais para a viabilização das atuais de cunho autoritário e conservador.

Em artigo publicado em 2021, assinalamos a naturalização da ascendência dos empresários na esfera pública, considerando a condição de permanência deles no Estado, o que revela a constituição de um projeto político de redefinição do papel do Estado por meio da reafirmação da esfera privada. Em vista disso, mencionamos a tendência de o Estado funcionar como extensão do setor privado e viabilizador da ampliação do capital. Neste artigo, pontuamos que os autores Costa; Costa e Nunes (2014), identificam o crescimento do ingresso de senadores que foram empresários na política. Eles verificam, também, que nas eleições de 1990, a composição da Câmara dos Deputados teve acréscimo de indivíduos do mundo dos negócios, com proporção de 38% dos eleitos. Os autores (2014, p. 233) afirmam: “De acordo com os trabalhos referentes às décadas mais recentes, percebemos um incremento expressivo de empresários”. Segundo os autores (2014), as pesquisas sobre o assunto consultadas por eles ainda produziram uma hipótese, a de que a partir de 1986 os empresários intensificaram sua atenção para com o Legislativo, inclusive por meio de sua presença, além de *lobby*¹⁴ e outras formas. Além disso, os autores (2014) constatam que é crescente a realização de audiências públicas no Senado como espaços de atuação do setor privado no Legislativo Federal e no processo decisório. Diniz e Boschi (2007) observam a tendência de o empresariado aumentar o seu protagonismo no processo legislativo e decisório, mencionam o exemplo da Federação das Indústrias do estado do Rio de Janeiro (FIRJAN), que desde abril de 2006, passou a publicar uma agenda legislativa. Os autores (2007) relatam que o engajamento das principais entidades empresariais do país em uma intensa atuação junto ao Congresso Nacional foi maior que o esforço para influenciar na campanha eleitoral presidencial de 2006.

¹⁴ Oliveira (2004) esclarece que a palavra *lobby* significa o lugar onde ficam pessoas que tentam influenciar as autoridades e/ou políticos. O *lobbying* é a participação dos grupos de pressão no processo de tomada de decisões em âmbito estatal. O *lobbying* está presente na vida norte-americana desde o fim do século XIX, e nenhum país foi tão longe no reconhecimento do *lobbying* como instituição e profissão quanto os EUA. No Brasil, o *lobbying* foi iniciado em meados da década de 1970, é reconhecido como atividade de relações públicas, de assessores parlamentares, de jornalistas e profissionais liberais que representam os interesses de um determinado grupo empresarial. No Brasil, o *lobbying* foi confundido com a prática de corrupção e tráfico de influência durante décadas.

Nesse sentido, temos a contribuição da análise teórica de Gonzalbo (2016) e Harvey (2011). Conforme Gonzalbo (2016), o programa neoliberal não pretende eliminar o Estado, mas transformá-lo, de modo que sirva para sustentar e expandir a lógica do mercado. Harvey (2011) observa que o movimento neoliberal constitui uma agressão ideológica radical sobre o que o Estado deve ser. O Estado deve proteger as instituições financeiras a todo custo.

Nesta etapa de desenvolvimento deste trabalho, cabe lembrarmos a observação de Bourdieu (2014) de que a teoria do Estado se encontra em estado de deterioração por não estabelecer relação com o mundo real. Bourdieu (2014) problematiza a predominância da análise do Estado como produto de teóricos. Diante da coerência da apreciação de Bourdieu (2014), pretendemos não desconsiderar a relação com o mundo real no estudo do Estado brasileiro no neoliberalismo. Para tanto, consideraremos a contribuição teórica de diferentes autores clássicos e relevantes autores contemporâneos, compreendemos que o objeto de pesquisa deste trabalho demanda essa metodologia não somente pela sua complexidade, mas também pela necessidade de buscar caminhos para a compreensão e avanços que reafirmem a esfera pública em uma realidade que revela tempos difíceis e sombrios. Por isso, construímos nas seções anteriores o arcabouço teórico que fundamentará a análise nesta seção, e incluiremos outros autores que ainda não citamos. A sistematização dos dados por meio de gráficos que ilustram a composição do Congresso brasileiro será a referência de elaboração das análises. Constituímos seis gráficos que demonstram a composição do Congresso brasileiro nos governos da presidente Dilma Rousseff, do presidente Jair Bolsonaro e do atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva, além de dois gráficos sobre a votação do impeachment da Presidente Dilma Rousseff, um referente à votação na Câmara Federal e o outro referente à votação no Senado Federal. Considerando os autores das seções anteriores deste trabalho, verificamos a impossibilidade de analisar a realidade do Estado brasileiro no neoliberalismo sem situar a sua condição na conjuntura de predominância do capitalismo financeiro-rentista transnacional.

Dessa perspectiva, a observação que Forrester fez em 2001 ainda é atual. A autora (2001) afirmou que é tempo de acordarmos, de verificar que não vivemos sob o domínio de uma fatalidade, mas sob um novo regime político não declarado, de natureza internacional e até planetária, insidioso, anônimo, menos perceptível porque a sua ideologia esvazia o próprio princípio da política de conteúdo. Ele não está interessado em instâncias e funções políticas clássicas, a seu ver, subalternas. Para este regime a questão não é organizar uma sociedade e, neste sentido, estabelecer formas de poder, mas sim tornar-se o elemento único e soberano. A sua marca é o gosto pela acumulação, essa neurose do lucro, essa atração de lucro na sua

forma mais pura, pronto para qualquer destruição que monopoliza todo o território, ou melhor todo o espaço, sem se limitar ao seu entorno geográfico. O termo perverso que ele introduz é denominado globalização, que supostamente define a situação do mundo, porém, na verdade, oculta. O mundo real parece engolido, tragado por esse globo virtual que é dado como realidade. E temos a impressão de sermos capturados e não encontrar saída.

Forrester (2001) menciona a existência de uma estranha ditadura da onipotência da pressão ultraliberal, que está a serviço do lucro privado. Essa estranha ditadura, sem ditador, não se mostra, mas a sua opressão é cada vez mais pesada. A classe política é estrangulada por essa estranha ditadura e prevalece a política que faz o jogo da força financeira. “Os governos doravante simples intermediários e mais ou menos de acordo, embora igualmente engajados na primeira fila, deverão ajustar-se a medidas de uma crueldade rara, tomadas não exatamente por eles” (Forrester, 2001, p. 162).

Brown (2023) assinala que a globalização evidencia tensões entre os interesses nacionais e o mercado global. A autora reconhece o declínio da soberania do Estado. Para Brown (2023), as características-chave da soberania estão migrando do Estado-nação para o domínio absoluto do capital. Conforme o raciocínio neoliberal não existe nenhum soberano além dos chefes empresariais (grandes e pequenos). Os princípios legais e políticos (especialmente os compromissos liberais com a inclusão universal, igualdade, liberdade e estado de direito), são substituídos por critérios de mercado e o soberano político é rebaixado ao *status* de mero gerente. Cabe lembrar que a contribuição teórica de Dardot e Laval (2021) possibilita complementar essa análise, eles observam que o sistema mundial de dominação é ao mesmo tempo político, econômico, jurídico e cultural e impossibilita qualquer soberania do Estado territorial e nacional. Os autores (2021) afirmam que com a globalização a governamentalidade transnacional se caracteriza por exercer a lei por vias distintas, constituindo um novo sistema normativo mundial que acompanha a mundialização das atividades financeiras, produtivas e mercantis. Em função disso, os órgãos legislativos e nacionais devem aceitar um conjunto de normas e disposições discutidas e decididas em lugar distinto das instituições estatais. Verificamos, também, com a contribuição teórica de Bernardo (1998), que com a transnacionalização do capital o Estado Amplo desagrega o Estado Restrito, manipula os políticos e os parlamentares.

Na análise da configuração do Estado brasileiro no neoliberalismo consideraremos a referida conjuntura. Quanto ao contexto brasileiro, Bresser-Pereira (2014) explana que os neoliberais estiveram fora do poder político, entre 1930 e 1980, no período de grande crescimento econômico brasileiro, embora tenham assumido o poder por breves períodos, em

1945, em 1954, e em 1960. Motta (1979, p. 74) afirma que: “a política econômica dos anos 46-50 serviu, principalmente, aos interesses mais imediatos da empresa privada, nacional e estrangeira”. Bresser-Pereira (2014) assinala que os neoliberais assumiram o poder político novamente no governo Collor. Conforme Bresser-Pereira (2014), com o segundo ministério do governo Collor, com o fracasso do Plano Collor, Marcílio Marques Moreira assumiu o Ministério da Fazenda, e com ele chegou ao poder um grupo de economistas do Departamento de Economia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), que desenvolveu uma política ortodoxa e neoliberal, em especial no Banco Central, desde 1991 a 2010. Sob o comando de tais economistas, e de políticos e burocratas liberais, ocorreu a rendição do Brasil ao Norte (o conjunto dos países ricos), em 1991.

Conforme Bresser-Pereira (2014, p. 300): “No quadro do Pacto Liberal-Dependente de 1991, o país voltou por um tempo à condição semi-colonial que tivera antes de 1930”. Motta (1979) explica que a burguesia mercantil dominou o Brasil até os anos 1930. Ela era não somente a classe dominante, mas também a classe dirigente possuía a hegemonia ideológica e o controle político do Estado, porém era subordinada ao imperialismo de então. Bresser-Pereira (2014) comenta quanto ao Pacto Liberal-Dependente de 1991, que o Brasil aderiu, sem restrições, às teses do Consenso de Washington, por meio do acordo com o FMI, de 1991. Em função disso, abriu sua economia às entradas de capitais, perdeu seu controle sobre a taxa de câmbio e assumiu reformas liberais, até então, consideradas impensáveis para o país (Bresser-Pereira, 2014). Conseqüentemente, “A formação do Estado-nação brasileiro com a transferência dos centros de decisão para dentro do país, foi interrompida” (Bresser-Pereira, 2014, p. 304). Diniz (1997, p. 118) expõe que a vitória de Collor, com a sua adequação ao consenso de Washington, resultou em uma drástica mudança na agenda pública. “Sob o impacto da nova conjuntura, entre 1991 e 1993, a Constituição recém-aprovada é repudiada, estigmatizada como símbolo do atraso em face da modernidade, está representada pela vitória da agenda neoliberal”.

Para Bresser-Pereira (2014), a dependência ou a independência das elites dos países em desenvolvimento pode ser mais bem compreendida se considerarmos dois tipos possíveis de coalizão de classes: a coalizão de classes nacional e a coalizão de classes dependente. Quando há uma coalizão nacional, há a básica aliança entre os ricos e os pobres de um país; quando a coalizão é dependente, isso significa que as elites locais preferiram se associar de forma subordinada às elites dos países ricos, em vez de se associar ao seu povo. Bresser-Pereira (2014) considera que a alienação não é apenas das elites econômicas e políticas, é

também das elites intelectuais, e a maior expressão dessa alienação e dependência se expressa na adoção de teorias e políticas vindas do exterior que não se aplicam à realidade brasileira.

Conforme Bresser-Pereira (2014), inicialmente, os empresários industriais que apoiavam o desenvolvimento econômico nacional, participaram do Pacto Liberal-Dependente de 1991, mas logo perceberam que a ortodoxia liberal era incompatível com o desenvolvimento econômico. Contudo, cabe considerar a observação de Sanson (2021), de que enquanto na sociedade industrial clássica, o empresário retornava parte de seu lucro para a sociedade por meio do pagamento de salários e geração de empregos com a abertura de novas fábricas, atualmente, ele responde aos interesses dos investidores e acionistas. Assim, o dinheiro que, antes, voltava parcialmente para a sociedade, agora é transferido para o mercado financeiro.

Segundo Bresser-Pereira (2014), na conjuntura neoliberal os capitalistas rentistas que buscam obter altas taxas de juros são favorecidos, bem como o setor financeiro que os serve. Dessa maneira, aproveitam-se da instabilidade macroeconômica do país para garantir a continuidade de uma política de juros internos elevados, câmbio sobreapreciado e forte dependência externa. Por outro lado, os empresários com espírito nacional ficam em minoria e sem discurso. “Nos anos 1990, diante da hegemonia neoliberal, a revolução nacional brasileira paralisou-se e o Brasil ficou sem o conceito de nação” (Bresser-Pereira, 2014, p. 305).

O núcleo central de política econômica do País é constituído por ministros do Estado, dirigentes do Banco Central e do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Loureiro (2023, p. 19) questiona a neutralidade do Banco Central frente a interesses específicos, uma vez que “não se pode desconhecer os processos histórico-estruturais que levaram à criação dos Bancos Centrais relacionados ao desenvolvimento da economia capitalista sob a dominância financeira”. No plano concreto da realidade brasileira, existe uma relação umbilical do Banco Central com o mercado financeiro. Quanto aos dirigentes do Banco Central e do BNDES, realizam o trânsito do setor privado para o público e, posteriormente, retornam para o mundo das empresas de consultoria ou dos bancos de investimento, munidos de informações relevantes. As suas decisões na condição de elites orgânicas do Estado brasileiro servem à valorização do capital financeiro e, inclusive, eles podem influenciar na direção do Estado, reproduzindo ou transformando a ordem social (Loureiro, 2023).

A coalizão de classe do Pacto Liberal-Dependente “foi formada essencialmente por rentistas, pelos capitalistas das grandes empresas de serviços públicos operando em situação

de monopólio ou quase monopólio, pelo agronegócio e pelo setor financeiro” (Bresser-Pereira, 2014, p. 302). De maneira dependente, tal coalização de classes contou com a participação dos governos e das elites dos países ricos, distante, mas efetiva, bem como com a participação direta das empresas multinacionais situadas no Brasil. Bresser-Pereira (2014) afirma que os impérios, estrategicamente, sempre cooptaram as elites locais para os seus projetos de poder, e essas se associam com os estrangeiros em condição de inferioridade visando benefícios.

Segundo Bresser-Pereira (2014), o desempenho econômico medíocre do Brasil nos anos 1990, tem relação com o fato de o governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC) ter aceitado o Segundo Consenso de Washington, sem crítica. O governo FHC se curvou a hegemonia liberal dos Estados Unidos, ao seu projeto hegemônico baseado no fundamentalismo de mercado neoliberal que foi imposto ao resto do mundo. Diniz (2000) afirma que os industriais mantiveram a postura de adesão à agenda neoliberal, durante o primeiro mandato de FHC. Em 1996, os empresários reclamavam da falta de cooperação do Congresso para a aprovação das reformas constitucionais do governo, considerando-o como um entrave à modernização do país, os parlamentares foram responsabilizados por eles pela lentidão das reformas. Por isso, em maio de 1996, uma caravana comandada pelas principais entidades empresariais, e com cerca de 3 mil empresários, foi à Brasília para apoiar o governo junto ao Congresso pela aprovação das reformas constitucionais.

Bresser-Pereira pontua que no Brasil tornou-se hegemônico “o projeto neoliberal de redução do papel do Estado e de diminuição da autonomia do Estado-nação no quadro de uma globalização” (Bresser-Pereira, 2014, p. 318). Nessa conjuntura, o governo FHC obteve apoio desde o início com substancial maioria parlamentar, principalmente o apoio do PFL, então mais importante partido de direita e neoliberal, entre outros. Dessa forma, o Brasil se revelou neoliberal e dependente, privatizou empresas e retirou a preferência assegurada às empresas nacionais na Constituição, privatizou e desnacionalizou serviços públicos monopolistas e dos grandes bancos de varejo. Os efeitos do Segundo Consenso de Washington foram mais devastadores sobre os países em desenvolvimento que os do Primeiro Consenso, inclusive no que se refere ao Brasil, que se manteve quase estagnado economicamente nos oito anos do governo FHC. “O governo não foi social-democrático, de centro-esquerda; nem adotou uma política desenvolvimentista moderna, não populista, mas se opôs ao desenvolvimentismo e a uma opção nacional” (Bresser-Pereira, 2014, p. 320).

Oliveira (1999) observa que o ministério do governo FHC foi composto por um número significativo de empresários, em nenhum outro governo aconteceu isso no ministério.

Segundo Oliveira (1999) um número significativo de figuras do primeiro e segundo escalão, após ter deixado o governo, se instalou em bancos e consultorias empresariais, ou foi diretamente para a alta direção de um grande grupo econômico-financeiro. Diante desse exemplo, Oliveira (1999, p. 72) afirma que nos mais altos escalões do Estado é reproduzida uma experiência que é apenas privada e que se passa entre homogêneos: “a fala é igual, os objetivos são iguais, anulam-se as diferenças entre Estado e Sociedade, entre Estado e Mercado e finalmente entre o governo e as empresas; mais frequentemente, quem estava na empresa ontem, pode estar no Estado hoje, e vice-versa”.

Quanto aos anos 1990, Diniz e Boschi (2007) observam que predominou a visão neoliberal e globalista do ponto de vista ideológico e doutrinário. Entretanto, o consenso quanto a tais diretrizes foi abalado, a partir de 1998, pelo surgimento de dissidências no interior da própria coalizão dominante, e pelas cisões verificadas no pacto governo-empresários.

De acordo com Bresser-Pereira (2014), Luiz Inácio Lula da Silva foi eleito em sua quarta tentativa, em outubro de 2002. Diniz e Boschi (2007, p. 64) relatam que: “entre 29 e 30 de julho de 2002, circulou pela imprensa um manifesto de apoio de um grupo de empresários a Lula”. Para Bresser-Pereira (2014), o fato de a burguesia e os partidos de direita não pensarem, em nenhum momento, em um golpe de Estado por motivo da eleição de um presidente de esquerda, demonstrou que o capitalismo e a democracia estavam consolidados no Brasil, o que não significa que a direita brasileira tenha aceitado a eleição de um político de esquerda tranquilamente. Diniz e Boschi (2007, p. 67) acrescentam que: “a vitória de Lula nas eleições presidenciais de 2002 representou um marco na construção da democracia sustentada no Brasil, implicando um passo importante no sentido da plena aceitação do princípio da alternância do poder”. Bresser-Pereira (2014) afirma que Lula sabia que é impossível governar sem a burguesia, uma vez no governo, a coalizão política de esquerda limitou-se a tentativa de redução da desigualdade social. “Os números relativos à diminuição da desigualdade e à melhoria dos padrões de vida da classe trabalhadora desde a transição democrática e, em particular, no governo Lula, foram impressionantes” (Bresser-Pereira, 2014, p. 348). No entanto, a lógica da propriedade privada e do lucro não foi colocada em dúvida em nenhum momento (Bresser-Pereira, 2014).

Diniz e Boschi (2007) consideram que nos primeiros dois anos de mandato o governo Lula foi marcado por uma forte tensão entre continuidade e mudança. Fagnani (2011) reafirma que entre 2003 e 2005 o governo Lula tem uma fase marcada pela ambiguidade entre a continuidade e a mudança. No interior do próprio governo tinham forças defensoras do

Estado mínimo, aglutinadas na área econômica. A ortodoxia econômica e forças importantes do núcleo do governo tentaram viabilizar novas reformas do Estado, de caráter liberalizante. Além disso, tentaram implantar um programa de ajuste macroeconômico a longo prazo. O ministro da fazenda adotou uma agenda liberalizante. Ao contrário, no interior do governo também tinham setores que defendiam os direitos universais. A estratégia social de Lula permaneceu indefinida.

Bresser-Pereira (2014) entende que foi a distribuição de renda que caracterizou o governo Lula, não foi o desenvolvimento econômico. O governo Lula (2002-2010) fez mais do que a coalizão liberal-dependente exigia. Conforme Pittari e Mattei (2023, p. 11): “Antes de assumir seu primeiro mandato, em 2003, Lula entregou uma carta de compromissos para ‘tranquilizar o mercado’, prometendo manter a ‘estabilidade’ de seu predecessor Fernando Henrique Cardoso”. Segundo Fagnani (2011), até 2005 o governo Lula seguiu as mesmas orientações da era FHC, quais sejam, controle inflacionário por meio de taxas de juros elevada, superávit primário e restrição do gasto público. O ambiente econômico recessivo foi mantido, com limites ao desenvolvimento social. Bresser-Pereira (2014) pontua que o governo Lula buscou o apoio não somente dos empresários, mas também do sistema econômico-financeiro internacional. O Norte dedicou-se a se associar à elite local e subordiná-la, como sempre faz. Mas, mesmo tendo feito concessões ao capitalismo, Lula não se tornou o representante da grande burguesia, inclusive de sua fração financeira.

No final de 2005, Dilma Rousseff na condição de ministra da Casa Civil, colocou o dedo na ferida. Dilma Rousseff apontou que a pretendida redução da razão dívida/PIB dependia, fundamentalmente, da queda dos juros. Dilma Rousseff, de maneira contundente, e certamente com o aval do Presidente, desautorizou publicamente o Ministro da Fazenda, bem como a trilha ortodoxa que vinha sendo seguida. Era um sinal de mudanças, e elas acabaram acontecendo a partir de 2006, com modificação na cúpula econômica e na orientação política do governo. De 2006 a 2010, com o crescimento econômico, as políticas econômicas e sociais foram articuladas de maneira mais positiva, o gasto social foi ampliado, caminhou-se no sentido de construir uma nova estratégia de proteção social baseada no desenvolvimento econômico com estabilidade (Fagnani, 2011).

Embora o governo Lula tenha tentado realizar uma política anticíclica no plano do Ministério da Fazenda e do BNDES, diante da crise do capitalismo rentista e financeirizado de 2008, ela ficou pela metade por motivo de o governo do Banco Central ter sido dominado por economistas ortodoxos originados do mercado financeiro, durante os oito anos do governo. “Em compensação, o Ministério da Fazenda realizou uma política fiscal anticíclica,

reduzindo despesas e aumentando o gasto público. Com esse objetivo reduziu os impostos dos setores de baixa renda, ampliou a abrangência do Bolsa Família” (Bresser-Pereira, 2014, p. 352). Ademais, o grande programa de habitação popular subsidiada foi lançado - o Minha Casa Minha Vida, a carga tributária sobre a indústria automobilística e a meta de superávit primário foi reduzida. Na área da política externa foi conduzida uma política nacionalista, mas cooperativa com os demais países. Com efeito, o governo Lula atuou com competência na área da política cultural, na área da política social e na dos direitos humanos. A taxa de crescimento do PIB e a taxa de investimento aumentaram, entre 2003 e 2010, nos oito anos do governo Lula (Bresser-Pereira, 2014).

Desde o início do seu governo o presidente Lula procurou liderar um novo pacto nacional, associando-se aos setores mais progressistas da burguesia, especificamente aos empresários industriais, aos líderes sindicais, líderes associativos, aos burocratas públicos e intelectuais. Após o terceiro ano do seu governo e no governo Dilma, o avanço na direção de um novo pacto nacional e popular foi significativo. O “Estado voltava a ter papel indutor na economia, a estratégia nacional de desenvolvimento passava a ser desenvolvimentista, e se buscava de forma deliberada grande entendimento entre as frações de classe progressistas do país” (Bresser-Pereira, 2014, p. 363).

Carneiro (2018, p. 24) menciona o considerável crescimento da economia entre 2004 e 2013, durante os governos Lula e Dilma. O crescimento do PIB *per capita* foi de 30%, um incremento anual de 2,6%, enquanto entre 1980 e 2003, foi somente de 6%, uma taxa anual de 0,02%. “A taxa de pobreza, constante ao redor de 35% em todos os anos 1990, mostra uma trajetória fortemente declinante após 2003, alcançando o percentual de 13% em 2014”. Portanto, os resultados alcançados pelo desenvolvimento com inclusão social foram consistentes, revelando melhoria significativa dos indicadores sociais durante os governos Lula e Dilma. “Ademais, as reduções da desigualdade social e da pobreza, associadas à ampliação da mobilidade social, conferem a este período histórico um caráter original” (Carneiro, 2018, p. 23).

No entanto, conforme Bresser-Pereira (2014), ao começar o seu governo, em janeiro de 2011, com uma proposta de continuidade do governo Lula, a presidente Dilma Rousseff herdou dois problemas macroeconômicos centrais da economia brasileira que não foram resolvidos no governo Lula, quais sejam, o problema da sobreapreciação cambial, e o aumento dos salários acima do aumento da produtividade, com forte aumento do custo unitário do trabalho. Este segundo problema agravava a competitividade das empresas industriais brasileiras. O governo Dilma optou por uma agressiva política industrial para

tentar compensar o câmbio apreciado e os salários reais elevados. Promoveu a desoneração de encargos trabalhistas em diversos setores industriais e a redução do Imposto sobre Produtos Industrializados para estimular investimentos. “Três anos após o início do seu governo, está claro que Dilma Rousseff se revelou uma presidente determinada e dotada de espírito público, mas sem forças para anular a sobreapreciação da taxa de câmbio herdada do governo anterior” (Bresser-Pereira, 2014, p. 361).

Segundo Bresser-Pereira (2014), o capitalismo é uma forma de organização da sociedade intrinsecamente corrupta, e a presidente se empenhou em punir essa corrupção com suas convicções políticas de esquerda e por meio do Estado democrático. Reafirmando Bresser-Pereira (2014), Moreira e Veronez (2021) mencionam que a presidente Dilma tentou acabar com esquemas de corrupção incrustados há décadas no aparelho estatal brasileiro. Conforme Bresser-Pereira (2014), Dilma Rousseff tinha como objetivo liderar um projeto nacional com o apoio da sociedade e deu um passo importante com a sensibilização das classes médias no começo do seu governo. Porém, Dilma Rousseff teve dificuldade de comandar a coalização política de seu governo, e não se deixou cooptar pela direita. Moreira e Veronez (2021) consideram que a presidente Dilma adotou estratégia politicamente perigosa, em seu discurso em 30 de abril de 2012, pois ela atacou os bancos, afirmou ser inadmissível que o Brasil continuasse com um dos juros mais altos do mundo, sendo um dos sistemas financeiros mais sólidos e lucrativos. Ela tencionou o pacto estabelecido com sistema financeiro, ao reduzir os juros e forçar os *spreads* para baixo. A sua ação contra a burguesia rentista fazia parte do seu compromisso desenvolvimentista. Ademais, conforme Brian *et al.* (2024) a presidente Dilma adotou medidas que reduziram as margens de lucro dos grandes bancos. Mantega *apud* Brian *et al.* (2024, p.11) afirma que: “Entre 2011 e 2013, o Brasil começou a tributar o mercado de derivativos, permitiu que bancos públicos reduzissem as taxas de juros e montou uma campanha contra as tarifas bancárias”. Consequentemente, os lucros financeiros foram afetados, isso gerou uma briga de cachorro grande, conforme Mantega.

Segundo Bresser-Pereira (2014), ao final do terceiro ano do seu governo a presidente Dilma enfrentou grave perda de apoio junto às elites brasileiras. Embora, em 2013, tenha ocorrido o julgamento negativo do seu governo pela burguesia brasileira, particularmente seus setores rentistas e financistas, e pela classe média tradicional também com tendência rentista, acompanhadas de manifestações populares de junho de 2013, pouco tempo depois a presidente recuperou grande parte da sua popularidade. Souza (2017), entretanto, analisa que foram as classes médias que saíram às ruas manifestando ódio e indignadas, a partir de junho

de 2013, por motivo de o PT ter diminuído as distâncias sociais entre as classes no Brasil moderno. Souza (2017) observa que nunca criticamos verdadeiramente o ódio e o desprezo da classe média brasileira pelo povo, possivelmente seja essa a nossa maior herança intocada da escravidão. Essa classe média, para justificar o seu ódio, constrói o pobre e o humilhado como culpado pelo seu destino, além de torná-lo perigoso e ameaçador. Souza (2017, p. 95) assinala que: “Sua participação nos golpes contra as classes populares tem muito a ver, portanto, com estratégias de reprodução de privilégios e muito pouco com a moralidade e combate à corrupção”. Moreira e Veronez (2021) reafirmam a observação de Souza (2017). Para os autores (2021), a irrupção dos protestos de 2013 tinha relação com a rejeição das políticas de inclusão social promovidas pelas políticas do governo Lula e Dilma, tais como, a valorização anual do salário-mínimo, o Bolsa Família, a política de democratização do acesso às universidades, entre outras.

Segundo Bresser-Pereira (2014), apesar das oposições, em março de 2014, as pesquisas de opinião indicavam que Dilma ganharia um novo mandato presidencial. Dilma Rousseff teve um último ano de governo difícil, o governo teve de recuar no seu desenvolvimento econômico por motivo do “relativo aumento da fragilidade financeira do país e a perda do apoio que todo governo deve ter junto às classes dirigentes em uma sociedade capitalista tão desigual como a brasileira” (Bresser-Pereira, 2014, p. 361).

Bresser-Pereira (2014) reconhece que nos governos Lula e Dilma estiveram presentes elementos essenciais do desenvolvimentismo. Tais governos representaram uma tentativa de construir uma alternativa desenvolvimentista, democrática e social ao “liberalismo”. Exatamente, por isso, encontraram rejeição da direita, do capital rentista e financeiro, da classe média liberal. Embora pudessem ter o apoio dos empresários industriais, não tiveram. Essa direita liberal permaneceu calada no governo Lula, mas reanimou-se no governo Dilma, sustentada principalmente pelo crescimento econômico insatisfatório.

Bresser-Pereira (2014) analisa a alienação das elites brasileiras. Conforme o autor (2014), os empresários industriais nacionais tiveram quase sessenta anos de exercício de razoável hegemonia política (1930-1987), estavam perplexos e confusos diante da crise e da mudança de pacto político, e percebiam que tinham perdido o poder. No entanto, insistiam que o governo tinha de definir uma política industrial como a dos anos 1970, não percebiam que a principal ameaça estava no plano macroeconômico, que a política industrial misturava elementos específicos de política industrial com política macroeconômica. Para os referidos empresários os seus adversários eram o Estado e sua burocracia, desconsideravam que esta é uma estratégia do Norte para dividir a nação. “Em consequência, muitos se deixaram levar

pela ortodoxia liberal e por toda a ‘modernidade’ que ela prometia; ou então vendiam suas empresas para empresas multinacionais e se transformavam em capitalistas rentistas” (Bresser-Pereira, 2014, p. 367). Dessa maneira, priorizavam os seus interesses, mas prejudicavam o país reduzindo o poder político da indústria brasileira. No governo Dilma, a aliança dos empresários com a burocracia do Estado, necessária para a retomada do desenvolvimento, perdeu força, na medida em que o governo não proporcionava aos empresários industriais condições de investimento. “No Brasil, as elites brasileiras, inclusive seus empresários, vivem em constante ambiguidade [...]. Em alguns momentos identificam-se com o nacionalismo democrático, em outros, tornam-se liberais e dependentes” (Bresser-Pereira, 2014, p. 368).

Na realidade, a tal constante ambiguidade parece revelar uma prática de oportunismo e de rejeição do Estado realmente democrático. Nessa direção, Diniz (1993, p. 17) assinala que o capitalismo industrial no Brasil apresenta duas faces, quais sejam, o neoliberalismo e o corporativismo. Quando os empresários industriais rejeitam o intervencionismo estatal, são incapazes “de exercer a liderança do processo de mudança em direção a uma nova concepção de desenvolvimento”. A demanda pelo recuo do Estado na regulação da economia e da produção de bens industriais coexiste com a pressão por proteção estatal. A autora (1993, p. 18) observa “o descompasso entre a adesão ideológica ao neoliberalismo e um padrão de comportamento pautado pela prevalência das práticas corporativas”. Contudo, Diniz pontua que o processo de difusão do ideário neoliberal apoiou-se em grande parte na atuação da classe empresarial, que não tomou a iniciativa, mas “incorporou-se à discussão em torno da necessidade da privatização e da instauração de uma efetiva economia de mercado” (Diniz, 1993, p. 19).

Conforme desenvolvemos anteriormente neste trabalho, a rejeição do intervencionismo do Estado e o uso do mesmo para os seus interesses não é prática específica dos empresários brasileiros, apresenta consonância com a concepção neoliberal, principalmente a estadunidense, de que o Estado deve corresponder totalmente aos interesses do mercado. Verificamos na quinta seção, por meio das afirmações de Hayek (2010), um dos mentores do neoliberalismo, a rejeição ao movimento de planificação do Estado. Os neoliberais consideram que o planejamento central é totalitário e inimigo do mercado, uma vez que o seu comprometimento é com o bem da comunidade e o bem-estar social. Eles rechaçam o compromisso do Estado com a democracia com referência na mínima condição de justiça social. Para os neoliberais a democracia é um instrumento que deve assegurar a

liberdade individual dos que têm êxito na concorrência capitalista. Na realidade, conforme analisa Foucault (2008), no neoliberalismo o mercado se torna uma prática governamental.

7.1 A configuração do Estado brasileiro no governo da presidente Dilma Rousseff

Com a contribuição da análise teórica de Bresser-Pereira (2014), Diniz e Boschi (2007), verificamos que na conjuntura brasileira, a eleição de um presidente de esquerda foi um marco na construção da democracia no Brasil. Porém, é possível apreender na análise dos autores a situação de que a burguesia brasileira era propensa a não aceitar a eleição de um presidente de esquerda e a alternância do poder. Em sua análise Bresser-Pereira (2014) não descartou a possibilidade de ter acontecido um golpe de Estado com a eleição de Lula.

O golpe de Estado não foi constituído com a eleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e durante o seu governo, assim como durante o primeiro governo da presidente Dilma Rousseff, porém ambos os presidentes conviveram com o cerceamento das classes capitalistas nacionais e estrangeiras, para que correspondessem aos seus interesses concernentes ao neoliberalismo estadunidense. Com referência na contribuição teórica de Bresser-Pereira, podemos vislumbrar que em ambos os governos existiu a coalização de classes nacional, com significativo compromisso com o desenvolvimentismo. No entanto, acrescentamos que os governos foram constantemente pressionados por empresários e seus aliados que representam o Pacto Liberal-Dependente e por integrantes do Congresso Nacional com a mesma posição. Vale ressaltar que Bresser-Pereira (2014) não comenta sobre essa possibilidade de que os governos que têm compromisso com a coalização de classe nacional e com o desenvolvimentismo possam ter de conviver com um Congresso que majoritariamente representa o Pacto Liberal-Dependente. Todavia, a sua contribuição nos possibilitou estabelecer tal análise.

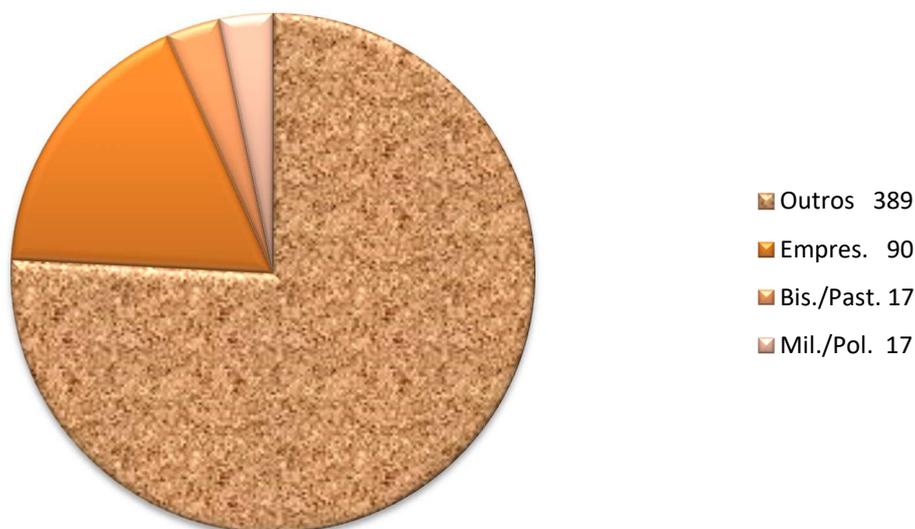
Nesta análise não podemos desconsiderar na contribuição teórica de Bresser-Pereira (2014) e Sanson, (2021) a observação sobre a mudança de interesse dos empresários industriais nacionais. Conforme Bresser-Pereira (2014), muitos deles foram influenciados pela ortodoxia liberal e seu discurso de modernidade, ou venderam as suas empresas para as empresas multinacionais e se transformam em capitalistas rentistas. Sanson (2021) explica que na sociedade industrial clássica o empresário retornava parte de seu lucro para a sociedade por meio da criação de empregos e pagamento de salários e, atualmente, responde aos interesses dos acionistas, e o dinheiro que voltava para a sociedade é transferido para o

mercado financeiro. Em suma, ambos os autores, observam a transformação de empresários industriais nacionais em rentistas.

Souza (2017) analisa que o liberalismo no Brasil é o ideário do “mandonismo privado”. Dessa ordem, o sentido do interregno liberal de dominação política dos liberais no século XIX não foi o de liberar o poder local das amarras do incipiente Estado, mas de usar a máquina do Estado para o mandonismo e privatismo sem limites dos poderosos. A liberdade defendida pelo nosso liberalismo sempre foi a que possibilita aos donos do poder econômico saquearem a sociedade. Analogamente, o capitalismo financeiro impõe um grande esquema de corrupção sistêmica, cujo objetivo é “superexplorar e enganar as classes sociais abaixo dela, capturar o Estado e a política para seus fins, e instaurar uma imprensa e uma esfera pública que implicam distorção sistemática da realidade [...]. Uma realidade em relação a qual só se pode obedecer” (Souza, 2017, p. 166).

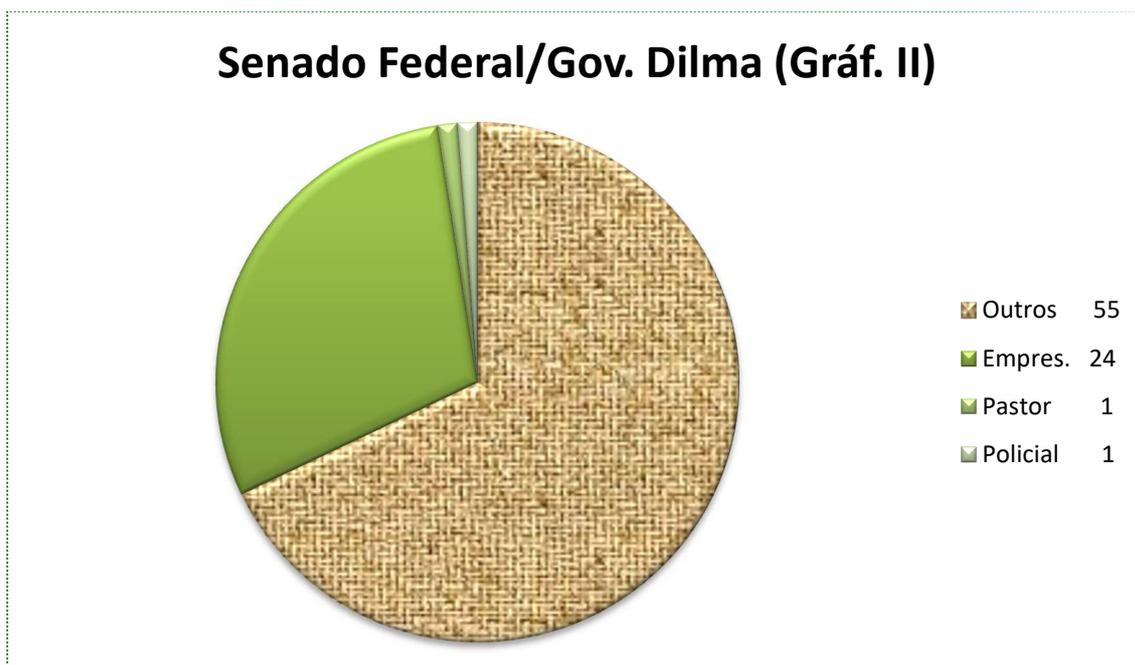
Dessa perspectiva, sistematizamos os gráficos abaixo como referência para ilustração da configuração do Estado brasileiro no neoliberalismo. Realizaremos a análise teórica sobre o número de empresários e seus aliados na Câmara de Deputados e no Senado Federal em cada um dos governos. Discutiremos algumas das consequências desta configuração para a democracia brasileira. Para tanto, consideraremos contribuições dos autores que constituem o arcabouço teórico elaborado neste trabalho, até então, e de outros que sejam necessários para a compreensão dos dados quanto ao objeto de estudo. Assumimos a possibilidade de limitações das nossas análises, que pretendemos elaborar futuramente.

Câm. dos Deputados/Gov. Dilma (Gráf. I)



Fonte: a autora

Neste primeiro gráfico referente à Câmara Federal no governo Dilma Rousseff, ilustramos o número de empresários, 90, Bispos e pastores, 17, Militares e policiais, 17, e outros, 389. Neste primeiro gráfico, verificamos um número significativo de empresários e de alguns dos seus aliados, assim como no segundo gráfico referente ao Senado Federal, com 24 empresários, 1 pastor, 1 policial e 55 demais senadores. Porém, no terceiro e no quarto gráficos referentes ao “*impeachment*” da presidente Dilma, na Câmara Federal e no Senado Federal, respectivamente, é evidenciada a capacidade destes empresários de mobilizar um número ainda maior de parlamentares contra a democracia brasileira, considerando que a presidente Dilma assumiu o compromisso com a coalizão de classes nacional para o desenvolvimentismo. Quanto ao *impeachment* de Dilma Rousseff na Câmara Federal, 367 Deputados Federais votaram a favor, 137 votaram contra, com 7 abstenções e 2 ausências. Quanto ao *impeachment* no Senado Federal, 61 senadores votaram a favor e 20 votaram contra.



Fonte: a autora

Em pesquisa do Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (DIAP), fundado em 19 de dezembro de 1983, Queiroz (2023) apresenta dados sobre a representação da bancada empresarial no Congresso Nacional, considerando os Senadores e Deputados. Em 2010, 273 empresários integravam a bancada, em 2014, 221 empresários, em 2018, 242 empresários e, em 2023, 139 empresários. Nesta pesquisa do DIAP foram incluídos como empresários também os comerciantes e produtores rurais, embora seja reconhecido que existem outros parlamentares que possuem negócios lucrativos e vivem de renda desses negócios, mas que preferem ser identificados por sua formação superior ou profissão liberal e, portanto, não foram incluídos. Relembramos que estes números de empresários são superiores aos que sistematizamos nos gráficos por meio da nossa pesquisa na internet, pois não incluímos os comerciantes e produtores rurais, consideramos somente os que se identificavam como empresários, conforme mencionamos anteriormente.

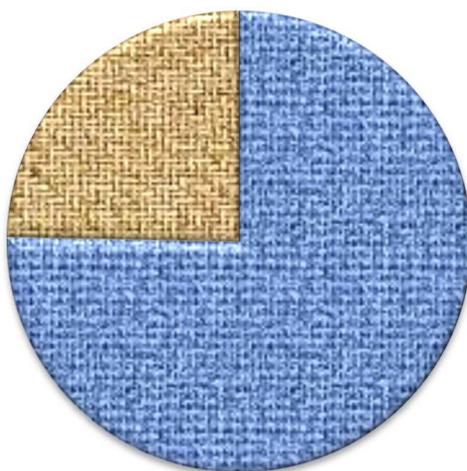
Impeachment da Presid. Dilma (Gráf. III) Câmara Federal



■ A favor	367
■ Contra	137
■ Abstenc.	7
■ Ausênc.	2

Fonte: a autora

Impeachment da Presid. Dilma (Gráf. IV) Senado Federal



■ A favor	61
■ Contra	20

Fonte: a autora

Quanto ao “*impeachment*” da presidente Dilma Rousseff, não devemos considerar somente a participação dos empresários que integravam a bancada do Congresso Nacional, mas ainda seus aliados da bancada do Congresso Nacional e, além disso, a articulação externa. Nesse sentido, Maciel (2016) esclarece quanto à articulação das federações empresariais pelo “*impeachment*” da presidente Dilma Rousseff, o que revela o distanciamento dessas federações quanto ao compromisso com a coalização de classes nacional e com o desenvolvimentismo do país. A autora apresenta a posição das principais federações das indústrias do país quanto ao “*impeachment*” da presidente Dilma Rousseff e não desconsidera a mobilização que constituíram.

Em levantamento feito nas dez principais federações das indústrias do país, declararam apoio formal ao “*impeachment*” as de São Paulo, Santa Catarina, Paraná, Goiás e Rio de Janeiro. A federação do Espírito Santo não se manifestou, apesar de a posição de seu presidente ser favorável ao “*impeachment*”, mas o nome da federação consta na lista de apoiadores da campanha “*Impeachment Já*”, embora a mesma tenha informado que foi engano. A federação de Pernambuco não se posicionou, assim como a do Rio Grande do Sul, a de Minas Gerais e da Bahia. A Confederação Nacional das Indústrias (CNI) manifestou-se a favor do “*impeachment*” três dias antes da votação na Câmara, por meio de carta aberta, destinada aos deputados e assinada pelo seu presidente (Maciel, 2016).

Vale ressaltar que todos os projetos que tramitam no Congresso Nacional são monitorados pela CNI, por meio do Conselho de Assuntos Legislativos (COAL). Esse Conselho tem como função não somente monitorar, mas também influenciar, informar e elaborar estudos que subsidiem sua ação e sejam fonte de informação para os parlamentares. Assim, por meio da COAL, uma equipe de executivos tem contato direto com parlamentares e autoridades do governo (Oliveira, 2004).

Bianchi (2010) não descarta a possibilidade de intensas disputas no interior do empresariado, assim como vários projetos em confronto. O autor (2010, p. 15) afirma que: “Os estudos sobre o empresariado latino-americano têm destacado que diferentes frações empresariais tendem a reagir de modo diferente perante as reformas econômicas de cunho neoliberal”. Quanto à afirmação da alternativa neoliberal, existem avanços e recuos, e a configuração resultante de um determinado momento expressa relação de forças entre as frações diferentes do empresariado e destas com o Estado e com as classes subalternas. “Setores com vínculos mais fortes com o mercado interno tendem a se opor à abertura comercial, por exemplo, enquanto setores dominados por empresas transnacionais pressionam por uma maior abertura” (Bianchi, 2010, p. 15).

Quanto à FIESP, por exemplo, o deslocamento em direção ao projeto neoliberal foi progressivo, e a hipótese é que tal deslocamento foi acompanhado por uma mudança na relação de forças no seu interior, com a expressão das frações empresariais com laços mais sólidos com o mercado externo. Na FIESP foi construído um consenso empresarial pela revalorização do mercado como agente da regulação econômica e do programa mínimo de reformas econômicas compatível com isso. “Tal programa mínimo inclui a privatização das empresas estatais, as reformas da previdência, administrativa, tributária e trabalhista, a defesa da estabilização monetária, a desregulamentação estatal e a liberalização dos mercados” (Bianchi, 2010, p. 15). Segundo Bianchi (2010), o papel dos mercados como *locus* da regulação econômica é reduzido pela intervenção sistemática do Estado na economia, os empresários podem perceber a ingerência estatal na economia como uma ameaça aos seus interesses. Sendo assim, eles se organizam para intervir efetivamente no modo de ação estatal. “A percepção das formas de competição intercapitalista, a intensidade da utilização da força de trabalho e as relações com o aparelho estatal podem variar muito, produzindo impulsos de agregação de variada intensidade e de sentidos múltiplos” (Bianchi, 2010, p. 39).

Em sua manifestação pelo “*impeachment*” da presidente Dilma Rousseff, as federações das indústrias foram apoiadas pelo então vice-presidente do país, Michel Temer. Temer dizia reconhecer a decepção dos representantes da iniciativa privada com o Governo. “O primeiro representante dos empresários a defender o impeachment foi um aliado de Temer, presidente da Federação das Indústrias de São Paulo, Paulo Skaf, [...] tornou-se um militante da causa e articulador do processo junto ao empresariado” (Maciel, 2016, p. 11). A Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) liderou a campanha “Não vou pagar o pato”, durante as manifestações favoráveis ao *impeachment*, em 13 de dezembro, distribuiu vários patos. Na frente do prédio da entidade, na Avenida Paulista, foi colocado um pato de 12 metros de altura. No dia seguinte, em 14 de dezembro, a FIESP anunciou o seu apoio formal ao “*impeachment*” da presidente Dilma Rousseff. “Em 29 de março, a Fiesp e centenas de entidades publicaram nos principais jornais do país anúncio [...] defendendo “Impeachment Já”. Outra rodada de anúncios foi feita em 21 estados com a divulgação de foto, telefone, páginas do facebook, dos parlamentares” (Maciel, 2016, p. 10). O objetivo era pressionar os parlamentares durante a votação. A FIESP e a Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN) defenderam que os empresários exercessem pressão junto aos parlamentares do Congresso para a votação pelo “*impeachment*” (Maciel, 2016).

Carneiro (2018) observa a atuação sistemática de Michel Temer para reeditar um perfil neoliberal da política econômica, com o objetivo primordial de reduzir o papel do Estado na

economia. “Dadas as suas articulações internacionais, sobretudo com as instituições multilaterais comandadas pelo G7, suas propostas, elencadas no documento *Uma ponte para o futuro*, podem ser consideradas como uma reedição do Consenso de Washington” (Carneiro, 2018, p. 37). No entanto, Carneiro (2018) esclarece que este ideário de viés neoliberal soa como uma farsa, pois dificilmente contribui para o dinamismo da economia e para a inclusão social, na periferia do sistema apresenta maus resultados, após mais de 30 anos, e nos países centrais é questionado. Brian *et al.* (2024) analisam que no final de 2018, o progresso do Brasil foi suspenso, se não revertido. Eles caracterizam o *impeachment* de Dilma Rousseff como espúrio, e consideram que foi usado para retirar o PT do poder. Os autores mencionam que (2024, p. 2): “Seu ex-vice, o centro-direitista Michel Temer, havia imposto um retorno ao neoliberalismo, com privatizações e concessões a petroleiras estrangeiras”. Contudo, considerando as análises realizadas, é possível afirmar que Michel Temer intensificou o neoliberalismo estadunidense, ao qual Lula e Dilma tentaram impor alguma regulação.

Quanto à pressão pelo *impeachment*, segundo Maciel (2016): “Empresários de todos os cantos do país desembarcaram em Brasília [...] com uma missão definida: visitar deputados de seus estados e convencê-los a votar pela abertura do processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff (PT)” (Maciel, 2016, p. 2). A Federação das Indústrias do Estado do Paraná (FIEP) constituiu uma comitiva formada por 50 lideranças empresariais, com destino à Brasília, com o objetivo de pressionar os parlamentares por votos, quando a votação da Câmara abriu caminho para o processo de *“impeachment”*. “As imagens mostram os empresários em gabinetes e até mesmo no plenário da Câmara. Os líderes empresariais, que foram à capital federal pedir o impeachment, exaltam a recepção dos parlamentares” (Maciel, 2016, p. 17). Os deputados receberam a visita também de mais de 150 líderes e empresários do transporte rodoviário de cargas, quatro dias antes da votação na Câmara, para reforçar o posicionamento do setor pelo *“impeachment”*. Como reconhecimento para os que votaram pelo *“impeachment”* de Dilma Rousseff, o Fórum das Entidades Empresariais do Estado de Goiás e o Fórum Goiano da Habitação realizaram um jantar para os deputados federais. A Federação das Indústrias do Estado de Goiás (FIEG) organizou um almoço para os senadores (Maciel, 2016).

Destoando da recepção destinada aos empresários, para outras classes da sociedade brasileira a recepção é outra, os representantes do povo não têm a mesma recepção. No mesmo dia em que os senadores votavam o relatório da Comissão Especial do *Impeachment*, cerca de 200 lideranças indígenas, quilombolas, pescadores e extrativistas, marcaram uma reunião com o presidente da Câmara, Rodrigo Maia, para 10h30 do dia seguinte, para tratar de

assuntos como a CPI contra a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), porém foram recebidos aproximadamente 12h30. Antes deles, às 11h, Rodrigo Maia recebeu o diretor-presidente do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e parlamentares da Frente Parlamentar das Micro e Pequenas Empresas. O cacique, representante indígena, reclamou que os empresários entram e saem da Casa quando querem, mas para eles existe uma barreira na entrada. Ele afirma: “Às vezes a gente se sente muito constrangido porque há uma má-fé em relação a nos receber e em relação à aceitação da nossa reivindicação” (Maciel, 2016, p. 18).

Fernandes (2005) observa a peculiaridade das elites brasileiras de se conformarem, desde o início da sua constituição, aos limites estreitos de uma sociedade de privilégios. A tendência autocrática das arcaicas elites brasileiras se materializou no golpe de Estado de 1964. O autor (2005, p. 243) reconhece que havia um acordo tácito entre elites das classes dominantes, “quanto à necessidade de manter e de reforçar o caráter autocrático da dominação burguesa, ainda que isso parecesse ferir a filosofia da livre empresa, as bases legais da ordem e os mecanismos do Estado representativo”. Fernandes (2005) ressalta a existência da convergência de interesses burgueses internos e externos que faz da dominação burguesa uma fonte de estabilidade econômica e política. Para o autor (2005), tal convergência é vista como componente essencial para o tipo de crescimento econômico e o estilo de vida política praticada pelas elites. Conforme Fernandes (2005, p. 243): “a dominação burguesa se associava a procedimentos autocráticos, herdados do passado ou improvisados no presente, e era quase neutra para a formação e a difusão de procedimentos democráticos alternativos, que deveriam ser instituídos”. O liberalismo ficava confinado à convivência do grupo de iguais e se convertia em privilégio social dos membros dos estamentos dominantes. Desde sempre, a democracia não foi uma condição para toda a sociedade. Oliveira (1999, p. 60) acrescenta que: “Todo o esforço de democratização, de criação de uma esfera pública, de fazer política, enfim, no Brasil, decorreu, quase por inteiro, da ação das classes dominadas”.

Fernandes (2005) assinala que no Brasil, o desenvolvimento capitalista sempre foi percebido e dinamizado pelos estamentos e pelas classes dominantes, consoante comportamentos coletivos egoísticos e particularistas, que se tornou compatível com a continuidade da dominação imperialista, quando não a exigiu. “As classes burguesas não querem (e não podem, sem destruir-se) abrir mão: das próprias vantagens e privilégios” (Fernandes, 2005, p. 421). Elas mantêm o controle sobre si mesmas, como e enquanto classes, e sobre as classes operárias, as massas populares e as bases nacionais da estrutura de poder. A

consequência é a permanente exclusão, total ou parcial, da população. Dessa perspectiva, dependência e subdesenvolvimento fazem parte de uma estratégia dos estamentos e das classes dominantes nacionais para dimensionarem o desenvolvimento capitalista que pretendem, portanto não são especificamente impostos de fora. Logo, no Brasil, o capitalismo dependente como realidade econômica e humana foi construído pelas mãos dos seus estamentos e das suas classes dominantes. “Portanto, a nação não chega a ser definida como objetivo central do desenvolvimento capitalista” (Fernandes, 2005, p. 263).

Ianni (2019) procura mostrar como se reproduzem as relações entre o Estado e o capital. O autor (2019) explica que as razões do Estado são mescladas com as razões do grande capital, sob a suposta neutralidade das técnicas econômicas. Ianni (2019) reconhece a ditadura do grande capital e a simbiose dos homens de negócios brasileiros com o capital monopolista. Segundo Ianni (2019), esses homens circulam nos estreitos e privilegiados circuitos do regime no passado e no presente. Continuamente, o Estado é posto a serviço de uma política de favorecimento do capital imperialista. Ianni (2019) observa que na ditadura de 1964, na articulação do aparelho estatal com a grande burguesia financeira, nacional e estrangeira, esse foi levado a agir, cada vez mais, segundo as exigências do desenvolvimento do capital financeiro e monopolista, sem que essa burguesia precisasse assumir o governo do aparelho estatal. No entanto, a nossa análise da conjuntura atual do Estado brasileiro parece contrastar com o que Ianni observou naquela ocasião, uma vez que a burguesia avançou no sentido de assumir o governo do aparelho estatal.

Mediante o exposto, é necessário lembrar a análise de Engels (1977), de que o reconhecimento político das diferenças de fortuna revela um grau inferior de desenvolvimento do Estado. O autor (1977) considera que o Estado não deve ser regulado de acordo com as posses dos cidadãos. Engels (1977) acrescenta que a classe possuidora domina pelo sufrágio universal, e que somente quando a classe oprimida amadurece para a autoemancipação elege seus próprios representantes e não os dos capitalistas.

Fernandes (2019, p. 70) afirma que: “A ótica liberal tem reduzido o Estado constitucional e representativo a um Estado *neutro e fraco*, movido pela filosofia do “*laissez-faire*””. Nessa direção, a lógica privada e das relações jurídicas privadas parece determinar a vida econômica, social e política sob o capitalismo, e o Estado amplia seus papéis especificamente autoritários. Assim, o Estado democrático é dilacerado e confrontado com a realidade econômica imposta pelo capitalismo monopolista.

Conforme Gonzalbo (2016, p. 237), no programa político neoliberal as decisões básicas sobre a economia devem estar fora do jogo democrático, na verdade, fora da política.

Hayek considera que: “Las mayorías no son confiables, no se puede contar con ellas para proteger la libertad: en particular, la libertad económica estará amenazada siempre que exista una asamblea democrática, un gobierno democrático”. Para Hayek, a intervenção do Estado para corrigir o funcionamento espontâneo do mercado não é somente ineficiente, e sim injusto. Logo, um regime democrático com capacidade para intervir nos assuntos econômicos é incompatível com o funcionamento normal do mercado e, por conseguinte, com a liberdade. É, por isso, que é necessária uma constituição econômica inalterável, que coloque as regras básicas fora do alcance da maioria e que põe limites à política econômica. Segundo Buchanan, “puede justificar la existencia del Estado para garantizar el pacífico disfrute de los derechos de propiedad, y para facilitar el intercambio, pero prácticamente para nada más” (Gonzalbo, 2016, p. 248). Gonzalbo (2016, p. 252) esclarece que o programa neoliberal necessita do Estado e, especialmente, do direito, mas de uma classe particular do direito. “El problema que se plantea no es la existencia del Estado, sino sus límites. No la existencia del derecho, sino su contenido”.

Laval (2020a), com referência na contribuição teórica de Bourdieu, observa a extensão das disposições próprias à economia capitalista a todos os campos, sobretudo sobre as políticas de Estado. “O neoliberalismo designará, então, uma ação política que visa impor uma ‘visão estrita’ do mundo econômico e social às custas de qualquer outra visão possível” (Laval, 2020a, p. 226). Dessa ordem, o capital econômico funciona não somente como poder material e simbólico no campo econômico, mas também como princípio de dominação máxima sobre todas as formas de capital. A dominação simbólica e real da economia no campo político ocorre quando o capital econômico se torna princípio de legitimidade da ação política, assim predomina a luta pela influência sobre o poder político e a transformação do Estado. Embora o neoliberalismo se apresente contra o Estado, o seu objetivo é usar a ação pública na extensão da lógica econômica do mercado. Nesse sentido, o próprio Estado se mobiliza e se transforma para universalizar a razão econômica. “Na realidade, o neoliberalismo é impensável fora da instituição Estado, o qual, como detentor do monopólio da violência simbólica, é o único em condição de impor a razão econômica a todos os domínios da sociedade” (Laval, 2020a, p. 238).

Laval (2020a) observa, por meio da contribuição teórica de Bourdieu, que a transformação neoliberal é operada desde o interior do Estado, mais precisamente no seio de suas instituições de formação da elite política e administrativa. Portanto, está longe de ser uma pressão exterior do mercado sobre o campo estatal e político, é uma política deliberada e voluntária de parte dos mais altos servidores do Estado. A política neoliberal de demolição da

ideia de serviço público é referente ao objetivo de geri-lo como empresa em nome da eficácia e da flexibilidade do setor privado. De acordo com Laval (2020a), a “nobreza do Estado”, a alta função pública e os mais altos responsáveis dos partidos políticos, declararam guerra à pequena função pública, que é a responsável por gerir as populações por meio dos serviços públicos de saúde, educação e justiça. A pequena função pública está confusa diante da traição da alta função pública e, por conseguinte, abandona o mundo político e se distancia da esquerda governamental, convertida ao neoliberalismo. O resultado é um processo de destruição da ideia de serviço público, de um lado, e a introdução da gestão empresarial cujos traços mais característicos são o puritanismo vitoriano e o espírito do capitalismo, de outro lado. Os velhos ideais do serviço público e do interesse geral foram abandonados pela nova casta superior, “não foi sob o peso do ultraliberalismo anglo-saxão ou da pressão material dos mercados financeiros que ela mudou; foi por meio da adoção de uma ideologia de novo tipo, que poderíamos reconhecer desde os anos de 1970” (Bourdieu *apud* Laval (2020a, p. 245). A desconstrução e reconstrução do Estado no neoliberalismo pelos seus agentes superiores, desde o seu interior, também é observada por Foucault, conforme a constatação de Laval (2020a). O neoliberalismo é implementado sob o comando dos altos funcionários do Estado, convertidos e diretamente interessados no casamento com os interesses do mercado. “O neoliberalismo confisca o tema da revolução, arranca a reforma das mãos dos progressistas, recicla a retórica da ‘ruptura’” (Laval, 2020a, p. 256).

Quanto ao *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, Moreira e Veronez (2021), afirmam que foi eminentemente político, e sem respaldo na Constituição, pois as urnas conferiram legitimidade à presidente. Silva *et al.* (2017), esclarecem que a Constituição brasileira de 1988 preconiza a suspensão das funções do chefe do executivo quando a prática de crime de responsabilidade é comprovada, e a denúncia de crime de responsabilidade apresentada por um grupo de juristas contra Dilma Rousseff não pode ser sustentada. Segundo Santos (2016), na Constituição a definição de crime de responsabilidade é vaga, e uma infração que culmina na deposição de um presidente eleito dever ser gravíssima e comprovada. Além disso, é recomendado pela prática jurídica que, na dúvida, deve prevalecer a inocência. Santos (2016) afirma que o pretexto para o *impeachment* de Dilma Rousseff foi a prática de pedaladas fiscais, mas FHC, Lula e vários governadores tiveram a mesma prática e o *impeachment* não aconteceu.

Conforme Santos (2016), as pedaladas fiscais são praticadas para adiar o repasse de recursos a serem distribuídos em programas governamentais, como o Bolsa Família, aos bancos públicos, com o objetivo de minimizar provisoriamente o desequilíbrio, e para

transmitir a impressão de que as contas públicas estão em situação melhor que a real. Para tanto, para não atrasar os repasses, os bancos recorrem aos recursos próprios, que são restituídos pela União posteriormente. Segundo Santos (2016), a Lei de Responsabilidade Fiscal foi instituída no governo de Fernando Henrique Cardoso, em 2000. O Tribunal de Contas da União considera que a prática de pedaladas fiscais configura um empréstimo, o que é proibido pela Lei de Responsabilidade Fiscal. No entanto, é um juízo controverso assumir que a prática de pedaladas fiscais configura uma irregularidade e, se constitui uma infração, é necessário avaliar ainda se configura ou não crime de responsabilidade, e essa definição na Constituição é vaga, como já mencionado.

Com a contribuição teórica de Foucault (2008), sob a perspectiva da democracia podemos analisar a configuração do *impeachment* de Dilma Rousseff como um golpe de Estado em conformidade com a ditadura do mercado, uma vez que é evidenciada a predominância do mercado como uma prática governamental, como observado por Foucault (2008). O que parece ter determinado o *impeachment* de Dilma Rousseff foi a sua posição política firme de se recusar a ser a gerente do mercado, no neoliberalismo estadunidense, contra a democracia brasileira. Dessa perspectiva, é o mercado armado com os saberes da economia política que se instituirá como legislador diante das práticas governamentais (Avelino, 2016). No neoliberalismo é o mercado que funda a soberania do Estado, é necessário governar para o mercado. Nesse sentido, o conteúdo e a finalidade do direito público e constitucional é determinado pelo econômico (Laval, 2020). Conforme Foucault (1979), vivemos na era da governamentalização do Estado, na qual o Estado de governo não é mais definido por sua territorialidade, o autor afirma (2008) que é a economia política e não o direito que assegurará a autolimitação da razão governamental. Segundo Foucault (1979, p. 281): “a arte de governar é precisamente a arte de exercer o poder segundo o modelo da economia”. A arte de governo não se fundamenta em um ideal filosófico-moral, os princípios de sua racionalidade encontram-se na realidade específica do Estado (Foucault, 1979). Foucault (2008) menciona a existência da fobia do Estado a partir da crise do liberalismo, e salienta a necessidade de investigar o problema do Estado a partir das práticas de governamentalidade. Foucault (2008) assinala que no liberalismo de Adam Smith, no liberalismo do século XVIII, era possível arranjar um espaço livre que seria do mercado. “O problema do neoliberalismo é, ao contrário, saber como se pode regular o exercício global do poder político com base nos princípios de uma economia de mercado” (Foucault, 2008, p. 181).

Silva *et al.* (2017) observam que desde a eleição de Dilma Rousseff, em 2014, as forças de oposição inconformadas com a derrota (ou sucessivas derrotas desde o pleito de 2002), tentaram cassar a chapa Dilma-Temer por meio de uma série de questionamentos nas instâncias judiciais, também preencheram a agenda do legislativo com as “pautas bombas”, projetos de lei que impactaram diretamente as contas públicas. A governabilidade do executivo federal foi inviabilizada por motivo da articulação entre os seus opositores. Moreira e Veronez (2021) analisam que o *impeachment* de Dilma Rousseff foi decorrente de uma ação mais ou menos coordenada entre grupos estrangeiros e nacionais, afinados com a política internacional estadunidense, contra a crescente autonomia nacional e por interesse na descoberta de reservas de petróleo. Brian *et al.* (2024) afirmam que com o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, seu ex-vice, Michel Temer, privilegiou privatizações e concessões a petroleiras estrangeiras. Segundo os autores (2024), as maiores empresas do Brasil foram atacadas pela Operação Lava Jato, notadamente a estatal de petróleo, a Petrobras. O ataque contundente da Lava Jato, porém, foi a prisão do ex-presidente Lula, que era líder das pesquisas presidenciais na ocasião. Trindade (2023, p. 2) afirma que: “Em abril de 2018 a prisão de Lula estabelecia o segundo ciclo de um golpe iniciado em 2016”. Conforme Brian *et al.* (2024), além de impedir que Lula concorresse em 2018, a Lava Jato minou o Partido dos Trabalhadores (PT), e contribuiu para a eleição de Jair Bolsonaro, desconstruindo a democracia brasileira e participando ativamente do “longo golpe”. A Lava Jato foi formada em Curitiba e liderada por Sérgio Moro.

Brian *et al.* (2024) analisam que a Lava Jato minou a democracia brasileira por meio de uma campanha anticorrupção politizada. Para os autores (2024), o “longo golpe” foi construído e desencadeado com a ajuda de Moro, e contou com o apoio ativo dos Estados Unidos em articulação com as elites nacionais. Brian *et al.* assinalam a participação expressiva dos Estados Unidos no longo golpe. Nos Estados Unidos, artigos publicados em jornais mencionavam que a Lava Jato representava uma parceria de quase três anos entre autoridades americanas e brasileiras. “O New York Times, por exemplo, publicou pelo menos 37 artigos sobre a Lava Jato entre 2015 e a prisão de Lula em 2018, mas o último dos seus artigos mencionando o papel dos EUA apareceu em 2016” (Brian *et al.*, 2024, p. 7).

Brian *et al.* (2024) observam que grande parte dos países da América Latina estava evitando políticas neoliberais lideradas pelos Estados Unidos, durante as primeiras décadas deste século, e nesse período aconteceram golpes contra os governos progressistas. Segundo Brian *et al.* (2024, p. 10 e 12), “enquanto Obama se preparava para deixar o cargo em 2016, seu Departamento de Justiça estava trabalhando em estreita colaboração com a Lava Jato para

garantir a queda de uma esquerda brasileira mais bem-sucedida eleitoralmente”. Brian *et al.* (2024) afirmam que a Lava Jato ajudara a criar as condições para o *impeachment* de Dilma e para a prisão de Lula, ao longo de 2016, mas os membros do Partido da Social-Democracia Brasileira (PSDB), principal rival de centro-direita do PT, eram poupados. E, assim, foi construído o caminho para a eleição de Bolsonaro. Não devemos desconsiderar que na conjuntura do *impeachment* de Dilma Rousseff a eleição presidencial nos Estados Unidos estava em andamento, e culminou na eleição de Donald Trump. Segundo Brian *et al.* (2024, p. 2): “Em março de 2019, Bolsonaro fez sua primeira visita de Estado, para se encontrar como Donald Trump em Washington, acompanhado de seu então ministro da Justiça, Sérgio Moro”.

Com o *impeachment* de Dilma Rousseff, a reforma foi arrancada das mãos dos progressistas, considerando a análise de Laval (2020a). E foi arrancada por meio de um golpe de Estado que impôs o neoliberalismo estadunidense como revolução conservadora, com a articulação dedicada e desmedida da elite nacional e da “nobreza do Estado” (a alta função pública). Brown (2019) analisa tal conjuntura como um processo de desdemocratização da vida política. A classe média também colaborou com o golpe de Estado por meio de movimentos sociais como o “Movimento Brasil Livre” (MBL), o “Vem Pra Rua” e o “Revoltados *Online*”, constituídos pelos homens econômicos governáveis contra os avanços democráticos. Como mencionado na seção anterior, segundo Laval (2020a), o *homo aeconomicus* é um buscador incansável de sua máxima vantagem pessoal em todas as circunstâncias da sua existência, e conforme Foucault (2008), ele não se contenta em limitar o poder do soberano, ele o destitui. Dessa perspectiva, a sociedade civil deixa de ser um conjunto de indivíduos ligados entre si por um vínculo jurídico-político, analisa Foucault (2008). A sociedade civil funciona como um vínculo econômico e esse ameaça o laço cívico (Laval, 2020a). Conforme Avelino (2016), na governamentalização do Estado, o Estado é descentralizado e indexado à conduta dos governados. Para Brown citada por Laval (2020a), toda a tradição do *Homo Politicus* ocidental será ameaçada pelos dispositivos de governança neoliberal.

O golpe de Estado de 2016, não foi somente contra o governo de Dilma Rousseff, foi um golpe contra a democracia brasileira, com drásticas consequências desde o governo Temer. Por isso, Bueno (2024) reconhece esse golpe como estrutural, com repercussões no presente e no futuro, com a disseminação de valores antidemocráticos entre a população brasileira. Conforme o autor (2024), no golpismo estrutural o mundo das finanças interdita a política econômica de produção e geração de empregos e riquezas para a população e, por conseguinte, trava o desenvolvimento nacional e a sua direta repercussão social. Bueno (2024,

p. 21) parte do pressuposto de que a possibilidade de reverter o golpismo estrutural é pelo “incessante esforço de mobilização popular no sentido de oferecer sustentação política a governos populares dispostos politicamente a transcender as fronteiras da implementação de políticas curto-prazistas”.

Conforme Costa *et al.* (2020), a primeira grande reforma do governo Temer foi o regime fiscal instituído pela Emenda Constitucional n. 95 (EC 95/2016), que impôs uma diminuição do tamanho e do papel do Estado quanto ao funcionamento dos serviços públicos e da rede de proteção social prevista na Constituição Federal de 1988, inviabilizando-os. A reforma da previdência foi outra reforma estrutural, também foram aprovadas mudanças trabalhistas que reduziram acentuadamente diversos direitos. Pittari e Mattei (2023, p. 10) afirmam que: “uma das primeiras medidas recentes na implementação da austeridade no Brasil consistiu em eliminar leis trabalhistas”. As autoras analisam que, no Brasil, as políticas de austeridade são acompanhadas de precarização das relações de trabalho, de uma disseminada incapacidade de mobilização sindical e reivindicação política dos direitos trabalhistas, e tal incapacidade é ampliada quanto aos direitos sociais.

Costa *et al.* (2020) assinalam que a política econômica afetou severamente as políticas sociais e os trabalhadores. O Estado perdeu a capacidade de induzir o crescimento e transformar a estrutura produtiva para o desenvolvimento, com o fim da política de conteúdo local nos leilões do pré-sal, e a expressiva redução dos empréstimos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), por exemplo.

Trindade (2023) reafirma e complementa a análise de Costa *et al.* (2020). Segundo Trindade (2023), o golpe de Estado de 2016 foi contra o trabalho e contra a soberania nacional. A dependência do país foi retomada com a destruição e entrega de empresas nacionais, como a Petrobras e a Eletrobras. O golpe atingiu agressivamente os movimentos organizados como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), assim como provocou a destruição de populações originárias. O golpe foi pela intensificação do padrão financeirizado da economia brasileira. Trindade (2023) analisa que o significado histórico do golpe de 2016 é semelhante ao golpe de 1964.

Mediante o exposto, a análise teórica de Foucault (2008) é significativa para o esclarecimento da política econômica inerente ao golpe de Estado de 2016. Conforme o autor (2008), no neoliberalismo a política social deve deixar a desigualdade agir, a política social deve se integrar em uma política econômica. A política social terá por instrumento a propriedade privada, não a transferência de renda ao outro, mas a capitalização mais

generalizada possível para todas as classes sociais, baseada no seguro individual e mútuo. Assim, prevalece a ideia de que cabe ao indivíduo, de acordo com as reservas de que ele dispor, proteger-se dos riscos de maneira individual ou por meio de sociedades de ajuda mútua. O anarcocapitalismo americano se desenvolve a partir dessa política social, de uma política social privatizada. Uma política social fundada não mais no pleno emprego, mas nos dispositivos de gestão individual do desemprego. Leone, prefácio Kuttner, 1998, como já mencionamos anteriormente neste trabalho, analisa que esse anarcocapitalismo até mesmo rejeita a convicção de Adam Smith, de que cabe ao Estado proporcionar uma infraestrutura física e educacional de uma sociedade industrializada.

Bourdieu *apud* Laval (2020a) considera que o Estado é dominado pela lógica da rentabilidade e do lucro com a transferência da sua universalidade aos poderes econômicos e financeiros do mercado mundial. O autor analisa que quando o Estado funciona em conformidade com essa lógica, são as maiores conquistas da humanidade que estão ameaçadas, tais como o serviço público, a igualdade republicana dos direitos, o direito à educação, à saúde, à cultura, à pesquisa, à arte e, acima de tudo, ao trabalho. Bourdieu *apud* Laval 2020a, pontua que o universal e os seus benefícios constituem uma necessidade antropológica. Quanto às políticas neoliberais, Bourdieu *apud* Laval (2020a, p. 247) assinala que: “Obedecem a uma lógica subversiva, mas o que elas subvertem não é a ordem existente, são todas as formas de compromisso social impostas pelo movimento operário”. Relembrando Harvey (2016), o neoliberalismo é um projeto político da classe capitalista corporativa para esmagar a classe trabalhadora. A classe capitalista o colocou em prática pouco a pouco para transformar modos de resistência e controlar a sociedade, a imprensa, as universidades e todas as instituições, e tem adquirido êxito.

O ódio da classe capitalista corporativa à classe trabalhadora inerente ao neoliberalismo estadunidense foi manifestado no Brasil não somente com o golpe contra o governo de Dilma Rousseff, comprometido com o desenvolvimentismo nacional, mas não deixou nenhuma dúvida com a prisão sem fundamentos legais de Luiz Inácio Lula da Silva, por meio da Operação Lava Jato, liderada por Sérgio Moro, que assumiu a prorrogação do golpe. Lula é considerado um dos maiores líderes mundiais representante da classe trabalhadora, e foi presidente do Brasil por dois mandatos, com a concretização de significativas conquistas democráticas, e com reconhecimento em âmbito mundial. Lula estava em situação favorável nas pesquisas presidenciais, quando foi encarcerado, o principal objetivo foi retirá-lo da disputa presidencial. Sérgio Moro e seus comparsas da Operação Lava Jato foram os responsáveis por sua prisão, imbuídos do discurso anticorrupção. Brian *et al.*

(2024, p. 3) observam que: “O uso da anticorrupção para legitimar o envolvimento imperial no enfraquecimento de governos de esquerda latino-americanos democraticamente eleitos no século XXI tem paralelos com o uso do anticomunismo no século anterior”. Não obstante, o anticomunismo não foi desconsiderado.

Os capitalistas financeiro-rentistas se articularam com os representantes da Lava Jato, com a participação dos Estados Unidos, e dos mais inescrupulosos representantes da elite brasileira de diversas instituições e representações, tais como, judiciário, ministério público, militares, religiosos, policiais, empresários, e até mesmo milicianos. Brian *et al.* (2004) observam a realização em 2009, no Rio de Janeiro, de um evento de seis dias organizado pela embaixada dos Estados Unidos, financiado pela Coordenadoria do Contraterrorismo do estado do Rio de Janeiro, do qual participaram juízes, promotores e policiais de todos os 26 estados, Brasília e outros seus países latino-americanos, Sérgio Moro, então juiz federal, era um dos palestrantes. O evento tratou mais de crimes financeiros do que de terrorismo, um funcionário consular que se reportava a Washington sugeriu que poderia ser fornecido mais treinamento judicial por meio de uma força-tarefa em São Paulo, Campo Grande ou Curitiba. A Operação Lava Jato foi formada em Curitiba e liderada por Sérgio Moro. “A Operação se valeu de delações premiadas, cooperação internacional, confisco de ativos e exame direto para processar crimes financeiros – não de terroristas, mas de políticos e empresas de construção e energia, notadamente a estatal de petróleo” (Brian *et al.*, 2024, p. 2).

A guerra híbrida¹⁵ foi inaugurada no Brasil, na conjuntura das eleições presidenciais de 2018, para o favorecimento do candidato dos capitalistas financeiro-rentistas nacionais e estrangeiros, cuja principal credencial é a sua capacidade de enaltecer um dos maiores torturadores do período da ditadura militar brasileira. O convencimento violento e ardiloso da população com o objetivo da sua eleição foi realizado por meio da imposição do medo e do choque. Com efeito, empregaram a disseminação de notícias falsas, a apologia do armamento, da tortura e da morte, o assédio moral contra o povo brasileiro, entre outras inúmeras atrocidades, porém o principal mecanismo de manipulação foi o discurso conservador com referência na proteção da família patriarcal e da liberdade individual, com a disseminação do ódio ao diferente identificado como comunista. Dessa maneira, o candidato dos capitalistas

¹⁵ Diferentemente da guerra direta do passado marcada por bombardeios e tanques de guerra, a guerra híbrida usa de um novo método de guerra indireta, as mídias sociais e tecnologias afins substituem as munições de precisão, as salas de bate-papo *online* e páginas do *face book* são o novo “covil dos militantes”. Ademais, o objetivo da guerra indireta é conquistar o apoio da população local e enfraquecer o poder do governo existente, segmentos estratégicos da população são usados contra as autoridades e atuam para a troca de regime. Para tanto, “pesquisas psicológicas e sociológicas avançadas ajudam as campanhas de guerra não convencional a elaborar planos sob medida e prosperar” (Korybko, 2018, p. 83).

financeiro-rentistas ganhou mentes e corações, despertou os instintos mais desumanos dos que se identificam com a sua barbárie, e intimidou e conquistou os que se alimentam do medo. A eleição de Jair Bolsonaro reativou um longo, aterrorizante e sombrio período da história brasileira, iniciado com Michel Temer, e revelou a verdadeira face da elite brasileira. Realmente, foi possível perceber que em momentos de trauma ou violência, o tempo pode quase parar, conforme observado por Bevins (2022).

Klein (2008) esclarece que a forma fundamentalista de capitalismo sempre precisou do desastre, da exploração de crises e do terror para se estabelecer. Desde o início este foi o *modus operandi* do movimento de Milton Friedman, um dos principais mentores do neoliberalismo estadunidense, como já mencionado. Klein (2008) afirma que muitas violações dos direitos humanos da nossa era, considerados como atos sádicos foram perpetrados por regimes antidemocráticos de maneira intencional para aterrorizar a população, e preparar o terreno para a implementação das reformas radicais de livre mercado. O grande trauma coletivo é explorado com o objetivo de preparar o terreno para a terapia do choque econômico, cuja trindade política é a eliminação da esfera pública, a total liberdade para as corporações e o gasto social mínimo.

Segundo Klein (2008), nos países que implementaram as políticas da Escola de Chicago surgiu uma aliança determinante e poderosa entre algumas poucas corporações de grande porte e uma camada de políticos muito ricos, com linhas turvas e cambiantes entre esses dois grupos. Eles se juntaram para trocar favores e com o objetivo de se apropriar de recursos que estavam anteriormente sob o domínio público. A eliminação das fronteiras entre o Grande Governo e o Grande Negócio revela um sistema corporativo, com enormes transferências de riqueza pública para as mãos privadas, frequentemente acompanhadas pela explosão do endividamento, uma maior polarização entre os muito ricos e os pobres, e um nacionalismo agressivo com gastos exorbitantes com segurança. O nacionalismo agressivo é caracterizado por prisões maciças com possibilidade de tortura, pela redução drástica dos direitos civis, para que a população rebelada aceite as políticas não desejadas ou para desorientá-la para que faça concessões, essa é a lógica que norteia os procedimentos dos manuais da Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos (CIA). O que se espera é chocar e aterrorizar a população para que ela renuncie ao controle das suas reservas de petróleo, de suas empresas estatais e da sua soberania.

A forma como o indivíduo enfrenta os seus problemas é alterada com a desgraça anunciada, com a inevitabilidade do desastre o indivíduo é aliviado da responsabilidade de lutar contra os seus problemas, ele não se vê como sujeito de uma narrativa e, por

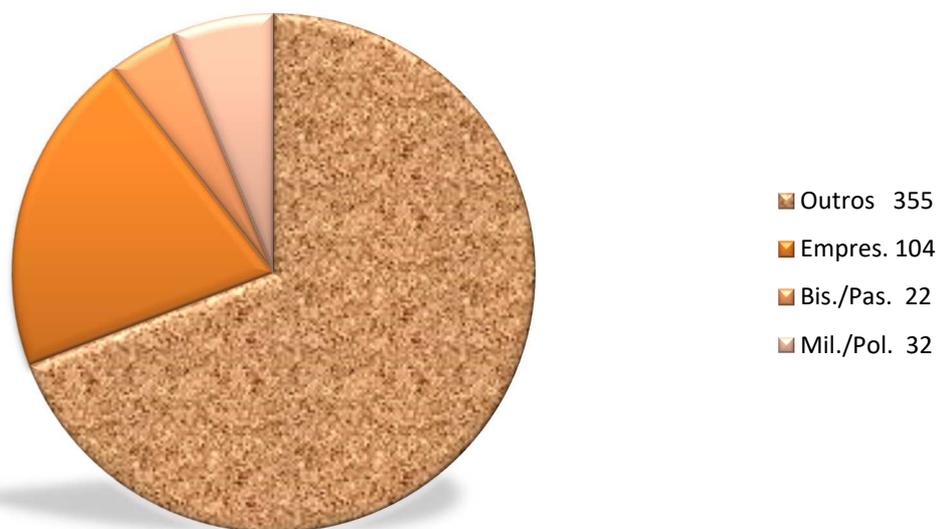
consequente, como sujeito político. O novo radicalismo de direita é analisado por Adorno como um *desejo de fim*, que pretende o colapso e a destruição, porém não somente a destruição do seu grupo, mas, se possível, a destruição do todo. “O desejo potencialmente suicida de fim é a revolução ao avesso: sua versão puramente mórbida e destrutiva” (Catalani, 2020).

De acordo com Dupeux *apud* Laval (2020a), a reação fundamentalista de capitalismo que se opõe ao liberalismo constituiu uma reação à democracia, e instituiu uma “revolução conservadora” inerente ao neoliberalismo. “Uma revolução conservadora não é apenas uma ‘contrarrevolução’, não é somente uma reação defensiva ou uma restauração; ela é fundamentalmente uma *ação subversiva*” (Laval, 2020a, p. 249). Laval (2020a) considera a análise de Bourdieu ao afirmar que o neoconservadorismo estadunidense pode ser o que mais se aproxima da “revolução conservadora”. Bourdieu *apud* Laval (2020a, p. 252) analisa que a hipocrisia das economias arcaicas, paradoxalmente, atua plenamente nas sociedades mais neoliberais, “a obrigação simbólica que o novo conservadorismo pretende restaurar é o avesso do vínculo social, cuja destruição é conduzida pelo neoliberalismo por meio da legitimação absoluta da acumulação do capital econômico”.

7.2 A configuração do Estado brasileiro no governo do presidente Jair Messias Bolsonaro

Neste gráfico referente à Câmara dos Deputados no governo de Jair Messias Bolsonaro, ilustramos o número de empresários, 104, Bispos e pastores, 22, e Militares e policiais, 32, enquanto os demais deputados federais somam 355.

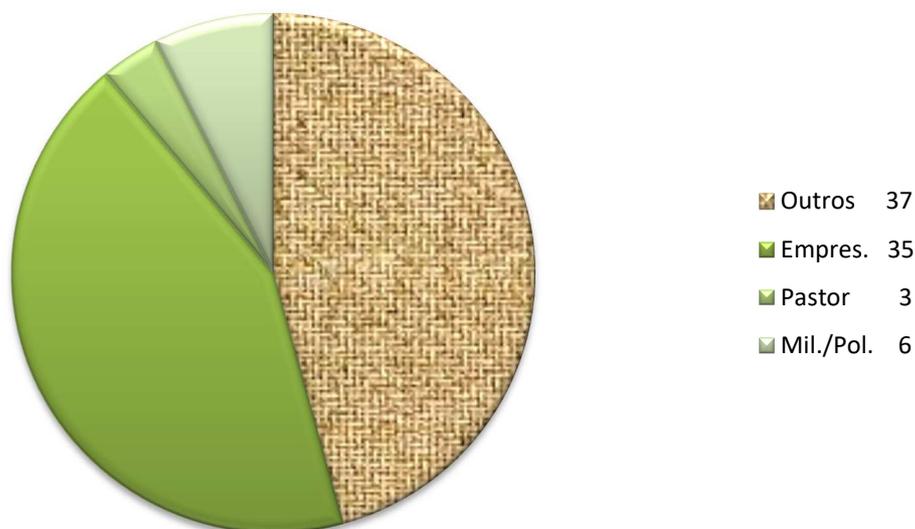
Câm. dos Dep./Gov. Bolsonaro (Gráf. V)



Fonte: a autora

Os gráficos do Congresso Nacional referente ao governo de Jair Messias Bolsonaro revelam um aumento expressivo dos empresários e seus aliados, Bispos e pastores evangélicos, policiais e militares, tanto na Câmara Federal quanto no Senado Federal. Tal aumento em relação ao governo Dilma Rousseff foi significativo, e parece ser resultado da guerra híbrida em conexão com a Operação Lava Jato, na eleição presidencial de 2018.

Senado Fed./Gov. Bolsonaro (Gráf. VI)



Fonte: a autora

Segundo Foucault (1979), os três pontos de apoio para a produção da governamentalização do Estado são: a pastoral cristã, as novas técnicas diplomático-militares e a polícia. Saquillo (2017, p. 357) afirma que: “El poder pastoral es la primera forma de gubernamentalidad. A esta manifestación arcaica le sucedieron la técnica diplomático-militar y la policía”. Fundamentado em Foucault, Senellart (1995) explica que nas sociedades ocidentais modernas a racionalidade apresenta duas faces, uma é individualizante e a outra é totalizante. O poder pastoral se encarrega dos indivíduos para conduzi-los à salvação e a razão de Estado aparece no século XVI, como princípio de fortalecimento do poder estatal. No século XVIII, essas duas faces da racionalidade se articulam, na teoria do Estado de polícia, e a tendência do Estado de polícia é aumentar o seu poder. Para Foucault, a matriz da razão política moderna era a implantação das técnicas pastorais no quadro do aparelho de Estado. O processo de governabilidade conduziu a pastoral cristã ao Estado de polícia que se prolonga na contemporaneidade. O governo, nessa perspectiva, é uma figura original do poder que articula técnicas específicas de saber, de controle e de coerção, com vistas a uma racionalização das relações de poder. Conforme Sauquillo (2017, p. 340): “*Sécurité, territoire, population* [...] ha revelado las formas del arte de gobierno premodernas – poder pastoral – y modernas – diplomacia militar y teoría de la policía – como un arte que manipula, suprime, limita”. O autor (2017) pontua que o dispositivo de segurança está baseado na administração do medo coletivo.

A racionalidade liberal do governo obedece a uma regra de economia máxima. Na lógica do mercado nenhum agente econômico e nenhum agente político deve visar ao bem geral. Um aspecto essencial da polícia é a introdução da economia no governo político, a teoria da polícia e a arte liberal de governar se associam através da mediação econômica. O Estado de polícia surge, segundo Foucault, no século XVIII, no discurso dos teóricos do policiamento. Nessa conjuntura, a estatística se desenvolveu paralelamente como ciência da enumeração das coisas relativas ao Estado, assim como a economia, como ciência da produção de riquezas. O soberano é desqualificado a partir da constituição da economia como espaço intotalizável (Senellart, 1995).

Gaulejac (2007) esclarece que uma ruptura entre o poder político e o poder econômico é gerada pela mundialização. O primeiro permanece localizado, territorializado, nacionalizado; o segundo é desterritorializado, opaco, internacionalizado. A condição concreta e palpável do poder político permite que ele seja objeto de uma interpelação e de um controle relativamente democrático. Ao contrário, o poder econômico é abstrato, inatingível. Ele pode impor suas exigências ao seu bel-prazer. “Ele gera seu próprio tempo, suas próprias normas, seus próprios valores, sua própria cultura. Ele procura impor seu modelo à sociedade, impor-lhe suas regras” (Gaulejac, 2007, p. 59-60).

A crítica da razão governamental parte da consideração de que o soberano não pode conhecer a totalidade do processo econômico (Senellart, 1995). Sauquillo (2017, p. 341) esclarece que: “La materialización de la gubernamentalidad moderna en la teoría política arroja una encarnadura teológico-política. A partir del siglo XVIII, la policía vela por el correcto empleo de las fuerzas del Estado”. Para Foucault *apud* Sauquillo (2017), essa polícia faz parte da arte de governar como intervenção constante, suas funções são prioritárias no Estado e no equilíbrio internacional com outros Estados. Foucault observa que a própria natureza do mercado procurou limitar o intervencionismo do Estado, desde meados do século XVIII. Sauquillo (2017, p. 348) afirma: “Porque allí, en 1948, reaparece la ocasión de una redefinición del Estado bajo presupuestos de limitación interna de la intervención pública. La economía liberal crea el derecho público y el Estado se funda bajo la libertad económica”. A arte do governo liberal que Foucault tão bem desvendou foi reforçada. A gestão da biopolítica da população como natureza biológica possibilitou o aparecimento da economia política como saber novo. Segundo Sauquillo (2017), uma biopolítica liberal da população, com os seus próprios imperativos de eficiência, substituirá, definitivamente, qualquer conteúdo de justiça como equidade entre os cidadãos.

Como mencionado anteriormente, Estulin (2005) esclarece que estamos vivendo uma ditadura de um Governo Mundial Único e de um Estado policial mundial que pretende constituir a escravidão total progressivamente. Forrester (2001) também considera que estamos vivendo uma estranha ditadura da onipotência da pressão ultraliberal a serviço do lucro privado e que a política que prevalece é a que faz o jogo da força financeira.

A propósito, no Colóquio Walter Lippmann, em 1938, no qual o neoliberalismo foi fundado (Dardot; Laval, 2016), aparece a ideia de coerção política direta por meio de uma concepção de Economia livre e de um Estado forte, considerando que somente o Estado forte pode despolitizar, assim como ocorreu no nazismo. A despolitização é um ato político, para garantir que a economia livre funcione “não politicamente” é necessária uma intervenção política enérgica. A força do novo “Estado forte” não tem relação com extensão, mas com a intensidade de sua ação. “Os plenos poderes patronais indicam, portanto, menos um processo de racionalização econômica total e sem frestas do que uma *gangsterização* da economia, vinculada também ao poder paralelo de milícias fascistas” (Catalani, 2020, p. 19). Kuttner (1998, p. 417) esclarece que os partidários de um Estado forte são mais céticos em relação ao papel democrático do homem comum. A democracia é considerada um instrumento potencial para a tirania da maioria. “Um Estado forte equivaleria a uma democracia fraca e vice-versa”.

A desclassificação permanente de camadas completamente burguesas é resultado da tendência dominante da concentração de capital. Tais camadas são atingidas em seus privilégios e *status* social, conseqüentemente transferem seu ódio ao que eles chamam de socialismo. Assim sendo, a culpa da sua desclassificação potencial não é atribuída ao verdadeiro aparato que a causa (Adorno, 2020). Adorno (2009, p. 203) esclarece que: “el autoritario *tiene que*, a partir de una necesidad interna, dirigir su agresión contra grupos marginales. Tiene que hacerlo así porque es psicológicamente incapaz de atacar a las autoridades del propio grupo”. A disposição do autoritário para condenar outras pessoas com base na moral tem relação com os atributos imorais que vê nele mesmo, os seus impulsos inaceitáveis são projetados em outros indivíduos e grupos que ele rejeita. Os impulsos reprimidos de natureza autoritária tendem a ser projetados em outras pessoas sobre as quais é colocada toda a culpa. O mecanismo de projeção tem relação com a agressão autoritária (Adorno, 2009).

Leite (1996) comenta sobre o esgarçamento do sentimento de solidariedade social e nacional. Nos países periféricos, principalmente, as classes dominantes distanciam-se cada vez mais da maioria da população, e os vínculos com a nação são rompidos, predominando a “apartação” social. Segundo Leite (1996, p. 29), Christopher Lasch (1995) fala de uma

rebelião das elites, ao referir-se aos Estados Unidos. As elites “não querem mais carregar o ‘fardo’ de ter de promover o desenvolvimento inclusivo”.

É dessa perspectiva que o radicalismo de direita parece sugerir a articulação do neoconservadorismo com o neoliberalismo, e concretamente o socialismo odiado é qualquer expressão de compromisso mínimo de solidariedade e reparação social para evitar a morte de um número expressivo de seres humanos. Dejours (2000) reconhece a semelhança entre a banalização do mal no sistema neoliberal e no sistema nazista. Nessa situação, a consciência moral em face do sofrimento infligido a outrem é atenuada e se cria um estado de tolerância ao mal. Conforme Dejours (2000), o totalitarismo tem como objetivo a ordem e a dominação do mundo, enquanto o objetivo do neoliberalismo é o lucro e o poderio econômico. O econômico é um instrumento da força e do poder na argumentação totalitária. A força e o poder são instrumento do econômico na racionalização neoliberal da violência. Os meios empregados para o exercício do poder se diferenciam: terror no sistema nazista, intimidação no sistema neoliberal. Podemos, conforme a realidade, acrescentar na análise de Dejours (2000) que a intensificação do exercício do poder no neoliberalismo, na contemporaneidade, é permeada não somente pela intimidação, mas também pelo terror e pela espoliação.

Mencionamos anteriormente neste trabalho a análise de Bourdieu *apud* Laval (2020a) de que o neoconservadorismo estadunidense pode ser o que mais se aproxima da revolução conservadora. O estudo de Teitelbaum (2020) parece contribuir para a reafirmação da análise de Bourdieu, embora a sua abordagem apresente alguma diferença. Em seu livro *Guerra pela eternidade: o retorno do tradicionalismo e a ascensão da direita populista*, o autor observa a possibilidade de muitos líderes mundiais serem aconselhados por Tradicionalistas que têm o objetivo de colocar tudo abaixo, cujo desejo é lutar pela eternidade, em vez de imaginar um futuro melhor. Dessa ordem, Teitelbaum (2020) analisa a influência de Steve Bannon, Olavo de Carvalho e Aleksandr Dugin no crescimento da direita populista no plano internacional. O autor (2020, p. 119) faz a seguinte afirmação: “Eu logo descobriria que Olavo, como Bannon e Dugin, era uma espécie de Tradicionalista”.

A projeção da luta pela eternidade dos Tradicionalistas parece ser um mecanismo de manipulação para desviar a responsabilidade do neoliberalismo na banalização da injustiça social, e inviabilizar qualquer ação política. Conforme Dejours (2000), diante da ameaça de exclusão, hoje todos partilham um sentimento de medo por si e pelos próximos. No entanto, nem todos associam que as vítimas do desemprego, da pobreza e da exclusão são vítimas de uma injustiça. Muitos consideram o sofrimento uma adversidade e, por conseguinte, não elaboram a necessidade de mobilização coletiva numa ação política, tampouco diferenciam a

justiça e injustiça. Essa postura de resignação revela a predominância de uma concepção de que não existe injustiça, mas apenas um fenômeno sistêmico, econômico, sobre o qual não se pode exercer nenhuma influência. Tal postura favorece a tolerância social para com o mal e a injustiça. A adesão ao discurso economicista seria uma manifestação do processo de “banalização do mal”. Segundo Dejours (2000, p. 22), “esse processo pode ser interrompido, controlado, contrabalançado ou dominado por decisões humanas que, evidentemente, também implicariam responsabilidades. A aceleração ou freagem desse processo depende de nossa vontade e de nossa liberdade”. O autor (2000) considera que é o nosso conhecimento sobre o funcionamento desse processo que pode aumentar o nosso poder de controle sobre ele.

Para Dejours (2000), hoje predomina a resignação à injustiça e ao sofrimento alheio, a atenuação das reações de indignação, de cólera e de mobilização coletiva em prol da solidariedade e da justiça. Dejours considera que se hoje existe alguma mobilização coletiva, essa é mais uma reação contra o sofrimento do que uma ação política, a principal fonte de energia da possível mobilização não é a esperança de felicidade, pois sempre duvidamos dos resultados de uma transformação política. Com a contribuição dessa análise de Dejours (2000), podemos considerar que a mobilização coletiva como reação ao sofrimento nos conduz à guerra pela eternidade, à identificação com o Tradicionalismo e a adesão à extrema-direita. Nas ruínas do neoliberalismo predomina a busca da salvação na eternidade por meio da guerra.

Sena Júnior; Miguel e Filgueiras (2023) fazem um balanço dos quatro anos trágicos do governo Bolsonaro, revelando que o neoliberalismo por meio da extrema direita enseja o colapso e a destruição, conforme observado por Adorno (2020). Klein (2008) lembra que a forma fundamentalista de capitalismo usa o desastre para se estabelecer. Nessa direção, Sena Júnior; Miguel e Filgueiras (2023, p. 1) relatam alguns fatos traumáticos inerentes ao governo Bolsonaro, quais sejam: “ataques às instituições e aos fundamentos do Estado Democrático de Direito; desemprego em alta; queda da renda e aumento da pobreza e da fome; deterioração das relações internacionais e a transformação do país em pária”. Os autores mencionam, também, o negacionismo na gestão da pandemia da Covid-19, que provocou aproximadamente 700 mil mortes; a intensificação das queimadas e desmatamento da floresta amazônica, os ataques aos povos originários, os sucessivos cortes no orçamento das universidades, além de ameaça à autonomia docente e disseminação de uma cultura de ódio e violência nas escolas. A cultura foi criminalizada, censurada e sucateada. Podemos acrescentar que o governo Bolsonaro instituiu a barbárie de maneira contínua e intensificada

e, hoje, suas forças marginais e subversivas funcionam como um poder paralelo para inviabilizar o governo democrático.

Teitelbaum (2020) observa que existe relação entre o Tradicionalismo e a política nacional de extrema-direita. Ao ser entrevistado por Teitelbaum (2020), Bannon mencionou que os conceitos essenciais do Tradicionalismo são: “a rejeição da modernidade, a rejeição do Iluminismo, a rejeição do materialismo”. Ademais, na hierarquia da Tradição os homens arianos são colocados no topo, com sua rejeição ao progresso e à igualdade. A filosofia tradicionalista, com fundamento principalmente em Julius Evola e René Guénon, consegue unir o interesse pelas drogas alucinógenas com uma política reacionária. “Evola encarregou-se de melhorar a campanha alemã, injetando misticismo no seu senso de raça, na esperança de criar uma população totalmente ariana que lutasse pela pureza do corpo e do espírito” (Teitelbaum, 2020, p. 99). Os Tradicionistas se interessam pela espiritualidade e pela metafísica, por livros de espiritualidade alternativa, por guias de meditação e estudos de religiões orientais e por escritos antigos impregnados de práticas de pensamento conservadoras, textos que celebram o poderio militar e a hierarquia. O Tradicionalismo considera a espiritualidade acima do materialismo, “prepara um terreno místico para o sentimento antissistema – a menos que ele chegue ao poder” (Teitelbaum, 2020, p. 75). O Tradicionalismo opõe-se à modernidade e à Ciência do Ocidente, além de ser um dos exemplos mais claros do esoterismo religioso. Para Bannon, “a verdadeira cultura é baseada na imanência e na transcendência” (Teitelbaum, 2020, p. 74).

Aleksandr Dugin é um ideólogo que inspira não apenas a geopolítica de Putin, mas também o seu radicalismo, o objetivo de Bannon é trazer Dugin para o seu lado, para o lado da América, ambos querem influenciar um ao outro. Bannon administrou a campanha de Trump, e influenciou significativamente a campanha de Bolsonaro. Teitelbaum (2020, p. 110) afirma: “Aos olhos de Bannon, Donald Trump é ‘o Desagregador’. Eu o ouvi dizer ‘destruidor’ também”. Steve Bannon estava tendo contato com Olavo, considerado o grande ‘teórico’ do regime de Bolsonaro, por meio de Eduardo Bolsonaro, um dos filhos do presidente. Steve Bannon conheceu Eduardo Bolsonaro na cidade de Nova York, no verão de 2018. “Pouco depois daquele encontro, a mídia brasileira noticiara que Steve Bannon assessoraria a campanha eleitoral de Bolsonaro” (Teitelbaum, 2020, p. 119).

Teitelbaum (2020) foi convidado por Steve Bannon para um jantar, no qual estava um banqueiro de investimentos americano-brasileiro, chamado Gerald Brant, que propôs um brinde por Trump e Bolsonaro terem sido eleitos. Segundo Teitelbaum (2020, p. 150) o banqueiro mencionou sobre um sonho que se tornou realidade. Ele afirmou: “Trump na Casa

Branca, Bolsonaro em Brasília. E aqui estamos em Washington: Bannon e Olavo de Carvalho, cara a cara. Este é um novo mundo, amigos!”.

Olavo de Carvalho foi convidado por Bolsonaro para o cargo de ministro da Educação, porém recusou, mas passou a ser conselheiro do presidente, embora tenha continuado a residir em sua casa na zona rural de Virgínia. Olavo indicou nomes para cargos no governo, para o cargo de ministro da Educação indicou um nome comprometido com a luta contra a infiltração marxista (Teitelbaum, 2020).

Teitelbaum (2020) reconhece similitudes e diferenças entre os capitalistas de livre mercado e os Tradicionalistas, embora se oponham ao socialismo, aqueles são globalistas e os Tradicionalistas são nacionalistas e patriotas. No entanto, acrescentamos que os Tradicionalistas parecem ser nacionalistas e patriotas em favorecimento aos Estados Unidos, independentemente de serem representantes de outros países, a sua nação parece ser os Estados Unidos.

Adorno (2020) assinala que o novo nacionalismo ou radicalismo de direita tem um caráter antagônico. Segundo o autor (2020, p. 47), “há nele algo de fictício diante do agrupamento do mundo de hoje em alguns blocos gigantescos nos quais as nações e os Estados individuais desempenham tão somente um papel subordinado”. A integração da nação individual em grandes blocos de poder faz com que a sua liberdade de movimento seja extraordinariamente restringida. Adorno (2020) menciona que já na época de Hitler não se acreditava totalmente no nacionalismo, por isso ele era forçado, havia uma ambivalência entre o nacionalismo simulado e a dúvida sobre ele. Portanto, era necessário disfarçá-lo para convencer a si e aos outros sobre ele.

Teitelbaum (2020) observou que após eleito, Bolsonaro visitou primeiramente os Estados Unidos. Segundo Teitelbaum (2020, p. 156), Bolsonaro idolatrava Trump, e o encontrou com uma camisa de futebol brasileira estampada com o seu nome. “Bolsonaro estava lá para dizer a Trump que queria uma maior presença dos Estados Unidos no Brasil. [...] O encontro marcava, assim, o avanço de um plano de facção nacionalista de seu governo – a ala dirigida por Olavo de Carvalho”. Olavo de Carvalho pretendia que o Brasil se livrasse da geopolítica mercantilista que o ligava à China e priorizasse as raízes espirituais que o tornavam parte do Ocidente judaico-cristão. Ele apoiava cristãos de todos os países, Israel e o nacionalismo conservador americano. Bannon também tinha o objetivo de afastar o Brasil da China e aproximá-lo dos Estados Unidos.

Para os Tradicionalistas, a idade sombria é aquela na qual as massas têm poder político na forma de democracia ou de comunismo. Bannon estudou finanças e análise de

dados, criou a Cambridge Analytica, em 2014, com o objetivo de desenvolver técnicas para coletar dados sobre centenas de milhares de cidadãos. O *face book* e os dados do censo foram usados para obter informações sobre a situação financeira dos eleitores, suas tendências políticas e seus gostos culturais. A classificação dos perfis dos eleitores era feita por meio de tais dados, assim como os métodos para encorajar e desencorajar pessoas a participar das eleições (Teitelbaum, 2020).

Teitelbaum (2020) menciona alguns indivíduos que podem reproduzir o pensamento direitista na política americana, tais como, os tipos que frequentam clubes de campo e câmaras de comércio, os que são formados em faculdades republicanas e outras, os que são assediados logo após a formatura para participar de grupos de livre mercado, que podem ou não coincidir com os membros de grupos evangélicos cristãos. Esses indivíduos são homens brancos, imaculadamente bem-vestidos, e se erguem para dar graças a Deus ou para reduzir os impostos. Segundo Mattei (2023, p. 19), quanto aos Estados Unidos, “pela primeira vez na história, as quatrocentas famílias mais ricas do país pagam uma alíquota mais baixa que a de qualquer outro grupo de renda”. Quanto ao neoconservadorismo, Brown (2007) acrescenta que ele reagrupa intelectuais e anti-intelectuais, laicos e evangélicos, professores de teoria política que aceitam a sua dimensão autoritária. Os neoconservadores reproduzem os valores familiares e as antigas formas de vida, na qual as mulheres se ocupam das crianças, da cozinha e da igreja e os homens assumem as tarefas viris.

Weber (2004) relata que os homens que assimilam o espírito do capitalismo são predominantemente protestantes, com inclinação específica para o racionalismo econômico, reconhecem a virtude como uma condição de ganhar dinheiro e sempre mais dinheiro. Esses homens são criados na dura escola da vida, são sóbrios, constantes, sagazes, e com princípios rigorosamente burgueses, desconsideram a tradição herdada com fundamento no iluminismo liberal e as máximas éticas religiosas, aliás, costumam ser indiferentes à Igreja, se não hostis a ela. A ordem econômica capitalista precisa dessa entrega de si à vocação de ganhar dinheiro. Ganhar dinheiro com um fim em si mesmo, como vocação, opõe-se a sensibilidade moral de épocas inteiras, pois vocação profissional não significa dedicação ao trabalho profissional.

Laval (2020a) reconhece a predominância, na contemporaneidade, das coalizões neoconservadoras modernas que surgem com as mutações capitalistas e o retorno aos valores tradicionais. Conforme o autor (2020a), o neoliberalismo precisa dessas coalizões neoconservadoras para avançar para além de poucos privilegiados. Tais coalizões são necessárias para que o Estado neoliberal constitua a sua autoridade e inspire respeito junto aos que são sujeitados a ele. “O neoconservadorismo é um movimento de restauração dos valores

tradicionais que vem reativar e consolidar essa obediência ordinária para como o Estado e seus porta-vozes” (Laval, 2020a, p. 251). No entanto, a obrigação que o novo conservadorismo pretende restaurar é o avesso do vínculo social. Conforme Laval (2020a), o neoconservadorismo estadunidense abarca desde os neoliberais até a direita cristã. O neoliberalismo impõe uma reelaboração completa da crítica da ordem existente, desafiando a “esquerda”, e constituindo uma nova forma política. Na condição de lógica geral de funcionamento da sociedade, o neoliberalismo só pode se impor pela neutralização de forças sociais, políticas e culturais que se opõem a ele. Para Foucault e Bourdieu, *apud* Laval (2020a), o neoliberalismo representa uma aceleração da construção política dos homens econômicos.

Neste trabalho, anteriormente, verificamos que Sampson (1996) mencionou que o capitalismo sem restrições foi anunciado pelos conservadores desde a metade da década de 1970. Brown (2007) analisa que para a desativação da democracia liberal como forma social e histórica autônoma, e como projeto político, o neoliberalismo constrói um processo de despolarização individual por meio do neoconservadorismo. O neoliberalismo provoca a erosão das oposições políticas, morais e subjetivas que se expressam em uma democracia liberal e redefine o modo de vida como generalização de um espírito de empresa. O neoconservadorismo é uma realidade inerente à racionalidade política neoliberal que tem impacto sobre o sujeito, a cultura, a ordem legal e o Estado, o qual deve contribuir na fabricação do sujeito neoliberal. Tal racionalidade penetra hoje no mundo universitário, nos mecanismos de admissão e recrutamento em empresas e instituições. O neoliberalismo e o neoconservadorismo se reforçam mutuamente e produzem indivíduos com base no behaviorismo, com uma liberdade não somente despolarizada, mas autolimitada à relação com o mercado, compatível à construção política do *homo œconomicus*. Antunes (2024) observa que no behaviorismo prevalece a uniformização da rotina do cotidiano e a transformação das ciências sociais em ciências do comportamento [matemático].

Conforme Brown (2007) a zona de transação principal do neoliberalismo e do neoconservadorismo se estabelece com uma renovação do paternalismo de Estado e de empresas, e de um renascimento do poder pastoral, com uma profunda desdemocratização da vida política. O neoliberalismo reafirma os aspectos mais autoritários da governança neoconservadora na vida cotidiana e desvaloriza a autonomia política, despolarizando os problemas sociais e explorando a política do discurso religioso. Os Estados Unidos representam um caso clássico do fenômeno da extinção das democracias liberais. O neoconservadorismo aparece como um fenômeno tipicamente americano, uma fusão entre

fundamentalismo religioso e o poder do dinheiro. O regime neoconservador atual dos Estados Unidos impõe sua hegemonia mundial, desmantela o Estado Providência, provoca uma erosão das instituições e das práticas democráticas liberais, reduz as liberdades públicas, diminui despesas da educação, protege os privilégios dos ricos e criminaliza os pobres, suprime os direitos e recristianiza o Estado.

O neoliberalismo inaugura uma transformação sem precedentes das instituições e dos princípios fundamentais da democracia. A legitimidade do Estado é fundada pela economia e o Estado se conduz como mercado e deve estar a serviço do poder das empresas. O governo neoconservador concebe a autoridade do Estado de acordo com o modelo da autoridade da empresa. A governança técnica neoliberal alarga a abordagem econômica racional a todas as áreas da sociedade e substitui regras e obrigações explícitas do Estado, portanto, a retirada do Estado de algumas áreas e a privatização de algumas das suas funções não significa necessariamente um desmantelamento. A extensão da racionalidade econômica a todos os aspectos do pensamento e da atividade põe o Estado plenamente a serviço da economia, funcionando como uma empresa e produzindo um sujeito moral como um empreendedor, como um sujeito neoliberal. A racionalidade neoliberal submete cada aspecto da vida política e social ao cálculo econômico, e reduz o julgamento político e moral a um cálculo de custo e benefício. No neoliberalismo e no neoconservadorismo predomina uma racionalidade política moral associada a um modelo comercial e teológico de Estado. O Estado explora a dimensão populista do cristianismo evangélico. As forças desdemocratizantes do neoconservadorismo e do neoliberalismo é facilitada pela interpelação religiosa da população e pelo desaparecimento crescente da linha de separação entre a cultura política e a cultura religiosa. A hegemonia do imperialismo contemporâneo é constituída por essa racionalidade neoliberal (Brown, 2007).

Mediante o exposto retomaremos a contribuição teórica de Wood (2014) de que os Estados Unidos tentam consolidar a sua dominação sobre o sistema de Estados múltiplos. Os Estados Unidos e as instituições supranacionais exigem ajustes estruturais dos países de economia em desenvolvimento. Wood (2014) explica que a coerção econômica se distingue da coerção extraeconômica. É o Estado que oferece a força extraeconômica e sem ela o capital não pode existir. Conforme a autora (2014), o Estado territorial ganha importância na dinâmica essencial do capitalismo. Ele fornece a ordem jurídica e administrativa necessária para a sustentação dos poderes econômicos das classes apropriadoras, as condições indispensáveis de acumulação do capital global são oferecidas pelo Estado, tanto nas economias imperiais quanto nas subordinadas. Quanto mais o capitalismo se torna universal, mais necessita de um sistema universal de Estados locais confiáveis. Por isso, no capitalismo

financeiro-rentista existe a tentativa de consolidação da dominação norte-americana sobre o sistema de Estados múltiplos.

Dessa ordem, parece que os Estados que mais reafirmam a condição de múltiplos são aqueles que reproduzem os interesses dos capitalistas financeiro-rentistas de maneira conivente e, por conseguinte, sustentam a hegemonia dos Estados Unidos como acionista-chefe. Nessa condição, tais Estados parecem ser os de governos de extrema direita, esses impõem um Estado de Exceção em prejuízo ao projeto desenvolvimentista e de autonomia do seu país para favorecer o capital corporativo e para os benefícios pessoais dos seus integrantes. No entanto, existe a situação de outros Estados, com governos que tentam manter compromisso com a autonomia e a democracia do seu país, mas sofrem pressão, cerceamento, por motivo de depender de empréstimos e outros favores, ou terem estabelecido acordos que os submetem. Em ambas as situações, é o Estado que oferece a força extraeconômica e as condições indispensáveis de acumulação do capital. Entretanto, parece ser o governo de extrema direita, com a sua prática entreguista, que impulsiona essa acumulação do capital das classes apropriadoras, inclusive fornecendo a ordem jurídica e administrativa necessária à sustentação dos poderes econômicos das referidas classes. Outrossim, no Estado brasileiro atual, embora o Governo Federal seja democrático, convive com a situação de um Congresso majoritariamente conservador. Esse Congresso tenta manter o pacto Liberal-Dependente, em articulação com muitos governos estaduais e municipais de extrema direita ou direita neoliberal, revelando a associação da elite nacional de maneira subordinada ao capitalismo financeiro-rentista, e essa realidade parece ser o novo normal. Quando não se estabelece uma hegemonia da extrema direita, com um presidente que a representa no âmbito do Governo Federal, para garantir o pacto Liberal-Dependente de maneira abrangente, seus representantes se organizam contra o governo democrático do seu próprio país.

7.3 A configuração do Estado brasileiro no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva

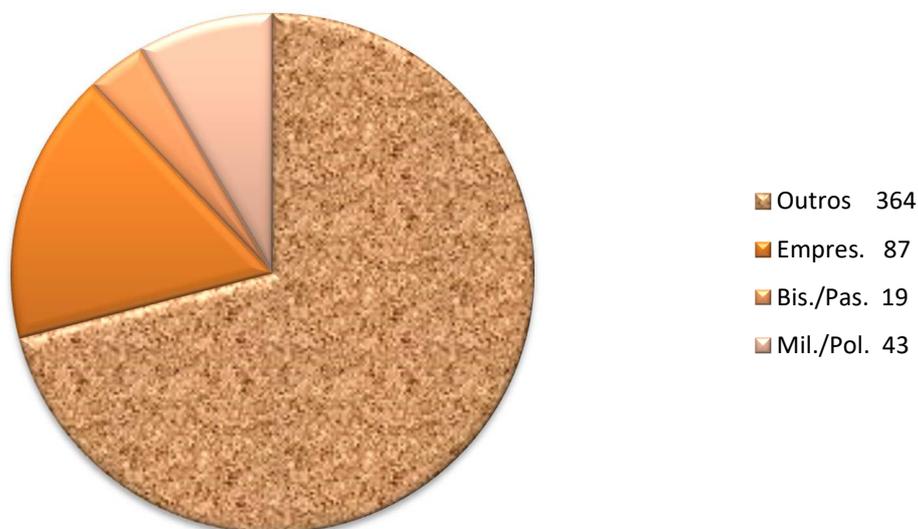
A necessidade de derrotar a extrema direita reuniu uma ampla frente política para apoiar a candidatura de Lula. Sena Júnior; Miguel e Filgueiras (2023) mencionam uma incorporação apenas parcial da direita tradicional neoliberal a essa frente política, com a declaração de voto a Lula de algumas personalidades do “mercado”. O núcleo mais orgânico dessa direita neoliberal, representante do capital financeiro associado ao imperialismo, apoiou a reeleição de Bolsonaro no primeiro e segundo turnos das eleições. Os autores (2023)

consideram que a vitória da esquerda foi maiúscula, mesmo com a pequena diferença de votos. Podemos acrescentar à análise que a eleição de Lula para presidente do Brasil, após ter sido preso estrategicamente e ardilosamente pela Operação Lava Jato, pode ser considerada um marco para a democracia do Brasil. Considerando, ainda, que: “Imediatamente após a vitória de Lula, antes mesmo de sua posse e logo depois, as forças democráticas derrotaram, de novo, as sucessivas ações violentas e a tentativa de golpe de Estado do (neo)fascismo”, embora a extrema direita (neo)fascista e ultraneoliberal já demonstrasse que fustigaria o governo (Sena Júnior; Miguel e Filgueiras, 2023, p. 3).

Vale lembrar o que já mencionamos anteriormente neste trabalho, sobre a posição dos neoliberais, por meio de Friedman. Friedmann (1988) se posiciona contra o fortalecimento do Governo Federal. Para ele (1988) é melhor que o poder do governo seja no condado do que no Estado. Friedman (1988) considera que um governo é essencial para a determinação das regras do jogo e tem de ser um árbitro para interpretar e implementar as regras estabelecidas, diante da existência de um mercado livre. Segundo Friedman (1988) o governo é uma ameaça à liberdade por concentrar poder em mãos políticas, por isso seu objetivo deve ser limitado e distribuído, o poder do governo deve ser descentralizado. Para Friedman (1988) o governo tem de manter a lei e a ordem, definir os direitos de propriedades, servir de meio para a modificação dos direitos de propriedade e de outras regras do jogo econômico, promover a competição. Friedman (1988) salienta que o governo não deve ser o protetor do cidadão fazendo dele um tutelado, não deve distribuir favores ou doações. Friedman (1988) critica o fato de o bem-estar ter se tornado a meta dominante nos países democráticos, em vez da liberdade.

Essa análise possibilita compreender a atual situação do governo Lula, desde as ruínas do neoliberalismo. Conforme os gráficos referentes a esse governo, verificamos que embora o número de empresários, Bispos ou pastores, Militares ou policiais tenha diminuído, em relação ao contexto do governo de extrema direita, a alteração não foi significativa. Na Câmara dos deputados tem 87 empresários, 19 Bispos ou pastores e 43 militares ou policiais.

Câm. dos Deputados/Gov. Lula (Gráf. VII)

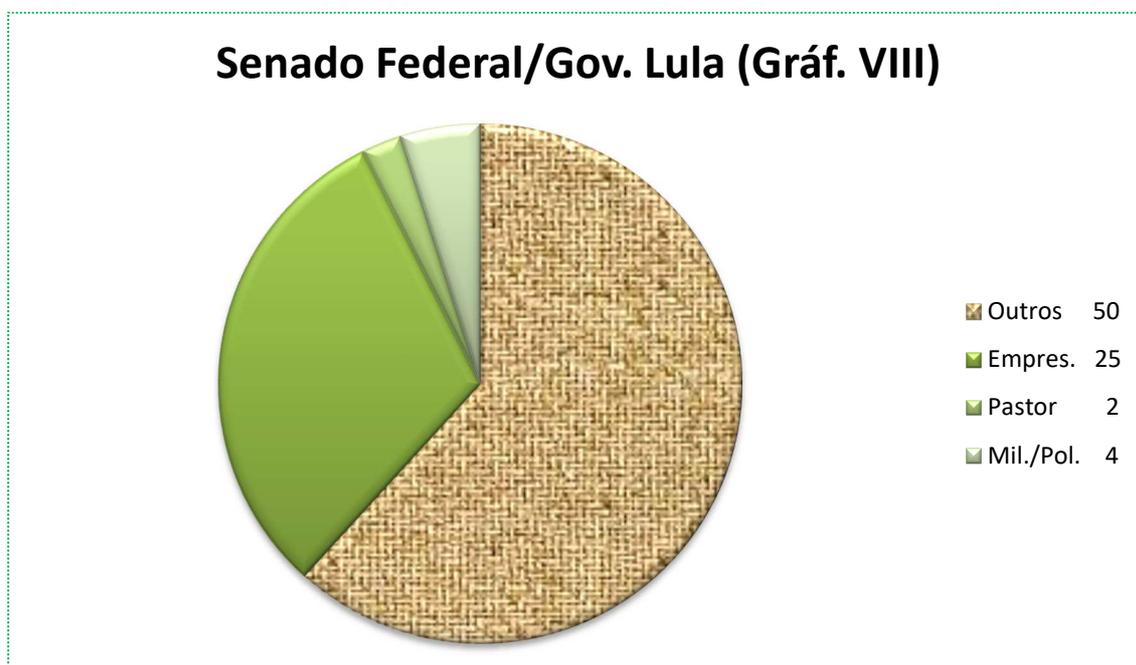


Fonte : a autora

No Senado, tem 25 empresários, 2 pastores e 4 militares ou policiais. Conforme observam Sena Júnior; Miguel e Filgueiras (2023, p. 2): “Apesar da derrota de Bolsonaro, a extrema direita, desde 2018, tem se mostrado capaz de transformar o seu poder de mobilização social em forte representação no Congresso Nacional, o que evidencia a sua forte presença e capilaridade na sociedade”. Os autores (2023) afirmam que, por outro lado, a esquerda não conseguiu eleger uma bancada parlamentar majoritária, mesmo somada à centro-esquerda e a setores de “centro”, na realidade ela é muito minoritária nas duas casas legislativas, mais do que nos governos anteriores. Com efeito, o governo Lula fica fragilizado na sua relação institucional com o parlamento, majoritariamente de direita neoliberal e extrema direita, o que provoca a sua dependência de negociações antirrepublicanas para tentar manter a governabilidade.

Tal situação evidencia a tendência de enfraquecimento do poder político do Governo Lula e o seu cerceamento pelos representantes do capital financeiro. Conforme a análise de Bernardo (1998), podemos considerar a predominância da subjugação do Estado Restrito pelo Estado Amplo. Atualmente, no Brasil, independentemente de existir ou não a hegemonia da extrema direita, no que se refere a ter um presidente no Governo Federal, o empenho é intenso para que seus candidatos assumam governos estaduais e municipais, ademais, para que

preenchem o máximo de espaços na política, na mídia e nas instituições públicas. Essa tendência parece reafirmar a posição de Friedman mencionada anteriormente.



Fonte: a autora

Muguerza (1998) assinala que, no pensamento neoliberal, tanto a ética como a política são substituídas pela ideia de um funcionamento espontâneo da sociedade. A sociedade de mercado funcionaria com independência de toda a consideração ética ou política, na qual o protagonista é o *homo aeconomicus*, e não existe lugar para o *homo moralis*. Sotelo (1998, p. 58) observa que: “La relación de la política (justicia) con la ética (la buena vida) que caracteriza a la *pólis*, en la modernidad se ha transformado en la relación de la política (poder) con el derecho (formalismo normativo)”. A identificação da liberdade com o poder é a base da sua subsequente ligação à propriedade. Buey (1998) defende uma ética do coletivo baseada na dignidade das pessoas contra a razão do Estado, considera um erro que nos Parlamentos a ética seja separada da política.

Embora Lula tenha sido eleito democraticamente, ele não consegue colocar em prática os aspectos fundamentais do programa político da esquerda. O “presidencialismo de coalizão” na sua versão brasileira prevalece como nos dois governos anteriores de Lula. Tal presidencialismo condiciona fortemente a execução de políticas públicas, uma vez que para garantir o apoio e a aprovação dos seus projetos o Executivo tem de distribuir verbas,

ministérios e nacos de influência aos parlamentares nos órgãos estatais federais, sem estar apoiado em programas políticos transparentes. A composição partidária do Parlamento define a qualidade e a natureza da coalizão, “a correlação de forças mais desfavorável às iniciativas do Poder Executivo, tende a forçar o governo a fazer mais concessões (a Partidos e parlamentares à direita do espectro político) para ter suas propostas aprovadas” (Sena Júnior; Miguel e Filgueiras, 2023, p. 2).

Ademais, algumas mudanças nas regras institucionais que fundamentam o relacionamento entre o Poder Executivo e o Legislativo, foram viabilizadas depois do golpe de Estado de 2016, nos Governos Temer e Bolsonaro. Tais mudanças estão inscritas na Constituição e nos Regimentos Internos da Câmara e do Senado, principalmente no que se refere à definição do orçamento e ao controle da atividade legislativa. Sena Júnior; Miguel e Filgueiras (2023) observam, como exemplo disso, a criação de um novo tipo de Emenda Parlamentar (a do Relator). A origem dessa Emenda Parlamentar é o chamado ‘Orçamento Secreto’, sob o controle do Presidente da Câmara e do parlamentar indicado para relatar a proposta orçamentária enviada pelo Executivo ao Parlamento. O fato é que nessa conjuntura a questão da governabilidade passou a ser ainda mais desafiante para o futuro do governo Lula se comparada aos dois primeiros mandatos.

Como já mencionado por Bresser-Pereira (2014), a direita brasileira não aceita tranquilamente a eleição de um político de esquerda. Bueno (2024, p. 19) afirma que no Brasil: “A política em seu conceito essencial vem a ser plenamente rechaçada pela oligarquia sempre e quando o seu resultado e o das urnas ou o encaminhamento público impresso pelos vencedores não convirja com as pretensões dos controladores do poder real”. Conforme a análise de Souza (2017), mencionada anteriormente, o liberalismo no Brasil é o ideário do “mandonismo privado”, e a máquina do Estado é usada para a reafirmação do “mandonismo” e privatismo sem limites dos poderosos. A liberdade defendida pelo nosso liberalismo sempre foi a que possibilita aos donos do poder econômico saquearem a sociedade.

Ianni (2000) observa que na transição do século XX ao XXI, o Brasil se encontra em uma encruzilhada que é a substituição do projeto nacional pelo projeto de capitalismo transnacional, com suas implicações político-econômicas e socioculturais. Para o autor (2000), o que está em curso é a transição de uma nação para a condição de província do capitalismo global. Segundo Ianni (2000, p. 51): “Mais uma vez, verifica-se que o Estado pode transformar-se em aparelho administrativo das classes dominantes em escala mundial, para as quais os governantes nacionais se revelam simples funcionários”. Nessa conjuntura, o Estado está sendo dissociado da Sociedade, predomina a alteração e ruptura do metabolismo

entre Estado e Sociedade que foi desenvolvido na vigência do projeto de capitalismo nacional. Assim sendo, o tecido social é enfraquecido com possibilidade da sua dissolução, prevalecendo a perda de perspectiva por parte de amplos setores do povo. A mídia substitui o partido político, o sindicato, o movimento social e a corrente de opinião pública. O Estado e o conjunto das instituições nacionais devem estar em conformidade com as diretrizes e injunções das estruturas mundiais de poder, com as corporações transnacionais, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial (BM) e a Organização Mundial de Comércio (OMC), com o objetivo de acentuar a sua acomodação ao mercado mundial. A Reforma do Estado significa o desmonte do projeto de capitalismo nacional. Relembrando Wood (2014), podemos afirmar que os capitalistas financeiros-rentistas têm como objetivo transformar o Brasil em um genuíno Estado múltiplo dos seus interesses.

Nesse sentido, desde que assumiu, Lula tem sido continuamente pressionado e cerceado para se transformar no gerente do mercado financeiro contra a democracia do país. Como já analisado por Bresser-Pereira (2014), Lula sabe que é impossível governar sem a burguesia, mas mesmo fazendo concessões ao capitalismo, Lula não se tornou o representante da grande burguesia. Sena Júnior; Miguel e Filgueiras (2023) afirmam que em nenhum momento da sua campanha junto à frente ampla, Lula se comprometeu com os principais pontos do programa básico do neoliberalismo. No entanto, é continuamente cobrado pelos representantes e prepostos do “mercado” e da terceira via. Os autores (2023) relacionam entre os pontos básicos do referido programa: uma política econômica ortodoxa, um ajuste fiscal permanente, a manutenção do “teto de gastos”, a ingerência na gestão da Petrobras e de sua política de preços, a privatização dos bancos públicos e da Petrobras, entre outros. Os autores (2023) ressaltam que a campanha de Lula foi dirigida, fundamentalmente, para responder às necessidades e reivindicações da população mais pobre do país, a qual Lula deve a sua vitória. A análise realizada por Diniz e Boschi (2007) referente ao outro mandato do governo Lula, parece ser atual, no que se refere a forte tensão entre continuidade e mudança. Podemos acrescentar que a continuidade tem relação, de maneira considerável, com a aliança do Congresso Nacional com os capitalistas financeiro-rentistas, de maneira subordinada com o objetivo de receber benefícios, e sem nenhum compromisso com a democracia do país.

É imprescindível lembrar que a herança do governo Bolsonaro é a desconstrução-aparelhamento de órgãos fundamentais do Estado, a desorganização das finanças públicas, a atuação agressiva do bolsonarismo para boquear de maneira permanente qualquer iniciativa governamental. Ademais, o governo Lula, sub-representado no Congresso Nacional, é constantemente pressionado pelo “mercado” para a execução de um ajuste fiscal permanente.

Para tanto, a extrema direita e a direita neoliberal e conservadora mobilizam a mídia corporativa, o parlamento e o judiciário, com a argumentação neoliberal de que o ajuste fiscal permanente é necessário para estabilizar a economia e retomar o crescimento. Dessa ordem, a disputa pelo controle e apropriação do fundo público é tensa, e implica defender que ele seja destinado aos gastos sociais e não aos juros do capital financeiro, tal defesa é fundamental no processo de concentração/distribuição de renda de qualquer país. “A disputa orçamentária é, talvez, a principal expressão da luta de classes em sua dimensão econômica; a escolha das prioridades define a orientação, o sentido e o caráter do governo (de esquerda ou de direita)” (Sena Júnior; Miguel; Filgueiras, 2023, p. 4).

Lula está tentando reparar minimamente os prejuízos do governo que o antecedeu e reduzir a exorbitante desigualdade social por meio da tímida distribuição de renda. Contudo, o seu objetivo que parece ser estabelecer um novo pacto nacional para o desenvolvimentismo está inviabilizado. Atualmente, a direita brasileira parece viver em constante ambiguidade, ora seu posicionamento é de corresponder aos interesses dos capitalistas financeiro-rentistas e estabelecer aliança com a extrema direita, ora ensaiam timidamente conservar a democracia que a favoreça, embora o casamento com os capitalistas financeiro-rentistas e com a extrema direita constitua a sua identidade.

Dessa perspectiva, Sena Júnior; Miguel e Filgueiras (2023, p. 4) esclarecem que: “Parte da direita neoliberal, que adentrou à frente lulista na prorrogação do segundo tempo do jogo, como seria de se esperar, continuou defendendo abertamente os interesses do capital financeiro”. Desde o início do governo Lula os porta vozes do “mercado”, maliciosamente, identificam um governo de frente ampla como sendo um governo neoliberal. Eles defendem que a prioridade do governo de frente ampla deve ser o ajuste fiscal permanente, e que o governo Lula deve ser um governo da frente ampla que o elegeu. “As forças políticas neoliberais e neofascistas se associam [...], obrigando o governo a se submeter a sua hegemonia (ideológica e fisiológica) no parlamento e impedindo-o de executar política monetária e fiscal condizentes com o seu programa” (Sena Júnior, Miguel e Filgueiras, 2023, p. 6). Desde o início, Lula e o seu governo estão caminhando no “fio da navalha”.

A atualidade é de anulação da democracia liberal pela ditadura do mercado, com a esquerda priorizando uma política de contenção da miséria. Conforme Sena Júnior; Miguel e Filgueiras (2023, p. 6), a burguesia brasileira não aceita a distribuição de renda e da riqueza. Assim sendo, “o enfrentamento estrutural da desigualdade de renda e riqueza, assim como nos primeiros governos de Lula, continua vetado, não consegue avançar, a não ser marginalmente”. Os porta-vozes e os prepostos da burguesia estão preparados para

bombardear e deslegitimar o governo Lula no caso de qualquer movimento pela distribuição de renda e da riqueza, inclusive com a implementação de um golpe de Estado. Não obstante, do ponto de vista estrutural, o enfrentamento da desigualdade econômico-social é crucial para a defesa, ampliação e legitimação da democracia (Sena Júnior, Miguel e Filgueiras, 2023).

Com efeito, nesse estreitamento da democracia brasileira, a esquerda não deixa de ter integrantes que aceitam as imposições dos capitalistas financeiro-rentistas, principalmente os da área econômica. Assim, o governo continua imerso no neoliberalismo, dificultando que a população perceba a diferença real entre a esquerda e a extrema direita. Como analisam Sena Júnior; Miguel e Filgueiras (2023), vastas camadas da população têm a percepção de que a democracia não funciona, parecendo predominar um jogo de cartas marcadas a favor dos mais ricos.

Relembrando Fagnani (2011), parece que a área econômica do governo Lula está reproduzindo a experiência de 2003 e 2005, optando mais pela continuidade do que pela mudança. Na ocasião tinham forças defensoras do Estado mínimo dentro do próprio governo, aglutinadas na área econômica, predominava a ortodoxia econômica, com o Ministro da Fazenda tendo adotado uma agenda liberalizante.

A democracia liberal parece estar longe do radar até mesmo da esquerda, e com a contribuição Brown (2007), podemos afirmar que a esquerda não consegue preservar nem mesmo seus projetos que correspondem minimamente ao terreno dessa democracia. O protagonismo é da atuação interessada e desmedida do Banco Central contra a autonomia do país, predominando a sua relação umbilical com o mercado financeiro. Pittari e Mattei (2023, p. 12) observam que o Brasil tem a maior taxa de juro real do mundo. “No caso brasileiro, os juros elevados agradam o especulador internacional, ávido por retornos substanciais em um país que não investe e, portanto, jamais se liberta da situação de dependência”.

A ambiguidade da direita brasileira parece contribuir para que a extrema direita continue atuando como um poder marginal e ao mesmo tempo paralelo em articulação com os capitalistas financeiro-rentistas, sem nenhuma regulação, embora a extrema direita tenha relativamente perdido o poder do Estado por meio das eleições democráticas. A extrema direita amparada pelos capitalistas financeiro-rentistas faz as suas próprias leis de acordo com a demanda do mercado financeiro e dissemina o terror pelo país. A classe média ressentida constituída por homens econômicos governáveis garante a mobilização constante contra a democracia de maneira ampla, na sociedade e nas instituições.

O governo Lula convive, em tensão, com um Congresso Nacional majoritariamente vinculado ao pacto Liberal-Dependente, e com um presidente do Banco Central que mantém

relação umbilical com o mercado financeiro. No atual governo Lula, a lógica da propriedade privada não é colocada em dúvida e o questionamento quanto ao lucro, até então, é limitado ao discurso. As medidas econômicas tímidas e que têm pouco impacto positivo na condição econômica da população em condição de pobreza são predominantes. O Ministro da Fazenda do governo Lula tem uma posição conformista às exigências do mercado financeiro, parecendo assumir a condição de seu gerente, ao priorizar a política de austeridade. Mattei (2023) observa que a austeridade produz um aumento na taxa de exploração dos trabalhadores e nos lucros para os proprietários, submete às classes trabalhadoras às vontades e necessidades das classes proprietárias de capital, transfere recursos da maioria trabalhadora para a maioria poupadora-investidora e, dessa maneira, impõe uma aceitação pública de condições repressivas na produção econômica. Mattei (2023) esclarece que no século passado a principal utilidade da austeridade foi silenciar as contestações das pessoas e, principalmente, da classe trabalhadora, para impedir as organizações de alternativas ao capitalismo.

Kuttner (1998) assinala que uma política democrática opera necessariamente no plano do Estado nacional. O autor (1998) lembra que o Brasil, historicamente, tem resistido às pressões por um conjunto único e universal de regras, em agências como a Organização Mundial do Comércio. Kuttner (1998, p. 21) considera que: “O Brasil é um país grande o suficiente, com um mercado interno alentado e os benefícios regionais do Mercosul, para ser capaz de escolher o seu próprio caminho”.

Diante da atual conjuntura do Brasil, o caminho é à esquerda, com um posicionamento firme contra o neoliberalismo. É urgente iniciar a retomada da democracia com referência em um Estado desenvolvimentista com centralidade no bem-estar social. Essa é uma condição que possibilita a elaboração da autonomia do povo brasileiro para um projeto de emancipação com o objetivo da libertação. É imprescindível que o governo Lula se posicione firmemente contra o poder da burguesia e da “nobreza do Estado”, que representa o capital financeiro rentista, e estabeleça uma relação de lealdade com o povo brasileiro. Essa relação de lealdade pode restabelecer a confiança e a mobilização pelo Estado social e democrático. Que a humanidade do *homo politicus* prevaleça ao poder do *homo aeconomicus*!

Mediante o exposto, reafirmamos a posição de Sena Júnior; Miguel e Filgueiras (2023, p. 7), de que a pressão popular é imprescindível “para defender criticamente e empurrar o governo mais para a esquerda [...], não há outra alternativa à esquerda que não seja a organização e mobilização política, no curto e no longo prazo”. O governo Lula carrega esperanças para além do Brasil e da América Latina, as forças de esquerda têm a responsabilidade de manter acesa as chamas da esperança.

Ianni (2000) considera difícil e emblemático o retorno ao projeto nacional, e que recriar o Estado e a Sociedade civil é um desafio. O autor pensa que a Sociedade civil tem de ser levada a “educar duramente o Estado”. Ianni (2000, p. 58) assinala que: “cabe aos amplos setores sociais nacionais mais prejudicados pela *globalização pelo alto* reconhecer que precisam mobilizar-se também em escala global, desde baixo, compreendendo as classes ou grupos sociais, ou seja, os setores sociais subalternos”. O autor vislumbra a possibilidade da formação de uma Sociedade Civil mundial.

Como mencionamos anteriormente, Bourdieu *apud* Laval (2020), afirma que na contemporaneidade, taticamente, é imprescindível proteger o Estado nacional contra a unificação mundial. O autor acrescenta que não desconsidera a necessidade de constituição de um Estado mundial que resguarde as conquistas universais da humanidade contra as ameaças do mercado transnacional.

8 A EDUCAÇÃO PÚBLICA DO *HOMO ÆCONOMICUS* GOVERNÁVEL *VERSUS* O *HOMO POLITICUS*

Na realidade brasileira contemporânea predomina a educação pública do *homo æconomicus* governável *versus* o *homo politicus*. Conforme Brown (2015) o *homo politicus* é a perda mais importante causada pelo domínio da razão neoliberal. No entanto, a realidade também evidencia a tímida expressão de resistência, em uma conjuntura de tentativa violenta de desqualificação e de anulação do *homo politicus*. Nas instituições escolares imersas na lógica neoliberal, com maior número de indivíduos com prática autoritária e/ou conformista e, por conseguinte, com uma cultura organizacional mais autoritária, a tendência é o empenho na formação do *homo æconomicus*, e a máxima obediência às prescrições dos órgãos estatais, mesmo que esses reproduzam em grau máximo as diretrizes impostas pelos organismos internacionais que representam a hegemonia dos capitalistas financeiro-rentistas. Por outro lado, nas instituições com maior número de indivíduos com prática democrática e, por conseguinte, como uma cultura organizacional mais democrática, a tendência é o empenho na formação do *homo politicus*, uma vez que prevalece a autonomia relativa ao prescrito.

Considerando a condição real de heterogeneidade e a contradição, porém, nas instituições escolares de cultura organizacional mais autoritária existe possibilidade de ter poucas resistências, o que contribui para que sejam formados *homo politicus* de maneira reduzida. Nas instituições escolares de cultura organizacional democrática também podem ser formados *homo æconomicus* de maneira reduzida, pela possibilidade de existir algum conformismo. Contudo, não podemos desconsiderar a análise de DiMaggio e Powell (2005), eles reconhecem a tendência de uma homogeneização entre as instituições em termos de estrutura, cultura e resultados, por motivo do deslocamento do mecanismo da racionalização e da burocratização do mercado competitivo para o Estado. O maior controle do Estado sobre as instituições faz com que elas se tornem cada vez mais similares com o propósito da eficiência, a mudança organizacional é uma resposta direta a ordens governamentais.

Na análise da realidade das instituições escolares brasileiras não podemos desconsiderar a influência da divisão nacional e internacional do trabalho, as especificidades regionais e a condição periférica do país, que em âmbito transnacional é mais considerado como fornecedor de consumidores governáveis e força de trabalho explorável do que fornecedor de força de trabalho qualificada. A perspectiva de formação humana e emancipação é quase completamente inviabilizada.

Considerando a ingerência dos organismos internacionais quanto às determinações relativas ao vínculo entre educação escolar e mercado de trabalho, a tendência é de que os países periféricos submetam a formação dos seus trabalhadores à divisão internacional do trabalho de acordo com a sua posição na escala produtiva internacional. Como observa Marx (1996), a divisão social do trabalho implica a divisão hierárquica dos trabalhadores e, por conseguinte, a diferenciação das despesas com a aprendizagem. O desaparecimento ou a diminuição das despesas com a aprendizagem resulta no aumento imediato de mais-valia para o capital. Segundo Laval *et al.* (2011, p. 42): “l’éducation est considérée comme un domaine prioritaire pour réaliser des gains de productivité”.

Para os organismos internacionais vinculados aos interesses dos capitalistas financeiro-rentistas as despesas com a aprendizagem devem ser ainda mais reduzidas nos países periféricos. Conforme a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (2014), desenvolver competências de uma população é muito caro, por isso as políticas de competências devem contribuir para que tais investimentos resultem em benefícios econômicos. As políticas de competências devem considerar a demanda do mercado de trabalho para estabelecer prioridades nos gastos com a formação. Para os referidos organismos internacionais o desemprego escolarizado é um grande desperdício de recursos.

Conforme o Banco Mundial (2012), com a predominância do ensino de massas nos países em desenvolvimento, uma grande proporção dos estudantes está sendo educada de forma inapropriada, já que o conteúdo dos cursos primários e secundários deriva do mundo desenvolvido. Portanto, o Banco Mundial (2012) considera que os países periféricos não devem seguir os sistemas educacionais dos países centrais, uma vez que o ensino de massas é para atender às demandas imediatas do mercado de trabalho.

Na conjuntura de um trabalho de forma pós-taylorista, segundo Gorz (1980 *apud* Valdivielso, 2008, p. 24-25), predomina: “mercados de trabajo estratificados en una pirámide que tiende a la dualización social; un trabajo-empleo, típico, descentrado en un abanico de ocupaciones precarias, a menudo informales, discontinuas; incapaz de estructurar la socialización”. A tendência é de que as diretrizes dos organismos internacionais para a educação escolar correspondam a tal quadro.

Segundo Nussbaum (2015), a educação escolar predominante em nível internacional é a de competências básicas para muitos e de competências avançadas para alguns. Além de as competências básicas exigidas serem somente alfabetização e noções básicas de aritmética, nem todas as pessoas têm direito de desenvolvê-las. Países ou estados podem ser avaliados

positivamente em sua educação escolar e mesmo assim apresentar dados alarmantes e desigualdade social e econômica. Conforme a autora (2015), mesmo que se crie uma elite tecnológica e empresarial competente, muitos indivíduos continuam excluídos e sem acesso à educação. Para Nussbaum (2015), a subjugação da educação escolar ao crescimento econômico coloca em risco os valores da democracia. O acesso à educação escolar voltada para o desenvolvimento econômico é desigual.

Laval (2020b) afirma que existe um projeto global para uma educação inteiramente capitalista, ele considera que as normas e padrões da “boa escola” não são mais definidos nacionalmente. As principais organizações econômicas e financeiras, tais como o BM, o FMI, a OCDE, entre outras, definem tais normas e padrões globalmente. “Esse novo paradigma educacional global é inteiramente econômico e está baseado no conceito de ‘capital humano’” (Laval, 2020b, p. 1034). O autor (2020b) assinala que para sincronizar a educação à produção de “capital humano” e adaptá-la ao treinamento para empregos existentes e previstos, o governo deve agir muito ativamente, assim como para garantir a “reprodução escolar” sujeita às necessidades de acumulação do capital. Laval *et al.* (2011) observam que os sistemas educativos sofreram uma mudança progressiva que combina dois aspectos complementares: a incorporação econômica que os transforma em uma rede de empresas formadoras de capital humano e a competição social generalizada que se torna o modelo de regulação próprio do sistema.

Não é sem motivo que o nosso compromisso com a educação escolar de qualidade, democrática e com referência na formação humana e emancipada, nos faz reafirmar Dejours (2012, p. 32): “ser inteligente no trabalho é estar sempre distante em relação aos procedimentos e às prescrições. Trabalhar bem implica infringir as recomendações, os regulamentos, os procedimentos, os códigos, os termos de referência, a organização prescrita”. De acordo com o autor (2012), a lacuna entre o trabalho prescrito e a sua realidade concreta sempre existirá e deve ser a cada momento inventado ou descoberto pelo sujeito que trabalha. É no trabalho real que o sujeito resiste, pois o mundo real resiste.

Não obstante, embora desde a década de 1990, a sociedade brasileira seja marcada pela oscilação entre reação e condição de resignação, conformismo e apatia, consideravelmente pelo motivo da precariedade¹⁶ a qual foi submetida no neoliberalismo, essa

¹⁶ Laval (2017) assinala que a precariedade é um “estilo de vida” na era neoliberal, na qual predomina a produção política de insegurança social. A incerteza é a forma de existência de uma sociedade de empreendedores contra o assalariado protegido. Castel (1998) considera a manutenção da situação atual insustentável. Para ele, a exclusão é uma questão social que tem de ser claramente enfrentada pela sociedade inteira, e o seu agravamento

não era a realidade do fim da década de 1970, até aproximadamente a metade da década de 1980. Naquele período o país foi marcado por elaboradas mobilizações sociais, principalmente dos trabalhadores, incluindo os trabalhadores da educação. As manifestações não eram somente de reação, mas eram de lutas e resistência, emancipação, construção da democracia, sonho e utopia. As lutas eram pela qualidade social, pela qualidade da educação pública, pela justiça social, pela cidadania, pelo projeto de autonomia do país. A política era vivenciada como emancipação e condição de liberdade coletiva, e não rechaçada e desqualificada, conforme os interesses do *homo œconomicus*. Naquele período, o protagonista da história era o *homo politicus* com a sua dignidade, coragem, solidariedade, sensibilidade, inteligência, humanidade e anseio por justiça social.

No governo Geisel, que durou de 1974 até 1979, no contexto da Ditadura Militar no Brasil, foi promovida uma abertura política de maneira lenta e controlada, com a manutenção do regime militar no poder. As lutas democráticas e sociais progrediram, com uma mutação e, posteriormente, enorme crescimento da esquerda, importantes setores populares conquistaram a autonomia política por meio do encontro entre o movimento sindical combativo de 1978-1980 e a esquerda socialista cristã. As lutas de massa se desenvolveram, bem como o fortalecimento da autonomia política, e se reforçaram mutuamente (Leite, 1996).

A década de 1980 foi marcada pela expansão de uma esquerda democrática e popular, que revelava o processo de auto-organização de setores excluídos da cidadania e da política. As forças políticas propiciaram a transição para um regime democrático liberal, o nível de atividade dos movimentos sociais era um dos mais elevados do mundo, irradiando a democracia na sociedade inteira. As mobilizações pela eleição direta para presidente ocorreram em 1984. As disputas democráticas foram constituídas pelo novo ordenamento político-jurídico do país na constituinte de 1986-1988, por governos de cidades e de estados com significativa expressão e, finalmente, em 1989, pelo governo central, na primeira eleição direta para presidente desde 1960. A formação do Partido dos Trabalhadores (PT) é inerente a essa conjuntura, assim como a formação da Central Único dos Trabalhadores (CUT) como central do sindicalismo independente do Estado. A formação do PT unificou boa parte da esquerda do país (Leite, 1996). No movimento de reformas democráticas, foi decisivo o processo constituinte, a disputa não era somente pela consolidação de uma democracia referente à reorganização institucional de um regime liberal, mas também pela “manutenção

está no fato de não ser possível distinguir os que podem se livrar de tal situação dos que podem resvalar. Segundo o autor (1998) o futuro parece pouco controlável e o seu sentido é perdido, pois é impossível pensar em um amanhã melhor para viver do que hoje.

da mobilização e organização independentes, a ampliação e conquista de direitos trabalhistas, sociais e políticos e a extensão das formas de democracia” (Leite, 1996, p. 31).

No período de 1980, existia uma esquerda mais forte e não integrada que não se limitava a opção do neodesenvolvimentismo contra o neoliberalismo. A esquerda articulava uma proposta democrática e popular, com disputas entre forças políticas com vocação protagonista e com projetos de sociedade distintos e antagônicos. As disputas intensas dos anos 1980 e um amplo processo de reformas democráticas ultrapassaram as alterações institucionais de inspiração liberal, com enorme extensão da parcela da população que participa da política. “Alterações importantes das relações de poder entre as classes permitiram a expressão de setores historicamente excluídos, a conquista de espaços e de direitos democráticos e a construção de uma esfera pública não-burguesa no Brasil” (Leite, 1996, p. 30).

O PT formulou, entre 1985 e 1987, uma visão estratégica de rumo para a sociedade brasileira, reconhecida como “a alternativa democrática e popular”. O PT disputaria o governo central com um programa de medidas antimonopolistas, antilatifundiárias e anti-imperialistas e um horizonte socialista. Lula propunha aprofundar e radicalizar as reformas democráticas. No entanto, a eleição de Fernando Collor apontava um refluxo no processo de democratização, crescia a pressão internacional pela adoção de medidas de inspiração neoliberal (Leite, 1996), e a eleição foi marcada por uma recomposição político-ideológica em torno do projeto neoliberal.

Saviani (2013) também observa as mobilizações sociais entre 1970 e 1980. O autor reconhece a multiplicação de entidades da sociedade civil e analisa a mobilização do campo educacional. Para o autor (2023) os avanços na Constituição Federal de 1988 foram significativos e são derivados da participação das referidas entidades. Segundo Saviani (2013) a década de 1980 assinala o momento de maior mobilização dos educadores, provavelmente, comparável somente à década de 1920. A Associação Brasileira de Educação (ABE) foi criada na década de 1920 e organizou as Conferências Nacionais de Educação. A Associação Nacional de Educação (ANDE) foi fundada em 1979, e participou da organização das Conferências Brasileiras de Educação, na década de 1980.

O processo de adesão das entidades de professores das escolas públicas de primeiro e segundo grau à Confederação de professores do Brasil (CPB) iniciou a partir do final dos anos 1970, vinte e nove associações estaduais eram filiadas em 1986. A mudança do nome Confederação de professores do Brasil (CPB) para Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação (CNTE) foi aprovada no Congresso realizado em janeiro de 1989. E, em 1990,

foram incorporadas à CNTE a Confederação Nacional de Funcionários de Escolas Públicas (CONAFEP), a Federação Nacional de Supervisores Educacionais (FENASE), e a Federação Nacional de Orientadores Educacionais (FENOE). Com isto, a CNTE passou a representar aproximadamente dois milhões de profissionais da educação (professores, especialistas e funcionários das escolas públicas de primeiro e segundo graus) (Saviani, 2013).

Os professores do ensino superior também criaram associações de docentes. As associações de docentes foram sendo criadas, em cada instituição, no fim da década de 1970. A Associação Nacional de Docentes do Ensino Superior (ANDES) foi fundada em 1981, no Congresso Nacional de Docentes do Ensino Superior, com a participação de sessenta e sete associações de professores de instituições de nível superior. Os funcionários das universidades já haviam criado sua entidade nacional em 1978, a FASUBRA (Saviani, 2013).

Essa mobilização no campo educacional culminou na Constituinte com a atuação do “Fórum de Educação na Constituinte em Defesa do Ensino Público e Gratuito”, formado por quinze entidades, ANDE, ANDES, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), CEDES, FENOE, CPB, FASUBRA), às quais se acrescentaram a Associação Nacional dos Profissionais da Administração Educacional (ANPAE), a Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas (SEAF), A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), a União Brasileira de Estudantes Secundários (UBES), a União Nacional dos Estudantes (UNE), a Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT), a Central Única dos Trabalhadores (CUT), a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) (Saviani, 2013).

A mobilização no campo educacional culminou em conquistas na Constituição Federal de 1988, tais como, a gratuidade do ensino público em todos os níveis, o piso salarial profissional com o ingresso somente mediante concurso público e regime jurídico único para o magistério da União, a gestão democrática do ensino público, a autonomia universitária, a definição da educação como direito público subjetivo e a manutenção da vinculação orçamentária com a aplicação do percentual da União (Saviani, 2013).

No entanto, Saviani (2013) considera que por motivo de falta de salvaguardas e de garantias para a sua efetivação, mesmo aquilo que representou conquista para a escola pública não chegou a produzir resultados. Tal condição pode se considerar também em relação ao princípio da gestão democrática. Conforme Saviani (2013), a partir de 1989 começou um período de grandes dificuldades, e a década de 1990, no que se refere ao campo da educação foi caracterizada por grandes perdas, configurando um movimento na contramão daquilo que se apontava com a Constituição promulgada em 05 de outubro de 1988 (Saviani, 2013).

Silva (1994) menciona a refuncionalização como um mecanismo utilizado pelos órgãos estatais e empresariais para a recuperação das lutas e bandeiras dos movimentos sociais redirecionando-as aos seus fins. A primitiva orientação das lutas e bandeiras é distorcida e subordinada à lógica do sistema capitalista via cooptação, como tentativa de apreender o que ameaça e contesta a sua estrutura.

Laval (2020a), com fundamentação teórica em Bourdieu, esclarece sobre a revolução conservadora, podemos analisar que na situação dos movimentos sociais da década de 1980, no Brasil, as bandeiras das lutas pela democracia foram arrancadas das mãos dos progressistas e cooptadas pelos neoliberais por meio da revolução conservadora. Ademais, após serem cooptadas e revertidas à lógica do capital foram assumidas empenhadamente nas instituições, sem o discernimento de muitos, ou convenientemente para os autoritários e/ou conformistas. Nessa revolução que é o avesso do vínculo social, a destruição é conduzida pelo neoliberalismo por meio da legitimação absoluta do capital econômico. A revolução conservadora e subversiva expressa o neoliberalismo estadunidense.

Vale relembrar a observação de Sampson (1996), de que após a revolta dos estudantes, em 1968, contra o governo americano e contra toda a natureza da sociedade industrial, as empresas passaram a recusar os melhores alunos e a priorizar a contratação dos conformistas e apáticos. Com efeito, a revolução conservadora parece indicar também a exclusão dos que têm maior capacidade crítica e elaborativa de contestação ao funcionamento do capitalismo e maior compromisso social. Alonso e Rodríguez (2018, p. 173) fundamentam-se na contribuição teórica de Harvey ao afirmarem que as revoltas estudantis do fim dos anos sessenta, a radicalização do movimento operário, a crise do petróleo, e o conflito ideológico predominante naquela década, “terminó con un sorprendente y poderoso reflujo termidoriano y la ascensión del neoliberalismo como nuevo proyecto ideológico para Occidente”.

Embora o Brasil tenha sido influenciado pelo neoliberalismo em momentos históricos anteriores à década de 1990, é nesta que ele ganha expressão, com a eleição de Fernando Collor de Melo. No governo de Fernando Henrique Cardoso o neoliberalismo é intensificado, é relativamente enfraquecido nos governos de Luiz Inácio Lula da Silva e de Dilma Roussef, e atinge grau máximo no governo de Jair Messias Bolsonaro. Atualmente, embora o Governo Federal resista timidamente ao neoliberalismo, ele continua expressivo no Congresso Nacional, em governos estaduais e municipais, em muitas instituições e no tecido social.

As três reformas estruturais na educação pública no Brasil, realizadas na conjuntura do neoliberalismo, parecem ser a implementação da Qualidade Total que introduz o gerencialismo com a transferência da gestão empresarial para as instituições públicas contra a

gestão democrática, a formação por competências de origem empresarial contra a formação acadêmica, e as avaliações em larga escala. Atualmente, escolas e universidades brasileiras em maior ou menor grau, estão engessadas em tal estrutura que enseja à privatização. Gonzalbo (2016) assinala que a nova maneira de olhar para a educação implica mudar sua administração, os seus conteúdos, a relação da escola com os alunos, e especialmente com os pais. A escola tem de formar indivíduos para o mercado. Os programas de reformas são influenciados pela ideia de capital humano, o que significa que os indivíduos devem se reconhecer como empresas e a educação deve ser avaliada por eles em função do seu rendimento. Uhle (2001, p. 160) assinala que conforme Tragtenberg a burocracia do ensino no âmbito nacional “desenvolve-se em três níveis: organização de pessoal, programas de trabalho e inspeções e exames”. A tendência é que as pessoas no interior da escola se insiram em um jogo político de viabilização do projeto de escola do capitalismo.

Laval (2020b) menciona a configuração da “nova escola capitalista”, com uma mutação da educação e a sua subordinação cada vez mais intensa ao mercado. É na educação que a concorrência capitalista tem sua sustentação fundamental, por meio da formação de um indivíduo que se torne um “gestor de capital pessoal” em detrimento do sujeito de direitos, criando novas e brutais relações sociais. A forma do Estado muda, assim como a função da educação. O Estado não se retira, ele age intensificadamente para impor a lógica normativa global. “Desde o fim do século XX, o sistema educacional tem se curvado cada vez mais às lógicas heterônomas do capitalismo. E essa dependência da economia não se deve apenas à pressão dos mercados, ela decorre das políticas de Estado” (Laval e Vergne, 2023, p. 45). A tendência é a de o Estado institucionalizar nacionalmente o mercado global, com a desnacionalização das políticas públicas, uma grande parte das políticas são políticas de adaptação sistêmica às condições impostas pela economia global (Laval *et al.*, 2011).

Concomitantemente, imediatamente antes das reformas até a atualidade, os gestores do setor privado ganharam legitimidade no controle da educação escolar pública. Logo, tais gestores passaram a ser considerados indispensáveis para a administração dos serviços públicos, correspondendo à eficiência pretendida pelo setor privado. A tendência é um processo de naturalização da ascendência dos empresários na esfera pública, considerando a condição de permanência deles no Estado. Nessa direção, políticos-empresários tendem a assumir funções em órgãos estatais, e em Secretarias de Educação, por exemplo. Walfrido Silvino dos Mares Guia Neto¹⁷ na condição de Secretário de Educação do estado de Minas

¹⁷ Além de Secretário de Educação do estado de Minas Gerais, Mares Guia Neto exerceu diversas outras funções nas administrações governamentais municipal, estadual e federal, entre elas, Ministro de Estado do Turismo,

Gerais, é um exemplo, ele implementou o programa de Qualidade Total baseado na lógica do setor privado em escolas públicas, esse projeto foi seguido nacionalmente (Pires, 2021).

A ascendência dos empresários no interior do Estado revela um projeto político de redefinição do seu papel. Assim sendo, o Estado funciona como extensão do setor privado e viabilizador da ampliação do capital. O novo padrão de ampliação e acumulação do capital fundamenta-se na constituição de novas bases econômicas, políticas e ideológicas e, por conseguinte, na associação da economia e da educação escolar para o objetivo da produtividade (Pires, 2021). Mediante o exposto, as instituições autoritárias com funcionamento congruente ao gerencialismo têm como centralidade o produtivismo desordenado e sem compromisso ético coletivo com a sociedade. A cultura do gerencialismo é constituída para vincular as instituições públicas aos interesses capitalistas de expansão do mercado e maximização dos lucros de maneira exorbitante (Pires, 2020).

Laval (2020b) critica o fato de os “progressistas” tenderem a pensar que toda “reforma” caminha na direção da democratização e de que qualquer resistência é uma forma de conservadorismo. O autor (2020b) considera uma farsa a “modernização” dos sistemas educacionais na era do neoliberalismo, já que se tenta impor a lei feroz do capitalismo dentro das escolas e das universidades. Laval (2020b) defende o direito de os professores dizerem não à chantagem da “modernidade”, de afirmar a dignidade incomparável da transmissão cultural. Segundo o autor (2020b) o neoliberalismo é uma destruição criadora, é um tipo particular de construtivismo, que constrói por todo tipo de dispositivos uma sociedade concebida como um mercado competitivo, no qual os indivíduos entram em disputa se comportando e se representando como empresas.

Talvez um dos motivos de a maioria dos indivíduos estar engajada na lógica neoliberal no interior de escolas e universidades seja o fato de tender a considerar, como bem analisa Laval (2020b), que toda reforma caminha na direção da democratização, embora tal possibilidade pareça remota, em uma conjuntura de neoliberalismo. O engajamento de muitos indivíduos na lógica neoliberal no interior de escolas e universidades pode revelar que para eles a democracia não é conveniente, pelo fato de reproduzirem práticas autoritárias e se

Deputado Federal, Vice-Governador, Secretário de Desburocratização e Reforma Administrativa do estado de Minas Gerais, Secretário de Ciência e Tecnologia, Secretário de Planejamento e Coordenação-Geral do mesmo estado e Secretário Municipal de Planejamento de Belo Horizonte. Quanto ao seu vínculo no setor privado, é um dos fundadores do pré-vestibular Pitágoras, que se transformou no Sistema Pitágoras de Ensino, nas Faculdades Pitágoras e no grupo Kroton Educacional. Também é um dos fundadores da Biobrás, empresa de insulina (Câmara dos Deputados, 2020). Mares Guia Neto participou de esquema de desvio de dinheiro público em 1998, processo conhecido como mensalão mineiro, para a campanha do então candidato à reeleição ao governo de Minas Gerais, Eduardo Azeredo. As acusações de peculato e formação de quadrilha prescreveram em 2012, quando Mares Guia Neto completou 70 anos (13 de abr. de 2017).

identificarem com o produtivismo que é o avesso do pensamento crítico. A interpretação mais provável da maioria, no entanto, parece ser a de que toda e qualquer ordem vinda do Estado deve ser obedientemente seguida, independentemente das consequências para a democracia. A interpretação parece ser a de que o conformismo trará a recompensa concernente à lógica dos interesses individuais e à meritocracia.

Conforme Sennett (2006), nas burocracias, há uma tentativa de evitar conflitos, por isso elas transmitem a disciplina da gratificação retardada. Assim, a fundamentação política e social do crescimento da burocracia é antes a inclusão que a eficiência, assegurando um lugar para todos e cada um. Em busca da inclusão social, e da obediência à autoridade, as burocracias imitam a estrutura social dos exércitos. Nesse tipo de burocracia, há uma disciplina do adiamento, que faz com que as pessoas obedeçam às ordens visando a recompensas futuras, assim elas não avaliam se as atividades imediatas realmente importam para elas. Galgar os degraus da burocracia e postergar a realização plena pode tornar-se um modo de vida. Sennett (2006) considera que a ética da burocracia se conforma ao espírito capitalista por essa ser essencialmente competitiva. O autor (2006) afirma que é preciso conformar-se aos símbolos e rituais para galgar os degraus da burocracia, e nesse processo o eu é inevitavelmente mortificado. Motta (1981, p. 13) complementa: “O modo burocrático de pensar leva o homem ao vazio e à luta por pequenas posições na hierarquia social de prestígio ou de consumo”. Alonso e Rodríguez (2018) afirmam que a burocracia tem sido tradicionalmente um pilar essencial do desenvolvimento do sistema capitalista industrial por facilitar uma divisão do trabalho eficaz e profunda. A burocracia é um mecanismo de controle e redistribuição da mais-valia. Na nova burocracia neoliberal, o Estado gerente tem como principal missão ativar o mercado total, ou dito de outra maneira, ajustar os indivíduos às novas disciplinas competitivas de todos os mercados em jogo. O Estado se articula à lógica do mercado, reproduzindo-a, difundindo-a e ampliando-a.

Nessa direção Weber (2004) assinala a predominância de um *ethos* profissional especificamente burguês. A conduta de vida racional fundada na ideia de profissão como vocação nasceu do espírito da ascese cristã. O poder da ascese religiosa punha à sua disposição trabalhadores sóbrios, conscienciosos, extraordinariamente eficientes e aferrados ao trabalho como finalidade da sua vida. A ascese puritana constitui a jaula de aço do trabalho capitalista. O trabalho torna-se um fim em si mesmo desprovido de sentido. A jaula de aço é a burocracia. Alonso e Rodríguez (2018, p. 156) afirmam: “De este modo el neoliberalismo, pese a su guerra contra la burocracia, la refuerza claramente por cuanto es el instrumento necesario para trasladar el mercado e la sociedad y gobernar a esta última”. A sociedade

passa a ser profundamente regulada e submetida à dinâmica competitiva. Pierucci *apud* Sanson (2021) define a ascese como o controle austero e disciplinado do próprio corpo que faz do trabalho diário um dever religioso. Dardot e Laval (2016) afirma que o capitalismo contemporâneo obriga a cada um de nós a construir a nossa própria jaula de aço pessoal. Alonso e Rodríguez (2018, p. 157) analisam que temos o exemplo dessa jaula de aço no nosso próprio espaço acadêmico, “donde la construcción de un nuevo orden competitivo (con el fin de garantizar un objetivo tan difuso como el de la «excelencia académica») ha servido para burocratizar, hasta extremos insoportables, la actividad del profesorado universitario”. O enclausuramento na jaula de aço, e o exercício do trabalho desprovido de sentido, parece impossibilitar que a configuração do Estado brasileiro no neoliberalismo e as suas consequências para a democracia esteja no horizonte de problematização e análise nas instituições brasileiras. A burocracia não deve ser problematizada, a hierarquia não deve ser desobedecida. A contemplação é uma heresia. O estudo é o oposto do êxito neoliberal. O objetivo deve ser a “excelência” e o poder.

Chauí (2020a) com referência na contribuição teórica de Étienne de La Boétie afirma que a tirania se conserva pela força do costume. Os que nascem sob a tirania não a percebem como servidão e servem voluntariamente, pois ignoram a liberdade. A indagação é porque e como os homens agem para a sua própria servidão. A força do tirano vem da ampliação colossal de seu corpo físico por meio do seu corpo político. E o corpo político ao tirano é dado por nós. Consentimos em servir de maneira voluntária porque não desejamos a liberdade. Aceitamos servir porque esperamos ser servidos. Servimos ao tirano porque somos tiranetes. Cada um serve ao poder porque deseja ser servido pelos demais que lhe estão abaixo, cada um de nós dá os bens e a vida ao poder porque deseja apossar-se dos bens e das vidas dos que lhes estão abaixo. Há desejo de servir porque há desejo de poder e há desejo de poder porque a tirania habita cada um de nós e institui uma sociedade tirânica.

Laval (2020a) fundamentado em Bourdieu, como já mencionamos, contribui para aperfeiçoar a análise. O autor (2020a) reconhece a declaração de guerra da “nobreza do Estado” à pequena função pública. Para o autor (2020a) a traição da “nobreza do Estado” à pequena função pública a fez ficar confusa, a abandonar o mundo político e a se distanciar da esquerda governamental convertida ao neoliberalismo. O resultado é um processo de destruição da ideia de serviço público, de um lado, e a introdução da gestão empresarial cujos traços mais característicos são o puritanismo vitoriano e o espírito do capitalismo, de outro lado. Laval (2023) considera que a educação deve se emancipar do paradigma capitalista e do pensamento de Estado. Conforme o autor (2023, p. 57): “Este último introduz consideráveis

efeitos de censura em todos os domínios, nomeadamente históricos, geográficos ou literários, porque não consegue livrar-se dos fundamentos místicos do Estado”.

Alonso e Rodríguez (2018) observam que o novo espírito do capitalismo tem como centralidade as ideologias de gestão. O mercado da literatura de gestão se converteu em uma verdadeira indústria de produção de ideias e se deparou com o interesse acadêmico, sobretudo por sua extraordinária influência na configuração das organizações contemporâneas. O discurso da gestão empresarial tornou-se o discurso hegemônico e definiu o espírito do capitalismo neoliberal com a disseminação dos valores empresariais na sociedade. Os livros de autores que produzem conhecimento sobre gestão se generalizaram nas últimas décadas, suas recomendações são seguidas não somente por diretores de organizações empresariais, mas também por políticos e funcionários do Estado. Ernesto Gantman *apud* Alonso e Rodríguez (2018, p. 29) afirma que: “la difusión de los conocimientos empresariales se ha realizado dentro de una esquema de tipo centro-periferia: desde Estados Unidos surgen diferentes escuelas y modas de gestión que, progresivamente, van a ser adoptadas por los imitadores locales.

A concepção espiritual do trabalho e o aparecimento de uma ética profissional nasce com a Reforma Protestante, as quais constituíram o aspecto central do capitalismo. O *summum bonum* dessa ética é ganhar dinheiro e sempre mais dinheiro, podemos acrescentar ganhar poder e sempre mais poder. Porquanto, é o Calvinismo em comparação com outras confissões que parece ter sido profícuo ao desenvolvimento do espírito capitalista. Até o advento da Reforma Protestante o trabalho era menosprezado e considerado de maneira ambivalente do ponto de vista da cristandade, era indesejável, considerado uma condição de castigo e anulação da individualidade, não era portador de um sentido para a vida e muito menos era considerado como eixo condutor da práxis da transformação social. Na Reforma Protestante, porém, o trabalho assume verdadeiramente um *status* de importância e valorização, ganhando uma ascensão espetacular como um valor. “Essa nova configuração do trabalho como afirmação do ser humano, de vida virtuosa, como valor desejável e necessário sinal de reconhecimento se inicia em Lutero e a sua tradução da Bíblia” (Sanson, 2021, p. 163).

O significado que Lutero atribui ao trabalho não se resume a atividades do labor, de trabalho manual, mas o seu conceito foi ampliado para profissão, assumindo uma nova extensão, como tarefa que cada um recebe de Deus aqui na terra, como uma condição de salvação (Sanson, 2021). Weber (2004) observa que para consolidar a vocação só serve a ação, o agir conforme a vontade de Deus a fim de aumentar sua glória. A perda de tempo é considerada o mais grave de todos os pecados, pois tempo é dinheiro. O trabalho deve ser

duro e continuado, tanto faz se corporal ou intelectual. Sanson (2021, p. 173) analisa que: “Em Calvino, ‘sabemos apenas: que uma parte dos homens é abençoada, uma outra permanece condenada’” (Sanson, 2021, p. 173). A condenação está no desperdício de tempo e, por conseguinte, a contemplação inativa e sem valor é condenável. O trabalho realizado de forma tenaz, infatigável disciplinado, acerbo deu ao capitalismo a mão de obra servil e vigorosa, forneceu a racionalidade do agir humano, desencantou o homem do mundo e o prendeu à “jaula de ferro”. O *ethos* racional ao trabalho é o novo espírito do capitalismo. “Curiosa e paradoxalmente, há uma nova vertente religiosa que se aproxima desse tipo de liberalismo que se requer na nova sociedade do trabalho: o neopentecostalismo e a sua teologia da prosperidade” (Sanson, 2021, p. 206).

Weber constatou que as ocupações produtivas são ocupadas pelos protestantes na estrutura de funcionamento do capitalismo. Os protestantes também têm a maior posse do capital com destaque nos escalões superiores do trabalho e se encontram no topo piramidal da estrutura econômica. Eles preferem uma educação que os prepare para a atividade profissional de caráter aquisitivo econômico, enquanto os católicos preferem as áreas de humanas. No neoliberalismo, parece ser intensificada a adaptação das ciências humanas aos parâmetros de funcionamento das ciências naturais e exatas, com drásticas consequências ao pensamento crítico (Sanson, 2021).

No neoliberalismo, o pensamento crítico e a produção de conhecimento significativo nas universidades brasileiras tendem a ser anulados pela cultura empreendedora e pela prática produtivista. Laval *et al.* (2011, p. 51) afirmam que: “Le travail scientifique lui-même est appelé à se modifier profondément. C’est d’abord la prédominance de la logique du ‘retour sur investissement’ que s’empare de la production de la connaissance”. As atividades científicas e educativas tendem a ser subordinadas à lógica da acumulação do capital (Laval *et al.* 2011). A redefinição da ciência como pura técnica ou pura ação é contemporânea do neoliberalismo.

Nóvoa (2015), um autor português, critica a universidade empreendedora e a emergência de práticas de gestão que fazem das universidades empresas. O autor (2015) reconhece que a vida acadêmica na maioria dos países está tomada por uma insanidade e menciona a necessidade de combater tendências dominantes no espaço universitário, como a nossa aceitação das pressões da cultura do produtivismo, e da cultura de publicar ou perecer. O autor (2015) critica o consentimento generalizado de muitos, a resignação e a apatia ao controle das nossas vidas por fatores de impacto e por um produtivismo cego que enfraquece as bases da profissão acadêmica, como se tudo fosse inevitável e não houvesse alternativa. O

autor indaga: Por que aceitamos o inaceitável? Por que é que aceitamos colaborar na erosão do nosso próprio campo científico?

Nóvoa (2015) menciona que em uma avaliação do sistema científico português, um acordo previa que apenas metade dos centros de pesquisa deveria ter financiamento. No caso da pesquisa em educação quase 70% dos centros foram eliminados logo na primeira fase por avaliadores estrangeiros que usaram métricas absurdas, sem conhecimento da realidade do país, sem visita aos centros e sem qualquer discussão com os pesquisadores.

Sguissardi e Silva Júnior (2009), por meio do seu livro intitulado “Trabalho intensificado nas federais: pós-graduação e produtivismo acadêmico”, contribuíram significativamente na produção de conhecimento sobre a predominância da lógica operacional mercadológica e do produtivismo nas universidades federais brasileiras, considerando as consequências para os professores e a sociedade. As universidades federais foram reconfiguradas com o processo de mercantilização. Nessa conjuntura, os direitos trabalhistas foram atingidos; o financiamento público, o corpo docente, o corpo técnico-administrativo e os salários foram reduzidos; a carga de trabalho e as exigências de produção e produtividade aumentaram. Nas universidades federais a precarização do trabalho foi intensificada e a sociabilidade alterada.

Silva Júnior e Schugurensky (2016) introduzem novas análises que aprimoram essa discussão, criticam as mudanças que vem se consolidando nas universidades brasileiras como reprodução das mudanças nas universidades americanas, e o fato de nossas instituições formadoras de seres humanos trabalharem para a economia dos países centrais. Dessa perspectiva, os autores (2016) observam, a partir da década de 1990, a predominância dos “Herdeiros do Futuro”, como novos intelectuais que reformam a prática das instituições universitárias, eles são passíveis e passivos, e produzem uma nova cultura mundial de apologia à ideologia da eficiência contra a natureza pública das universidades e contra a sua autonomia. Tal cultura não é necessariamente uma imposição do Estado, mas é produzida pelos próprios intelectuais das universidades que ocupam posições nelas ou em órgãos do Estado nas distintas esferas administrativas. Esses próprios intelectuais induzem à mudança da natureza do trabalho do professor pesquisador na direção de resultados comercializados, substituindo o compromisso com a cultura acadêmica científica pelo desempenho econômico e financeiro. Os novos doutores ou intelectuais que chegam não questionam essa cultura do desempenho econômico e financeiro, ao contrário, contribuem para a sua consolidação. Silva Júnior e Schugurensky (2016, p. 13) afirmam: “É interessante observar como há tempos a formação da universidade eficiente é feita por professores formados por essa orientação. Esta

mesma orientação induz a estrutura e organização da educação básica, seus currículos, modelos de avaliação e gestão”. Os autores (2016) mencionam que mesmo nos governos de esquerda, de Dilma Rousseff e Lula, essa nova cultura universitária continuou sendo reproduzida.

Sguissardi (2015) afirma que um dos traços essenciais do intelectual é a capacidade de ser e permanecer dono do seu tempo. No entanto, com a mercadorização da ciência inerente a fase monopolista do capital com predominância financeira, os intelectuais críticos são transformados em profissionais alienados ou intelectuais institucionais, sob regimes de tempo e produtividade cada vez mais curtos e rígidos. Sguissardi (2015) afirma que é hora de perguntarmos a quem interessa o fim do intelectual crítico, o qual é imprescindível para a manutenção e o avanço da democracia.

Bianchetti; Valle e Pereira (2015) indagam: com a extensão do *éthos* econômico a todas as esferas do mundo social, sobre todos os processos de ensino, pesquisa, extensão e gestão das universidades, a racionalidade do *Homo academicus* estaria sendo absolvida pela lógica do *Homo æconomicus*? Laval (2007) observa que o *homo æconomicus* procura a sua vantagem pessoal ao máximo e, por conseguinte, se encerra na lógica da produção pela produção.

A problematização de Pilger é significativa para a análise da predominância de adesão da maioria dos indivíduos ao neoliberalismo, inclusive no interior das universidades. Pilger (2004), anteriormente mencionado, denuncia a predominância de um silêncio na contemporaneidade que protege as mais altas esferas do poder e suas manipulações. O autor (2004) considera que nunca existiu tanto silêncio. O autor (2004) pensa que são os professores e pesquisadores das universidades que dispõem de recursos para compreender essa problemática, mas omitem publicamente esse conhecimento. Para Pilger (2004), o silêncio de professores e pesquisadores faz com que os governos os tornem irrelevantes e cancelem verbas, além de menosprezar conhecimentos sobre a maneira como o mundo funciona. Pilger (2004) indaga: quando os professores universitários calam a voz do seu próprio conhecimento, para quem se pode voltar o público? Bianchetti, Valle e Pereira (2015, p. 96) assinalam: “Ocorre que o intelectual deixa de existir quando se cala ou quando aquilo que afirma deixa de inquietar, de provocar, de estimular a crítica e o debate”. Chomsky (2006) reconhece a necessidade de os intelectuais assumirem a responsabilidade de dizer a verdade e denunciar as mentiras. Para Pilger (2004), os mitos tomam o lugar das grandes verdades quando elas são omitidas.

Harvey (2011) considera que muitos “intelectuais” se tornaram cúmplices da política neoliberal e reprimem as correntes críticas e radicais do pensamento. Harvey (2011) reconhece que a atual estrutura do conhecimento é disfuncional e ilegítima com a predominância de concepções mentais profundamente arraigadas e associadas às teorias neoliberais. O autor (2011) admite a necessidade de novas concepções mentais para compreender o mundo. Laval (2007) afirma que a extensão da racionalidade econômica opera uma grande mutação mental e intelectual na qual os fins individuais são desvinculados do dever coletivo. Conforme o autor (2007) a noção de interesse se estende a toda a conduta humana, e aparece como noção chave da racionalização de diferentes domínios da vida política, social e econômica.

Chauí (2024) esclarece sobre diferentes modelos de universidade predominantes no Brasil. Segundo a autora (2024) a universidade que ela frequentou era a “universidade clássica” e, também aristocrática, pensada para poucos. Tal universidade predominou no período dos anos 1930 até o começo dos anos 1960, era uma universidade de formação, mas principalmente, de reprodução dos seus próprios quadros. Conforme Chauí (2024) a construção da universidade crítica, em 1968, foi bloqueada pela ditadura. A universidade crítica colocava em questão a universidade clássica e aristocrática, a própria sociedade e o saber constituído. A universidade da ditadura é a “universidade funcional”, destinada a formar mão de obra para o mercado. Na conjuntura de 1980, a “universidade funcional” é substituída pela “universidade de resultados”, essa tem de provar ser útil para a sociedade no que se refere a formar mão de obra qualificada e produção de bens e serviços para as camadas médias e mais altas da sociedade. A universidade que começa em meados dos anos 1990 e que está em vigência é a “universidade operacional”, ela é a expressão mais alta do neoliberalismo. A “universidade operacional” funciona como uma organização e não como uma instituição social, funciona como uma empresa em função da produtividade. A autora pensa que a construção de alternativas depende do exercício da nossa liberdade.

Rama (2006) esclarece que as primeiras universidades nasceram nas novas cidades (burgos), no que hoje chamaríamos sociedade civil, nas oficinas, na atividade independente de professores e aprendizes, na procura da verdade, superando os poderes e o controle das religiões e dos Estados, ainda que no contexto do cristianismo. Rama (2006) assinala que estas instituições privadas de artesãos, professores e estudantes aprendizes foram lentamente controladas pelos poderes consolidados que tendiam a estabelecer as suas prerrogativas e obrigavam as corporações universitárias a exigirem a sua legitimação através de bulas papais ou dos decretos dos reis e da nobreza, o que lhes deu o poder de conceder graus e licenças.

Conforme Charle e Verger (1996, p. 14): “Esse desenvolvimento espontâneo inquietou a Igreja que, desde a alta Idade Média, afirmava seu monopólio em matéria escolar e colocou em funcionamento o sistema de *licentia docendi*: para abrir uma escola, mesmo que particular”. Rama (2006) afirma que esta origem independente, ainda que no contexto do cristianismo e em uma completa simbiose entre o público e o privado estará na base da história das universidades e será a raiz das lutas autônomas das comunidades acadêmicas. A Igreja promoveu a orientação restritiva dos saberes nas universidades em um contexto internacional através da fé. Os reis e senhores, por sua parte, e mais tarde os Estados que eles criaram impunham nas universidades a subordinação aos poderes locais.

Charle e Verger (1996, p. 18) acrescentam que as primeiras universidades não obedeciam a um modelo único, seus sistemas pedagógicos e institucionais eram bastante distintos. “Na região norte da Europa (Paris, Oxford), as universidades eram antes de tudo associações de mestres ou, se quisermos, federações de escolas”. Segundo os autores (1996) a universidade no sentido de comunidade autônoma de mestres e alunos reunidos para assegurar o ensino de um determinado número de disciplinas em um nível superior é uma criação específica da civilização ocidental, nasceu na Itália, na França e na Inglaterra no início do século XIII. “Esse modelo, pelas vicissitudes múltiplas, perdurou até hoje (apesar da persistência, não menos duradoura, de formas de ensino superior diferentes ou alternativas) e disseminou-se mesmo por toda a Europa” (Charle e Verger, 1996, p. 8). A partir do século XVI, sobretudo, dos séculos XIX e XX disseminou-se por todos os continentes, e tornou-se o elemento central dos sistemas de ensino superior. Porém, a instituição universitária se transformou profundamente através dos séculos.

Na conjuntura do neoliberalismo o objetivo é a desconstrução do que possa restar da tradição da universidade dos artífices na procura da verdade. La Boétie (1999) considera que não devemos construir as mentiras para depois acreditar nelas. Segundo Sennett (2009) pode parecer que com o advento da sociedade industrial a “habilidade artesanal” como estilo de vida tenha desaparecido, no entanto, ela não desapareceu. A habilidade artesanal designa o desejo de um trabalho bem-feito, um impulso humano básico e permanente. No entanto, as condições sociais e econômicas se interpõem no caminho da disciplina e do empenho do artesão. O desejo do artesão de fazer alguma coisa bem-feita pelo simples prazer pode ser comprometido por pressões competitivas. O artífice focaliza a relação íntima entre a mão e a cabeça e sustenta um diálogo entre as práticas concretas e as ideias, pensar e fazer é inerente ao trabalho do artífice. O Iluminismo acreditava que existe um artífice inteligente na maioria de nós, que todos temos a capacidade de fazer bem algum trabalho. No entanto, a civilização

ocidental caracteriza-se por uma arraigada dificuldade de estabelecer ligações entre a cabeça e a mão, de reconhecer e estimular o impulso da atividade artesanal. O trabalho rigoroso e com padrões elevados confere ao artífice um senso especial de respeito próprio, pensar como um artífice representa uma aguda posição crítica na sociedade.

Para o artífice a autoridade reside na qualidade de suas habilidades, e a perícia que está por trás da autoridade é inseparável da sua ética. Na prática artesanal quanto mais lenta e minuciosamente o ourives trabalhava com as mãos, mais honesto ele parecia aos pares. Na prova, literalmente, o ourives testava a teoria com as mãos. O orgulho pelo trabalho bem-feito nos mantém ligados aos valores. Na civilização ocidental existe uma arraigada dificuldade de estabelecer ligações entre a mão e a cabeça, de reconhecer o impulso da perícia artesanal. É o tempo lento do artífice que permite a reflexão, os que são consumidos pela obsessão competitiva do sistema capitalista perdem de vista com facilidade o valor e o propósito do que estão fazendo, não pensam no tempo lento do artífice, que permite a reflexão. Conforme Sennett (2009, p. 297): “o impulso para a realização do bom trabalho pode conferir às pessoas um sentimento de vocação; as organizações mal constituídas ignoram o desejo de seus integrantes de que a vida faça sentido, enquanto as bem constituídas tratam de aproveitá-lo”.

Segundo Williams (2018), a combinação de teoria e prática, de aprender a fazer, para Paulo Freire é a práxis. De acordo com Paulo Freire, a revolução é constituída com a práxis, com a reflexão e a ação dirigida para a transformação das estruturas. De acordo com Arendt (1997, 1998, 2010) a práxis é a atividade política por excelência, pois somente a ação depende inteiramente da constante presença dos outros. A política surge entre os homens e baseia-se na pluralidade dos homens. Castoriadis (1982) observa que a práxis visa ao desenvolvimento da autonomia como fim, de modo que existe nela um por fazer, no qual o outro ou os outros são considerados seres autônomos e sujeitos da constituição da sua própria autonomia, pois nela progridem reciprocamente a elucidação e a transformação do real, e a teoria emerge constantemente da própria atividade. A práxis é diferente da aplicação de um saber preliminar, ela é a atividade consciente e só pode existir na lucidez: a vontade de lucidez de um revolucionário não é determinada por limites. Castoriadis (1987-1992) assinala que a política é a primeira emergência histórica do projeto de autonomia coletiva e individual, sendo criada entre o indivíduo e o instituinte como questionamento explícito da instituição estabelecida na sociedade, nos diferentes aspectos e dimensões. O nascimento da política significa o nascimento da liberdade como social-historicamente efetiva.

Sennett (2006) observa que a cultura que vem emergindo com o novo capitalismo pressiona os indivíduos para que não percam oportunidades, repudia o esforço e o

compromisso, e estamos vivendo um modo de vida cada vez mais superficial. O autor (2006) assinala que o compromisso exige fechamento, renunciando a possibilidades para concentrar-se em uma coisa só, geralmente está ligado à necessidade de fazer algo bem-feito que caracteriza um artesão orgulhoso e possessivo em relação ao que fez. Para Sennett (2006), o fazer algo bem-feito é um compromisso desinteressado, e o que pode motivar as pessoas emocionalmente, de outra forma elas sucumbem na luta pela sobrevivência. Ao contrário, a mobilidade do novo mundo do trabalho impede que o desejo de fazer algo bem-feito possa enraizar-se nas experiências de uma pessoa ao longo de anos ou décadas. “O sistema educacional que treina as pessoas para o trabalho móvel favorece a facilidade, às custas do aprofundamento” (Sennett, 2006, p. 177).

Na cultura do novo capitalismo, as capacitações fixas são rapidamente postas em questão. Cada vez mais as organizações valorizam capacitações humanas portáteis “a capacidade de trabalhar em vários problemas com um plantel de personagens constantemente mudando, separando a ação do contexto” (Sennett, 2006, p. 131). A mobilidade mental termina por não se envolver em profundidade. O trabalho em constante mudança não é uma posse, nem tem conteúdo fixo, e isso significa o triunfo da superficialidade no trabalho. “Uma organização em que os conteúdos estão constantemente mudando requer mobilidade para resolver problemas; qualquer envolvimento profundo num problema seria contraproducente, pois os projetos terminam tão abruptamente quanto começaram” (Sennett, 2006, p. 117).

Sennett (2003) esclarece que essa nova forma de trabalho impede a formação do caráter, pois este é expresso na prática de adiar a satisfação em troca de um fim futuro, pela busca de metas a longo prazo. “O termo caráter concentra-se, sobretudo, no aspecto à longo prazo de nossa experiência emocional” (Sennett, 2003, p. 10). A formação do caráter depende de virtudes estáveis como lealdade, confiança, comprometimento e ajuda mútua, por isso ela está sendo impedida por essa nova forma de trabalho, uma vez que tais hábitos estão desaparecendo do novo capitalismo. O autor considera que para “[...] imaginar comunidades dispostas a enfrentar o novo capitalismo, devemos também pensar na força do caráter” (Sennett, 2003, p. 173). La Boétie (1999) considera que contemporizamos e obedecemos à força e o poder do tirano por motivo de sermos fracos. “A gente subjugada não tem júbilo nem furor no combate [...] e não sente ferver em seu coração o ardor da liberdade” (La Boétie, 1999, p. 26).

O *homo aeconomicus* não tem disposição para enfrentar o novo capitalismo, ele é uma peça de uma “megamáquina” que é o sistema social totalmente organizado e homogêneo, conforme assinala Fromm (1969). Fromm (1969) observa a predominância de uma sociedade

completamente mecanizada, dedicada à máxima produção e consumo materiais e dirigida por computadores na qual o próprio homem está sendo transformado em uma parte da máquina total de maneira passiva, não-viva e com pouco sentimento. Fromm (1969) considera que a máquina social trabalha mais eficazmente quando as pessoas são reduzidas a unidades puramente quantificáveis e facilmente administradas por regras burocráticas porque não criam dificuldades ou provocam atrito. O autor (1969) afirma que a insensibilidade interior é consequência da passividade criada pela nossa exclusão da tomada de decisões responsáveis, nos desumanizamos em nome da eficiência. A passividade é um sintoma de uma síndrome total que é a “síndrome da alienação”. Fromm (1969, p. 20) pontua que: “Como seres humanos não temos outras metas senão produzir e consumir cada vez mais”. O autor (1969) percebe uma desesperança inconsciente e generalizada que impossibilita mudarmos o caminho que tomamos. Para Fromm (1969), a esperança é decisiva para qualquer tentativa de mudança social e a firmeza é a capacidade de dizer não quando o mundo que ouvir sim. “Aqueles cuja esperança é fraca decidem pelo conforto ou pela violência; aqueles cuja esperança é forte vêm e apreciam todos os sinais da nova vida e estão prontos a todo instante para ajudar no nascimento daquilo que está pronto para nascer” (Fromm, 1969, p. 27).

Com referência na contribuição teórica de Gramsci, Soares (2004) nos convida ao pensamento e compreensão sobre as universidades e escolas concretas com as quais hoje convivemos. Para a autora (2004) não devemos negar a escola existente, é no contexto do capitalismo que devemos começar a construir universidades e escolas democráticas e que devemos travar o embate social e político. Segundo a autora (2004), Gramsci considera que a luta pela hegemonia dos movimentos populares deve ser realizada por meio dos seus espaços dentro da sociedade civil e, por conseguinte, dentro da escola existente, com referência no projeto de “escola unitária”. Dessa perspectiva, embora com limitações a superar, principalmente por motivo da predominância de reformas e práticas neoliberais, podemos considerar a democratização do acesso às universidades brasileiras nos governos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e da Presidente Dilma Rousseff um marco na democracia do Brasil. Laval e Vergne (2023) assinalam que Gramsci defende a verdadeira escola democrática por meio da escola unitária comprometida com a formação de coletivos de trabalhadores responsáveis pela vida econômica e social.

Laval e Vergne (2023) recordam que a concepção individualista de ascensão dos estudantes das classes populares mais dotados academicamente foi criticada por muito tempo por aqueles que lutaram por uma sociedade socialista, pois eles compreendiam que a salvação desses estudantes pela escola lhes parecia um meio perigoso inventado pela burguesia para

que eles se voltassem contra as classes populares ao compor as classes superiores. Por outro lado, os mais otimistas acreditavam nas potencialidades emancipatórias da escola, confiavam que ela poderia ser tal como o sindicato ou a ação dos partidos operários um fator de progresso social por meio da elevação do nível cultural das classes populares. A esquerda tornou essa possibilidade de emancipar os estudantes das classes populares pela ascensão acadêmica a sua grande causa. Laval e Vergne (2023) observam que a democratização quantitativa da escola não possibilitou a conquista da “igualdade de oportunidades”, verificaram que não basta escolarizar para democratizar, uma vez que existe correlação entre as desigualdades educacionais e as desigualdades sociais.

Conforme Laval e Vergne (2023) a crise da esperança de emancipar os estudantes das classes populares pela ascensão acadêmica foi provocada pelo neoliberalismo ao promover a centralização da aprendizagem na aquisição de competências úteis à sociedade, conectadas tanto quanto possível às empresas. Os autores (2023) consideram que a igualdade que deve caracterizar uma educação democrática não poder ser limitada àquelas das chances de sucesso ou resultados escolares. Ela deve visar uma igualdade social e política para todos os membros da sociedade. Laval e Vergne (2023, p. 21) afirmam que: “uma educação realmente democrática é inconcebível em um mundo onde a democracia esteja ausente dos locais de trabalho e estudo, e, mais geralmente, das condições de vida, do bairro, da cidade e dos territórios”. É importante saber o que é a educação para a democracia. Para os autores (2023), a democracia tem o autogoverno seu princípio geral, é o poder instituinte dos cidadãos e dos produtores, que pressupõe a autoreflexividade no âmago de todas as instituições da sociedade, sejam elas políticas ou econômicas. A democracia é caracterizada por uma forma de vida de exercício ativo da inteligência social e da participação pública nos assuntos gerais da sociedade, e a escola deve contribuir na formação de “mentalidades democráticas”. Uma escola democrática deve desconstruir o imaginário industrialista e produtivista, visar ao máximo o desenvolvimento da atividade própria dos alunos, proporcionar a produção do conhecimento mais livre, a educação universal e a autoformação permanente, permitir aos estudantes a experiência da autonomia individual e do autogoverno coletivo.

O autogoverno contra a ditadura neoliberal pode ser construído na universidade democrática, por meio da realização de um trabalho de artífice comprometido com a emancipação dos estudantes, com o bem comum e com a construção da universidade crítica baseada nos valores universais da humanidade. Laval e Vergne (2023) ressaltam que a educação é um bem comum e não uma mercadoria. A educação como um bem comum não

pode ser apropriada por nenhum indivíduo, nenhum grupo, nenhum Estado. Ela é de todos por princípio.

Laval e Vergne (2023) analisam que com a implementação das políticas neoliberais a própria ideia um “serviço público de educação” foi enfraquecida em prol de uma idealização da Empresa. Os líderes políticos da direita ou da esquerda dita governamental têm se dedicado à lógica invasiva da rentabilidade e da competitividade. Dessa ordem, o objetivo da eficácia econômica se sobrepõe ao da emancipação humana, com certa despolitização da questão da escola, e devemos repolitizar a questão da escola com oposição à repolitização reacionária que vivemos hoje. Laval e Vergne (2023, p. 16) afirmam que: “A educação não sofre do excesso de liberdade ou de democracia, como o pretendem esses discursos conservadores. Ela ao contrário, carece delas”. Os autores (2023) assinalam que a democracia é o único fundamento do direito universal à educação. Os autores (2023) afirmam que se temos a intenção de reduzir as desigualdades e desenvolver formas de participação democrática, somos novamente confrontados com a questão da revolução. Para tanto, os autores (2023) nos convoca coletivamente a romper com a velha ordem do mundo, por meio de uma revolução democrática, social e ecológica, com a participação de todos em todos os níveis e na tomada de decisões. Conforme Laval e Vergne (2023), na perspectiva da ruptura devemos pensar em conteúdos da indispensável revolução escolar.

Laval e Vergne (2003) consideram que temos de passar das mobilizações defensivas às proposições ofensivas, que temos de constituir um combate político contra todos os defensores do Estado autoritário de direita ou de esquerda. Laval e Vergne (2023, p. 29) afirmam que: “devemos apostar nas práticas alteradoras, conduzidas ou apoiadas por coletivos críticos de professores e pesquisadores, em conjunto com os principais sindicatos de professores, liceais e estudantes, e com associações de pais e alunos”. Os autores esclarecem que a constituição democrática da educação se realiza nas lutas e nas experimentações. A escola deve se emancipar dos poderes que buscam subjugar-la, a luta interna às instituições é uma luta externa que é de responsabilidade de toda a sociedade.

Laval e Vergne (2023) ressaltam a necessidade inadiável de construirmos nas lutas transnacionais uma verdadeira política mundial dos saberes e, especialmente, uma reinstituição do saber em uma perspectiva cosmopolítica. Conforme os autores (2023), é imprescindível constituirmos o sentimento de fazer parte de um movimento comum, reivindicando os valores da justiça, da igualdade, da solidariedade e da educação como um direito universal. Os autores ressaltam que: “Todo o desafio político da cultura comum reside, portanto, na criação das condições intelectuais de uma democratização real da economia e da

sociedade” (Laval e Vergne, 2023, p. 154). O conhecimento como bem comum mundial tem de realmente ser instituído, com uma resistência incondicional, pela coletividade como um todo. A educação democrática deve ter o compromisso de restaurar em toda a sociedade um valor plenamente humano fundamentado na cultura e nos saberes. A educação democrática é a que se opõe à dominação cientificista que desvaloriza a capacidade dos cidadãos de raciocinar. A educação democrática valoriza os saberes oriundos marginalizados ou ignorados nas esferas científicas oficiais. Os autores defendem uma pedagogia instituinte e comprometida com a finalidade democrática.

Williams (2018) fundamentado na contribuição teórica de Harnecker considera que devemos entender a política como a arte de construir força social e política com condição de mudar a correlação de forças em favor do movimento popular contra a tirania do capitalismo. Castoriadis (1987-1992) define a política como um projeto de autonomia. Para o autor (1987-1992, p. 145), a política é “atividade coletiva refletida e lúcida visando a instituição global da sociedade com tal [...] à política concerne tudo o que, na sociedade, é participável e partilhável”, é uma atividade auto-instituinte. Castoriadis (1987-1992) considera necessário abrir ao máximo o caminho à manifestação do instituinte e introduzir o máximo possível de reflexividade na atividade instituinte explícita e no poder explícito. O autor (1987-1992) menciona que é imperativo formar instituições que tornem a reflexividade coletiva efetivamente possível. Williams (2018) defende uma articulação das lutas locais em favor da justiça com a luta maior e mundial contra o ataque violento do neoliberalismo. Para o autor (2018) não podemos nos limitar somente a “realizar o bom combate”, temos de encontrar maneiras de ir mais adiante e reexaminar e redefinir tanto nossa prática como nossas noções de política e do movimento político, considerando o protagonismo popular e a necessidade da liderança política que contribua para que o movimento popular construa a capacidade de enfrentar aqueles que o oprimem e o exploram.

Harnecker (2018) considera que a política para a esquerda deve ser a arte de tornar possível o impossível, a arte de construir a força social e política que permita mudar a correlação de forças. A esquerda não pode se limitar às disputas políticas institucionais pelo controle do parlamento, dos governos locais, para ganhar um projeto de lei ou algumas eleições, pois nessa forma de conceber a política a esquerda ignora os setores populares. A esquerda não pode limitar o trabalho político ao uso da institucionalidade vigente. Harnecker afirma que entende por esquerda “o conjunto de forças que se opõem ao sistema capitalista e sua lógica de lucro, e lutam por uma sociedade alternativa humanista e solidária, construída a partir dos interesses das classes trabalhadoras” (Harnecker, 2018, p. 37). Para a autora (2018),

a esquerda não se reduz aos que militam em partidos e organizações políticas de esquerda, mas inclui atores e movimentos sociais. A autora (2018, p. 51) assinala que: “Hoje, mais do que antes, devemos enfrentar não apenas os aparatos da coerção política burguesa, mas também os mecanismos e instituições presentes na sociedade civil que geram uma aceitação popular da ordem social capitalista”. Segundo a autora (2018) devemos construir um projeto nacional e social mais global para aglutinar e servir de bússola a todos os setores que se opõem ao neoliberalismo, fundamentado em autênticos graus de poder a partir da base, mas que não se encerre nela, na base, no localismo, no corporativismo, e que não se reduza à simples demanda de reivindicações econômicas.

Na realidade brasileira, as práticas instituintes da democracia na década de 1980 revelam a construção da política como autonomia fundamentada na *vita activa* coletiva por meio da reafirmação de uma esfera pública não burguesa e por um projeto social nacional de compromisso com a condição humana e com o bem comum. Na conjuntura atual, o desafio é reconstruir e aprimorar tais práticas, contra a ditadura do neoliberalismo e a sua revolução conservadora, reafirmando a nossa narrativa de vida e a nossa confiança de que a vida faz sentido. Corroborando Marx e Engels (1996a, p. 32) é no movimento real que superaremos o estado de coisas atual. “As condições desse movimento resultam de pressupostos atualmente existentes”.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudamos como objeto de pesquisa a configuração do Estado brasileiro no neoliberalismo e a educação escolar pública nessa conjuntura. Resolvemos estudar a configuração do Estado por motivo de observar, por meio de pesquisas realizadas anteriormente, a tendência de ascensão dos empresários em órgãos governamentais na condição de políticos. Ademais, as reformas educacionais limitadas aos objetivos da demanda do setor produtivo ganharam predominância. Consideramos a contribuição teórica de autores clássicos e contemporâneos que contribuem na análise do objeto de estudo sob a dimensão dialética. Verificamos a impossibilidade de análise do objeto de estudo sem estabelecer relação com os acontecimentos econômicos, políticos e sociais transnacionais. No estudo do Estado em diversos autores verificamos a sua articulação e subjugação aos interesses imperialistas dos capitalistas financeiro-rentistas por meio da implementação de políticas neoliberais na conjuntura mundial. Verificamos a predominância transnacional do capitalismo financeiro-rentista que é alimentado com a acumulação do capital por meio da espoliação e recorrendo à colaboração dos Estados múltiplos, por meio da coerção ou participação consentida. No caso do Brasil, observamos a tendência do impulsionamento de práticas governamentais do mercado no interior do Estado com a ocupação deste por empresários e seus aliados com o objetivo de transformar qualquer governante eleito democraticamente em seu gerente contra o Estado democrático comprometido com os direitos da maioria. Verificamos que os capitalistas financeiro-rentistas e seus gestores no campo político e jurídico articulam golpes de Estado quando são contrariados por governantes com prática democrática, com a colaboração de homens econômicos governáveis no âmbito da sociedade civil e das instituições, com o objetivo de apropriação total ou quase total do Estado. Analisamos que a possibilidade de resistência é a eleição de representantes políticos comprometidos com o Estado social e democrático e a participação política contínua e firme da sociedade brasileira comprometida com os valores democráticos universais, e com a reafirmação da esfera pública não burguesa.

Analisamos que a lógica produtivista predominante em escolas e universidades tem relação com a ascense protestante inerente ao neoliberalismo estadunidense, que desqualifica a formação acadêmica e a produção de conhecimento baseada no pensamento crítico e com compromisso social. A tendência é que a maioria dos professores e pesquisadores reproduza e impulsione a prática da ascense protestante, encerrados na jaula de aço da burocracia por recompensas em curto prazo e distanciados do sentido do seu trabalho. Nessa direção,

contribuem para a reprodução da revolução conservadora e, por conseguinte, impossibilitam a construção de resistências coletivas que possam contribuir com a revolução democrática. Analisamos que as instituições de cultura organizacional autoritária, com maior número de indivíduos com práticas autoritárias e/ou conformistas, resistem menos à ascese protestante e contribuem com a revolução conservadora. Por outro lado, as instituições de cultura organizacional democrática, com maior número de indivíduos com práticas democráticas, resistem mais à ascese protestante e contribuem para a revolução democrática. No entanto, existe uma tendência de homogeneização das instituições por motivo da pressão do Estado por eficiência.

Neste trabalho constituímos o objeto de estudo como continuidade e problematização da produção de conhecimento de pesquisas que realizamos anteriormente não somente no sentido de aperfeiçoá-las para o debate acadêmico, mas de cooperar para a práxis coletiva fundamentada na emancipação e reafirmação da ação política. O nosso objetivo é contribuir para a constituição de uma práxis instituinte da revolução democrática em uma conjuntura de barbárie e tirania da revolução conservadora do grupo de iguais contra os direitos da maioria. Quando os tempos são sombrios buscamos dialogar com a nossa história, com os homens e mulheres que enfrentaram outros tempos sombrios com dignidade e compromisso coletivo por conquistas políticas humanas e universais que ultrapassam o seu tempo e o seu espaço, com referência no *amor mundi*. O sentido das nossas instituições é a reafirmação dessa tradição contra a burocracia do capitalismo neoliberal que banaliza o mal e nos desumaniza, nos coisificando para reproduzi-la como *homo œconomicus* governável. Com a contribuição teórica de Max Weber, observamos que para os homens de espírito essencialmente burguês essa tradição não importa, não ressoa como significado, o que eles querem é dinheiro e sempre mais dinheiro, poder e sempre mais poder. Com efeito, o *homo œconomicus* governável reproduz a prática do sacrifício da ascese protestante desde o interior da sua jaula de aço. Ele se nega a conhecer a liberdade desinteressada do *homo politicus* que reafirma o sentido da vida resistindo ao curto prazismo e ao produtivismo insano e propulsor da frieza burguesa. Com efeito, o *homo politicus* manifesta a coragem para constituir a práxis instituinte da revolução democrática, reafirmando-a como virtude política.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. *Aspectos do novo radicalismo de direita*. Tradução de Felipe Catalani. São Paulo: Editora da Unesp, 2020.
- ADORNO, Theodor W.; Horkheimer, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução de Guido Antônio de Almeida. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ADORNO, Theodor W. La técnica psicológica de las alocuciones radiofónicas de Martin Luther Thomas – Estudios sobre la personalidad autoritaria. In: ADORNO, Theodor. *Escritos sociológicos II*. Traducción Agustín González Ruiz. Madrid: Ediciones Akal, 2009. v. 1.
- ADORNO, Theodor W. *Minima Moralia: arte e comunicação*. Tradução de Artur Morão. Lisboa, Portugal: Edições 70 Ltda., 1951.
- ADRIÃO, Theresa. *Dimensões da privatização na Educação Básica no Brasil: um diálogo com a produção acadêmica a partir de 1990*. Brasília, DF: ANPAE, 2022. Disponível em: <https://www.seminariosregionaisanpae.net.br/BibliotecaVirtual/10-Livros/LIVROS-2022/DialogosComProducaoAcademica-2022.pdf> Acesso em: 17 out. 2024.
- ADRIÃO, Theresa; PERONI, Vera. *O público e o privado na Educação, interfaces entre Estado e sociedade*. São Paulo: Xamã, 2005.
- AGÊNCIA SENADO. Dia do Maçom será comemorado em sessão solene do Congresso. Brasília, DF. 11 ago. 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/08/11/dia-do-macom-sera-comemorado-em-sessao-solene-do-congresso#:~:text=O%20dia%20de%20agosto,Uni%C3%A3o%20e%20Tranquilidade%2C%20em%201822>. Acesso em: 22 out. 2024.
- ALONSO, Luis E.; RODRÍGUEZ, Carlos J. F. *Poder y sacrificio: los nuevos discursos de la empresa*. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 2018.
- ANTUNES, Marco A. O público e o privado em Hannah Arendt. Disponível em: bocc.ubi.pt/pag/antunes-marco-publico-privado.pdf. Acesso em: 17 fev. 2024.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- ARENDT, Hannah. *A vida do espírito*. Tradução de Cesar Augusto R. de Almeida, Antônio Abranches e Helena Franco Martins. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- ARENDT, Hannah. *Compreender: formação, exílio e totalitarismo (ensaios)*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ARENDDT, Hannah. *La crise de la culture: huit exercices de pensée politique*. Paris: Folio essais, Éditions Gallimard, 1972.

ARENDDT, Hannah. *La promessa de la política*. Traducción de Eduardo Cañas y Fina Birulés. Barcelona: Austral/Area Editorial Grupo Planeta, 2018.

ARENDDT, Hannah. *O que é política*. Tradução de Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

ARENDDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. Tradução de Roberto Raposo. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARENDDT, Hannah. *Sobre a revolução*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

AVELINO, Nildo. Foucault e a racionalidade (neo)liberal. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 21, Brasília, set./dez. 2016, p. 227-284.

BANCO MUNDIAL. Documento de trabalho do setor educacional. In: BROOKE, Nigel (org.). *Marcos históricos na reforma da educação*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012. p. 77-88.

BAUER, Jerry. In: KUTTNER, Robert. *Tudo à venda: as virtudes e os limites do mercado*. Tradução de Claudio Weber Abramo. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Texto da orelha do livro.

BERNARDO, João. *Democracia totalitária: teoria e prática da empresa soberana*. São Paulo: Cortez, 2004.

BERNARDO, João. *Economia dos conflitos sociais*. São Paulo: Cortez, 1991.

BERNARDO, João. *Estado: a silenciosa multiplicação do poder*. São Paulo: Escrituras Editora, 1998.

BÉRTOLO, Constantino. Prólogo In: CAMPAÑA, Mario. *Una sociedad de señores: dominación moral y democracia*. Ciudad de México, México: Jus, Libreros y Editores S. A. de C. V., 2017. p. 7-15.

BEVINS, Vincent. *O método Jacarta: a cruzada anticomunista e o programa de assassinatos em massa que moldou o nosso mundo*. Tradução de Gabriel Carin Deslandes. São Paulo: Autonomia Literária, 2022.

BIANCHETTI, Lucídio; VALLE, Ione; PEREIRA, Gilson. *O fim dos intelectuais acadêmicos? Induções da CAPES e desafios às associações científicas*. Campinas: Autores Associados, 2015.

BIANCHI, Alvaro. *Um ministério dos industriais: a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo na crise das décadas de 1980 e 1990*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2010.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Tradução de Maria João Alvarez; Sara Bahia dos Santos; Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto Editora, 1994.

BORBOLLA, Óscar de la. *La rebeldía de pensar*. México: Fondo de Cultura Económica, 2019.

BORGES, Iara Farias. *Congresso Nacional celebra os 200 anos do Grande Oriente do Brasil*. Brasília, DF. Radio Senado, 20 jun. 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2022/06/20/congresso-nacional-celebra-os-200-anos-do-grande-oriente-do-brasil#:~:text=Ma%C3%A7onaria-.Congresso%20Nacional%20celebra%20os%20200%20anos%20do%20Grande%20Oriente%20do,de%20lojas%20ma%C3%A7%C3%B4nicas%20no%20pa%C3%ADs>. Acesso em: 22 out. 2024.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2013.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre o Estado: cursos no Collège de France (1989-92)*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BRESSER-PEREIRA, Luiz C. *A construção política do Brasil*. Sociedade, economia e Estado desde a independência. São Paulo: Editora 34, 2014.

BRESSER-PEREIRA, Luiz C. Capitalismo financeiro-rentista. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.32, n.92, p. 17-29, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/ptBDvD5MzRN7yq4hghpkCJp/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 17 out. 2024.

BRESSER-PEREIRA, Luiz C. Depois do capitalismo financeiro-rentista, mudança estrutural à vista? *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, v.36, n.21, p. 137-151, mar. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/QGzjWYDhjmtDKM3fbPYfp6C/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 17 out. 2024.

BRESSER-PEREIRA, Luiz C. Depois do capitalismo, o gerencialismo democrático. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v.61, n. 3, p. 1- 11, 2021. Disponível em: <https://hml-bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/83785/79406> Acesso em: 17 out. 2024.

BRESSER-PEREIRA, Luiz C. Um intelectual tenta dizer quem é. *In: A terra é redonda*. [S. l.] 05 mar. 2024. Disponível em: aterraeredonda.com.br/um-intelectual-tenta-dizer-quem-e/ Acesso em: 5 mar. 2024.

BRIAN, Mier *et al.* O envolvimento dos EUA no golpe que culminou com a eleição de Bolsonaro. *In: A terra é redonda*. [S. l.] 08 maio 2024. Disponível em: aterraeredonda.com.br/o-envolvimento-dos-eua-no-golpe-que-culminou-com-a-eleicao-de-bolsonaro/ Acesso em: 17 out. 2024.

BROWN, Wendy. *El pueblo sin atributos: la secreta revolución del neoliberalismo*. Traducción de Víctor Altamirano. Barcelona: Malpaso, 2015.

BROWN, Wendy. *Estados murados, soberania em declínio*. Tradução de Mariana Strassacapa. São Paulo: Kazimira Editora, 2023.

BROWN, Wendy. *Les habits neufs de la politique mondiale, néolibéralisme et néo-conservatisme*. Traduit par Christine Vivier, Philippe Mangeot et Isabelle Saint-Saëns. Paris: Les Prairies Ordinaires, 2007.

BROWN, Wendy. *Politiques du stigmaté: pouvoir et liberté dans la modernité avancée*. Traduit par Céline Van Caillie. Paris: Puf, 2016.

BROWN, Wendy. *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente*. Traduzido por Mário A. Marinho e Eduardo Altheman C. Santos. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

BRUNO, Lúcia E. N. B. Prefácio. In: BERNARDO, João. *Estado: a silenciosa multiplicação do poder*. São Paulo: Escrituras, 1998. p. v-ix.

BUCHANAN, James M. *Economia Constitucional*. Traducción Juan J. Fernández Cainzos. Madrid: Instituto de Estudios Fiscales, 1993.

BUENO, Roberto. *Golpismo estrutural e subversão da ordem democrática: imperialismo neofascista e pós-neoliberalismo [2016-2022] - América Latina e geopolítica*. São Paulo: Max Limonad, 2024.

BUEY, Francisco. La política como ética de lo colectivo. In: ALVAREZ-URÍA, Fernando; SANTESMASES, Antonio; MUGUERZA, Javier (compilador). *Neoliberalismo versus democracia*. Madrid: La Piqueta, 1998. p. 26-39.

CAINZOS, Juan. Estudio preliminar: James Buchanan y la economía constitucional. In: BUCHANAN, James M. *Economia Constitucional*. Traducción Juan J. Fernández Cainzos. Madrid: Instituto de Estudios Fiscales, 1993. p. 5-29.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Disponível em: camara.leg.br/deputados/74668/biografia
Acesso em: 7 nov. 2020.

CAMPANÃ, Mario. *Una sociedade de señores: dominación moral y democracia*. Ciudad de México, México: Jus, Libreros y Editores, 2017.

CARNEIRO, Ricardo. Crescimento e inclusão social no Brasil: avanços, obstáculos e propostas. In: MATTOSO, Jorge; CARNEIRO, Ricardo (org.). *O Brasil de amanhã*. São Paulo: Instituto Lula: Fundação Perseu Abramo, 2018. p. 23-50.

CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Tradução de Iraci D. Poleti. Petrópolis: Vozes, 1998.

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Tradução de Guy Reynaud. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CASTORIADIS, Cornelius. *O mundo fragmentado: as encruzilhadas do labirinto/3*. Tradução Rosa Maria Boaventura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987-1992.

CASTRO, Sergio. Prólogo. In: ROSENDE R., Francisco (ed.). *La Escuela de Chicago: una mirada histórica a 50 años del convenio Chicago/Universidad Católica*. Ensayos en honor a Arnold C. Harberger. Santiago: Ediciones Universidad Católica de Chile, 2007. p. 13-17.

CATALANI, Felipe. Apresentação à edição brasileira. In: ADORNO, Theodor W. *Aspectos do novo radicalismo de direita*. Tradução de Felipe Catalani. São Paulo: Editora da Unesp, 2020. p. 11-42.

CHARLE, Christophe; Verger, Jacques. *História das universidades*. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

CHAUÍ, Marilena. A origem do poder. In: *A terra é redonda*. [S. l.] 27 jun. 2020a. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/a-origem-do-poder> Acesso em: 16 out. 2024.

CHAUÍ, Marilena. A universidade operacional. In: *A terra é redonda*. [S. l.] 13 maio 2024. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/a-universidade-operacional> Acesso em: 15 out. 2024.

CHAUÍ, Marilena. Neoliberalismo: a nova forma de totalitarismo. In: *A terra é redonda*. [S. l.] 06 out. 2019. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/neoliberalismo-a-nova-forma-do-totalitarismo> Acesso em: 20 out. 2019.

CHAUÍ, Marilena. O totalitarismo neoliberal. *Anacronismo e Irrupción*, Buenos Aires, v.10, n. 18, p. 307-328, may./oct. 2020.

CHESNAIS, François. *A mundialização do capital*. Tradução de Silvana Finzi Foá. São Paulo: Xamã, 1996.

CHOMSKY, Noam. A responsabilidade dos intelectuais. In: CHOMSKY, Noam. *O poder americano e os novos mandarins*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2006.

CODATO, Adriano; ALBUQUERQUE, Mateus (org.). *Os mandarins da economia: presidentes e diretores do Banco Central do Brasil*. São Paulo: Edições 70, 2023.

COSTA *et al.* O golpe contra a democracia, a austeridade e o ataque ao SUS: 2016, o ano que não acabou. *Revista Perseu Abramo*, São Paulo, ano 14, n. 19, 2020. Disponível em: revistaperseu.fabramo.org.br/index.php/revista-perseu/article/view/363/288 Acesso em: 8 set. 2024.

COSTA, Paulo; COSTA, Luiz; NUNES, Wellington. Os senadores empresários: recrutamento, carreira e partidos políticos dos empresários no Senado brasileiro (1986-2010). *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 14, maio/ago. 2014. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-33522014000200227&script=sci_abstract. Acesso em: 9 abr. 2017.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *Dominar Estudio sobre la soberanía del Estado de Occidente*. De la traducción: Alfonso Díez. Barcelona: Editorial Gedisa, 2021.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *La nueva razón del mundo: ensayo sobre la sociedad neoliberal*. De la traducción: Alfonso Díez. Barcelona: Editorial Gedisa, S. A., 2013.

DEJOURS, Christophe. *A banalização da injustiça social*. Tradução de Luiz Alberto Monjardim. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

DEJOURS, Christophe. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. Tradução de Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. 5. ed. São Paulo: Cortez – Oboré, 1992.

DEJOURS, Christophe. *Trabalho vivo: trabalho e emancipação*. Tradução de Frank Soudand. Brasília: Paralelo 15, 2012.

DIAS, Marco A. James Buchanan e a “política” na escolha pública. *Ponto-e-vírgula*, São Paulo, n. 6, p. 201-217, 2009.

DIMAGGIO, Paul; POWELL, Walter. A gaiola de ferro revisitada: isomorfismo institucional e racionalidade coletiva nos campos organizacionais. *RAE: Revista de Administração de Empresas*, São Paulo v. 45, n. 2, p. 74-89, abr./jun. 2005. Disponível em: [file:///C:/Users/Joelma/Downloads/admin,+vol.+45,+n.+2,+abr-jun+2005%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Joelma/Downloads/admin,+vol.+45,+n.+2,+abr-jun+2005%20(1).pdf) Acesso em: 17 out. 2024.

DINIZ, Eli; BOSCHI, Renato. *A difícil rota do desenvolvimento*. Empresários e agenda pós-neoliberal. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

DINIZ, Eli. *Crise, reforma do Estado e governabilidade: Brasil, 1985-95*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1997.

DINIZ, Eli. *Globalização, reformas econômicas e elites empresariais: Brasil anos 1990*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

DINIZ, Eli. Neoliberalismo e corporativismo: as duas faces do capitalismo industrial no Brasil. In: DINIZ, Eli (org.). *Empresários e modernização econômica: Brasil anos 90*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, IDACON, 1993. p. 13-42.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Tradução de Leandro Konder. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

ENGELS, Friedrich. Introdução da obra de Karl Marx: as lutas de classes na França de 1848 a 1850. *Karl Marx e Friedrich Engels: obras escolhidas*. São Paulo: Alfa-Ômega, [19--], p. 93-110.

ESTULIN, Daniel. *La verdadera historia del Club Bilderberg*. Tradução de Ignacio Tofiño y Marta-Ingrid Rebón. Barcelona: Editorial Planeta, S. A., 2005.

FAGNANI, Eduardo. A política social do Governo Lula (2003-2010): perspectiva histórica. *Texto para Discussão. IE/UNICAMP*, Campinas, n. 192, jun. 2011. Disponível em: eco.unicamp.br/imagens/arquivos/artigos/3105/TD192.pdf Acesso em: 28 set. 2024.

FERNANDES, Florestan. *Apontamentos sobre a “Teoria do autoritarismo”*. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. São Paulo: Globo, 2005.

FONTAINE F-N, Ernesto R. La evaluación social de proyectos en Chile y el convenio Usaid/Chicago/Católica. In: ROSENDE R., Francisco (ed.). *La Escuela de Chicago: una mirada histórica a 50 años del convenio Chicago/Universidad Católica*. Ensayos en honor a Arnold C. Harberger. Santiago: Ediciones Universidad Católica de Chile, 2007. p. 111-131.

FONTANA, Josep. *El futuro es un país extraño: una reflexión sobre la crisis social de comienzos del siglo XXI*. Barcelona: Pasado & Presente, 2013.

FORRESTER, Viviane. *O horror econômico*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

FORRESTER, Viviane. *Uma estranha ditadura*. Tradução de Vladimir Safatle. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

FORRESTER, Viviane. *Una extraña ditadura*. Traducción de Miguel Ángel Sánchez Férriz. Barcelona: Editorial Anagrama, 2001.

FOUCAULT e o neoliberalismo. Palestrante: Nildo Avelino. Mediador: Caio Souto. [João Pessoa]: 28 set. 2020. 1 vídeo (110 min.). *Live*. Disponível em: youtube.com/watch?v=GfLPWDJ9ics Acesso em: 13 jul. 2024.

FOUCAULT, Michel. *Genealogia del racismo*. Traducción Alfredo Tzveibel. La Plata, Argentina: Editorial Altamira, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. 18. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. Tradução de Eduardo Brandão; revisão da tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *O governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982-1983)*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FRAGA, César. Como fica o Congresso Nacional a partir de 2013. *Jornal Extra Classe*, Farroupilha, 3 out. 2022. Disponível em: extraclasse.org.br/politica/2022/10/como-fica-o-congresso-nacional-a-partir-de-2023/ Acesso em: 5 set. 2024.

FRIEDMAN, Milton. *Capitalismo e liberdade*. Tradução de Luciana Carli. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

FRIEDMAN, Milton; FRIEDMAN, Rose. *Liberdade de escolher: o novo liberalismo econômico*. Tradução de Ruy Jungmann. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.

FROMM, Erich. *A revolução da esperança: por uma tecnologia humanizada*. Tradução de Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

GAULEJAC, Vincent de. *Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social*. Tradução de Ivo Storniolo. Aparecida: Ideias e Letras, 2007.

GEORGE, Susan. *Los usurpadores: cómo las empresas transnacionales toman el poder*. Barcelona: Icaria, 2015.

GONZALBO, Fernando E. *Neoliberalismo: una historia económica, cultural e intelectual de nuestro mundo, de 1975 a hoy*. Madrid: El Colegio de Mexico, 2016.

GRAMSCI, Antonio. *Odeio os indiferentes: escritos de 1917*. Tradução de Daniela Mussi e Alvaro Bianchi. São Paulo: Boitempo, 2020.

GROS, Denise Barbosa. Liberalismo, empresariado e ação política na nova República. In: DINIZ, Eli (org.). *Empresários & modernização econômica; Brasil anos 90*. Florianópolis: Ed. da UFSC, IDACON, 1993. p. 133-154.

GRUSCHKA, Andreas. *Frieza burguesa e educação: a frieza como mal-estar moral da cultura burguesa na educação*. Tradução de Erika H. Gonçalves, Rita A. T. Vilela, Maj-Lis Strunk e Antônio A. S. Zuin. Campinas: Autores Associados, 2014.

HACHETTE, Dominique. La génesis de la “Escuela de Chicago”: fines de los cincuenta y de los sesenta. In: ROSENDE R., Francisco (ed.). *La Escuela de Chicago: una mirada histórica a 50 años del convenio Chicago/Universidad Católica*. Ensayos en honor a Arnold C. Harberger. Santiago, Chile: Ediciones Universidad Católica de Chile, 2007. p. 29-57.

HARNECKER, Marta. *Ideias para a luta: doze artigos para o debate militante*. Tradução Maria Almeida. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

HARVEY, David. *O enigma do capital e as crises do capitalismo*. Tradução de João Alexandre Peschanski. São Paulo: Boitempo, 2011.

HARVEY, David. O neoliberalismo é um projeto político. *Esquerda*, 26 jul. 2016, [S. l.]. Disponível em: esquerda.net/artigo/david-harvey-o-neoliberalismo-e-um-projeto-politico/43872 Acesso em: 7 jun. 2024.

HARVEY, David. *O novo imperialismo*. Tradução de Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

HAYEK, Friedrich A. *La route de la servitude*. Traduction de G. Blumberg. Paris: Quadrige/PUF, 1985.

HAYEK, Friedrich. *O caminho da servidão*. Tradução de Anna Maria Capovilla, José Ítalo Stelle e Liane de Moraes Ribeiro. 6. ed. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.

IANNI, Octavio. *A ditadura do grande capital*. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

IANNI, Octavio. O declínio do Brasil-nação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 14, n. 40, p. 51-58, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/MFmmcWDNJzYGryTdrPHhb8C/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 17 out. 2024.

JIMÉNEZ, Cristina M. *Los amos del mundo están al acecho: Bilderberg y otros poderes ocultos*. 3. ed. Barcelona: Editorial Planeta, 2017.

KLEIN, Naomi. *A doutrina do choque*. Tradução de Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KLEIN, Naomi. *La doctrina del shock: el auge del capitalismo del desastre*. Traducción de Isabel Fuentes García, Albino Santos, Remedios Diéguez y Ana Caerols. Barcelona: Editorial Planeta S. A., 2007.

KOHN, Jerome. Introdução. ARENDT, Hannah. Compreender: formação, exílio e totalitarismo (ensaios). Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 7-28.

KORYBKO, Andrew. *Guerras híbridas: das revoluções coloridas aos golpes*. Tradução de Thiago Antunes. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

KUTTNER, Robert. *Tudo à venda: as virtudes e os limites do mercado*. Tradução de Claudio Weber Abramo. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LA BOÉTIE, Etienne. *Discurso da servidão voluntária*. Tradução de Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: Brasiliense, 1999.

LAVAL, Christian. *A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público*. Londrina: Editora Planta, 2004.

LAVAL, Christian. *Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal*. Tradução de Márcia Pereira Cunha e Nilton Ken Ota. São Paulo: Elefante, 2020a.

LAVAL, Christian. *L'homme économique: essai sur les racines du néolibéralisme*. Paris: Gallimard, 2007.

LAVAL, Christian. Para a crítica da educação neoliberal. [Entrevista concedida] à Carolina de Roig Catini. *Educação Temática Digital*, Campinas, v.22, n. 4, p. 1031-1040, out./dez. 2020b. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8658365/23184> Acesso em: 17 out. 2024.

LAVAL, Christian. Precariedade como “estilo de vida” na era neoliberal. *Parágrafo*, v. 5, n. 1, p. 101-108, 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/566/500> Acesso em: 17 out. 2024.

LAVAL, Christian; VERGNE, Francis; CLÉMENT, Pierre; DREUX, Guy. *La nouvelle école capitaliste*. Paris: Éditions La Découverte, 2011.

LAVAL, Christian; VERGNE, Francis. *Educação democrática: a revolução escolar iminente*. Tradução de Fabio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

LEITE, José Corrêa. Reformas democráticas e contra-reformas neoliberais. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 10, n. 4, p. 27-36, 1996. Disponível em: http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v10n04/v10n04_03.pdf Acesso em: 17 out. 2024.

LEONE, Richard C.. Prefácio. In: KUTTNER, Robert. *Tudo à venda: as virtudes e os limites do mercado*. Tradução de Claudio Weber Abramo. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LIBERTI, Stefano. *Los nuevos amos de la tierra*. Traducción de Rossana Miranda. Buenos Aires: Taurus, 2015.

LOUREIRO, Maria Rita. Prefácio. In: CODATO, Mateus; ALBUQUERQUE, Mateus de. *Os mandarins da economia: presidentes e diretores do Banco Central do Brasil*. São Paulo: Edições 70, 2023. p. 17-22.

MACIEL, Alice. Como as federações empresariais se articularam pelo impeachment. *Agência Pública*, São Paulo, 25 ago. 2016. Disponível em: <https://apublica.org/2016/08/como-as-federacoes-empresariais-se-articularam-pelo-impeachment/> Acesso em: 19 ago. 2024.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã (Feuerbach)*. São Paulo: Hucitec, 1996a.

MARX, Karl. Da manufatura à fábrica automática. In: GORZ, André. *Crítica da divisão do trabalho*. Tradução Estela dos Santos Abreu. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 21-36.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *O manifesto comunista*. Tradução de Maria Lúcia Como. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996b.

MATTEI, Clara E. *A ordem do capital*. Como economistas inventaram a austeridade e abriram caminho para o fascismo. Tradução de Heci Candiani. São Paulo: Boitempo, 2023.

MATTOSO, Jorge; CARNEIRO, Ricardo (org.). *O Brasil de amanhã*. São Paulo: Instituto Lula: Fundação Perseu Abramo, 2018.

MELLO, Bernardo. PL de Bolsonaro cresce entre candidatos pastores e policiais; PT de Lula é o que mais lança professores. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 ago. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2024/noticia/2024/08/17/pl-de-bolsonaro-cresce-entre-candidatos-pastores-e-policiais-pt-de-lula-e-o-que-mais-lanca-professores.gaulo> Acesso em: 17 out. 2024.

MÉSZÁROS, István. *A teoria da alienação em Marx*. Tradução de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2006.

MÉSZÁROS, István. Para além do Leviatã. *Crítica do Estado*. Tradução de Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2021.

MISES, Ludwig von. *A mentalidade anticapitalista*. Tradução de Carlos dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: José Olympio: Instituto Liberal, 1987.

MISES, Ludwig von. *Uma crítica ao intervencionismo*. Tradução de Arlette Franco. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1977.

MOREIRA, Marcelo; VERONEZ, Élber. Impeachment: entre o direito e a política. Uma análise do caso de Dilma Rousseff. *Revista de Estudos Jurídicos UNESP*, Franca, ano 25, n. 41, p. 97, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://ojs.franca.unesp.br/index.php/estudosjuridicosunesp/issue/archive> Acesso em 25 ago. 2024.

MOTTA, Fernando. *Empresários e hegemonia política*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

MOTTA, Fernando. *O que é burocracia?* 3. ed. São Paulo: São Paulo: Brasiliense, 1981.

MULHALL, Joe. *Tambores à distância: viagem ao centro da extrema direita mundial*. Tradução de Teresa Dias Carneiro. São Paulo: Leya Brasil, 2022.

MUGUERZA, Javier. Quién define las reglas?: La sociedad frente al mercado. In: ÁLVAREZ-URÍA, Fernando; SANTESMASES, Antonio; MUGUERZA, Javier (compilador). *Neoliberalismo versus democracia*. Madrid: La Piqueta, 1998. p. 17-25.

NEVES, Lúcia. (org.). O neoliberalismo e a redefinição das relações Estado-sociedade. In: NEVES, Lúcia (org.). *O empresariamento da Educação; novos contornos do ensino superior no Brasil dos anos 1990*. São Paulo: Xamã, 2002. p. 105-114.

NÓVOA, António. Em busca da liberdade nas universidades: para que serve a pesquisa em educação? *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 263-272, jan./mar. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/BLFvYD3DRmFj9jQFRcKKxNg/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 17 out. 2024.

NUSSBAUM, Martha. *Sem fins lucrativos: porque a democracia precisa das humanidades*. Tradução Fernando Santos. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

OLIVEIRA, Andréa C. de J. *Lobby e representação de interesses no Brasil*. Campinas, SP: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH/UNICAMP), 2004. 296p. (Tese de Doutorado, Ciência Política).

OLIVEIRA, Francisco. Privatização do público, destituição da fala e anulação da política: o totalitarismo neoliberal. In: OLIVEIRA, Francisco; PAOLI, Maria Célia (org.). *Os sentidos da democracia: políticas do dissenso e hegemonia global*. Petrópolis: RJ: Vozes; Brasília: NEDIC, 1999. p. 55-82.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). *Melhores competências, melhores empregos, melhores condições de vida: uma abordagem estratégica das políticas de competências*. São Paulo: Fundação Santillana, 2014. Disponível em http://www.keepeek.com/Digital-AssetManagement/ocd/education/melhorescompetencias-melhores-empregos-melhorescondicoes-de-vida_9788563489197-pt#page6 Acesso em: 05 ago. 2015.

PERONI, Vera; ADRIÃO, Theresa. O público e o privado, interfaces entre o Estado e a sociedade. São Paulo: Xamã, 2005.

PHILIPS, Peter; OSBORNE, Brady. Crise: o núcleo financeiro da classe capitalista transnacional. *GGN: o jornal de todos os Brasis*, São Paulo, 16 set. 2013. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/crise/crise-o-nucleo-financeiro-da-classe-capitalista-transnacional/> Acesso em: 2 out. 2020.

PILGER, John. *Os novos senhores do mundo*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004.

PIRES, Joelma L. V. *Formação por competências: do prescrito ao real*. Campinas: Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE/UNICAMP), 2008. 312p. (Tese de Doutorado, Ciências Sociais na Educação).

PIRES, Joelma L. V. Neoliberalismo, gerencialismo e caquistocracia. *In: A terra é redonda*. [S. l.] 26/11/2020 Disponível em: aterraeredonda.com.br/neoliberalismo-gerencialismo-e-caquistocracia Acesso em 3 out. 2024.

PIRES, Joelma L. V. O Conselho de Educação da FIEMG e suas diretrizes para a Educação Básica Pública. *Currículo sem Fronteiras*, v. 21, n. 1, p. 293-313, jan. abr. 2021. Disponível em: curriculosemfronteiras.org/vol21iss1articles/pires.pdf Acesso em: 7 ago. 2024.

PIRES, Joelma L. V. *Qualidade Total nas escolas públicas: uma decisão política como resposta à demanda econômica (o caso de Minas Gerais)*. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), 2000. 358p. (Dissertação de Mestrado em Educação/Estado, Sociedade e Educação).

PUCCI, Bruno. Prefácio. *In: GRUSCHKA, Andreas. Frieza burguesa e educação: a frieza como mal-estar moral da cultura burguesa na educação*. Campinas: Autores Associados, 2014. p. xv-xxx.

QUEIROZ, Antônio (coord.). Os “Cabeças” do Congresso Nacional: uma pesquisa sobre os 100 parlamentares mais influentes. Brasília: *Diap*, 2023. Disponível em: diap.org.br/index.php/publicacoes?task=download.send&id=1070&catid=9&m=0 Acesso em 24 ago. 2024.

RAMA, Claudio. *La tercera reforma de la educación superior en América Latina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006.

ROSENDE R., Francisco (ed.). *La Escuela de Chicago: una mirada histórica a 50 años del convenio Chicago/Universidad Católica*. Ensayos en honor a Arnold C. Harberger. Santiago, Chile: Ediciones Universidad Católica de Chile, 2007.

SALBUCHI, Adrian. *El cerebro del mundo: la cara oculta de la globalización*. 3. ed. Córdoba, Argentina: Ediciones del Copista, 2001.

SAMPSON, Anthony. *O homem da companhia: uma história dos executivos*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SANSON, Cesar. *O trabalho nos clássicos da Sociologia: Marx, Durkheim, Weber*. São Paulo: Expressão Popular, EDUFRN, 2021.

SANTOS, Fabio. Impeachment ou golpe? *Carta Capital*, São Paulo, 09 maio 2016. Disponível em: cartacapital.com.br/educacao/impeachment-ou-golpe/ Acesso em 07 set. 2024.

SAUQUILLO, Julián. *Michel Foucault: poder, saber y subjetivación*. Madrid: Alianza Editorial, 2017.

SAVIANI, Dermeval. A educação na Constituição Federal de 1988: avanços no texto e sua neutralização no contexto dos 25 anos de vigência. *RBPAE*, v. 29, n.2, p. 207-221, maio/ago. 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/rbpaee/article/view/43520> Acesso em: 13 mar. 2019.

SEGNINI, Liliana. *A liturgia do poder: trabalho e disciplina*. São Paulo: EDUC, 1988.

SELDON, Arthur. Introducción. In: BUCHANAN, James M. *Economia Constitucional*. Traducción Juan J. Fernandez Cainzos. Madrid: Instituto de Estudios Fiscales, 1993. p. 31-45.

SENA JÚNIOR, Carlos; MIGUEL, Luís Felipe; FILGUEIRAS, Luiz. O terceiro governo Lula: limites e perspectivas. *Cad. CRH*, Salvador, v. 36, p. 1-10, 2023. Disponível em: scielo.br/j/ccrh/a/SbtzYkB8xtPDcmSgpLC9LgN/ Acesso em 28 set. 2024.

SENELLART, Michel. A crítica da razão governamental em Michel Foucault. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, 7 (1-2): 1-14, out. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/pGmL8vCVqNNbjHtyY3XCVfS/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 17 out. 2024.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Tradução de Marcos SantaRita. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SENNETT, Richard. *A cultura do novo capitalismo*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.

SENNETT, Richard. *O artífice*. Tradução de Clóvis Marques. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SGUISSARDI, Valdemar; SILVA JÚNIOR, João dos Reis. Trabalho intensificado nas federais; Pós-Graduação e produtivismo acadêmico. São Paulo: Xamã, 2009.

SGUISSARDI, Valdemar. Prefácio. O intelectual tem causas – É um contrapoder crítico: quem quereria o seu fim? In: BIANCHETTI; VALLE; PEREIRA. *O fim dos intelectuais acadêmicos? Induções da Capes e desafios às associações científicas*. Campinas, SP: Autores, Associados, 2015. p. ix–xx.

SILVA JÚNIOR, João dos Reis; SCHUGURENSKY, Daniel. Trabalho do professor na universidade brasileira: hegemonia e neoamericanismo. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n. 67, p. 55-22, mar. 2016. Disponível em: https://dadospdf.com/queue/trabalho-do-professor-na-universidade-brasileira-hegemonia-e-neoamericanismo-1-5a4cdea2b7d7bcab67284d68_pdf?queue_id=-1 Acesso em: 17 out. 2024.

SILVA, Maria Aparecida. *Administração dos conflitos sociais: as reformas administrativas e educacionais como respostas às questões emergentes da prática social (o caso de Minas Gerais)*. Campinas: Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 1994. (Tese, Doutorado em Educação).

SILVA, Maurício; BENEVIDES, Sílvio; PASSOS, Ana Quele. Impeachment ou golpe? Análise do processo de destituição de Dilma Rousseff e dos desdobramentos para a democracia brasileira. Trabalho apresentado no 9 Congresso Latino-americano de Ciência Política, organizado pela Associação Latino-americana de Ciência Política (ALACIP). Montevideo, 26 ao 28 jul. 2017. 22p. Disponível em: <https://www.congresoalacip2017.org/archivo/downloadpublic2?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyI7czozNToiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSZPIjtzOjQ6IjIwMjEiO30iO3M6MT0iaCI7czozMjoiOTBiMTA3MDBjNDAYNzkxN> Acesso em: 17 out. 2024.

SOARES, Rosemary. A pedagogia de Gramsci e o Brasil. Jul. 2004. Disponível em: http://www.acesa.com/gramsci/texto_impressao.php?id=168 Acesso em 16 out. 2024.

SOLIMANO, Andrés. *Capitalismo a la Chilena y la prosperidade de las elites*. Traducido del inglés por Pedro Solimano A. Santiago, Chile: Catalonia, 2012.

SOTELO, Ignacio. Ética, derecho, y política en la modernidad. In: ÁLVAREZ-URÍA, Fernando et al. (compilador). *Neoliberalismo versus democracia*. Madrid: La Piqueta, 1998. p. 40-68.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão à lava jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

STIGLITZ, Joseph. *Os exuberantes anos 90: uma nova interpretação da década mais próspera da história*. Tradução de Sylvia dos Santos, Dante Aldrighi, José Francisco Gonçalves, Roberto Mazzer Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TEITELBAUM, Benjamin R. *Guerra pela eternidade: o retorno do tradicionalismo e a ascensão da direita populista*. Tradução de Cynthia Costa. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

TRINDADE, José Raimundo B. Golpe e destruição nacional. 02/02/2023. Disponível em: aterraeredonda.com.br/golpe-e-destruicao-nacional/ Acesso em 8 set. 2024.

UHLE, Agueda B. B. Tragtenberg e a educação. In: Silva, Doris A.; MARRACH, Sonia. *Maurício Tragtenberg: uma vida para as Ciências Humanas*. São Paulo: Editora UNESP, 2001. p. 149-166.

VALDIVIELSO, Joaquín. Introducción. In: GORZ, André. *Critica de la razón productivista*. Edición de Joaquín Valdivielso. Madrid: Catarata, 2008. p. 7-36.

VALLADARES, Licia do P. [Descrição da Escola de Chicago]. In: VALLADARES, Licia do P. (org.). *A Escola de Chicago: impacto de uma tradição no Brasil e na França*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005. Texto da orelha do livro.

VERGARA ESTÉVEZ, Jorge; MENÉNDEZ MARTIN, Alan. *Pensar la educación: desde Friedman a Dewey*. Santiago de Chile: Universitaria, 2017.

VIEIRA, David. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1980.

WACQUANT, Loïc. *Castigar a los pobres: el gobierno neoliberal de la inseguridad social*. Traducción Margarita Polo. Barcelona: Gedisa Editorial, 2010.

WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WILLIAMS, Steve. Introdução. In: HARNECKER, Marta. *Ideias para a luta: doze artigos para o debate militante*. São Paulo: Expressão Popular, 2018. p. 9-14.

WOOD, Ellen M. *O império do capital*. Tradução de Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2014.